

UNIVERSIDADE FEEVALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS E MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS

EMERSON RANIERI SANTOS KUHN

A NOVO HAMBURGO DE ERCÍLIO ROSA: CRÔNICAS DA CIDADE IMAGINÁRIA
NA MATERIALIDADE DE UM PROJETO MODERNO (1945-1949)

Orientador: Luiz Antonio Gloger Maroneze

Novo Hamburgo
2017

EMERSON RANIERI SANTOS KUHN

A NOVO HAMBURGO DE ERCÍLIO ROSA: CRÔNICAS DA CIDADE IMAGINÁRIA
NA MATERIALIDADE DE UM PROJETO MODERNO (1945-1949)

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito à obtenção do título de
Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
em Processos e Manifestações Culturais
pela Universidade Feevale.

Orientador: Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze

Novo Hamburgo

2017

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Kuhn, Emerson Ranieri Santos.

A Novo Hamburgo de Ercílio Rosa : crônicas da cidade imaginária na materialidade de um projeto moderno (1945-1949) / Emerson Ranieri Santos Kuhn. – 2017.

172 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2017.

Inclui bibliografia.

"Orientador: Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze".

1. Jornalismo - Novo Hamburgo – História. 2. Periódicos – Rio Grande do Sul. 3. Crônicas. 4. Ercílio Rosa. I. Título.

CDU 070(816.5)(091)"1945/1949"

Bibliotecária responsável: Patrícia Mentz – CRB 10/2143

EMERSON RANIERI SANTOS KUHN

Dissertação do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, com o título **A Novo Hamburgo de Ercílio Rosa: crônicas da cidade imaginária na materialidade de um projeto moderno (1945-1949)**, submetida à banca examinadora, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre.

Aprovado por:

Prof. Dr. Luiz Antonio Gloger Maroneze (Orientador)
Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Ruth Maria Chittó Gauer
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Ana Luiza Carvalho da Rocha
Universidade Feevale

Novo Hamburgo, fevereiro de 2018.

Para minha mãe que sempre foi o exemplo
de força e caráter em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Chegar onde nem os sonhos alcançavam é um fato memorável, jamais feito sozinho, pois seja na dúvida ou na força sempre temos aqueles que caminham a nosso lado. Eles proporcionam a força para viver o impossível, para romper o destino e dar significado a vida.

Agradeço sempre que possível a importância de todas as almas companheiras na jornada da minha vida, mas este trecho é uma forma de imortalizar na escrita aquilo minha alma manifesta para além do sentido de meus abraços.

Agradeço a minha mãe, aquela que sempre mostrou em sua simplicidade o sentido do respeito à vida, tu és meu modelo, meu exemplo, pois é na humildade da cumplicidade que descobrimos os sentidos da vida.

Agradeço aos grandes amigos que fiz no decorrer da vida acadêmica, vocês são mais do que colegas, vocês são partes da minha vida, do dia que nos conhecemos até o dia em que beberemos em homenagem aos que forem antes de nós. Obrigado por me entenderem, apoiarem a cada passo sendo sinceros e não tendo vergonha de indicar os erros e acertos que tive. Obrigado Fabricio Kuhn, Vivi Moura, Josué Oliveira, Daia Arend, Elivane Fumagalli e Thaísa Gonçalves.

Agradeço aos amigos de infância que continuam presentes e buscando desenvolver formas de viver a vida em união. Obrigado Gustavo e Wellington.

Agradeço aos poucos familiares que acreditaram e apoiaram, mesmo que ao longe ou inconstantemente, vocês nunca me negaram e estaremos juntos. Obrigado Padrinho Cleber, Madrinha Josi, Madrinha Inês, Madrinha Bete, Tia Odete, Tia Fátima, Elton, Cláudio e família, Adilo, Tia Elfa Jean, Andrieli, Jardel, Talita, Cleica, Diego, Dener, Dioni, Melissa, e ao meu afilhado João Cleber, que eu possa ser para ti o exemplo que teu pai foi para mim. Menciono de forma honrosa aqueles que talvez um dia estejamos tomando um café novamente, Melita, Dalva e Realda, entre os que foram lembro das pessoas que me deram mais amor na vida além de minha mãe, João Velho e vó Ina, vocês sempre estarão em minhas realizações e meu coração.

Agradeço aos professores que além de ensinarem os caminhos teóricos compartilharam caminhos de vida desde o início dessa jornada a 20 anos. Silvia Risbacik, Eugênia Schuquel, Leila Gosler, Roberto Petry, Diretora Luiza, Jeferson Fleck, Leandro Schneider, Eduardo Soares, Simone Grings, Margrit Matzenbacher, Janete Linden, Vera Macke, Ieda Benedetto, Mônica Rost, Jozilda Fogaça, Marcia

Blanco, Norberto Kuhn, Rodrigo Martins, Roswithia Weber, Ines Reichert, Magna Magalhães, Claudia Schemes, Cleber Prodanov, Ernani Freitas, Ernani Mügge, Marinês Kunz, Daniel Conte, Ana Rocha, Cris Ennes e aquele que acreditou em mim quando nem eu acreditava: Luiz Maroneze. Vocês são mais do que professores, são materialidades inquebráveis em um mundo que cada vez mais se apaga.

Por fim agradeço aos amigos e colegas da vida que em vários momentos apoiaram, aconselharam, ouviram e acreditaram. Obrigado Paulo, Neiva e Ana Paula Ramos, Daniel e Claudia Pospichil, Marli e Zeno Sampaio, Marlene e Clair Kaiser, Diogo Kaiser, Cleusa Kuhn, Luiz Fernando, Mateus Alves, Bea, Joseane e Leandro Fleck, Elcio Jardel, Leonardo Macedo, Barbara Mello, Fabricio Locatteli, Thomas Klauck, Cleverson, Marcelo Mastoriani, Família Prezzi, Rosi Gregis, Marcelo Confortim, Vítor Krupp, Ismael Martins, Carlos Reichert, Helen Morschel, Fernando Jung e Mateus, Mirele Figueiredo, Adriano CNEC, Zé, Laudo, Ju e Alessandro Venter, Igor Schmitt, Beto Simmi, Débora Gersos, Carol Land, Andriel Basei, Bruna Borges, Eduardo Santos, Jean Both, Mara Garcia, Monique Colombo, William Montemezzo, Cris Montemezzo, Lenon Diedrich, Leonardo Basei, Krizia Steinhaus, Nicolas Sempio, Régis Cardoso...

Tentei nomear todos aqueles que em algum momento, junto comigo, passaram a acreditar no que era impossível, peço desculpas se acaso esqueci de escrever o nome de alguém, porém você sabe se faz parte dos meus sonhos e da minha vida.

No mais, obrigado a todos vocês, e que esta canção esteja presente.

You'll Never Walk Alone

When you walk through a storm

Hold your head up high

And don't be afraid of the dark

At the end of a storm

There's a golden sky

And the sweet silver song of a lark

Walk on through the wind

Walk on through the rain

Though your dreams be tossed and blown

Walk on, walk on, with hope in your heart

And you'll never walk alone

You'll never walk alone

(GERRY & THE PEACEMAKERS. You'll never walk alone, 1963).

*“Mas quem deverá ser o mestre? O escritor
ou o leitor?”*

Denis Diderot, 1796

RESUMO

A cidade é um processo histórico manifestado na cultura. Ela é “real” e imaginária ao mesmo tempo, uma construção humana. Nessa perspectiva desenvolve-se como temática a representação do projeto moderno e seu conjunto de pensamentos em Novo Hamburgo, através de crônicas publicadas em um jornal local no final da década de 1940. Visa-se analisar a seguinte problemática: como a cidade de Novo Hamburgo, em suas variadas nuances, foi representada nas 100 primeiras crônicas de Ercílio Rosa, publicadas entre 1945 e 1949 no jornal “O 5 de Abril”? Para isso, objetiva-se demonstrar contextos históricos que compuseram o período, bem como as bases do discurso da cidade, identificando argumentos na formação do município, em 1927, e no processo estudado de 1945 a 1949. Especificando elementos da modernidade como conjunto de ideias (Baumer, 1977; Morin, 1992), para então analisar as representações e nuances da cidade através das crônicas de Ercílio Rosa publicadas no jornal “O 5 de Abril”. Esses documentos são percebidos como fontes que guardam panoramas e percepções imaginárias essenciais para o entendimento de processos históricos e manifestações culturais. A metodologia utilizada na pesquisa foi a Análise de Conteúdo, a qual proporcionou a criação de três Categorias de análise: *Paisagem*, *Sociabilidade*, *Identidade*. Paisagem é a visão geral sobre a cidade, apresentando elementos moldados pela cultura local (Sahlins 2007; Geertz, 2008). Sociabilidade é identificada como interações humanas em locais “abertos” e “fechados” (Simmel, 1983; Maroneze, 1994). Identidade é a conjuntura de elementos básicos do imaginário da cidade que articulados com os discursos indicam possíveis respostas para questões existências, como: “qual minha função na cidade?” (Woodward, 2000). A cidade de Novo Hamburgo foi percebida como um local de manifestação do projeto moderno calcado no argumento do trabalho individual para o progresso coletivo.

Palavras-chave: Cidade. Crônica. Novo Hamburgo. Trabalho. Ercílio Rosa.

ABSTRACT

The city is a historical process manifested in culture. It is "real" and imaginary at the same time, a human construction. In this perspective the representation of the modern project and its set of thoughts in Novo Hamburgo is developed through the chronicles published in a local newspaper in the late 1940s. The aim is to analyze the problematic of: How the city of Novo Hamburgo, in its varied nuances, was represented in the first 100 chronicles of Ercílio Rosa, published between 1945 and 1949 in the newspaper "O 5 de Abril"? In order to do so, the objective is to demonstrate historical contexts that composed the period, as well as the bases of the discourse of the city, identifying arguments in the formation of the municipality, in 1927, and in the process studied from 1945 to 1949. Specifying elements of modernity as a set of ideas (Baumer, 1977; Morin, 1992), to analyze the representations and nuances of the city through the chronicles of Ercílio Rosa published in the newspaper "O 5 de Abril". These documents are perceived as sources that preserve panoramas and imaginary perceptions essential for the understanding of historical processes and cultural manifestations. The methodology used in the research was Content Analysis, which provided the creation of three categories of analysis: Landscape, Sociability, Identity. Landscape is the overview of the city, presenting elements shaped by the local culture (Sahlins 2007; Geertz, 2008). Sociability is identified as human interactions in "open" and "closed" places (Simmel, 1983; Maroneze, 1994). Identity are the basic elements of the city's imaginary that together with the discourses indicate possible answers to existential questions, such as: "what is my function in the city?" (Woodward, 2000). The city of Novo Hamburgo was perceived as a place of manifestation of the modern project based on the argument of the individual work for the collective progress.

Keywords: City. Chronic. Novo Hamburgo. Work. Ercílio Rosa.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Capa do Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 2917	37
Imagem 2: Página 2 do Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 2917.....	38
Imagem 3: Página 3 do Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 2917.....	39
Imagem 4: Página 4 Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 1927	40
Imagem 5: Primeira página do Jornal "O 5 de Abril", 21 fev. 1947.....	51
Imagem 6: Crônica escrita por Ercílio Rosa em 21 fev. 1947	52
Imagem 7: Crônica escrita por Ercílio Rosa em 24 jan. 1947	53

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Categorias de Análise.....	82
Gráfico 2: Crônicas sobre a categoria: Paisagem	96
Gráfico 3: Crônicas sobre a categoria: Sociabilidade.....	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O COTIDIANO IMORTALIZADO NAS PALAVRAS	23
2.1 NOVO HAMBURGO: ORIGENS E EMANCIPAÇÃO	29
2.2 JORNAL “O 5 DE ABRIL”, O GUARDIÃO DE UMA “REALIDADE”	35
2.3 CRÔNICA, A PORTADORA DO PRESENTE	41
3 UM HOMEM NA MULTIDÃO: OLHARES DE ERCÍLIO ROSA.....	47
4 A CIDADE ENTRE O FÍSICO E O IMAGINÁRIO	64
4.1 ALGUMAS FUNÇÕES HISTÓRICAS DA CIDADE.....	68
4.2 CONTEXTO HAMBURGUENSE NA DÉCADA DE 1940.....	76
5 PAISAGEM URBANA HAMBURGUENSE.....	83
5.1 A CULTURA MOLDANDO A PAISAGEM.....	85
5.2 A MODERNIDADE GUIANDO O OLHAR SOBRE A PAISAGEM.....	88
5.3 DESTAQUES DA PAISAGEM HAMBURGUENSE	95
5.3.1 Bairros.....	97
5.3.2 Construções	104
5.3.3 Críticas	109
6 SOCIABILIDADE EM NOVO HAMBURGO.....	113
6.1 ESPAÇOS ABERTOS.....	117
6.2 ESPAÇOS FECHADOS.....	122
7 A IDENTIDADE PRESENTE NAS CRÔNICAS: TRABALHO, ORDEM E A DÚVIDA DA CERTEZA.....	129
8 CONCLUSÃO	145
REFERÊNCIAS.....	151
ANEXOS	160

ANEXO 1 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA PARTICULAR DE ERCÍLIO ROSA.....	161
ANEXO 2 – PROGRESSÃO DEMOGRÁFICA DE NOVO HAMBURGO	172

1 INTRODUÇÃO

Concreto, madeira, suor, sonhos, medos, indústrias, esquinas, desejos e imaginação, isto forma uma cidade? A cidade pode ser ao mesmo tempo palco e ator? Tabuleiro, peças e jogador? O que configura a representação de uma cidade? A cidade pode ter um espírito? Como percepções e textos constroem uma história da cidade?

Estes questionamentos acompanham minha trajetória acadêmica desde quando passei a me importar com a forma do pensar e agir humano. Com a orientação de muitos Mestres, passei a perceber a cidade como algo vital ao entendimento de uma parcela da própria humanidade.

Sou nascido e criado em uma pequena cidade na borda da região metropolitana de Porto Alegre. Ela é chamada de Rolante, possui cerca de 20 mil habitantes, sendo uma localidade de aproximadamente 120 anos, formou-se por ser passagem de tropas de gado e varas de porcos entre os campos de cima da serra e a capital. Sua base de colonização deu-se através do assentamento de famílias de imigrantes alemães e italianos.

Rolante desenvolveu-se economicamente a partir do início da década de 1980 com a instauração de um complexo de fábricas de calçados, tendo em uma única empresa mais de cinco mil funcionários. No entorno dessa fábrica criou-se um bairro operário onde fui criado. Grande parte da cidade trabalhou nessa empresa, inclusive meus pais, por isso em toda a minha infância convivi com a perspectiva de Novo Hamburgo como cidade dos sonhos.

Diferente de Hollywood, São Paulo, Porto Alegre, o sonho da minha realidade infantil era Novo Hamburgo, todos do meu círculo social falavam das maravilhas do trabalho e das oportunidades de enriquecimento na Capital do Calçado. Cresci com essa ideia, todos os chefes de fábrica tinham trabalhado, vivido ou viviam em Novo Hamburgo. Em minha inocência infantil aquele era o caminho a ser seguido, a cidade a ser conquistada.

Tive uma infância difícil, a partir da crise do calçado na década de 1990, o emprego diminuiu e a violência no bairro aumentou. Meus pais se separaram, muitos dos amigos de infância, ao chegarem na adolescência estavam no mundo do crime, o que fez com que atualmente estejam mortos ou presos, vivo até hoje na mesma casa no início da parte periférica do bairro.

Algumas amizades se fortaleceram outras foram deixadas de lado ou interrompidas por forças externas, cresci e deixei o sonho infantil guardado quieto. O futuro que haviam me prometido era o de emprego em uma das pequenas empresas de calçado que ainda movimentam a economia de Rolante. Sempre fui um aluno dedicado, pois isso veio do exemplo e da educação proporcionada por minha mãe, na inquietação da adolescência, comecei a questionar o mundo que me cercava, na literatura e na filosofia encontrei as perguntas para minha própria história.

Enfrentando o desconhecimento do mundo e toda a incredulidade de sucesso, entrei por projetos governamentais na Universidade, exatamente na cidade dos sonhos de minha infância. Escolhi a carreira de professor não como uma certeza de vida, mas como a chance de continuar questionando ela.

Em meio a todas as incertezas da profissão, descobri no quarto semestre do curso de História que havia uma carreira para além da sala de aula, que havia algo chamado pesquisa científica. Me apaixonei à primeira vista pela chance de estudar mais do que os livros me diziam e eu questionava. Que coisa maravilhosa ter a chance de criar uma pergunta e conseguir buscar meios que respondam ela parcialmente, podendo gerar mais perguntas e respostas.

Esse contato e a chance de ver o mundo além de meus próprios olhos deu-se por indicação e orientação dos professores Claudia Schemes e Luiz Maroneze. Desde 2012, conjuntamente com o professor Maroneze, desenvolvo questionamentos e percepções da cidade que me encantou na infância e me proporciona presente e futuro.

Ao entrar na pesquisa científica e ter contato com o material e as fontes, desenvolvi um plano de pesquisa em três etapas que se modificaram, mas mantém a essência inicial. No trabalho de conclusão de curso pesquisei o contexto de formação do município e analisei o primeiro ano de publicações do jornal “O 5 de Abril” identificando bases do discurso local que fundamentariam muito dos processos históricos da cidade. Agora na dissertação busco compreender o início de uma nova etapa na cidade com o aumento da produção local e a expansão das percepções da cidade sobre ela mesma a partir de crônicas. Já a última parte desse projeto será finalizada com o doutorado, onde buscar-se-á analisar a quebra do discurso industrial e da promessa de futuro a partir da crise do calçado nos anos 1990 e as possíveis ligações e consequências disso com o aumento da violência urbana. Além de

identificar estratégias da cidade na virada do século para se manter como local atrativo ao desenvolvimento de conhecimentos e de serviços.

Hoje Novo Hamburgo é algo que me ajuda a entender questões para além da realidade e do imaginário, ela tornou-se meu objeto de compreensão do mundo, a chance de perceber grandes forças atuando a partir de concepções históricas.

A concepção de cidade me encanta, por ser a convergência de possibilidades humanas condensadas em um ambiente passível de análise e ao mesmo tempo tão amplo e intrincado que jamais pode ser esgotado.

Esta breve trajetória que desenvolveu parte da minha percepção de vida, trouxe a cidade dos sonhos infantis para o presente das dúvidas e das pesquisas. Aqui tenho a chance de entender mais do que o processo da própria cidade, mais do que macro discursos de modernidade, tenho a oportunidade de analisar algo pessoal, algo que motivou uma vida, algo que pode fazer eu entender para além de minhas memórias. Essa pesquisa é uma dupla caminhada em um passo descortino percepções e traduções de uma cidade motivada por ideais e ideias presentes no projeto moderno global, em outro passo compreendo o sentido da luta de uma mãe pela chance de um filho viver para além do futuro que outros desejaram.

São dessas relações e vivências que parte a pesquisa da presente dissertação, a qual objetiva apresentar e analisar a seguinte problemática: **Como a cidade de Novo Hamburgo, em suas variadas nuances, foi representada nas 100 primeiras crônicas de Ercílio Rosa, publicadas entre 1945 e 1949 no jornal “O 5 de Abril”?**

Visa-se entender como o cronista percebeu, traduziu e relatou Novo Hamburgo a partir de manutenções e transformações culturais da urbe, dentro de processos históricos pertencentes ao período e ao conjunto de ideias que compõem os elementos do projeto de modernidade.

A vida já não é mais como se vivia, não há pausa, não há isolamento, tudo está ligado, o mundo e as pessoas tem acesso ao que desejarem através das ferramentas de busca da internet. Não se tem discursos firmes que aglutinem massas, todos tem voz, mesmo que muitos não sejam ouvidos, o futuro é colocado em xeque a cada novo boletim sobre o Estado dos recursos no planeta, mas a vida continua sendo impelida pela busca do futuro, qual futuro não sabe-se, porém não há certezas além daquelas que já aconteceram.

Entender o mundo de hoje, com múltiplas culturas em choque e hibridização constante é uma tarefa árdua, que remete a importância dos historiadores,

antropólogos e sociólogos. Pois, conforme Edgar Morin (1992), vivemos em um período que perdemos a promessa do Progresso garantido e a fé no “Futuro radioso”, estamos imersos na perda do futuro e na reorganização do passado sob novas óticas.

Dessa forma, compreender o presente é analisar o passado e projetar o futuro, sendo que, a escrita do passado e compreensão do presente são tarefas do historiador. Keith Jenkins (2009) escreve que, a tarefa dos historiadores é organizar os fatos passados na forma de discursos que tragam significado para o presente.

Ao longo do último século, o cotidiano transformou-se em objeto central, a cidade assumiu o palco e as culturas passaram a ser entendidas como manifestações em diversos processos, a serem analisados e fomentados discursivamente, por inúmeras áreas das ciências humanas. Com o advento das ciências sociais no século XIX, o termo cultura foi associado a inúmeras perspectivas humanas. Ligadas as interações sociais, o processo material das sociedades, as relações coletivas e individuais, representadas por alguma forma de linguagem.

Nesse contexto estruturou-se a dissertação em 6 capítulos, dois blocos de três. O primeiro bloco dá conta de uma contextualização histórica e conceitual das fontes e da formação da cidade. O segundo bloco é composto pelos capítulos de análise das crônicas. A metodologia utilizada no trabalho foi a Análise de conteúdo nos princípios de Laurence Bardin (1977).

Todavia os capítulos iniciais não são apenas discussões teóricas ou revisões bibliográficas, eles partem da conexão de macro estruturas e saberes históricos costurados com trechos das crônicas analisadas, apresentando, assim, um contexto mais amplo das narrativas “reais” percebidas e publicadas sobre a cidade de Novo Hamburgo ao longo de sua trajetória, desde os primeiros imigrantes até o panorama da década de 1940, não apresentou-se teoria e análise separadas, mas sim como algo conectado para entendimento de amplos processos históricos manifestados em uma escala menor, mas nem por isso menos complexa.

Utilizou-se as três áreas de conhecimento básico propostas pela interdisciplinaridade do Programa de Pós Graduação de Processos e Manifestações Culturais, ou seja, a dissertação trabalha mesclando percepções teóricas e contextos históricos, comunicacionais e literários. As discussões e análises foram realizadas com o indispensável auxílio de questionamentos de mais duas áreas das ciências humanas – Antropologia e Sociologia.

O estudo de processos e manifestações culturais não pode ser restrito a apenas uma área de conhecimento ou teoria, mas sim a uma rede de conceitos e discussões interdisciplinares, as quais são formadas pelas vivências e escolhas do mestrando. Nesse sentido a formação acadêmica de licenciado em história guiou os caminhos da pesquisa como o curso de um rio, que ao progredir recebeu afluentes de outras áreas se tornando maior e mais forte no decorrer do trajeto.

O foco do trabalho parte da concepção histórica, tendo as outras áreas não como suportes ou ferramentas, mas sim como integrantes da construção analítica. Pretendeu-se apresentar uma narrativa histórica da cidade de Novo Hamburgo através das crônicas de Ercílio Rosa, por isso foram utilizadas pesquisas da área de História, mas partindo de fontes e preceitos da Comunicação como a mídia impressa do jornal, tendo como principal base de análise o gênero literário da crônica.

O primeiro capítulo tratou da apresentação das escolhas práticas da pesquisa, o porque a palavra escrita e a literatura são importantes para a análise histórica dos processos culturais e, como através delas, o cotidiano e algumas realidades são imortalizados.

Em seguida explicitou-se a formação de Novo Hamburgo, a partir das percepções de Claudia Schemes (2006) e Jeferson Selbach (2009), desde o início da localidade de *Hamburg Berg* (2º distrito de São Leopoldo), com o estabelecimento de famílias de imigrantes alemães, até a emancipação do novo município e a criação do jornal “O 5 de Abril” pela elite política local em 1927.

“O 5 de Abril” foi o mantenedor de um discurso criado, mantido e reafirmado em Novo Hamburgo, pois desde o começo aponta para lógicas baseadas no trabalho e no progresso urbano-industrial, que vieram ajudar a cidade a tornar-se a maior produtora de calçados do mundo na década de 1970.

O jornal é interpretado como um fonte histórica parcial, que de acordo com Claudio Elmir (1995), representa elementos e reflexos desfocados da “realidade”, porém que ecoam como perspectivas de um “real” acontecido. Além disso “O 5 de Abril” é o suporte de publicação das crônicas de Ercílio Rosa.

Antonio Candido (1992) explica que a crônica, enquanto gênero literário aclimatou-se no Brasil através do jornal. Ela era publicada como um retrato ficcional de um momento cotidiano, e nesse propósito está uma importante contribuição histórica e literária.

Sandra Pesavento (1997) interpreta a crônica como o retrato do imaginário e da percepção de uma época, é exatamente na ficção do cotidiano que estão críticas e partes de uma realidade que em outros suportes literários seriam escanteadas.

As crônicas foram tratadas como percepções de uma realidade possível vivenciada em Novo Hamburgo na década de 1940. Ercílio Rosa foi o cronista analisado, ele publicou mais de 400 crônicas naquele que foi o principal meio informativo da cidade por mais de 30 anos. Apresentar quem foi este escritor é o propósito do capítulo 2.

Entender quem foi Ercílio Rosa é essencial para análise de como Novo Hamburgo foi narrada em suas crônicas, pois a condição social, a percepção política, o gênero e os ambientes em que ele vivia e olhava para a vida da cidade, são importantes para entender a narrativa e as escolhas dos temas.

Apresentar Ercílio foi uma dificuldade, pois na cidade não há rua, praça ou monumento com seu nome, o arquivo público não conta com registros de quem ele foi, até mesmo os trabalhos já feitos sobre suas crônicas não dão conta de explicar quem ele era. Jeferson Selbach compilou as crônicas de Ercílio Rosa em um livro, mas não as analisou, nem mesmo traçou um perfil de quem era o escritor.

Não conseguiu-se contato com familiares, os caminhos traçados levaram a registros de óbito. Pessoas que poderiam ter alguma informação haviam perdido os documentos ou simplesmente não responderam aos contatos realizados. Fez-se contatos em grupos, fóruns e salas de bate-papo atrás de informações, contactou-se jornalistas e não obteve-se material significativo para apresentar Ercílio Rosa através de registros documentais.

Nesse sentido desenvolveu-se a estratégia de interpretar o cronista através de seus próprios textos, de apresentar uma identidade discursiva a partir de informações recolhidas do jornal e das crônicas. Um sujeito que publicou nos principais jornais da cidade durante mais de 15 anos, não pode ficar para sempre silenciado ou esquecido. Ercílio publicou mais de 400 crônicas no “O 5 de Abril”, cerca de 50 no “Gazeta de Novo Hamburgo”, nesse jornal também teve publicado mais de 350 notas críticas. Ao todo foram 453 crônicas publicadas em Novo Hamburgo, mas algumas foram republicadas pelo “Jornal NH” a partir dos anos 1960, e por jornais de menor tiragem na região, como “O Progresso” da cidade de Montenegro.

Diante da dúvida e do silêncio de quem foi Ercílio Rosa, utilizou-se a concepção de identidade social e identidade discursiva, presente nos estudos de Patrick

Charaudeau (2009), para traçar elementos que apresentassem Ercílio como sujeito “real”.

No capítulo três a cidade é identificada como parte da natureza, sobretudo da natureza humana (PARK, 1979). A cidade pode ser tanto um ambiente “real” com estruturas físicas quanto um conjunto de elementos discursivos e imaginários, ela manifesta-se entre essas percepções e atuações humanas. A urbe é a dominação do espaço (HOLANDA, 1995), o palco das sociabilidades (SIMMEL, 1983), o cenário que fomenta e manifesta o imaginário (PESAVENTO, 2002).

A cidade e suas funções estão dentro do conjunto de ideias do pensamento moderno (BAUMER, 1977), ela é uma força da própria modernidade (LE CORBUSIER, 2000), a cidade se transforma conjuntamente com o projeto de futuro moderno baseado no aumento da densidade demográfica urbana, no desenvolvimento do setor técnico e industrial, na expansão das redes comerciais e de controle de capital e no avanço das tecnologias de transporte humano e comunicacional (BERMAN, 1986).

Dentro desse ideal de modernidade é que Novo Hamburgo está inserida na década de 1940, a produção industrial da cidade começa a aumentar com os primeiros contratos de exportação da produção (SELBACH, 2009), devido ao contexto de pós-guerra e alinhamentos político-econômicos nacionais provindo da Era Vargas. Novo Hamburgo apresenta crescimento de aproximadamente 50% da população ao longo da década de 1940, passando de 19 mil para 29 mil habitantes em pouco tempo.

Aqui fecha o primeiro bloco de três capítulos, iniciou-se o segundo a partir da análise direta das 100 crônicas publicadas entre 1945 e 1949, para isso optou-se pelo método da Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977).

A análise de conteúdo consiste em uma metodologia que serve para toda a sorte de documentos, ela baseia-se na leitura do todo para compor novas e específicas narrativas de elementos que antes estavam isolados e desconexos. Ao invés de focar separadamente as crônicas tomou-se elas como um único texto que trazia significados interconectados sobre o panorama de como Novo Hamburgo foi percebida e publicada por Ercílio Rosa.

Leva-se em conta como a cidade foi interpretada dentro dos elementos de projeto futuro no palco de atuação social, ou seja, como ela foi percebida, imaginada e publicada pelo cronista, tendo como base um olhar para a realização do presente e a promessa de futuro.

Realizada essa escolha, segue-se o encadeamento metodológico que, conforme Bardin (1977), caracteriza-se em 5 passos: 1) Preparação das informações; 2) Unitarização; 3) Classificação das unidades em categorias; 4) Descrição; 5) Interpretação. Esse processo resultou na possibilidade de cruzar a análise entre os elementos modernos, publicados nos primeiros anos da cidade pelo “O 5 de Abril” e os processos representados pelas crônicas.

Com essa organização metodológica, os eventos analisados foram abordados de forma quantitativa e qualitativa numa perspectiva indutiva-constructiva que, de acordo com Moraes (1999), toma como ponto de partida os dados adquiridos pela preparação e leitura do material, construindo, a partir deles, as categorias e baseando nessas a teoria.

As crônicas, a partir desses pressupostos, foram classificadas em três categorias denominadas pelo conteúdo encontrado, das 100 crônicas: Paisagem (28); Sociabilidade (30); Identidade (42). Cada categoria representou um capítulo de análise.

Paisagem: O conceito de Paisagem foi utilizado nos preceitos de Pierre Sansot (1983), onde a paisagem de um lugar não está definida por suas condições naturais, mas sim pelo conjunto de elementos, naturais, humanos e culturais. Novo Hamburgo exibe um panorama moderno que expressa elementos de um conjunto de ideias e processos culturais.

Cultura por sua vez é interpretada nas perspectivas de Clifford Geertz (2008) e Marshall Sahlins (2007), cultura é a rede de amarras em que busca-se viver e dar significado as vivências e representações de mundo, calcadas nos processos humanos de cunho biológico, estrutural, espacial ou mental, manifestados através de algum sistema de linguagem, que podem configurar-se como fontes históricas.

A categoria de paisagem foi dividida em três unidades de assunto: Bairros; Construções; Críticas.

Os bairros relatados são três, cada um representando uma parte conceitual de Novo Hamburgo. Há Hamburgo Velho, a localidade de fundação da cidade, morada da elite política local; Já o bairro Rio Branco está em constante aumento, é um dos locais de moradia dos operários, ali tudo transforma-se e a natureza é dominada irreversivelmente; Novo Hamburgo não tem um interior propagado, mas encontra nos relatos sobre Lomba Grande a chance de expandir os preceitos modernos para todos os cantos da cidade.

As construções mencionadas são aquelas estruturas físicas que eram pontos de destaque para a cidade, seja por sua função como a Companhia de Seguros ou por sua referência como as instituições de ensino hamburguesas.

Ercílio algumas vezes criticava a paisagem, seja para indicar a falta da condição de tráfegos nas ruas de Lomba Grande ou para fazer pensar sobre a falta de uma imponente praça em Hamburgo Velho.

Sociabilidade: O conceito é baseado nos ensaios de Simmel (1983), o qual postula que a ideia de sociabilização está ligada à interação de indivíduos dentro de uma sociedade. Essa perspectiva foi complementada pela interpretação de Maroneze (1994) que em uma cidade há locais de sociabilidade privados e públicos. Ercílio escreve sobre os espaços públicos. Há dois tipos de espaços de sociabilidade públicos, espaços abertos e espaços fechados.

Os espaços abertos são aqueles que proporcionam a interação de todos os cidadãos, sem restrição oficial, como a frequência a praças, a participação nos Kerbs e nas festas de Carnaval.

Os espaços fechados são aqueles que frequentados por determinados grupos ou associados como os casos da sociedade de rinha de galos ou dos clubes, seja de bolão ou de tiro.

Identidade: Propõem-se a analisar a identidade hamburguesa através de elementos essenciais à cidade, buscando o tensionamento entre as bases do discurso urbano moderno e as percepções do cronista. A identidade é conceituada a partir de Katryn Woodward (2000) e Stuart Hall (2000), ao entender-se que os argumentos identitários, são possíveis respostas de mundo, aos questionamentos: Quem eu sou? Qual minha função? Onde eu vivo?

Esta categoria não foi dividida em unidades de assunto, pois compreendeu-se que os aspectos identitários compunham uma ideia geral da identidade de Novo Hamburgo. Esta por sua vez englobava três aspectos base o trabalho como essencial a vida, a ordem como consequência da promessa de futuro e dúvida sobre os rumos, as aventuras e as ameaças do pensamento moderno.

Com essa disposição teórico-metodológica busca-se analisar como Ercílio Rosa representou a Novo Hamburgo em suas crônicas entre 1945 e 1949, no jornal "O 5 de Abril". Para então compreender que argumentos fomentaram a percepção da cidade como um elemento "real e imaginário".

2 O COTIDIANO IMORTALIZADO NAS PALAVRAS

A vida é inexoravelmente passageira, porém o ser humano encontrou inúmeras formas de estender suas percepções e memórias através da arte rupestre ou moderna, pela narrativa de uma história contada em um templo ou roda de amigos ou pela arquitetura de uma casa ou cidade, mas a forma mais clara, por vezes incompreendida, é a palavra escrita.

Alberto Manguel (1997) escreve que quem dá sentido à palavra é o leitor, pois é no seu sistema de significados que será traduzido o sentido das frases. A escrita e a leitura tornaram-se a base da maioria das civilizações ao longo da história humana, as palavras imortalizam a percepção do mundo e seus vestígios culturais.

O leitor pode dar sentido ao que lê, mas ele estará sendo condicionado por quem escreveu. Manguel (1997, p. 20) complementa que “lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler.” Porém o que lemos dá a oportunidade de refletirmos ou conhecermos aquilo que outros perceberam. A leitura da palavra escrita ou das forças do cotidiano¹ é um intenso jogo de percepções do mundo, é acessar realidades além da que se vive.

A escrita marca o início da “História Humana” há aproximadamente 6000 mil anos atrás, porém a veiculação dessa forma de imortalidade do real, fantasioso ou simples cotidiano, passou a ser utilizada em larga escala há apenas pouco mais de 500 anos na Europa.

A informação e o conhecimento passaram a ser veiculados, em uma escala abrangente, a partir do final do século XV. Françoise Choay (2002) infere que, nesse momento histórico, o pensamento humano descobriu uma forma de perpetuar-se mais rápida e resistentemente que a arquitetura, de maneira mais simples e mais fácil, pode ser acompanhada de perto, mesmo que numa velocidade acentuada, pois as palavras podem ser construídas em um instante, enquanto uma abóboda pode levar meses. De forma técnica “às letras de pedra de Orfeu sucedem-se as letras de chumbo de Gutenberg” (CHOAY, 2002, p. 236).

¹ Apresenta-se o conceito de cotidiano a partir de Agnes Heller (2000), compreendendo a vida como um processo de interconexões entre os diferentes indivíduos e representações. Identifica-se quais as prováveis rotinas e o que era comum no comportamento do indivíduo em sua vida. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

O autor refere-se a invenção de Johannes Gutenberg². A prensa tipográfica foi considerada uma das invenções do milênio, devido à importância em disponibilizar conhecimento, acelerando a troca de ideias e fomentando discussões. A prensa tipográfica caracterizava-se pela utilização de tipos móveis de chumbo fundido.

Que eram mais duradouros e resistentes do que os fabricados em madeira, e, portanto reutilizáveis, que conferiram uma enorme versatilidade ao processo de elaboração de livros e outros trabalhos impressos e permitiram a impressão de informativos e jornais, sendo um marco para o desenvolvimento da Imprensa. A apropriação dessa prática pelo jornalismo colaborou a legitimação de diversos grupos. (PRODANOV; PUHL; KERBER, 2007, p.4)

Conhecer a importância da rápida veiculação de informações no mundo e seu poder de transformar ou manter determinados discursos é essencial à compreensão do processo das mídias, especificamente do papel do jornal e das crônicas impressas como representantes do imaginário de determinada época. Em tal contexto é que o presente trabalho se desenvolve, pois visa analisar quais perspectivas da cidade de Novo Hamburgo, foram publicadas no jornal “O 5 de Abril”, através de um conjunto de 100 crônicas escritas por Ercílio Rosa entre 1945 e 1949.

Nesse sentido, cabe inferir que historicamente, a partir do século XVII, a imprensa foi uma das ferramentas responsáveis por legitimar discursos e apoiar ou negar disputas de poder. O domínio sob a escolha do que seria publicado, fortaleceu grupos sociais, pois esses controlavam o que era verdade ou não sob suas concepções de mundo, e tornavam-nas real quando publicadas. A utilização em larga escala de informativos impressos foi consolidada a partir do estabelecimento do Iluminismo, pois tal movimento de ideais incentivava a circulação de informações escritas para a população³.

A partir da circulação de impressos e informativos nas principais cidades ocidentais, Tania Maria Ferreira (1998) analisa que, os jornais servem como fonte histórica, pois auxiliam no estudo das características de um local, representando processos culturais da cidade aonde o exemplar circula, imortalizando percepções do cotidiano vivenciado na época.

² Johannes Gutenberg (1398-1468) foi um cidadão alemão, nascido em Mainz, a grande obra de sua vida foi a invenção da prensa tipográfica de tipos móveis, tendo como primeiro livro impresso nessa máquina, a Bíblia em 1445.

³ A circulação das informações é um processo complexo que envolve diretamente sujeito enunciador e sujeito enunciante, a presente dissertação visa trabalhar com a percepção do jornal e das crônicas enquanto fonte e não sobre seus processos de circulação e recepção de informações.

No Brasil, os jornais passaram a circular com efetividade nos anos 1800, os periódicos publicados no século XIX e primeira metade do século XX, tornam-se importantes fontes para pesquisadores, sobretudo da história cultural. São estes materiais que demonstram as traduções dos discursos da modernidade dentro de contextos específicos em formação da tessitura social nacional.

A chegada do século XX, que parecia anunciar mais que uma simples mudança no calendário; tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações, Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de seleção (LUCA, 2001, p. 137).

A imprensa brasileira desse período tem uma condição distinta, conforme Maria Helena Capelato (1988), ela apresentava-se como detentora da neutralidade, da impessoalidade, da imparcialidade, era apartidária, apolítica e detentora dos valores eternos e universais da verdade. Baseado nessa armadura de concepções impossíveis, os grupos que dominavam os jornais anunciavam-se como defensores da verdade, contudo nada é imparcial ou demonstra todas as possibilidades de uma mesma situação, pois

A própria notícia já é, por si mesma, uma construção ideológica baseada em definições dadas pelas fontes dos jornalistas, como o governo ou líderes sindicais, por exemplo. Em outras palavras, 'os meios de comunicação' *não* são um mediador neutro, lógico e racional, ou natural dos acontecimentos sociais, mas sim, um *reprodutor* de ideologias já formuladas (ALSINA 1993, p. 37).

O jornal é parcial, ele representa os argumentos de determinados grupos. Por exemplo, o grupo que na cidade de Novo Hamburgo lutou pela emancipação do município, teve como primeira medida criar um jornal local para representar suas concepções de mundo e propagar suas representações da cidade. O veículo dizia-se ser imparcial, mas defendia os interesses de seus criadores e mantenedores para com um determinado caminho a ser seguido/visto na cidade. Tal concepção pode ser vista no editorial veiculado na primeira edição do Jornal "O 5 de Abril" um mês após a criação do município de Novo Hamburgo.

Por estas columnas procuraremos amparar todas as boas causas e todos os grandes empreendimentos. Será, porém, o nosso principal objetivo, trabalhar pela união da collectividade do nosso municipio, sem duvida o fator primordial do seu progresso, máxime quando esta união parece já estar consolidada

com o auspicioso acto de municipalização, para o qual cooperaram gregos e troianos.

Teremos ainda em mira especial amparar os que trabalham, porque foi com o trabalho que a nossa localidade ascendeu ao ponto, em que actualmente se encontra.

O nosso jornal não tem nenhuma ligação partidária ou religiosa. Isto não nos impede de consignarmos, no nosso artigo inicial, palavras do nosso mais profundo reconhecimento ao preclaro estadista que tão proficuamente dirige os destinos do nosso querido Estado, Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros (sic) (“O 5 DE ABRIL”, 1927, n. 1, p. 2).

Muitas vezes a mídia brasileira, entre os séculos XIX e XX, declarou-se imparcial, mas qualquer posicionamento, ou mesmo seleção de matérias, já incute parcialidade. No caso do editorial acima exposto, identifica-se que os editores não tem ligação partidária, porém o grupo que o criou estava alinhavado exclusivamente com princípios do Partido Republicano Rio-Grandense, o mesmo do Governador do Estado, a quem elogiam. Logo, todas as matérias apresentadas no jornal estarão de acordo com as ideologias do partido, não se pode dizer que por má fé, porém pelos indivíduos defenderem certas posições ideológicas em sua vida pessoal, tudo o que escreviam estava pautado por um discurso imparcial.

As representações contidas no jornal são manifestadas através de discursos e argumentos o que, segundo Michel Foucault (2011), são apresentados em todas as sociedades. Esses processos dominam acontecimentos aleatórios e manifestam materialidades. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2011, p. 10).

O poder a que se refere Foucault (2011), é identificado através das fontes históricas, porém é necessário lembrar que, de acordo com Sergio Buarque de Holanda (1995), a História no curso da humanidade e das palavras, não somente “acontece”, mas também pode ser dirigida, editada e, até mesmo, fabricada.

Nesse contexto, o jornal, em uma de suas potencialidades, torna-se fonte histórica, pois organiza os fatos conforme seus leitores comprariam um exemplar ou se interessariam em conhecê-los. Então, é um jogo duplo, aquilo que os mantenedores querem expressar e o que os leitores querem ler, Essa ligação torna uma das possíveis realidades como a verdade do momento, ou a representação do vivenciado e imortalização do cotidiano. O jornal, em si,

Na maioria das vezes, não consegue dizer às pessoas como pensar, mas tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre o que pensar. Esta questão remete-nos, como forma de explicitação do dito, ao papel fundamental assumido pelo Jornal 5 de Abril,

[...] que assume para si a função de indicar, aos leitores do município recém emancipado de Novo Hamburgo, os caminhos que estavam sendo traçados para a região pelo poder político local. Assim, temos o limite entre o poder da mídia e o seu papel nas relações sociais (PUHL; SILVA, 2011).

O poder social e de construção do “real”, demonstra a atuação do jornal como propagador de discursos, na primeira metade do século XX. Contudo, ao pesquisar material em veículos históricos como o jornal “O 5 de Abril”, deve-se ter alguns cuidados, sobretudo porque a leitura desse material não representa uma verdade cotidiana, mas sim fontes de pesquisa pra compreender representações do passado, o que, conforme Kieth Jenkins (2009), é uma das tarefas do historiador.

O historiador pode compreender e analisar o passado, mas ele deve levar em conta que toda a história construída parte do presente e das suas percepções teóricas, metodológicas e pessoais. Dentro desse paradigma o historiador precisa sempre ter para si que a realidade analisada e exposta por ele, de acordo com Gilberto Velho (2008), parte de um processo contraditório e complexo em constante negociação, pois o real percebido e o real vivenciado no passado, estão sempre em negociação com o presente para serem efetivados pela escrita dos pesquisadores. Com isso os métodos e escolhas teóricas precisam estar definidos claramente, para que as ciências humanas abordem mais do que datas e grandes acontecimentos, mas sim os processos históricos de uma gama de manifestações culturais relevantes ao entendimento de etapas de sociedades e civilizações.

Para analisar historicamente os jornais e suas realidades, Claudio Elmir (1995) postula que jamais pode-se pegar o material e abstrair elementos de uma suposta realidade, pois o jornal, como conjunto de páginas, é o meio que exige uma leitura informativa igual à que fazemos ao ler a Zero Hora ou a Folha de São Paulo, cotidianamente com tranquilidade. É preciso relatar isso, porque quando se analisa um jornal como fonte histórica, como “A Gazeta”, o “Jornal do Comercio” ou “O 5 de Abril”, a leitura deve ser distinta, meticulosa, demorada, exaustiva, ou seja, uma leitura intensiva destes jornais e não uma leitura meramente extensiva.

A aplicação deste tipo de olhar sob o jornal é, conforme Capelato (1988), a tentativa de compreendê-lo como documento histórico, não como apenas reflexos da realidade, ou seja, um recipiente propagador onde há uma representação do real.

É necessário estar ciente que os jornais, como fontes históricas, evocam elementos de determinadas representações de uma realidade passada, porém eles não são a realidade em si. São parciais e suas matérias não são meras notícias, elas

carregam um peso histórico e um imaginário próprio, por isso é necessário ler atentamente, identificando os detalhes e interpretando as representações relatadas.

Ao ler as matérias de um jornal, temos que ser capazes de distinguir entre aquilo que é significativo para a compreensão do nosso objeto daquilo que é fortuito, casual. E para que esta correta interpretação aconteça, a regularidade, a constância da ideia encontrada é muito importante.[...]Em pesquisa com o jornal, a análise do maior número deve ser a primeira garantia para o não cometimento do erro; ainda que não seja toda a garantia (ELMIR, 1995, p. 23).

O maior número de leituras, edições e informações, auxilia no entendimento dos contextos trazidos à tona pelo meios de comunicação, até por isso a escolha de trabalhar com 100 crônicas, publicadas no jornal “O 5 de Abril”, aplicando o método da Análise de Conteúdo.

Dentro dessa escolha metodológica, os jornais, segundo Claudia Schemes, Catiúscia Mendes e Magna Magalhães (2017), são o meio, pelo qual a sociedade cria e propaga reflexões e modelos da sua época, apresenta e fundamenta determinados grupos ou padrões sociais que, no entendimento de Pierre Bourdieu (1989), seria um ato que justificaria o poder. Dessa forma, o jornal cria, mantém e reafirma discursos históricos, porque em suas páginas estão relatadas a tradição e o passado, o que fomenta e influencia novos acontecimentos.

No sentido de que o jornal cria e mantém discursos, analisar de forma minuciosa as informações contidas em suas páginas, proporciona a identificação da constância de publicação dos elementos básicos aos discursos dominantes. Conforme Marialva Barbosa (2002), o jornal é produtor de uma história futura, pois tem como função principal, propagar vestígios que encontrem significado nos modelos de vida dos habitantes da cidade, no presente.

O jornal não suporta todas as perspectivas do real, mas sim seleciona elementos sobre algumas percepções de mundo, alinhavadas com suas concepções dos processos nele relatados. Marcia Espig (1998) escreve que, o jornal mantém-se em circulação, durante anos, porque os argumentos de mundo selecionados para publicação reverberam pela concepção de vida do leitor.

O jornal perpetua-se, em sua função informativa, apenas se a realidade publicada encontra reflexos no real experienciado por aqueles que consomem os argumentos midiáticos: “O discurso jornalístico traz à tona a representação do modelo que o leitor já tem do mundo e, ao mesmo tempo, converte-se em algo fácil de memorizar, quando tiver de repassar essa informação” (KESKE, 2001, p. 57).

A simples publicação ou reafirmação de princípios, que representam a realidade, não traz significação ao discurso, por isso o jornal precisa publicar elementos que façam parte da vida social e da concepção de cidade. O jornal é um dos meios, pelos quais, a cidade torna-se um conceito imaginário, pois é nele, conjuntamente com suas representações do real, que vão se formar os argumentos sobre o pensamento individual e o desejo coletivo do que era, foi ou deveria ser a cidade.

Todavia, na condição de historiadores ou pesquisadores culturais, tem-se por função analisar, compreender e interpretar o jornal, levando em conta, que o processo de acesso às informações históricas é intenso e exaustivo, só assim, as informações e análises podem ser estruturadas em perspectivas históricas de fenômenos particulares.

Nesta linha, Luiz Maroneze (2017) postula que, toda cidade produz inúmeras histórias e representações do real acontecido, porém poucas são registradas e contadas. “Os esquecimentos são sempre maiores que as lembranças, por isso o pouco da memória⁴ que permanece assume a dimensão do todo, uma espécie de consciência coletiva que dá uma identidade a cada lugar” (MARONEZE, 2017, p. 5).

Sabendo da importância histórica do jornal, enquanto mantenedor do vivido, destaca-se a necessidade de apresentar o processo de fundação do município de Novo Hamburgo e como o jornal “O 5 de Abril” foi incorporado ao discurso da cidade enquanto principal porta voz dos acontecimentos, desde a emancipação do município até a consolidação do ciclo coureiro-calçadista de produção e exportação à níveis globais. Partindo dessa condição, poder-se-á compreender o papel das crônicas nos discursos identitários sobre a cidade.

2.1 NOVO HAMBURGO: ORIGENS E EMANCIPAÇÃO

Novo Hamburgo foi, em seu início, uma localidade considerada teuto brasileira, ou seja, de maioria populacional de alemães ou seus descendentes. Esse sistema de formação étnica deu-se a partir das primeiras levas de imigrantes alemães para o Brasil em 1824. Segundo René Gertz (2005), esse processo deu-se por um projeto do Império brasileiro, que visava povoar determinadas regiões do país, demarcando

⁴ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

terras, produzindo bens e colonizando efetivamente áreas nativas, sobretudo na região sul. Uma das localidades que recebeu imigrantes germânicos foi a cidade de São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, localizada a cerca de 40 quilômetros da capital do Estado, Porto Alegre.

A imigração germânica tem importante significado para as regiões receptoras, pois estas ao acolherem os novos grupos, tiveram acesso a novos padrões culturais e percepções de mundo. Importante salientar aqui, que alguns dos municípios e seus distritos, como o caso de São Leopoldo, puderam desenvolver embriões urbanos, nos moldes de uma cultura cidadina europeia.

No paradigma do desenvolvimento de uma cultura urbana, a região que engloba o território geográfico da atual Alemanha, conforme Maroneze (2017), chegou a ter cerca de 400 estados independentes na passagem do período medieval para o início da modernidade. Com a unificação do Estado alemão em 1871, restavam mais de 30 unidades dentro do território “nacional”.

Nessa configuração, os grupos que chegaram em São Leopoldo em 1824, emigraram de diferentes cidades e pequenos estados, não de uma unidade política estabelecida e unificada. “Mesmo que a maioria destes imigrantes viessem de zonas rurais e um número menor das cidades, a cultura que trazem está relacionada a este histórico de autonomia urbana” (MARONEZE, 2017, p. 8).

A proximidade com os estados independentes e os núcleos urbanos, conforme Maroneze (2017), faz com que se identifique que as localidades receptoras de imigrantes estavam incorporando, à sua essência, paradigmas dessa tradição. Este foi o caso do segundo distrito de São Leopoldo denominado de Hamburg Berg, em alusão a cidade alemã de Hamburgo, ele é o embrião do que viria a ser o município de Novo Hamburgo.

Essa localidade, pertencente a São Leopoldo, foi fundada pelos grupos de imigrantes vindos em 1824. Dois fatores se destacam em sua história, enquanto distrito.

O primeiro fator dá conta do estabelecimento de ideais modernos na localidade através de um:

Ramo próspero e que caracterizaria toda a modernização e industrialização do futuro município, tal ramo foi o da utilização do couro para a fabricação de peças de montaria. Nicolau Becker industriário e comerciante estabeleceu-se em 1857, construindo curtume e selaria. O couro também era utilizado para a confecção de chinelos e sapatos com solas de madeira, feitos manualmente, o que deu origem a figura do ‘sapateiro’ (PETRY, 1944, p. 13).

A instauração dessa empresa fomentou outras iniciativas industriais, criando o embrião que iria desenvolver-se nos anos seguintes na localidade. Conforme argumentam Achyles Costa e Maria Cristina Passos (2004), a instalação de várias atividades básicas e ascensoristas da produção de calçados na região proporcionou novas perspectivas industriais. Mesmo com uma população pequena e mão de obra reduzida no século XIX, Hamburg Berg desenvolveu ideais de progresso que auxiliaram na divisão social do trabalho, criando paradigmas que desenvolveram aspectos industriais e transformaram a jovem localidade em uma consolidada região de produção de bens de consumo no Estado, durante o século XX.

O segundo fator de impacto no processo histórico local, foi a instauração da linha férrea, ligando Hamburg Berg a Porto Alegre, pois, com a construção dessa rota em 1876, o então 2º distrito:

Passou a ser um importante centro comercial, atraindo o comércio da zona colonial. No final do século XIX, a produção e o comércio de calçados passaram a desenvolver-se em base modernas. A partir de então a localidade passou a projetar-se (WEBER, 2017, p. 17).

Todavia, o contato com os ideais modernos, industriais e urbanos, no pequeno distrito, propiciou a consolidação de forças econômicas e produtivas locais, que fomentaram o desejo de emancipação. Schemes (2006) postula que o distrito cresceu, no início do século XX, a partir das indústrias coureiro-calçadistas e da escoação da produção através da linha férrea interligada à capital. Esse contexto fomentou o aumento do fluxo de capitais na localidade, mas não o investimento estrutural desejado, pois sendo apenas distrito, Hamburg Berg não gerenciava as obras públicas, isso era feito pela sede municipal em São Leopoldo, o que gerava insatisfação na população, sobretudo nos empresários locais.

Jeferson Selbach (2006) infere que o desejo por maiores investimentos na localidade, incentivou a criação de um grupo que defendesse a emancipação do distrito de Hamburg Berg perante São Leopoldo. Desenvolveram-se dois argumentos principais na defesa da criação do novo município:

- 1) A elite política distrital exigia maiores retornos em investimentos estruturais na localidade, sob os argumentos de que os impostos gerados no distrito não retornavam em aplicações na infraestrutura local. Assim, deixavam, por exemplo, em péssimas condições as estradas da região, o que dificultava o tráfego de materiais e pessoas;

2) O distrito estabeleceu um núcleo fabril, que produzia calçados, reconhecidamente premiados em várias exposições estaduais⁵. Isto proporcionava contratos de fabricação e venda da produção, gerando maior fluxo de capitais e impostos na localidade.

Estes argumentos fortaleceram os discursos pró-emancipação, conforme Schemes (2006), o que levou, no início do século XX, a criação da Comissão Pró-Emancipação (CPE), na década de 1920. Essa Comissão teve como principais representantes: Pedro Adams Filho⁶, Jacob Kroeff Netto⁷, Leopoldo Petry⁸, André Kilpp⁹, Júlio Kunz¹⁰, José João Martins¹¹ e Carlos Dienstbach¹².

Os integrantes da CPE pertenciam à classe política e empresarial do distrito, pois possuíam importantes empresas ou cargos políticos na região. Devido a isso, defendiam a emancipação, porque propagavam que o desenvolvimento econômico-material da cidade e, conseqüentemente de suas empresas, estavam relacionados com a autonomia legislativa e de investimentos locais.

Esse grupo tentava dominar a representação do distrito, pois seu poder e influência eram abrangentes na localidade devido às relações trabalhistas e ao controle do fluxo de capital local. Segundo Schemes (2006), esses fatores, concomitantemente alinhados com a cúpula diretiva estadual, criou um canal de comunicação direto entre o CPE e o gabinete do presidente do Estado.

Esta ligação política se sobrepôs aos desejos do município sede, que era contra a emancipação do distrito. As manobras políticas e propostas do CPE culminaram no ato de 05 de abril de 1927, quando o gabinete do presidente Estadual¹³, Antônio

⁵ De acordo com Schemes (2006) as empresas costumavam participar desses eventos, e os prêmios recebidos atestavam a qualidade dos seus produtos. "Em 1901, a Fábrica de Calçados Sul Riograndense participou de uma exposição em Porto Alegre, em 1914, em Santa Maria e, em 1916, em Caxias. Em todas elas recebeu medalha de ouro pela boa qualidade e acabamento de seus produtos" (MONTE DOMECCQ, 1918, p. 247).

⁶ Conselheiro municipal de São Leopoldo (1917-1925), dono da Fábrica de Calçados Rio-Grandense.

⁷ Deputado Estadual (1904-1929), advogado e administrador do Matadouro Kroeff.

⁸ Secretário municipal de São Leopoldo (1917-1923), criador e editor do jornal "O 5 de Abril", foi também o primeiro Intendente Municipal de Novo Hamburgo (1927-1930).

⁹ Major do Exército e coletor Federal.

¹⁰ Empresário calçadista, no ramo de acessórios fabris.

¹¹ Empresário calçadista e presidente da Comissão Pró-emancipação.

¹² Professor e subintendente de São Leopoldo e Sapiranga.

¹³ Durante o período da primeira República ou República Velha (1889-1930) chamava-se de Presidente do Estado o administrador e representante estadual. Na era Vargas (1930-1947) o detentor do cargo era denominado de Interventor Federal. Desde a restauração da república em 1947, passou-se a chamar o administrador estadual de Governador.

Augusto Borges de Medeiros¹⁴, enviou um telegrama para o presidente do CPE, José João Martins, comunicando a desanexação do 2º distrito de São Leopoldo e autorizando a criação de um novo município. Assim, o distrito abandonou o nome de Hamburg Berg e passou a chamar-se Novo Hamburgo. Agora a localidade estava em um ponto que precisava assumir uma identidade própria, o estabelecimento de um nome “português” demonstra o alinhamento da cúpula política local com elementos nacionalistas para o seu desenvolvimento.

Conforme relatórios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicados em 2010, Novo Hamburgo, no momento de sua criação, era o menor município do país, tendo apenas 65 km² de território e uma população de cerca de 8500 habitantes. Entretanto, isso não foi um empecilho para a geração de renda local, pois, desde o início do processo emancipatório, a localidade possuía núcleo industrial em expansão, facilidade de escoação da produção e um discurso voltado ao progresso e desenvolvimento estrutural urbano. Dessa forma,

O movimento emancipacionista de Novo Hamburgo pode ser considerado a primeira iniciativa da formação de uma identidade para a cidade, pois foi a série de acontecimentos relacionados à emancipação que fez com que a comunidade sentisse a necessidade de afirmar-se em contraposição ao município sede, São Leopoldo (SCHEMES, 2006, p. 310).

Os indivíduos que representavam o CPE pertenciam a uma mesma classe política, sobretudo do Partido Republicano Rio-Grandense, o mesmo partido do Presidente do Estado, o Sr. Borges de Medeiros e, especialmente, de um nome que na década de 1930 viria a ser conhecido em todo território nacional, Getúlio Vargas¹⁵. Os alinhamentos políticos delegavam uma forma específica de idealizar o mundo e os rumos da cidade.

Desenvolveram-se, a partir desse momento, mensagens de valoração do hamburguense e de sua cidade, tornando notório no contexto de ruptura, os ideais de

¹⁴ Borges de Medeiros foi um dos importantes políticos presentes na história do Rio Grande do Sul no início do século XX, estando a frente dos rumos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) por mais de duas décadas a partir de 1903, sendo presidente do Estado em mais de uma ocasião. Uma biografia completa de sua trajetória política pode ser lida em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/borges_de_medeiros>. Acesso em: 26 dez. 2017.

¹⁵ Getúlio Dornelles Vargas, foi uma das figuras políticas mais presentes na história do Rio Grande do Sul e do Brasil, por ter se tornado presidente através de um movimento revolucionário e ficado no cargo por cerca de 17 anos, instaurando um período de mudanças políticas, sociais e econômicas que historicamente ficou conhecido como Era Vargas. Uma biografia completa da atuação e importância política de Getúlio Vargas pode ser acessada em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/getulio_vargas>. Acesso em: 26 dez. 2017.

uma “cidade industrial e moderna em oposição ao mundo rural e ao município do qual se emancipou” (MARONEZE, 2017, p. 8).

As ideias propostas, afirmadas e reforçadas, fundaram um discurso próprio da cidade, contudo numa lógica de afirmação da importância do hamburguense e de Novo Hamburgo e não de marcação de diferenças com outros indivíduos ou cidades. Porém ecoavam algumas demarcações contra antigos paradigmas do município sede, pois a nova cidade precisava libertar-se da sombra de sua antiga sede.

Os ideais e argumentos da CPE precisavam de um meio de circulação. Assim, Leopoldo Petry, membro atuante do grupo, conjuntamente com Hans Behrend¹⁶, criou um jornal local, intitulado “O 5 de Abril”. O veículo, inicialmente, defendeu os propósitos da criação do município e propagou o que a classe política local detinha de pensamento e alinhamentos para a cidade. Os primeiros argumentos apresentavam a Novo Hamburgo surgida da disputa política e alimentada pelo acúmulo de capitais e, ainda, que a nova cidade tinha o desejo de efetuar investimentos estruturais e consolidar um polo industrial manufatureiro.

A emancipação municipal se consolida em abril de 1927. O contexto que se instaura na cidade, nesse período, já foi analisado em inúmeros artigos e trabalhos acadêmicos¹⁷, razão pela qual se traz aqui, apenas um panorama geral do período, onde o discurso identitário foi criado, publicado e reafirmado dentro do processo de consolidação do município, baseando-se nos preceitos da modernidade.

O desenvolvimento da cidade deu-se em um contexto amplo, com base nos anos 1920 e 1930, relatados através das páginas do jornal “O 5 de Abril”. Sendo que nesse processo,

O positivismo do Partido Republicano Rio-Grandense no Estado e as diretrizes corporativas de Getúlio Vargas em nível nacional estarão em consonância com as tendências autoritárias e fascistas internacionais. As lideranças locais e a sua expressão nas páginas do periódico sublinham essa filiação de forma constante em suas colunas e crônicas. Mesmo que as

¹⁶ Hans Behrend era o tipógrafo responsável pelo jornal, vindo da Alemanha, desenvolveu em Novo Hamburgo sua antiga profissão, conjuntamente com os primeiros processos de afirmação do município. Durante toda a vida do jornal “O 5 de Abril”, alguém da família Behrend esteve à frente dos meios técnicos ou da editoração do semanário.

¹⁷ Os temas sobre o contexto de emancipação da cidade de Novo Hamburgo e o desenvolvimento municipal na década de 1930 e início da década de 1940, podem ser estudados no livro “Histórias de Novo Hamburgo: 90 anos” organizado pelo Dr Luiz Antonio Gloger Maroneze, publicado em 2017; no livro “Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do *flâneur*” escrito pelo Dr Jeferson Selbach em 2006; na tese de doutorado “Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)” escrita e defendida pela Dr^a Claudia Schemes em 2006; e no trabalho de conclusão de curso “Modernidade, trabalho e progresso em Novo Hamburgo: as representações do jornal ‘O 5 de Abril’ no seu primeiro ano de publicação” escrito pelo mestrando Emerson Ranieri Santos Kuhn e defendido em 2015.

questões trabalhistas e a legislação em prol do trabalhador sejam mais aceitas que aplaudidas, em linhas gerais, o discurso autoritário e corporativo é aplaudido e adaptado à realidade local (SCHEMES; MARONEZE; KUHN JUNIOR, 2017, p. 55).

Esse processo de alinhamento político e contexto de ideais positivistas foi mantido ao longo do ciclo coureiro-calçadista em Novo Hamburgo. Todavia o principal expoente das ideologias assumidas na emancipação foi “O 5 de Abril”, pois era ele que representava o cotidiano, era o jornal que dava voz ao que era vivenciado e selecionado pelo grupo político local. Nesse sentido, tal veículo midiático tornou-se fonte e testemunha de uma parcela do real, concebida e imortalizada através das páginas do jornal para a posterioridade. Por isso, ele é uma valiosa fonte histórica, desde que apresentada e analisada dentro de contextos abrangentes e não apenas em recortes avulsos.

Após apresentar o panorama de motivação e emancipação do município de Novo Hamburgo, se faz necessário introduzir o contexto de formação do próprio jornal “O 5 de Abril”, já que ele se torna um dos guardiões do discurso e do vivido na urbe ao longo dos primeiros 35 anos da cidade.

2.2 JORNAL “O 5 DE ABRIL”, O GUARDIÃO DE UMA “REALIDADE”

O jornal “O 5 de Abril” ganhou as ruas logo após a emancipação do município de Novo Hamburgo. O jornal apresentava em suas páginas os ideais do grupo que havia lutado politicamente pela independência local, trazia matérias sobre as traduções de mundo e perspectivas de futuro daqueles que disputavam o controle do discurso local. Isso o transformou em guardião dos argumentos que representavam uma das realidades do município.

O primeiro editor do veículo foi o srº Leopoldo Petry, um dos indivíduos que compunham a Comissão Pró-Emancipação (CPE) e que se tornou o primeiro Intendente municipal eleito, ainda em 1927. Outro nome fundamental para a criação do jornal é o de Hans Behrend, indivíduo responsável pela tipografia do veículo. Durante todos os anos de circulação do “O 5 de Abril” a família Behrend esteve à frente da parte gráfica das edições, transformando-se num dos principais expoentes do jornal.

O nome “O 5 de Abril” configura-se numa homenagem à data de emancipação do município, ocorrida em cinco de abril de 1927. Desde esse momento, conforme

Schemes, Maroneze e Kuhn Junior (2017), o jornal já era pensado como meio de interligação entre os ideais da CPE com os rumos da cidade, tanto que apenas um mês após a emancipação, em seis de maio do mesmo ano, a primeira edição do “O 5 de Abril” ganhou as ruas. Ao total, foram 1811 edições publicadas entre 1927 e 1962, um semanário autointitulado de assuntos gerais, publicado sempre às sextas-feiras.

O jornal se fazia presente semanalmente, no contexto social da cidade, pois “O 5 de Abril” pretendia “assumir uma vinculação direta com a identidade da cidade de Novo Hamburgo (elemento já perceptível no nome do mesmo)” (PRODANOV; PUHL; KERBER, 2007, p. 10). Tal aspecto, presente no veículo, demonstra que os indivíduos que mantinham e escreviam o jornal assumiram para si a responsabilidade de expor os ideais do projeto cidadão de futuro, demonstrando, em seus argumentos, o que era e o que deveria ser a cidade Novo Hamburgo.

De acordo com o IBGE (2010), o município possuía cerca de 8500 habitantes, dos quais muitos comunicavam-se apenas em dialetos alemães ou eram analfabetos, isso faz com que a tiragem inicial do “O 5 de Abril” seja significativa, pois dentro desse panorama, desde a primeira edição veiculou-se minimamente de 200 a 300¹⁸ exemplares totalmente em português, com apenas alguns pouquíssimos anúncios em alemão. Como o jornal surgiu a partir da elite política local demarcou-se elementos orgânicos a nova cidade, uma das principais bandeiras defendidas era demarcar quem era o hamburguense:

Todavia, em síntese, todas as supostas tradições são costuradas pelo jornal para a composição de um discurso amplo de harmonia e prosperidade social. Esses discursos reunidos compõe um imaginário geral para Novo Hamburgo e resolvem dois problemas de uma só vez: demarcam uma identidade ‘específica’ para o jovem município por um lado e, por outro, estabelecem um discurso de harmonia e coesão social’ (MARONEZE; KUHN JUNIOR, 2017, p. 55).

Inicialmente, os discursos estavam graficamente dispostos em 4 páginas, isso mudará apenas no início da década de 1950 aumentando gradualmente o número de laudas para 8. As primeiras edições eram configuradas da seguinte maneira:

1) Página 1 – Capa: três ou quatro colunas dispostas em duas ou três matérias, relatando grandes eventos referentes ao desenvolvimento estrutural do município e

¹⁸ A tiragem inicial também é relevante pelo fato de que o semanário era vendido na forma de pacotes de assinatura (pagos adiantadamente), de seis meses e um ano, respectivamente nos valores de 6\$000 ou 10\$000. Cruzando esse valor com tabelas de produtos e relatórios de exportação comercial presentes no jornal em 1927, identificou-se que os valores de assinatura correspondiam ao poder de compra de 3 kg de pinhão, 5 kg de arroz ou 10 kg de erva mate. Um valor acessível desde que os interessados tivessem uma renda favorável dentro de sua produção ou de seu trabalho.

aos acontecimentos de relevância dentro da cidade ou do Estado. Reservava-se o rodapé da página para a publicação de romances de folhetim ou matérias compradas de jornais da capital do país, Rio de Janeiro. Dificilmente o jornal utilizava fotografias em sua composição, salvo eventos que a editoração julgava excepcionais, como o caso da posse do primeiro Conselho Municipal eleito, conforme Imagem 1.

Imagem 1: Capa do Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 1917

ASSIGNATURAS:
Anno 108000
Semestral 68000
Pagamento adiantado.

O 5 DE ABRIL
Semanario de interesses geraes — Publica-se ás sextas-feiras

Impressão na typographia Hans Holmboe, Novo Hamburgo. — Anuncios etc. a preços modicos.

Director: LEOPOLDO PETRY
Gorente: EDGAR G. BEHREND

Anno 1 | Novo Hamburgo, 3 de Junho de 1917 | N. 5

O nosso primeiro Governo Municipal

Segunda-feira proxima será empossado o nosso primeiro Governo Municipal, eleito a 29 do p. p.

Para um Municipio, como para um Estado, o advento de um novo Governo é sempre motivo de esperanças optimistas por parte daquelles que o elevam ao poder.

Para nós, porém, que ainda há pouco tempo não gozavamos da autonomia de que hoje nos ufamamos, para nós, repellidos, que vimos a 29 do p. p., realisar-se a primeira eleição dos cidadãos indicados para os varios cargos electivos do nosso Municipio, aquellas esperanças sobrelevaram-se, traduzindo-se numa confiança absoluta na nossa futura administração, por isso que os homens que nos vão governar, todos de caracteres lillados foram, entre muitos outros, os paladinos esforçados e decididos da nossa Independencia politico-administrativa e, como taes, empregarão as suas melhores energias em prol do nosso engrandecimento.

Não cubra falta nos é defficiente a nossa classe de homens e o povo de Novo Hamburgo, por intermedio dos seus maiores expoentes, escolheu para dirigir os destinos desta terra.

Velamos, em rapidas linhas, alguns traços biographicos dos cidadãos que, a 29 do p. p., receberam nas urnas, a sagrada civicidade de seus administradores.

Leopoldo Petry, filho de Pedro Petry, nasceu no lugar de Leopoldo, em 1870, tendo ingressado no curso de Direito na Universidade de São Paulo, onde se graduou em 1895. Foi advogado e depois juiz de Direito em São Paulo. Em 1912 foi nomeado Intendente Municipal de Novo Hamburgo.

Guilherme Ludwig, filho de Henrique Leó Ludwig e de Catharina Petry Ludwig, nasceu no lugar denominado "Plecha 48", município de S. Leopoldo, no dia 21 de Abril de 1870, tendo começado sua vida em 1885, fundando a cortina e fabrica de cortinas "Guilherme Ludwig" com o capital de 15 contos de reis e que, actualmente, tem um movimento annual de mais mil e quinhentos contos.

O sr. Guilherme Ludwig é ainda socio solidario das firmas Lucas Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario das firmas D'Almeida, Seeb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

J. Eduino Brodbeck, filho de João Brodbeck e d. Gertrudes Brodbeck, com 9 annos de residencia

Alberto Adams, filho de Alberto Adams e d. Maria Adelaide Adams, nasceu em 1870, tendo começado sua vida em 1885, fundando a cortina e fabrica de cortinas "Alberto Adams" com o capital de 15 contos de reis e que, actualmente, tem um movimento annual de mais mil e quinhentos contos.

O sr. Alberto Adams é ainda socio solidario das firmas Lucas Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario das firmas D'Almeida, Seeb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

Bertholdo Rech, filho de Bertholdo Rech e d. Maria Adelaide Rech, nasceu em 1870, tendo começado sua vida em 1885, fundando a cortina e fabrica de cortinas "Bertholdo Rech" com o capital de 15 contos de reis e que, actualmente, tem um movimento annual de mais mil e quinhentos contos.

O sr. Bertholdo Rech é ainda socio solidario das firmas Lucas Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario das firmas D'Almeida, Seeb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

Balduino Michels, filho de Balduino Michels e d. Maria Adelaide Michels, nasceu em 1870, tendo começado sua vida em 1885, fundando a cortina e fabrica de cortinas "Balduino Michels" com o capital de 15 contos de reis e que, actualmente, tem um movimento annual de mais mil e quinhentos contos.

O sr. Balduino Michels é ainda socio solidario das firmas Lucas Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario das firmas D'Almeida, Seeb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

H. Alberto Steigleder, filho de H. Alberto Steigleder e d. Maria Adelaide Steigleder, nasceu em 1870, tendo começado sua vida em 1885, fundando a cortina e fabrica de cortinas "H. Alberto Steigleder" com o capital de 15 contos de reis e que, actualmente, tem um movimento annual de mais mil e quinhentos contos.

O sr. H. Alberto Steigleder é ainda socio solidario das firmas Lucas Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario das firmas D'Almeida, Seeb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

Alberto Schirren, filho de Alberto Schirren e d. Maria Adelaide Schirren, nasceu em 1870, tendo começado sua vida em 1885, fundando a cortina e fabrica de cortinas "Alberto Schirren" com o capital de 15 contos de reis e que, actualmente, tem um movimento annual de mais mil e quinhentos contos.

O sr. Alberto Schirren é ainda socio solidario das firmas Lucas Ludwig & Cassel, Martins, Ludwig, Schmidt & Cia. Ltd. e commanditario das firmas D'Almeida, Seeb & Cia. e Arthur Haas & Cia.

Presidente
Intendente
Vice-Intendente

CONSELHO MUNICIPAL

Bertholdo Rech
Balduino Michels
H. Alberto Steigleder
Alberto Schirren

Bertholdo Rech, filho de Henrique Rech, nasceu em Hamburgo Velho em 8 de Junho de 1868.
É commerciante, havendo fundado a sua grande fabrica de calê e caramellitos em 1914.

Bertholdo Rech, filho de Jacob Schirren, nasceu em S. Sebastião do Citho a 30 de Abril de 1867.

Balduino Michels, filho de João Michels, nasceu no dia 27 de Setembro de 1870 em Nova Paloesira, município de S. Leopoldo.
Iniciou sua vida nesta villa, onde reside ha 25 annos. Por muito tempo teve uma grande fabrica de calçados, sendo hoje um dos mais afortunados capitalistas desta terra.

H. Alberto Steigleder, filho de Pedro R. Adams Senor e d. Maria Zoolbia, nasceu em "Cova Itapira" e distrito do município de S. Leopoldo, em 7 de Fevereiro de 1868, tendo passado sua infancia no município de Curitiba.

É tapachicista, tendo começado sua vida em 1887 na casa Pedro Raimundo Filho & Cia. onde trabalhou durante 14 annos, sendo estabelecido por conta propria ja ha tres annos.

Alberto Schirren, filho de Pedro R. Adams Senor e d. Maria Zoolbia, nasceu em "Cova Itapira" e distrito do município de S. Leopoldo, em 7 de Fevereiro de 1868, tendo passado sua infancia no município de Curitiba.

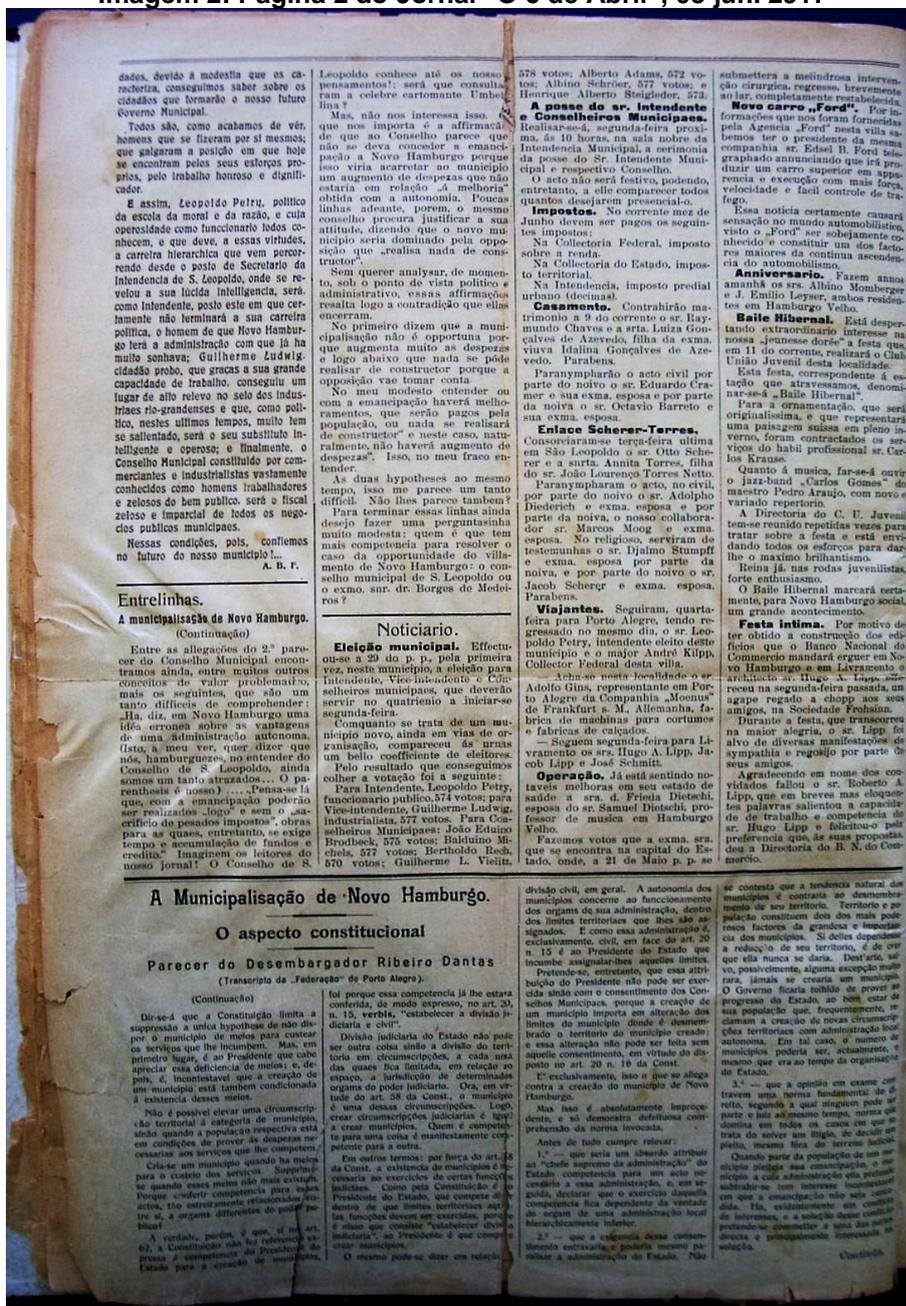
É tapachicista, tendo começado sua vida em 1887 na casa Pedro Raimundo Filho & Cia. onde trabalhou durante 14 annos, sendo estabelecido por conta propria ja ha tres annos.

Fonte: Acervo do arquivo público de Novo Hamburgo, 2014.

2) Página 2: Quatro colunas, divididas em inúmeras pequenas seções denominadas de *Assuntos Geraes* ou *Noticiário*. Elas versavam sobre o cotidiano da cidade, festas, resultados de jogos de futebol, aniversários, casamentos, encontros

em sociedades, óbitos. Uma seção, no início da página, destacava-se por não ser de cunho meramente informativo. Chamava-se *Entrelinhas* e eram textos sobre o cotidiano da cidade, seguindo quase que a forma de um editorial. Mais tarde, a seção passou a ser ocupada pelas crônicas sobre o cotidiano. Porém quando Ercílio Rosa começa a publicar pelo jornal, as crônicas passam a serem alocadas na primeira página do jornal. A página 2 apresentava os locais de sociabilidade, percebidos e reiterados, bem como os acontecimentos da vida pública do município, conforme Imagem 2.

Imagem 2: Página 2 do Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 1917



zados, devês a modestia que os cidadãos conseguiram saber sobre os negócios que formam o nosso futuro Governo Municipal.

Todos são, como acabamos de ver, homens que se fizeram por si mesmos; que galgaram a posição em que hoje se encontram pelos seus esforços próprios, pelo trabalho honroso e dignificador.

E assim, Leopoldo Petry, político da escola da moral e da razão, e cuja oporiedade como funcionário todos conhecem, e que deve, a essas virtudes, a carreira hierárquica que vem percorrendo desde o posto de Secretário da Intendência de S. Leopoldo, onde se revelou a sua lúcida inteligência, será, como Intendente, posto este em que certamente não terminará a sua carreira política, o homem de que Novo Hamburgo terá a administração com que já ha muito sonhava; Guilherme Ludwig, cidadão probo, que graças a sua grande capacidade de trabalho, conseguiu um lugar de alto relevo no seio das indústrias rio-grandenses e que, como político, nestes últimos tempos, muito tem se salientado, será o seu substituído inteligente e operoso; e finalmente, o Conselho Municipal constituído por comerciantes e industrialistas verdadeiramente conhecidos como homens trabalhadores e zelosos do bem publico, será o fiscal zeloso e imparcial de todos os negócios publicos municipais.

Nessas condições, pois, confiamos no futuro do nosso município L.

A. B. R.

Entrelinhas.
A municipalização de Novo Hamburgo.
 (Continuação)

Entre as allegações do 2.º parecer do Conselho Municipal encontramos ainda, entre muitos outros conceitos de valor problemático, mas os seguintes, que são um tanto diffíceis de comprehender: "Ha, diz, em Novo Hamburgo uma tífia errônea sobre as vantagens de uma administração autonoma. Isto, a meu ver, quer dizer que nós, hamburguezes, no entender do Conselho de S. Leopoldo, ainda somos um tanto atraídos...". "Pensa-se lá que, com a emancipação poderão ser realizados 'jogos' e ser a realização de certos impostos", obras para as quaes, entretanto, se exige tempo e acumulação de fundos e creditos". Imaginem os leitores do nosso jornal! O Conselho de S.

Leopoldo conhece até os nossos pensamentos! será que consultaram a celebre cartomante Umbelina?

Mas, não nos interessa isso. O que nos importa é a affirmacão de que ao Conselho parece que não se deva conceder a emancipação a Novo Hamburgo porque isso viria acarretar ao município um augmento do despezas que não estaria em relação á melhoria obtida com a autonomia. Poucas linhas adiante, porém, o mesmo conselheiro procura justificar a sua attitude, dizendo que o novo município seria dominado pela opposição que realisa nada de construtor".

Sem querer analisar, de momento, sob o ponto de vista politico, e administrativo, essas affirmações, resalta logo a contradicção que ellas encerram.

No primeiro dize que a municipalização não é opportuna porque augmenta muito as despezas e logo abaixo que nada se póde realizar de construtor porque a opposição vai tomar conta.

No meu modesto entender ou com a emancipação haverá melhoramentos, que serão pagos pela população, ou nada se realizará de construtor" e neste caso, naturalmente, não haverá augmento de despezas". Isso, no meu fraco entender.

As duas hypothèses ao mesmo tempo, isso não parece um tanto difficil. Não lhes parece tambem? Para terminar essas linhas ainda deojo fazer uma perguntinha muito modesta: quem é que tem mais competencia para resolver o caso da opportuniidade de villagem de Novo Hamburgo: o conselho municipal de S. Leopoldo ou o exmo. sur. dr. Borges de Medeiros?

Noticiário.
Eleição municipal. Effectuouse a 29 do p. p., pela primeira vez, neste município, a eleição para Intendente, Vice-Intendente e Conselheiros Municipaes, que deverão servir no quadriênio a iniciar-se segunda-feira proxima.

Conquanto se trata de um município novo, ainda em vias de organização, compareceut de umas um bello coefficiente de eleitores.

Pelo resultado que conseguimos colher a votação foi a seguinte:

Para Intendente, Leopoldo Petry, funcionario publico, 574 votos; para Vice-intendente, Guilherme Ludwig, industrialista, 577 votos. Para Conselheiros Municipaes: João Edmo Brodbeck, 575 votos; Baldino Michaels, 577 votos; Bertholdo Rech, 570 votos; Guilherme L. Vietta,

578 votos; Alberto Adams, 572 votos; Albino Schröer, 577 votos; e Henrique Alberto Steigleder, 573.

A posicao do sr. Intendente e Conselheiros Municipaes. Realizar-se-á, segunda-feira proxima, ás 10 horas, na sala nobre da Intendencia Municipal, a cerimonia da posse do sr. Intendente Municipal e do sr. Intendente Municipal e do sr. Intendente Municipal.

O acto não será festivo, podendo, entretanto, a elle comparecer todos quantos desejarem presenciar.

Impostos. No corrente mez de Junho devem ser pagos os seguintes impostos.

Na Collectoria Federal, imposto sobre a renda.

Na Collectoria do Estado, imposto territorial.

Na Intendencia, imposto predial urbano.

Casamento. Contrahirão matrimonio a 9 do corrente o sr. Raymundo Chaves e a srta. Leiza Gonçalves de Azevedo, filha da exma. viuvia Idalina Gonçalves de Azevedo, Parahens.

Paranympharão o acto civil por parte do noivo o sr. Eduardo Crum e sua exma. esposa e por parte da noiva o sr. Otavio Harro e sua exma. esposa.

Enlace Scherer-Torres. Celebrar-se-á segunda-feira proxima em São Leopoldo o sr. Otto Scherer e a srta. Anita Torres, filha do sr. João Lauronco Torres Netto.

Paranympharão o acto, no civil, por parte do noivo o sr. Adolpho Dietrich e exma. esposa e por parte da noiva, o nosso collaborador sr. Marcos Moog e exma. esposa. No religioso, seriram de testemunhas o sr. Djalmo Stumpf e exma. esposa por parte da noiva, e por parte do noivo o sr. Jacob Scherer e exma. esposa, Parahens.

Viajantes. Seguiram, quarta-feira para Porto Alegre, tendo regressado no mesmo dia, o sr. Leopoldo Petry, intendente eleito deste município e o major André Kilpp, Collector Federal desta villa.

Achou nesta localidade o sr. Adolfo Gins, representante em Porto Alegre da Companhia Moenau de Frankfurt s. M. Allemanha, fabrica de machinas para cortumes e fabricas de calçados.

Seguem segunda-feira para Livramento os sr. Hugo A. Lipp, Jacob Lipp e José Schmitt.

Operação. Já está sentindo notaveis melhoras em seu estado de saúde a srta. d. Frieda Dietrich, esposa do sr. Samuel Dietrich, professor de musica em Hamburgo Velho.

Fazemos votos que a exma. srta. que se encontra na capital do Estado, onde, a 21 de Maio p. p. se

A Municipalização de Novo Hamburgo.
O aspecto constitucional
Parecer do Desembargador Ribeiro Dantas
 (Transcripto da "Federação" de Porto Alegre).

(Continuação)

Diz-se que a Constituição limita a suppressão a única hypothese de não despojar o município de certos serviços que lhe incumbem. Mas, em primeiro lugar, é ao Presidente que cabe apreciar essa deficiencia de meios e de recursos, e, incostitucional que a criação de um município está tambem condicionada á existencia desses meios.

Não é possível crear uma circumscripção territorial á categoria de município, semo quando a população respectiva está em condições de pagar as despezas necessarias aos serviços que lhe competem.

Cria-se um município quando ha media para o cuido dos serviços. Supprimida a media, a existencia do município para o cuido dos serviços, e, portanto, a existencia do município, e, portanto, a existencia do município, e, portanto, a existencia do município.

A verdade, porém, é que, si não ha meios para o cuido dos serviços, a Constituição não he violada, e, portanto, a existencia do município, e, portanto, a existencia do município, e, portanto, a existencia do município.

Fonte: Acervo do arquivo publico de Novo Hamburgo, 2014.

3) Página 3: Diagramada variavelmente em três ou quatro colunas, trazia balanços comerciais, editais públicos e, às vezes, anúncios de oferta de emprego ou propaganda de serviços. Todavia, quando necessário, abordava assuntos não finalizados na página anterior. Das seções do jornal, essa era a de cunho mais oficial, devido aos balanços produtivos ou comerciais disponibilizados pela prefeitura, e os editais de cunho municipal e estadual. Conforme Imagem 3.

Imagem 3: Página 3 do Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 1917



Fonte: Acervo arquivo público de Novo Hamburgo, 2014.

4) Página 4: No fechamento das edições, "O 5 de Abril" publicava exclusivamente anúncios de emprego, propagandas de empresas e estabelecimentos

locais, bem como a oferta de cursos de música ou mesmo de alfabetização. Nessa seção apareciam, algumas vezes, propagandas de empresa em idioma germânico, porém em nenhuma outra página do jornal isso acontecia. Reitera-se que, em Novo Hamburgo, o jornal percebia a população local não como alemã, nem brasileira, mas sim como uma força motriz de trabalho hamburguense. A disposição dos anúncios pode ser vista na Imagem 4.

Imagem 4: Página 4 Jornal "O 5 de Abril", 03 jun. 1927

Fabrica de Calçados
Sul-Riograndense e Cortume Hamburguez
Pedro Adams Filho & Cia.
NOVO HAMBURGO Rio Grande do Sul

MANUFACTURA DE COUROS
Calçados, Caronas, Peneiras, Assentos de cadeiras, Chinélos, Tamancos, R-
ligos para viagem, Malas, Bâhus, Rrligos para sapateiro, etc. etc.
Importação directa de couros e de outros materiais estrangeiros
Compra-se qualquer quantidade de couros salgados e seccos

Agentes e consignatarios em Porto Alegre
ADAMS, HERRMANN & CIA.
Rua Voluntarios da Patria N. 12

O pneu de confiança
- Firestone -
Preços excepcionaes!

Representante:
Oscar Jung - Novo Hamburgo
Rua 15 de Novembro, 57 - Telephone, 95

ARMADOR

Offerece-se para todos os serviços em caso de obitos:
trata dos attestados necessarios junto ás autoridades civis e re-
ligiosas, fornece caixões, flores, corôas e enteties.

Carlos Krause - Novo Hamburgo
Rua Julio de Castilhos n. 25



PREFERIR SEMPRE
o Café marca Tucano
preparado caprichosamente por
Weber & Kieling
Novo Hamburgo

CARPINTARIA „PROGRESSO“
Breidenbach, Mosmann & Cia. - Novo Hamburgo

Grande fabrica a vapor de esquadrias e bene-
ficiamento de madeira.
Deposito de madeiras para construcções e de lei

Única fabrica premiada com o GRANDE PREMIO na Exposição Municipal
de Novo Hamburgo, 1924.

— Exportação para qualquer ponto do Estado —

J. R. Wennholz
NOVO HAMBURGO Rua Gomes Portinho, 20

ARTEFACTOS DE COURO

Especialidade: Carteiras e Bolsas p. senhoras

BAUER & Cia.
Novo Hamburgo Rua Joaquim Pedro Soares, 9-11

FABRICA DE CALÇADOS
Marca "PESCADOR"

— Fabrica-se toda especie de Calçados —
EXPORTAÇÃO PARA TODO O BRASIL

Café Hamburgo
é a marca que garante a V. S.
a continuidade de um producto puro.

DISTILLARIA KUNZ
Licôres, Cremes, Bitter, Cognac, Xaropes, Vinhos de uva e fructas
Vinagre etc.

Armações para sellins, serigotes e folles. Torrefacção de café

Kunz, Blos & Cia.
Hamburgo Velho Telephone, 59

Agencia Commercial Internacional
M. J. de Alencastro

Eqd. telegr.: - Alencastro - Caixa do Correo, 316 - Teleph. aut., 4943
Rua Voluntarios da Patria, 40 G (sobrado) - Porto Alegre

Encarrega-se do embarque de mercadorias, procedentes do Exterior
Rio de Janeiro, Santos, São Paulo e de qualquer outra Praça, destina-
das a firmas do interior do Estado e vice-versa. Intermediario para
fretes e venda de passagens de 1a. e 2a. classe nos modernos vapores
de Hamburgo-São Paulo. Informaçoes sobre fretes e passagens para New-
York, proximas salidas tonelagem disponível e todos os demais assump-
tos referentes á navegacão nacional e estrangeira. Encarregado de
reservar e comprar passagens de 1a. e 2a. classe nos vapores do Lloyd
Brazilero e da "Navegacão Costeira", para os passageiros residentes
no interior do Estado, prestando todas as informaçoes, por carta e te-
legramas, sobre as formalidades a preencher. Incumbe-se de tomar
cambios sobre as praças do exterior as melhores taxas bancarias. Ex-
peditor, commissario, representaçoes e interprete commercial. Registro
de contractos, districtos, firmas, livros e marcas. Traduçoes officinaes
de contractos, manifestos, telegrammas correspondencia, facturas con-
sulares e quaisquer outros documentos escriptos em allemão, inglez,
francez e hespanhol.

Os Carros e Caminhões

Ford

são os mais economicos e duraveis. Pos-
suem o novo Vaporizador que reduz ex-
traordinariamente o consumo de gazolina:
14 15 kilometros por litro de gazolina!



Todos os modelos de carros são pintados
com "PYROXILIN" em cores attraentes.

Caminhões com carrosserias á escolha
dos pretendentes, de fabricaçao Ford

Visitem a
Agencia
Lincoln - Ford - Packard
Altimont - Cadillac - Tractors

Irmãos Hennemann & Cia.
NOVO HAMBURGO

Fonte: Acervo arquivo público de Novo Hamburgo, 2014.

Sinteticamente, o jornal "O 5 de Abril" publicou o que era relevante para afirmação de uma identidade própria da cidade de Novo Hamburgo, durante o período

de criação do município e das primeiras etapas de crescimento urbano, ao longo de 35 anos. Nesse sentido, analisa-se crônicas publicadas, nesse veículo, na década de 1940, as quais resumem o cotidiano local, através das representações e traduções de uma das possíveis realidades do mundo.

O jornal é importante, pois é nele que as crônicas estão inseridas. Conforme Antonio Candido (1992), a crônica não tem intuito de ser duradoura, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo é fugaz, acaba tão depressa quanto se inicia. Nessa inconstância está seu trunfo, ela captura um determinado imaginário representado em sua brevidade e imortalizado pela impressão da palavra.

“O 5 de Abril” era o principal veículo informativo impresso em Novo Hamburgo¹⁹. Contudo, analisa-se, no presente trabalho, exclusivamente as 100 primeiras crônicas escritas e publicadas por Ercílio Rosa, no período de 1945 a 1949. Bem como a importância da crônica, enquanto fonte de pesquisa e detentora de elementos do imaginário local.

2.3 CRÔNICA, A PORTADORA DO PRESENTE

Ercílio Rosa publicou 453 crônicas e 220 notas críticas entre 1945 e 1962²⁰, sobretudo no jornal “O 5 de Abril”. Selecionou-se para análise as 100 primeiras crônicas, veiculadas no período entre 1945 e 1949 publicadas pelo “O 5 de Abril”. O recorte temporal de cinco anos, se justifica por um aumento demográfico em Novo Hamburgo, equiparável aos vinte anos anteriores. A situação está, de certa forma, ligada a políticas econômicas e novos cenários industriais, decorridos do pós Segunda Guerra, visto que o município, desde sua fundação, manifestou-se nos aspectos modernos da industrialização e do trabalho.

Os elementos acima citados, bem como outros inerentes ao cotidiano e à formação de identidades locais, podem ser encontrados na crônica a partir de sua

¹⁹ Havia outros jornais circulando na cidade, como o caso do Gazeta de Novo Hamburgo, onde Ercílio Rosa também publicava algumas crônicas e outras pequenas notas críticas do cotidiano urbano ao longo das décadas de 1940 e 1950. Em 1962 surge o Jornal NH, ele vai dominar a cidade e a região tornando-se a principal mídia impressa local, Ercílio também publicou nele, no primeiro ano do NH, outro fato é que algumas das crônicas foram republicadas pelo NH.

²⁰ Toda a produção publicada de Ercílio Rosa nos jornais de Novo Hamburgo, esta compilada em um livro organizado pelo Dr Jeferson Selbach, publicado em 2009 sob o título de “Cumplicidade e traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa”. Contudo nesta obra Selbach não analisa a produção de Ercílio, apenas a contextualiza brevemente e as trás de forma integral.

propriedade de fonte histórica. Mas o que vem a ser a crônica e qual seu papel na representação de um determinado imaginário urbano?

A crônica, conforme Candido (1992), é considerada um gênero literário “menor”, pois configura-se em um texto de porte pequeno, que aborda assuntos comumente vistos como simples passagens do cotidiano. Tais passagens são percebidas como cenas desnecessárias para literaturas e escritores “maiores”, como os romancistas.

O gênero “menor” se ajusta à normalidade do cotidiano, por isso elabora uma linguagem que representa o modo de ser mais natural de determinado contexto, ela não cria tramas intrincadas, apenas demonstra cenas triviais, que permeiam o comportamento ou o sentimento de alguém na cidade.

Maroneze (2007) postula que a crônica é uma das formas mais adequadas para dar informações sobre o discurso social contemporâneo. De acordo com ele, esse formato de narrativa encontra-se nos ambientes comuns da cidade, na praça, nos bares e, principalmente, nas ruas.

O cronista é, portanto, o narrador do urbano: fatos, lendas e tradições são reproduzidas e reatualizadas a partir do contato com os personagens das ruas. Por um lado, ele enfatiza a cotidianidade, que é a dimensão primeira do indivíduo na cidade e da qual ninguém consegue desligar-se; por outro registra e reflete idéias perenes imprescindíveis na organização do presente (MARONEZE, 2007, p. 50-51).

A crônica se aproxima da tradição oral, do fortuito, da conversa despreocupada, ela fala sobre o cotidiano e sobre a experiência urbana. Nela expõe-se uma percepção da realidade que é passageira, mas que é imortalizada pelo olhar e pelas palavras do cronista.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (BENJAMIN, 1993, p. 198).

Nessa lógica, Candido (1992) infere que a crônica proporciona uma quebra na perspectiva do leitor, no que diz respeito à possibilidade de ele ver tudo dentro de apenas um contexto, pois o cronista traz sua consciência da realidade a partir de momentos fugazes do cotidiano. Os textos estão sempre a estabelecer ou reestabelecer novas dimensões das pessoas e das relações que a cercam, a crônica consegue perpetuar uma realidade que pode ser reafirmada ou negada por aqueles indivíduos que se percebem nela.

A crônica torna-se fonte histórica, conforme Luiz Maroneze, Cristina Silva e Cleber Prodanov (2017), pois aborda as situações em micro escala, que estão dentro de macros discursos e contextos, pertencentes a determinados tempo e espaço, inerentes à análise e construções históricas, sobretudo do gênero da “Nova História”²¹, que considera as crônicas como fontes essenciais ao entendimento de um cotidiano urbano.

De acordo com Peter Burke (2014), fontes são entendidas como todos os vestígios humanos que podem ser utilizados pelo historiador ao interpretar o passado, mas que, também, possam permitir cruzamentos entre contextos históricos amplos e a interpretação de estruturas e seus processos sociais. Nesse sentido a análise de crônicas auxilia na compreensão de macro estruturas discursivas sendo vividas no micro cotidiano urbano, pois elas traduzem “a sensibilidade de uma época” (PESAVENTO, 1997, p. 36). Daí surge um questionamento: Ela, sendo um texto pequeno, que suporte utiliza para se destacar como detentor de vestígios históricos?

Para Candido (1992), a crônica desenvolveu-se, sobretudo no Brasil, dentro do jornal, que se compra hoje e se descarta amanhã. Por estarem nessa fugacidade informativa, os cronistas não estão preocupados em perdurar nas memórias ou nas percepções como os romancistas. Exatamente por isso transformam seus escritos literários em elementos íntimos da vida dos indivíduos percebidos²².

Quando a crônica é transposta do jornal para um livro, ela assume durabilidade não condizente com sua proposta inicial, por portar, conforme Sandra Pesavento (1997), um sistema de ideias de toda uma comunidade, fazendo transparecer os elementos do imaginário social que uma coletividade é portadora.

A crônica não nasce com o jornal, ela apenas desenvolve-se com ele. Segundo Candido (1992), o gênero, estabeleceu-se muito bem aclimatado na imprensa brasileira, a partir do século XIX. Pesavento (1997) complementa que a crônica é filha

²¹ Nova História é um campo historiográfico que tem seu início com a *école des annales* na França a partir do fim da década de 1920. Esse campo passa a entender que a História não era apenas os grandes fatos ou a busca pela verdade pura e indubitável, mas sim um conjunto de processos que ia além das fontes oficiais. Com isso jornais e outros materiais advindos de manifestações culturais passam a ter valor para a análise e composição de perspectivas históricas.

²² Os romances são importantes fontes históricas como as crônicas, porém para Candido (1992) eles tratam de situações e processos sociais e/ou históricos que tem o intuito de se perpetuarem na memória e nas percepções dos leitores, algo que a crônica não tem por interesse básico. Todavia não julga-se a importância de um ou outro suporte literário, mas sim percebe-se a crônica, presente no jornal, como a fonte a ser estudada neste trabalho no intuito de identificar como Novo Hamburgo foi percebida por Ercílio Rosa entre os anos de 1945 e 1949.

da modernidade e de seus processos de fluxo de informações, onde, apesar de uma promessa de futuro, o seu tempo é o agora.

No processo de mudanças históricas e tecnológicas da passagem do século XIX para o XX, a crônica e os jornais também se modificaram. Candido (1992) conjectura que, inicialmente, a crônica tinha o intuito de informar, demonstrando cenas do cotidiano. Contudo, a partir de jornalistas e escritores como João do Rio, Machado de Assis, Olavo Bilac, Mario de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, o gênero passou a ter uma linguagem mais leve e despojada.

O gênero, crônica, percorreu um caminho de afastamento da lógica informativa, para adentrar em uma esfera que unia crítica e argumento, temperadas com humor e poesia. Ela relatava de uma forma diferente do jornal os assuntos cotidianos, demonstrando um raio-x do que os discursos e imaginários exibiam como o cerne da identidade social local. Como qualquer outro gênero literário, há a questão de estilo do autor, porquanto nas crônicas de Ercílio, o humor não está tão presente; seus textos são mais diretos, abarcando percepções de mundo, sobretudo da cidade e, dificilmente, falam sobre um personagem específico, ou seja, ele escreve sobre a generalidade da urbe e de um tipo ideal de cidadão, que é o hamburguense, denotando que em sua visão a cidade era o principal personagem do cotidiano.

Ercílio Rosa produziu mais de 350 crônicas para o jornal “O 5 de Abril” durante 15 anos, e outros tantos trabalhos para impressos de menor longevidade, como o Gazeta de Novo Hamburgo. As crônicas e comentários publicados durante sua carreira foram compiladas em um livro, intitulado “Cumplicidade e Traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa”, organizado por Jeferson Selbach, publicado em 2009²³.

O material compilado no livro não foi analisado teoricamente, apenas transcrito. Apesar de Selbach pesquisar alguns processos históricos da cidade em sua dissertação de mestrado. O material ainda apresenta inúmeros aspectos a serem trabalhados, como a identificação de qual Novo Hamburgo Ercílio traduz e quais aspectos do imaginário local são representados no ciclo que a cidade se encontra.

²³ O livro encontra-se disponível em pdf com a referência. SELBACH, Jeferson F. **Cumplicidade e traição**: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa. São Luiz: EDUFMA, 2009. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fm000010.pdf>>. Acess em: 05 jan. 2018.

Nessa lógica, Ercílio representou o cotidiano dos anos 40 e 50, através de seus escritos, transformando-se no principal cronista da cidade. Conforme Maroneze, Silva e Prodanov (2017), Ercílio pode ser incorporado à tradição brasileira de cronistas como Achylles Porto Alegre, Theodomiro Tostes e Rubem Braga, que capturaram o *ethos* da cidade em momentos históricos de mudança. Dentro dessa conjectura,

O trabalho de mais de três centenas de crônicas publicadas no jornal 'O 5 de Abril' é um rico manancial de informações sobre diversos aspectos da vida social daquela cidade que vivia em franco processo de expansão industrial. Seu olhar, como o de todo bom cronista, filtrou, traduziu e reelaborou a vida da cidade na literatura de jornal. São textos que apresentam uma tradução pessoal das opiniões do meio, leituras pontilhadas de ideias filosóficas que recriam imagens a partir do estranhamento vivido nas ruas. Como típico observador de um cenário imbricado às ideias modernas, vive a ambiguidade das mudanças entre o aplauso e a crítica (MARONEZE; SILVA; PRODANOV, 2017, p. 84).

Ercílio Rosa foi considerado, por Selbach (2006), como um *Flaneur*, ou seja, um observador das ruas e da cidade, um sujeito que analisa e traduz os processos diários da cidade e do cidadão. Isso cria uma narrativa, que conforme Pesavento (1997), representa argumentos identitários, não um relato puro e simples da vida, pois, mesmo a crônica sendo um registro descompromissado do cotidiano, é, antes de mais nada, portadora de sentidos e discursos de poder.

Para Maroneze, Silva e Prodanov (2017), em suas crônicas, Ercílio produz uma outra Novo Hamburgo, através de suas impressões. Ele demonstra uma cidade imaginária, calcada nas representações coletivas e na sua análise particular dos fatos cotidianos, criando um material passível de análise para a compreensão do cotidiano da cidade. Ercílio "dá a ler assim, nas entrelinhas de um texto rápido, um tanto da essência cultural do lugar do qual e para o qual escreve, normalmente acessando e alimentando imaginários" (MARONEZE; SILVA; PRODANOV, 2017, p. 85).

A crônica traz o desenho de certos tipos humanos, ela captura e representa o cotidiano urbano, cria categorias e identidades que relatam o cidadão e a cidade imaginária de determinado período histórico. Candido (1992) argumenta que, pelo fato de a crônica ter uma linguagem leve, acessível e descompromissada, ela, talvez, comunique mais do comportamento humano e das suas concepções identitárias do que um estudo intencional sobre a concepção do indivíduo no cotidiano presente.

Os elementos representados pelas crônicas trazem um tensionamento entre os âmbitos macro e micro, eles apresentam as traduções próprias da localidade, para eventos acontecidos, em um plano mais abrangente, na questão dos elementos modernos, em nível global.

Os assuntos e a forma com que o cronista relata suas percepções realizam, conforme Pesavento (1997), uma operação de transição, onde a ampla tessitura social se manifesta no pequeno acontecimento literário. Isso transforma a crônica em um elo de comunicação entre a literatura e a história. Além de que a crônica é representação da vida,

E como tal, recriação da realidade; porque é discurso sobre um real acontecido; porque reinscreve um tempo passado, próximo ou distante no tempo do leitor, criando uma temporalidade possível pelo imaginário, a crônica é ficção que se faz história e faz a história comparecer como ficção (PESAVENTO, 1997, p. 36).

A ligação entre história e literatura dá-se, mormente, pela representação do mundo, a partir de imaginários e identidades sociais. Apenas mencionar determinado discurso não o incorpora a significados da realidade representada. Logo, o jornal como veículo, e a crônica como representante do imaginário, precisam publicar e argumentar sobre elementos pertinentes ao cotidiano da cidade, para que haja saída nas edições e perdure a importância dos meios de comunicação. A realidade representada não pode ser inventada, precisa partir de elementos perceptíveis e comuns à sociedade em questão, para que haja consumo das informações, mesmo que elas estejam permeadas por escolhas e discursos idealizados.

As crônicas de Ercílio Rosa apresentam a cidade e o cidadão, a partir de um imaginário em conjunto com suas representações do real percebido e do cotidiano vivido. Este elo é o que vai apresentar os elementos sobre o pensamento individual do cronista e o desejo coletivo da sociedade, do que era, foi ou deveria ser a cidade. Todavia, para analisar as percepções das palavras sobre a cidade, precisa-se conhecer e compreender determinados elementos do homem que via o cotidiano e o imortalizava em palavras.

3 UM HOMEM NA MULTIDÃO: OLHARES DE ERCÍLIO ROSA

Quem é o homem que sustenta a pena na mão, quem é o personagem que descobre as ruas, descortina as esquinas e expõem as percepções da paisagem de Novo Hamburgo?

Essas são questões que ao serem encaminhadas e pesquisadas, expõem o panorama daquele que foi um dos principais tradutores dos processos históricos presente no núcleo urbano de Novo Hamburgo nas décadas de 1940 e 1950. Ercílio Rosa foi considerado um *flaneur* por Selbach (2006), ou seja, um andarilho das cidades, um tradutor do espírito humano urbano, mas que ao dar voz a seus pensamentos foi, como Edgar Allan Poe (1999) escreveu sobre o observador da cidade, alguém que analisa as ruas e seus indivíduos dando voz àqueles que não se deixavam ler. Charles Baudelaire (2001) explora Poe e seu conto “O homem na multidão” para expor que o sujeito observador da cidade pode revelar o cotidiano invisível, pois,

Revela alguns traços notáveis, e basta apenas segui-los para encontrar instâncias sociais tão poderosas, tão ocultas, que poderiam ser incluídas entre as únicas capazes de exercer, por meios vários, uma influência tão profunda quanto sutil sobre a criação artística (BAUDELAIRE, 2001, p. 119).

Aqui vale ressaltar que o *flaneur* é mais do que apenas um homem na multidão urbana, de acordo com Walter Benjamin (1994), ele é alguém capaz de olhar, apreender e representar o panorama urbano, Ercílio faz isso através de suas crônicas. Porém Poe (1999) em seu conto consegue exemplificar o prazer em olhar para fora de si e o desejo de perceber e apreender aquelas muitas informações que desfilam fugazmente entre o olhar e o esquecimento. Além de que muitas das características descritas podem ser percebidas na forma de Ercílio vivenciar sua realidade ou narrar a Novo Hamburgo industrial, algo que ficará claro nos capítulos derivados à análise das crônicas²⁴.

O simples respirar era-me um prazer, e eu derivava inclusive inegável bem-estar de muitas das mais legítimas fontes de aflição. Sentia um calmo mas

²⁴ O conto de Edgar Allan Poe foi escrito em 1840, retratando uma Londres, que de acordo com Maria Stella Bresciani (2008) era na época a cidade mais populosa do mundo, com aproximadamente quase um milhão de habitantes. A lógica urbana estava em franca alteração perante os antigos modelos de cidade, seja nas estruturas, seja nas relações sociais ou nas perspectivas de trabalho. Já Ercílio retrata uma Novo Hamburgo na década de 1940, uma cidade de 20 mil habitantes com vocação industrial e em rápido crescimento demográfico. São contextos ao mesmo tempo diferentes e complementares, pois pertencem ao processo de análise e compreensão de etapas do período moderno, que de acordo com Ezra Park (1979), tem a cidade como centro do processo histórico. Por esse motivo é que se baseia a perspectiva do homem na multidão em Londres com o cronista das ruas em Novo Hamburgo.

inquisitivo interesse por tudo. Com um charuto entre os lábios e um jornal ao colo, divertira-me durante a maior parte da tarde, ora espiando os anúncios, ora observando a promíscua companhia reunida no salão, ora espreitando a rua através das vidraças esfumadas.

Essa era uma das artérias principais da cidade e regurgitara de gente durante o dia todo. Mas, ao aproximar-se o anoitecer, a multidão engrossou, e, quando as lâmpadas se acenderam, duas densas contínuas ondas de passantes desfilavam pela porta. Naquele momento particular do entardecer eu nunca me encontrara em situação similar, e, por isso, o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma emoção deliciosamente inédita. Desisti finalmente de prestar atenção ao que se passava dentro do hotel e absorvi-me na contemplação da cena exterior.

De início, minha observação assumiu um aspecto abstrato e generalizante. Olhava os transeuntes em massa e os encarava sob aspecto de suas relações gregárias. Logo, no entanto desci aos pormenores e comecei a observar, com minucioso interesse, as inúmeras variedades de figura, traje, ar, porte, semblante e expressão fisionômica (POE, 1999, p. 8).

Baudelaire (2001) complementa essa percepção do olhar, ao expor que há uma beleza inerente à cidade no período da modernidade, à beleza do momento, do instantâneo, onde as traduções da fugacidade diária devem ser extraídas com todo o mistério “que a vida humana coloca nela involuntariamente” (BAUDELAIRE, 2001, p. 110).

Nessa concepção Ercílio, enquanto cronista, traduziu os processos e manifestações culturais na cidade de Novo Hamburgo, entre os anos de 1945 a 1962. Tal período é considerado por pesquisadores como Schemes (2006), Rodrigo Martins (2011), Rene Gertz (2002), Selbach (2006), como o momento de consolidação do discurso de formação da urbe, bem como do início de um novo ciclo produtivo e de crescimento da cidade, tanto em densidade populacional quanto de produção industrial, que viriam a consolidar o município como o maior produtor de calçados mundial entre os anos 1970-1980.

No início do que se identificou aqui como o “segundo momento de estabelecimento de Novo Hamburgo”, enquanto cidade embasada em ideais da modernidade, voltado para o trabalho e o progresso, o principal jornal local – “O 5 de Abril” –, começa a publicar crônicas sobre o cotidiano da cidade. Todavia, escritas por Ercílio Rosa, passam a presentificar historicamente nuances do imaginário local, que em outros suportes ou fontes, dificilmente seriam levadas em conta. Por esse motivo, entender quem era o cronista e dar voz a esse personagem histórico, ajuda a esclarecer certos posicionamentos ou seleções de fatos da própria narrativa.

Organiza-se uma nova narrativa a partir de outra, algo que segundo Jenkins (2009), é o dever do historiador, pois ele acessamos narrativas de um passado, trazendo perspectivas de um “real” acontecido para nosso próprio presente. O sentido

da história sempre será o aqui e agora, pois é de onde parte a luz que dá foco às falas de um antigo personagem. Toda noção do passado se dá a partir das concepções do leitor. Com isso, apresentam-se os vestígios de Ercílio Rosa para que, então, se possa compreender como projeto moderno foi traduzido e aplicado na cidade de Novo Hamburgo entre 1945 e 1949, através das suas 100 primeiras crônicas publicadas no jornal “O 5 de Abril”.

Buscou-se levantar dados e ações que pudessem compor uma percepção sobre o cronista, para entender de onde ele falava, quais caminhos o levaram a escrever, quem ele representava ser em seu cotidiano, até mesmo seu peso histórico. Foi uma pesquisa exaustiva e dura, onde os fatos e as narrativas foram perdidas ao longo da trajetória da própria cidade.

Há um pesquisador que analisou a cidade de Novo Hamburgo, levando em conta aspectos das percepções de Ercílio Rosa, porém sem focar na constituição do próprio indivíduo, refere-se a Selbach, que levantou dados referentes aos primeiros 70 anos do município, tendo como fontes os jornais “O 5 de Abril” e NH, além das crônicas de Ercílio, tanto em sua dissertação de mestrado, como em dois livros²⁵. Selbach compilou em uma de suas obras²⁶ todas as contribuições escritas em jornais do cronista, sejam comentários ou crônicas. Mas devido ao desconhecimento de familiares e mesmo a falta de registros oficiais, tanto Selbach quanto eu, não encontramos grandes pistas sobre a vida do cronista em questão, seja como trajetória ou formação.

Nesse contexto, a partir de escritos dos meios em que Ercílio publicava e algumas referências a si próprio em seus textos, identificou-se um perfil básico deste indivíduo, para demarcar pontos comuns de tensionamento e seleção de cenas a serem relatadas sob seus dedos. Isso é relevante ao desenvolvimento do trabalho,

²⁵ Dissertação: SELBACH, Jeferson Francisco. **Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade.** [Dissertação] Porto Alegre: UFRGS, 1999. 370 p.
Livro 1: SELBACH, Jeferson Francisco. **Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur.** Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2006.
Livro 2: SELBACH, Jeferson Francisco. **Cumplicidade e traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa.** São Luiz: EDUFMA, 2009.

²⁶ Na presente dissertação optou-se por utilizar a compilação das crônicas de Ercílio Rosa presentes no livro “Cumplicidade e traição” organizado por Jeferson Selbach em 2009. Também pesquisou-se o jornal e as crônicas no acervo público de Novo Hamburgo e no acervo da Biblioteca da Universidade Feevale, porém as referências sobre as crônicas foram extraídas do livro, por uma escolha de praticidade e legibilidade de algumas das informações. Outro detalhe importante é que tanto os trechos extraídos do jornal quanto do livro seguem à risca a escrita publicada, não aplica-se as regras atuais da língua portuguesa nas citações diretamente extraídas das fontes.

pois a posição de gênero e enquadramento social do narrador primário, nos leva a identificar o âmbito que ocupava culturalmente, pois historicamente no período representado havia forte distinção nas estratificações sociais, por classe, cor ou gênero.

Abordar-se-á, através dos próprios textos do cronista sua identidade discursiva, que auxiliará na compreensão desse sujeito, já que não há registros oficiais sobre ele, não há ruas com seu nome, bustos em praças, algo comum para cidades do porte de Novo Hamburgo, que costumam homenagear vários personagens de destaque. Estranha-se que um sujeito que viveu a cidade e a publicou em textos durante quase 20 anos, em vários jornais, não tenha sido homenageado de nenhuma forma nesse município. Com isso tratar a contribuição histórica e a percepção da cidade desse personagem, é trazer novas narrativas e processos históricos que estavam delegados ao esquecimento. É dar voz a alguém que foi deixado a margem pelo poder local, é acessar percepções de uma realidade que não foram analisadas, isso é algo essencial a compreensão dos processos e manifestações culturais da cidade de Novo Hamburgo, proporcionado pelo aporte teórico das perspectivas historiográficas da “Nova História”.

Outro detalhe importante é que as crônicas de Ercílio Rosa eram publicadas em local de destaque no “O 5 de Abril”, pois elas estavam localizadas na primeira coluna da primeira página do jornal (Imagens 5, 6 e 7).

Imagem 5: Primeira página do Jornal "O 5 de Abril", 21 fev. 1947



O 5 de Abril
 SEMANARIO DE INTERESSES GERAIS - PUBLICA-SE AS SEXTAS-FEIRAS
 Director-Proprietario: **Werner A. Behrend** Colaboradores: **DIVERSOS**
 Ano XX Novo Hamburgo, 21 de fevereiro de 1947 N. 47

Novo Hamburgo em retalhos...

Dividindo Novo Hamburgo em fragmentos, observaremos em cada canto algo de interessante e pitoresco para nossos olhos, nossa alma e nossos desejos.

E nos pequenos detalhes que, às vezes, estão expostos as mais doces maravilhas.

Detalhe precioso na paisagem local é o rio-chão e quieto rio de Hamburgo Velho, com suas reminiscências com seu prestígio como estação de repouso, e com suas igrejas de doutrinas diferentes apontando para o mesmo céu...

Sendo Hamburgo Velho um fragmento é, na verdade, o ancestral de Novo Hamburgo: foi ali, naquele "Morro das Hamburguenses" que nasceu a gloriosa tradição desta cidade trabalhadora que hoje é um marco indelével no progresso do país. É um pedaço de terra onde o povo realmente compreende a necessidade de um caminho claro e arrojado para os seus destinos.

O aspecto tradicional do nosso município espalha-se nas encostas ondulantes da paisagem pacífica, daquele rio, onde os habitantes são quase sempre, os mesmos, discutindo os mesmos problemas, respirando o mesmo ar impregnado de iniciativas brotadas da força evolutiva dos criadores das funções progressistas que renova a satisfação de viver.

Hamburgo Velho é silencioso. A quietude vive perdida nas ruas. Pedacos de conversas restos de frases, pululam pelo ar, enquanto um perfume estranho envolve as cousas...

Aquelas colinas de paisagens bucólicas refrescam as idéias da gente, e o vento sopra de um modo diferente acariciando as árvores que balançam graciosamente como uma lembrança épica no coração de um sonhador...

Ruas de lazeiras pitorescas bordejadas de casas luxuosas, que parecem pedacinhos de vida onde o destino depositou um reflexo do céu, um local de luz ou uma ilusão de sonhos...

Ali as emoções passam como se fossem aragões, e a gente sente as pequeninas cousas que flutuam na vida desse bairro elegante.

Em Hamburgo Velho destaca-se a policultura de seus jardins parietares. Não há residência, luxuosa ou simples, que não exponha aos nossos olhos maravilhosos, um belo jardim cheirando à poesia.

Há, porém, uma excepção, um contraste flagrante que perturba a harmonia daquele conjunto: o aspecto daquela avenida que conduz ao comitêrio que, esburacada, enrugada e coberta de heras parece uma Parca desafiando vidas. Também, no limiar do outro mundo...

Mesmo assim, em Hamburgo Velho há poesia até na aragem que passa...

Ecilio Rosa

O movimento da cidade

Com o próximo reinício, por conclusão de férias, das aulas, grande número de progenitores têm vindo, nos últimos dias, a Novo Hamburgo, a fim de matricular os seus filhos nos nossos internatos.

Como se sabe, a nossa cidade, além de ser conhecida como importante centro industrial, principalmente de cursos e seus artefactos, goza, ainda, de excelente fama, como possuidora de ótimos estabelecimentos de ensino.

Nestes figuram, em primeiro plano, os internatos: Fundação Evangélica — ginásio e escola de economia doméstica; não, além de ficarem preparadas para a matrícula nos cursos superiores, muitas senhorinhas fazem-se perfeitas donas de casa.

Ginásio São Jacó — curso ginásial, comercial e elementar; no mesmo têm sido preparados numerosos alunos, os quais agora vão bacharéis em direito, doutores de medicina e engenheiros, exercendo as suas profissões por todos os quadrantes do Estado e fora dele, sendo grandes reclamistas do referido ginásio e, finalmente, Colégio Santa Catarina — curso ginásial normal, para formação de professores e escola elementar; está com sucursal de fronteira e escola elementar; igualmente, um estabelecimento de grande rancho em todo o Estado, tendo sido formadas muitas turmas de professoras de ensino primário, todas, ou quase todas, contribuindo para a conclusão do analfabetismo em nossa Pátria.

Dispõe, ainda, a nossa cidade e município, do SENAI — Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial — onde os filhos dos operários estão adquirindo as bases fundamentais de suas futuras profissões; Escola Agro-Vocacional, não há muito instalada, mas que está prestando grandes benefícios à juventude desamparada; quatro Grupos Escolares, sendo dois urbanos e outros tantos suburbanos e, ainda, numerosas escolas estaduais e municipais, de ensino elementar.

Aragem do solo controlada pelo radio Fundado o Aéro-Clube de Novo Hamburgo



Este pequeno tractor controlado pelo radio foi recentemente experimentado com inteiro êxito numa fazenda da Inglaterra... O tractor pode abrir perfetos sulcos no solo e fazer toda espécie de voltas, por meio de controle à distancia. Um só operador, sentado no interior de uma cabine para ficar ao abrigo do sol ou da chuva, pode controlar dez tratores de uma só vez, colocados um atrás do outro.

Quando é instalado em caráter definitivo o seu aéro-club, Novo Hamburgo vê jubilo, presenciar-se mais uma de suas mais sensíveis iniciativas. Assim pode ser considerada a falta, até agora verificada, de uma entidade aviatória nossa cidade, entre cuja população madra o entusiasmo pela maravilhosa invenção de Santos Dumont.

Dominada por esse entusiasmo, numerosos filhos de Novo Hamburgo uniram-se entre os que se têm dedicado ao manejo da quinta arma, bebendo ensinamentos nas corporações militares, nas escolas de aviação civil, outras. É grande o número de novos hamburguenses reservistas da aviação, com serviços prestados às diversas bases aéreas existentes no país. Não é inferior o número de pilotos já-éts brevetados pelos aéro-clubes de municípios vizinhos, tais como Curitiba, S. Leopoldo, etc.

Especialmente o aéro-club de S. Leopoldo, já pela fraternidade reinante entre hamburguenses e leopoldenses, já pela próxima distancia em que se encontra desse município — junto a divisa — reúnem, entre seus associados, quase a totalidade dos que, em Novo Hamburgo, se empolgam pela aviação.

Se tecnicamente Novo Hamburgo possui elementos capazes e bastantes para traçar diretrizes e administrar, acórdadamente, um aéro-club, economicamente dispõe de inextinguíveis recursos, do vez que entre os mais dedicados ao esporte das asas, figuram abastados capitalistas, etc.

Valiosos tem sido a colaboração de Novo Hamburgo em todas as campanhas encetadas no Estado, em pró da aviação. Eficiente tem sido a cooperação de Novo Hamburgo ao aéro-club do município vizinho e amigo, S. Leopoldo, em cujo cadastro social figuram várias dezenas de novohamburgueses que não só ligaram seu nome àquela entidade aviatória como acoiaram, mas também, e mais eloquentemente, com a doação de um dos aviões que enriquecem a sua frota aérea.

Como se vê, apenas uma coisa faltava a Novo Hamburgo para criar o seu aéro-club: iniciativa.

Esta vem de surgir, agora, de um grupo de entusiastas da aeroplano, e cuja frente se encontram os sr. Pedro Adams, Emilio Hugo Lipp, dr. Bayard de Toledo Mércio, juiz de direito, dr. Magalhães Calvet, médico-chefe do Posto de Higiene e tantos outros que seria longo enumerar.

Encontrando integral apoio por parte de seus concidadãos, à sua louvável iniciativa, os componentes desse grupo realizaram, quinta feira última, numa das dependências da Sociedade Ginástica, uma sessão com o intuito de, na presença de, aproximadamente, mil centenas de pessoas, dentre as quais destacavam-se os vultos mais expostos de todas as classes locais.

Essa sessão, que foi presidida pelo sr. Oscar Jung, teve por principal objetivo a fundação e instalação do Aéro-Clube de Novo Hamburgo.

Esse objeto foi explanado aos presentes, em brilhantes palavras, pelo dr. Bayard de Toledo Mércio, que teve sua eloquente oração vivamente aplaudida.

A seguir, foi aclamada a primeira diretoria da nova entidade aviatória, que ficou assim constituída:

Presidentes de honra: Euclides Fernandes Costa, prefeito municipal, Oscar F. Adams, Guilherme Ludwig, Adolfo Jaeger, Ivo Heck, Walburg Scheffel e Luiz B. Doar.

Presidente: Pedro Adams; vice-presidente, Egon Scheffel; 1.º secretário, Emilio Hugo Lipp F.; 2.º secretário, Ary Brenner; 1.º tesoureiro, Hilmo Spartz; 2.º tesoureiro, Yedo Becker.

Então, assim, dá-se quinta feira última, fundado o Aéro-Clube de Novo Hamburgo, estando sua diretoria em franca atividade no sentido de conseguir o terreno para a construção do hangar.

Segundo estamos informados, o campo do Aéro-Clube de Novo Hamburgo, localizar-se-á no lugar denominado Rondonia, já havendo, para esse fim, a diante das negociações.

SERVIÇOS MUNICIPAIS

Após uma luta ínsana com falta de braços para a execução de varios trabalhos externos, a Prefeitura Municipal vem conseguindo organizar algumas turmas de trabalhadores para os serviços de limpeza de ruas, reparos de estradas, etc.

Desenvolvendo intensa atividade, o sub-prefeito do 2.º distrito, sr. Waldemar Engel, sob cuja orientação trabalham as referidas turmas, está procedendo uma série de melhoramentos em varias zonas da cidade, encontrando-se em franca atividade, também, arrojado diversos pontilhões, que foram conduzidos pelas fortes correntes formadas nos pequenos córregos e passos existentes em vários bairros.

Tanto as ruas assim prejudicadas como os pontilhões arrojados estão recebendo os reparos de que carecem.

O sr. Waldemar Engel, atuando com dinamismo à frente destes trabalhos, espera apresentar, dentro de poucos dias, completamente limpas todas as ruas da cidade, bem como reparados todos os locais onde, presentemente, o trânsito é feito com dificuldade.

NOTICIARIO

Farmacia aberta
 Domingo próximo estará aberta, durante todo o dia, a Farmacia Campani, situada à Avenida Pedro Adams, filho, dentro do Cinema Guarani.

Plantão medico
 Depois de amanhã domingo estarão de plantão os drs. W. Metzler e Nanto Pires.

Cap. Alberto Lisboa
 Tendo obtido reforma do serviço ativo do Exército, o sr. capitão Alberto das Santos Lisboa, que, ultimamente, exercia o sub-comando do 3.º Batalhão de Carros de Combate Leves anexado ao 8.º Div. de Armas.

O capitão Alberto das Santos Lisboa, que é casado com a ex-ma. sr. d. Diadema Diniero Lisboa, scribita do sr. Afonso Diniero, que aqui, há varios anos, estabeleceu com o Hotel Familiar, local residência em Hamburgo Velho.

Vítima de um acidente a sra. Lucia Mosmann

Segunda feira, à noite foi vítima de um acidente no chafiz de sua propriedade em Rondonia, onde se encontrava veraneando, a ex-ma. sra. Lucia Mosmann, esposa do sr. Alberto Mosmann, alto industrialista local.

Empunhando um lampião a querosene, a Lucia dirigiu-se ao colchão, a fim de servir o jantar ao seu filho Alberto chegado no momento.

Ao pretender colocar o lampião sobre uma mesa este sem se aperceber, explodiu sendo da. Lucia atingida pelas chamas, que se propagaram as suas vestes. Pronunciadamente acorrida pelas pessoas da casa foi o logo imediatamente abafado, constatando, porém, haver a vítima recebido queimaduras de 1.º, 2.º e 3.º graus, no rosto, na "caixa torácica" e nas mãos.

Após receber cuidados de urgência foi da. Lucia transportada para o Hospital Pronto Socorro, de Porto Alegre, onde se encontra em tratamento, em estado satisfatório.

Secretaria da Sociedade Ginástica Jornalismo Preocuposo

A fim de melhor atender aos seus associados, a Secretaria da Sociedade Ginástica Novo Hamburgo, a cargo do secretário geral sr. Acelino dos Santos, re-estabeleceu o seu expediente, voltando a funcionar a partir de março próximo duas vezes por semana.

A Secretaria da Sociedade Ginástica dará expediente às terças e sextas-feiras das 20 às 22 horas.

Ao amor é a única explicação de que há no mundo.

Oscar Wilde

Fonte: Acervo Biblioteca Universidade Feevale, 2017.

Imagem 6: Crônica escrita por Ercílio Rosa em 21 fev. 1947

O 5 DE A

SEMANARIO DE INTERESSES GERAIS - PUBL

Diretor-Proprietario: Werner A. Behrend

Ano XX || Novo Hamburgo, 21 de fev

Novo Hamburgo em retalhos...

Dividindo Novo Hamburgo em fragmentos, observaremos em cada canto algo de interessante e pitoresco para nossos olhos, nossa alma e nossos desejos.

É nos pequenos detalhes que, às vezes, estão expostas as mais doces maravilhas.

Detalhe proeminente na paisagem local é o risinho e quieto recanto de Hamburgo Velho, com suas reminiscências com seu prestígio como estação de repouso, e com suas igrejas de doutrinas diferentes apontando para o mesmo céu...

Sendo Hamburgo Velho um fragmento é, na verdade, o ancestral de Novo Hamburgo: foi ali naquele "Morro dos Hamburguêses" que nasceu a gloriosa tradição desta cidade trabalhadora que hoje é um marco indelevel no progresso do país.

É um pedacinho de terra onde o povo realmente compreende a necessidade de um caminho claro e arejado para os seus destinos.

O aspecto tradicional do nosso município, espalha-se nas encostas ondulantes de paisagem poetica, daquele recanto, onde os habitantes são quase sempre, os mesmos, discutindo os mesmos problemas, respirando o mesmo ar impregnado de iniciativas brotadas da fôrça evolutiva dos criadores das situações progressistas, que renova a satisfação de viver

Hamburgo Velho é silencioso. A quietude vive perdida nas ruas. Pedacos de conversas, restos de frases, pululam pelo ar, enquanto um perfume estranho envolve as cousas...

Aquelas colinas de paisagens bucólicas refrescam as idéias da gente, e o vento sopra de um modo diferente acariciando as árvores que balançam graciosamente como uma lembrança épica no coração de um sonhador...

Ruas de ladeiras pitorescas bordejadas de casas luxuosas, que parecem pedacinhos de vida onde o destino depositou um reflexo do céu, um bocado de luz ou uma ilusão de sonhos...

Alí as emoções passam como se fossem aragens, e a gente sente as pequeninas cousas que flutuam na vida desse bairro elegante.

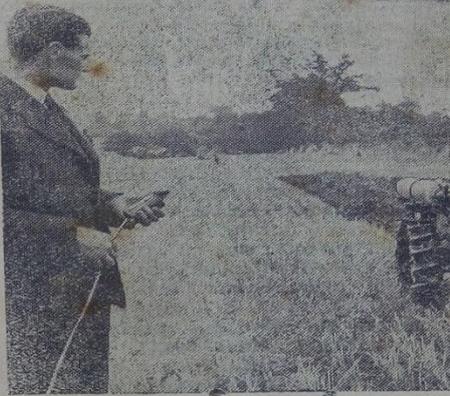
Em Hamburgo Velho destaca-se a policromia de seus jardins particulares. Não há residência, luxuosa ou simples, que não exponha aos nossos olhos maravilhosos, um belo jardim cheirando à poesia.

Há, porém, ali uma exceção, um contraste flagrante que perturba a harmonia daquele conjunto: é o aspecto daquela avenida que conduz ao cemitério que, esburacada, enrugada e coberta de heras parece uma Parca desfiando vidas. Também, no limiar do outro mundo...

Mesmo assim, em Hamburgo Velho há poesia até na aragem que passa...

Ercílio Rosa

Aragem do solo controlada p



Este pequeno trator controlado pelo rádio experimentado com inteiro êxito numa fazenda. O trator pode abrir perfeitos sulcos no solo, em qualquer espécie de voltas por meio de controle à distância pelo operador, sentado no interior de uma cabine protegida do abrigo do sol ou da chuva, pode controlar a aragem uma só vez, colocados um atrás do outro.

BRITISH NEWS SERVICE

SERVIÇOS MUN

Após uma luta insana com falta de mão de obra e a realização de varios trabalhos externos, a Prefeitura conseguiu organizar algumas turmas de serviços de limpeza de ruas, reparos de estradas e manutenção de estradas.

Desenvolvendo intensa atividade, o Sr. Waldemar Engel, sob cuja orientação referidas turmas, está procedendo em varias zonas da cidade, encontrando em varias zonas da cidade, encontrando os serviços de limpeza de ruas e reparação de trechos de estradas e ruas.

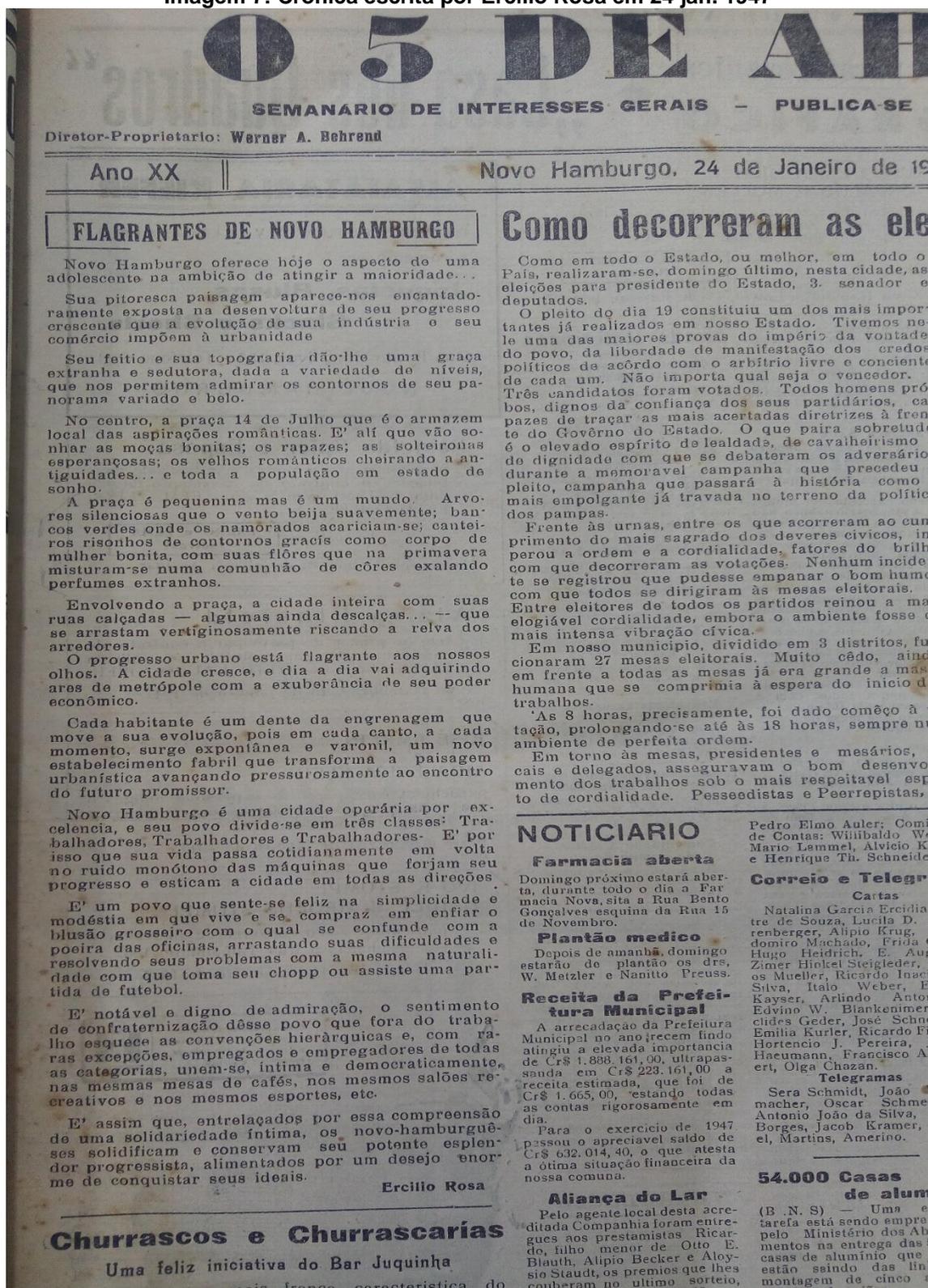
Uma das estradas de intenso tráfego é o bairro Rondonia, e que há algum tempo se encontra em estado de abandono. Esta estrada acaba de receber um longo trecho, onde uma quantidade suficiente de material foi colocada em boas condições de trânsito.

As últimas chuvas caídas sobre a cidade, também, arrancou diversos pontilhões pelas fortes correntes formadas nos pontos baixos existentes em varios bairros.

Tanto as ruas assim prejudicadas pelos danos recebidos estão recebendo os reparos necessários.

O sr. Waldemar Engel, atuando nestes trabalhos, espera apresentar, em breve, completamente limpas todas as ruas paradas todos os locais onde, presentemente, com dificuldade.

Imagem 7: Crônica escrita por Ercílio Rosa em 24 jan. 1947



Fonte: Acervo Biblioteca Universidade Feevale, 2017.

Mesmo com essa aparente importância das suas percepções, ele foi esquecido nos anais memoráveis da história do município, isso torna-se uma motivação a mais para a análise e compreensão de suas percepções.

Pela falta de trabalhos sobre sua individualidade, traça-se, aqui, um perfil identitário de Ercílio com base em seus textos. De acordo com Patrick Charaudeau (2009), cada indivíduo, dentro do âmbito comunicacional, mantém duas identidades, uma social e outra discursiva. A identidade social são todos os elementos culturais que permeiam a vida do sujeito, são elementos externos que o guiam para determinadas ações. Enquanto a identidade discursiva é a seleção dos elementos que o indivíduo faz do meio social para externar através de seus discursos. Ambas identidades formam um conjunto, porém, apenas na discursiva o sujeito pode reafirmar ou negar elementos do meio social a seu bel prazer.

A forma com que ele se pronuncia ou escreve, são produtos de sua memória e constatação do mundo a sua volta, podendo negar ou reforçar os paradigmas em que vive. Nesse sentido, quando se infere que a perspectiva discursiva é analisada, está-se referindo que as percepções sobre Ercílio Rosa, que foram identificadas, podem ou não ser os preceitos que o guiavam enquanto cidadão, mas que são as escolhas feitas por ele, quando pensa e escreve sobre si mesmo.

Ercílio Rosa era homem branco, nascido em Montenegro e radicado desde a adolescência em Novo Hamburgo, por isso demonstrava um sentimento especial tanto por sua cidade natal quanto pela cidade que o adotou.

Guardo sempre nas curvas de minhas recordações, uma saudade engomada de minha cidade natal, que se debruça simplória à beira do Caí. Montenegro. Talvez para muitos seja um nome desconhecido ou uma cidadezinha apagada e sem importância, mas para mim é algo inesquecível espelhando os tempos idos.
[...]
Hoje eu sou um novo-hamburgues adotivo, mas convicto. Sinto-me à vontade nesta Novo Hamburgo trepidante e orgulhosa de seu progresso. Mas não esqueço a cidade de minha infância, de minha juventude e de minha mocidade (ROSA, 2009, p. 101)²⁷.

Ercílio apresentava conhecimentos de filosofia, história, música clássica e literatura, também possuía uma biblioteca pessoal com 332 livros (Anexo A)²⁸. Transparece em vários momentos de seus escritos uma preocupação com o ser humano, apresentando certa religiosidade na abordagem de pensamento para com a qualidade de vida dos menos favorecidos socialmente. Conhece os meios produtivos do setor coureiro-calçadista, mas relata muito mais a questão do cotidiano fora da

²⁷ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 1º de abril de 1949.

²⁸ Jeferson Selbach ao efetuar pesquisas para sua dissertação de mestrado no fim dos anos 1990, teve contato com a última filha viva de Ercílio Rosa. Nessa interação teve acesso a biblioteca particular dele, catalogando os livros. Tentou-se contato com essa filha, mas os indícios apontam que ela veio a óbito por volta de 2005, devido a problemas de saúde.

fábrica. Por seus escritos e os relatos midiáticos, Ercílio teve uma educação formal com mestres e professores, foi alfabetizado e desenvolveu uma paixão pelos livros e os relatos da vida. Não se envolveu diretamente com setores produtivos nem com os grandes empresários locais, porém, frequentava locais de sociabilidade de ambos os grupos, desde o abrangente campo de futebol até os seletos clubes. Ele era a ligação entre os grupos dominantes e o cotidiano dos trabalhadores, o homem na multidão, a ponte que traduzia e identificava variadas percepções do dia a dia hamburguense. Enquanto sujeito, era um errante, um indivíduo que pertencia às ruas e às esquinas, facilmente identificado em suas primeiras linhas como cronista do jornal.

Há uma porção de cousas nas agitações das ruas que muita gente não vê. Não vê porque são pequeninas cousas de todos os dias.
 Há nas ruas os reflexos subtis das vitrines, envolvendo as sombras dos vultos que passam vibrando de ímpetos incoercíveis.
 Há a sinfonia dos ventos que envolvem as ruas sumindo nas tramas dos dias. Nos problemas das ruas há a incógnita das esquinas. As existências passam diante de nossos olhos curiosos, que as seguem até que os vultos dobras as esquinas de seus destinos, deixando um leve colorido nas dobras de nossa imaginação.
 Das esquinas onde os vultos dobras, novos vultos surgem para a jornada de suas vidas.
 Gosto das esquinas (ROSA, 2009, p. 25)²⁹.

Essa maneira de viver, ver e contar o mundo é a essência do *flâneur*, de acordo com Sérgio Massagli (2008), tais indivíduos não tem o desejo de explicar o mundo, mas sim a intenção de mostrar, levando a forma que percebe a vida para cada lugar que vê. Tem paixão pela exterioridade, possui a rua como um palco, desvincula-se da esfera privada e busca identificação com a cidade na qual convive. Para além das traduções da cidade, Ercílio Rosa demonstra inúmeros elementos em sua escrita que auxiliam em um entendimento do homem por trás das percepções, fatores que guiam a busca pela compreensão de quem era esse sujeito.

Iniciando as variáveis que compõem o cronista, em sua escrita encontrou-se um arcabouço literário, referências filosóficas, sobretudo, aos gregos e alemães.

Olhando a vida por um burquinho qualquer, a gente vê que esse progresso dinâmico de nosso dias, são esforços incontidos que fazemos para vencer nossa própria condição de copiadores da história.
 Tudo na vida é cópia do passado.
 Vou à procura de Sócrates, Platão e Aritóteles: preciso de idéias novas...
 (ROSA, 2009, p. 105)³⁰.

²⁹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 5 de abril de 1945, repetida em 25 de novembro de 1949.

³⁰ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 22 de abril de 1949.

Enquanto ele percebe a vida em Novo Hamburgo como um reflexo de processos históricos, evoca grandes filósofos gregos para diferenciar as percepções das análises banais, busca interpretações diferentes de uma vida apenas autômata, e aprofunda mais a discussão da consciência sobre o espírito humano. Ainda utilizando-se da filosofia engloba, em outra crônica, os pensadores alemães.

Leio trechos sintéticos da filosofia de Hegel e sinto clarões penetrando nas frestas de meu espírito inculto. Mas como diz Kant: 'Os olhos sem o espírito são impotentes e cegos', precisamos procurar compreender a realidade cotidiana através de nossa própria inteligência, porque a inteligência embora primitiva, é um princípio em busca da verdade. E a verdade sempre nos leva aos limites da Ciência e da filosofia.

Entretanto, a filosofia é 'a distinção estabelecida entre o mundo real e o mundo fenomenal', como diz Schopenhauer.

Como a filosofia é a ciência geral dos princípios das coisas, às vezes deixo-me conduzir pela realidade da obrigação ética que, como classificou Kant, 'é um imperativo categórico que conduz a nossa consciência a uma distinção entre o certo e o errado'.

Sinto ímpetos de conhecer a verdade absoluta das coisas cotidianas envoltas na relatividade palpável dos dias, afago a religiosa emoção de sentir a abstrata eclosão de minhas idéias surgidas das manhãs frígidas do sistema solar que criei para a grandeza ilimitada de meus desejos... (ROSA, 2009, p. 216)³¹.

Há um esforço para abordar o cotidiano da cidade, traduzir as nuances da alma hamburguesa e seus desejos infindáveis, dentro do paradigma relacional e desenvolvimentista. Essa ideia é complementada pelas passagens históricas que Ercílio usa para referenciar determinados processos urbanos ou mesmo reforçar padrões e/ou questionar estereótipos discursivos, como no caso de presenciar uma apresentação sobre o tradicionalismo gaúcho e inferir sobre momentos de luta e afirmação, sobre a terra e os grupos locais a partir de conflitos com forasteiros.

E eu senti nos estreitos corredores de meus pensamentos, uma emoção lendária da história: não sei se imaginei mouros lanceando cristãos na península ibérica, ou se recordei histórias de índios Charroás e Minuanos perfurando invasores... Se apenas que a tradição gaúcha ainda perdura nos costumes e nos divertimentos atuais dessa heterogênea plêiade de tradicionalistas, embora saibamos que em cada canto do Rio Grande há uma influência migratória emendando mais um pedaço de lenda na já fecunda história gaúcha... (ROSA, 2009, p. 232)³².

Ercílio esboça uma reflexão sobre o próprio processo cultural do Estado, sobretudo da região, pois no momento que filhos de imigrantes propagam estereótipos que não foram logrados pelos seus antepassados diretamente, eles estão a participar de uma história do presente para o futuro e não algo remetido há um passado concreto. Nesse contexto, a noção do cronista sobre os fluxos e repetições históricas

³¹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 8 de junho de 1951.

³² Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 28 de setembro de 1951.

toma um sentido além da simples demonstração do conhecimento, tais linhas são uma reflexão do mundo vivido e interpretado por seus próprios pensamentos.

Esses pensamentos fluem na miscelânea da vida urbana, onde se encontra choques culturais através das ondas sonoras do rádio, pois Ercílio percebia a vida de muitos, inferindo suas próprias concepções nesse embate entre o real acontecido e a percepção e memorização do vivenciado. Logo, além de estar em constante contato com eventos sociais ele também analisava que as pessoas tinham contato direto com outras perspectivas urbanas através de canais de informação.

O rádio alarga a paisagem simplória de nossa imaginação. Através das frestas sonoras de um receptor de rádio, a imaginação da gente viaja pelo mundo todo, assistindo tragédias, romances e folras: concertos sinfônicos e sinfonias desconcertadas...

Há no rádio programas para todos os gostos: desde os mais singelos sambinhas às doces melodias de Schubert, Beethoven e Strauss. Ah! Strauss! E desde as pequenas gotas humorísticas às esticadíssimas novelas... (ROSA, 2009, p. 107)³³.

Percebe-se que as músicas brasileiras são tratadas como singelas ou simples sambinhas e nem ao menos cita o compositor ou o intérprete, enquanto que as melodias europeias são sumariamente creditadas a seus compositores. Essas informações ajudam a reforçar percepções sobre o cronista, onde, pela vida urbana e a configuração histórica da cidade, há um olhar mais direcionado aos conhecimentos e feitos europeus do que os nacionais. Outro ponto a se destacar é que Ercílio, aparentemente não sendo alguém abastado ou com vastas propriedades, traz conhecimento de elementos de uma cultura “elitista”. Isso proporciona a ideia de que ele flanava entre o chão das ruas descalças e os andares atapetados das mansões, mas não pertencia nem a um mundo nem ao outro e sim a totalidade de Novo Hamburgo.

Nesse constante movimento entre variáveis sociais Ercílio não deixa de citar e incentivar o conhecimento à obras que, acima de tudo, são clássicos.

Escuto ao longo de mim mesmo, o rumo de meus pensamentos através da quietude da noite. O pêndulo do relógio vai puxando as horas, enquanto fragmentos de fatos passados ocupam os espaços vazios de minhas idéias: pedaços de conversas sem proveito; som de música suave e enternecedora violinos interpretando Schubert; poesias épicas; Goethe... Fausto... Goethe...(ROSA, 2009, p. 205)³⁴.

Ao se referir às obras de Goethe, Ercílio demonstra seu amplo conhecimento, suas reflexões da vida, suas análises das horas vazias, onde o homem pensa sobre

³³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 6 de maio de 1949.

³⁴ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 16 de março de 1951.

si e sobre os outros, sendo que ele ainda manifesta seus pensamentos através das folhas do jornal.

Mas sua vida não é voltada apenas para o intuito de analisar, compreender e propagar a percepção da realidade através da liricidade de suas falas. Como Roberto DaMatta (1997) infere sobre o povo brasileiro, que em sua formação sempre carregará vieses festivos e esperançosos, mesmo tendo influências mais individualistas e sisudas. Ercílio também frequentava bailes e divertia-se ao som de músicas desconhecidas da erudição, mas que deleitavam o corpo e a mente. Creditar obras no silêncio de si mesmo é uma forma de investimento, mas sentir a alegria do conjunto vibrar e deixar-se levar é um pagamento instantâneo.

O baile é uma emoção que se dependura na alma da gente, alisando as rugas de nossas preocupações. Há quem não goste de bailes. Para estes, a dança tem o gosto de um cigarro de palha... sem o fumo... Mas o baile é um espetáculo feito para a alma, para os sentidos, e também para os olhos. Gosto dos bailes. Dançando, bem ou mal, a gente sempre esquece as asperezas que o destino põe na vida de cada um, pois o som envolvente de uma música qualquer, cria sonhos excitantes em nossa imaginação (ROSA, 2009, p. 70)³⁵.

Nessa convulsão entre as grandes melodias europeias, sentidas e analisadas durante a noite em seu próprio mundo e as marchas festivas comuns das tardes de bailes, é que o cronista forma-se como indivíduo, apresentando seus inúmeros aspectos e ampliando ainda mais sua importância histórica e a própria constatação do cotidiano urbano.

Os assuntos e a forma com que o cronista relata suas percepções realizam, conforme Pesavento (1997), uma operação de transição, onde a ampla tessitura social se manifesta no pequeno acontecimento literário, isso transforma a crônica em um elo de comunicação entre a literatura e a história. Então, entender os âmbitos e as influências do homem por trás da escrita, auxilia na compreensão da sua visão sobre a cidade.

Algo recorrente nas publicações de Ercílio, que podem ser identificados como bases de seu personagem, são os preceitos religiosos do cristianismo em um constante tensionamento com o cotidiano modernizador vivenciado pela urbe. “Devotos da fé, nós, cristãos, debruçamo-nos sobre a imagem infantil d’Aquele que sonhava com a igualdade dos sentimentos humanos, procurando atenuar os impulsos brutais da vida” (ROSA, 2009, p. 44)³⁶. Essa noção dos preceitos do cristianismo em

³⁵ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 9 de julho de 1948.

³⁶ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 26 de dezembro de 1947.

busca de uma atenuação dos impulsos e de uma convivência prazerosa a todos os “trabalhadores” é reiterada constantemente.

Sempre, envolta no calendário mundano, surge a efeméride inolvidável e sacrossanta que tarja a sensibilidade religiosa dos povos cristãos.

[...]

Jesus ensinou todos as virtudes: a bondade, a solidariedade, a resignação e, resignado, morreu convicto de que a humanidade O seguiria. Mas ainda continuamos abraçados aos nossos erros, escravizados às vaidades de nossos preconceitos, lutando contra nós mesmos, na fúria insana de superioridade...(ROSA, 2009, p. 259)³⁷.

O cronista, ao relatar o tensionamento entre os cidadãos de uma cidade urbana e industrial que desenvolvem um egoísmo e um sentimento de superioridade, não crítica o progresso material diretamente, mas alerta que há fatores ideológicos que lembram constantemente da ligação entre as pessoas como uma comunidade humana. Muito disso pode se dar pelo fato de Ercílio vivenciar a labuta diária dos menos favorecidos economicamente, na urbe em modificação.

Depois de alguns meses de ausência, gozando o realismo de determinados setores da labuta cotidiana, abro novamente a janelinha de minha sotéia para reentrar na rotina de espiar furtivamente os acontecimentos que sempre se enrolam nos dias que passam.

E eu novamente aqui neste pedaço de coluna, espiando a vida como eu a vejo realmente, sem retoques e sem maquilagens, a vida de todos os dias...(ROSA, 2009, p. 428)³⁸.

Dentro do paradigma de vivenciar diferentes realidades em Novo Hamburgo é que está o trunfo e a importância de se analisar as crônicas de Ercílio Rosa publicadas pelo jornal “O 5 de Abril”, pois as percepções do cronista são um acesso a determinada visão do real acontecido nas especificidades de processos que de outra maneira estariam inacessíveis.

As suas percepções são construções imaginárias e literárias relatadas a partir da tradução da realidade. “E encostado por aqui, eu assisto o mundo rodar nas agitações dos momentos que vão passando, enquanto o sol paraninfa os sonhos de todos os que se postam diante de minha imaginação obtusa...” (ROSA, 2009, p. 476)³⁹.

Todavia, Ercílio Rosa não seguia sempre o padrão de apenas relatar a sua cidade, algumas vezes ele extrapolava o personagem do *flâneur* e tomava partido em algumas questões, fazendo críticas diretas e mesmo análises profundas do que via. Ele possuía liberdade em sua escrita, o que revela a riqueza dos seus textos, pois não

³⁷ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 11 de abril de 1952.

³⁸ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 3 de janeiro de 1958.

³⁹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 13 de maio de 1962.

basta sentir a cidade e ressaltar a beleza da vida urbana, é preciso posicionar-se, utilizar-se de seu destaque e credibilidade, enquanto sujeito público. Esse panorama engloba Ercílio e suas percepções, naquilo que Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2010, p. 127) vão chamar de “personagens com qualidade narrativa, ou seja personagens-narradores da vida urbana”. Eles são indivíduos que orientam a percepção e a experiência dos habitantes, para além de relações impessoais, nas atuais modernas sociedades complexas⁴⁰.

Nessa quebra de impessoalidade e rompimento do padrão, é que se denota uma importância ainda maior do sujeito, pois a cidade era de todos e todos deveriam olhar para além de si mesmos, para além de sua única vida.

A exata noção dos sofrimentos das cousas, das angústias e das alegrias dos seres humanos, é um privilégio daqueles que se postam nos ângulos e dos que procuram compreender o jogo das substâncias e das aparências. Se todos olhassem para dentro da vida, assim, por um ângulo diferente, as existências seriam mais venturosas, ou pelo menos, mais calmas, porque se compreenderia a necessidade de viver mais solidários uns com os outros. Não haveria tanto egoísmo nem tanta vaidade, porque veríamos nos outros a cópia perfeita de nós mesmos (ROSA, 2009, p. 25)⁴¹.

Ao olhar para o outro e direcionar o olhar dos outros, cria-se um tensionamento que desvela a ordem imposta das coisas e quebra algumas lógicas discursivas que eram padrões, sobretudo nos textos do jornal, A crônica, então, pode romper com o que as palavras impressas do jornal, por si só, não podem expressar.

No momento que há o posicionamento do cronista, uma perspectiva da cidade, que poderia não ter sido acessada de maneira geral por outros grupos, é percebida. É o que ocorre quando Ercílio menciona a falta de uma praça e se manifesta sobre isso.

O local mais belo de Hamburgo Velho é o largo fronteiro à Igreja Católica, de onde se descortina um panorama vertiginoso da cidade baixa, onde as fábricas vão desenrolando a progressão... Ali é o lugar ideal para uma praça! Ali deveria existir uma belíssima praça para o encanto de uma população progressista, que sonha com algo mais do que trabalhar e descer as pracinhas gostosas do centro...(ROSA, 2009, p. 91)⁴².

Quando há esse posicionamento direto, Ercílio rompe o personagem do *flaneur*, pois quer mais do que explanar sua vida, deseja que suas palavras ergam bandeiras

⁴⁰ Para melhor compreensão do termo “Sociedades complexas” indica-se o livro: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura:** notas para uma sociologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

⁴¹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 5 de abril de 1945, repetida em 25 de novembro de 1949.

⁴² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 14 de janeiro de 1949.

de mudança na cidade. Não são apenas mudanças percebidas no visual ou apreendidas no comportamento humano, mas sim alterações estruturais que influenciam diretamente no futuro do município, o que acontece porque os textos estão dentro do jornal que tem a função de informar a sociedade. Assim, Ercílio utiliza o poder da mídia para “educar” o olhar do cidadão. Enquanto sujeito, o cronista expõe de maneira direta o que pensa ser importante denunciar, para que todos os leitores tenham acesso a panoramas gerais do município, seja do núcleo urbano ou das pequenas áreas rurais.

Como outros lugares do interior, Lomba Grande precisa de uma atenção especial para seu Grupo Escolar, para evitar as chacotas ‘patrióticas’ de muitos cidadãos oportunistas...

Ruas! A vida da gente é quase sempre comentada nos cantos das ruas. Mas há ruas que não tem cantos nem esquinas: são caminhos de roça alimentando as emoções das ruas simétricas das cidades (ROSA, 2009, p. 114)⁴³.

Enquanto o progresso industrial impele a cidade a rumos de expansão dos “capitais”, Ercílio Rosa percebe e infere tanto as nuances comportamentais quanto as necessidades de investimentos na cidade. Ele não se prende a apenas um viés discursivo, isso tem a ver com sua grande produção de textos, já que os publicava quase todas as semanas em dois jornais⁴⁴. Ter que produzir constantemente é um desafio para qualquer pessoa. Nessa constância identifica-se um perfil básico de argumentos, devido ao posicionamento de gênero, mas além disso, identifica-se quebras discursivas, o que além de humanizar, enriquece o estudo sobre as crônicas escritas por ele.

O foco é apresentar e analisar como Novo Hamburgo foi relatada nas crônicas de Ercílio Rosa, levando em conta as especificidades locais e o macro projeto de modernização ocidental, até a primeira metade do século XX. Para isso, apresentaram-se trechos das próprias crônicas, no intuito de contextualizar quem era o homem que as pensava, pois com a ausência de registros “formais”, traçar uma identidade discursiva sobre os elementos apresentados, foi a solução encontrada. Ao evocar uma perspectiva sobre um real vivenciado, é primordial identificar algumas

⁴³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 17 de junho de 1949, repetido em 20 de Agosto de 1965.

⁴⁴ Ercílio publica duas crônicas no “O 5 de Abril” em 1945, mas torna-se um escritor publicado constantemente apenas a partir de 1947. Porém, durante as décadas de 1940 e 1950 ele escreve para dois jornais, “O 5 de Abril” e o “Gazeta de Novo Hamburgo”. No primeiro ele publica crônicas, no segundo algumas poucas crônicas e muitas pequenas notas críticas sobre o cotidiano da cidade. Algumas de suas crônicas foram republicadas pelo jornal “O Progresso”, da cidade de Montenegro, ao longo da década de 1940, e pelo jornal NH a partir da década de 1960.

informações sobre o narrador para compreender suas posições ideológicas. A história jamais será neutra, porém é compromisso do historiador apresentar metodologicamente fatos organizados para que possam ser analisados.

Ercílio aparenta ter inclinações conservadoras⁴⁵, não no que condiz a segregação racial ou ideal de nacionalismo extremo, mas sim na forma de encarar a sociedade e a cidade dentro de um espectro de ordem e aceitação social. Ele não demarca homens, mulheres, teuto, negros ou crianças. Em seus textos há apenas uma classe de pessoas, os hamburguenses, sobretudo os trabalhadores, isso gera uma falsa ilusão de ordem e calma social. É fato conhecido que o fim da década de 1940 deu-se em um contexto tumultuado no mundo, porém o cronista apresentava a cidade e os cidadãos a partir de uma união pelo bem comum e com os ideais da modernidade.

Novo Hamburgo é uma cidade operária por excelência, e seu povo divide-se em três classes: trabalhadores, trabalhadores e trabalhadores. É por isso que sua vida passa cotidianamente em volta no ruído monótono das máquinas que forjam seu trabalho e esticam a cidade em todas as direções.

[...]

É notável e digno de admiração, o sentimento de confraternização desse povo que fora do trabalho esquece as convenções hierárquicas e, com raras exceções, empregados e empregadores de todas as categorias, unem-se, íntima e democraticamente, nas mesas de cafés, nos mesmos salões recreativos e nos mesmos esportes, etc.

É assim que, entrelaçados por essa compreensão de uma solidariedade íntima, os novo-hamburguenses solidificam e conservam seu potente esplendor progressista, alimentados por um desejo enorme de conquistar seus ideais (ROSA, 2009, p. 28)⁴⁶.

A menção mais próxima de uma distinção social é entre patrões e empregados, mas que só existe, de acordo com o cronista, durante a atividade laboral. A cidade de Novo Hamburgo foi marcada em sua história pela ascensão produtiva do setor coureiro-calçadista a partir de 1900 até o fim dos anos 1980. Mas, desde sua fundação os meios de comunicação exibiram discursos voltados para o progresso e desenvolvimento urbano-industrial, o que justifica os argumentos de uma ordem social, uma classe unida pelo bem comum do município presentes ao longo da história da cidade.

⁴⁵ Devido a ascensão de governos nacionalistas e populistas em vários países, sobretudo no Brasil, Ercílio escreve para um jornal próximo a atuação política local. Ele mesmo está inserido ideologicamente em muitos aspectos políticos em torno de elementos conservadores como uma coesão nacional, uma ordem local e um progresso industrial. Essa conjuntura se dá, mormente pelos panoramas e inclinações políticas modernos. Contudo, não se deve esquecer a atuação de preceitos Fascistas presentes em discursos para além da Europa, pois aspectos nacionalistas e de igualdade, podiam funcionar como máscaras para preconceitos e desculpas para violência racial ou de gênero.

⁴⁶ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 24 de janeiro de 1947.

Nesse sentido, identificou-se que o cronista, além de percorrer as ruas da cidade, deixou vestígios diretos e indiretos das suas opiniões e críticas para com o “real” percebido. Ele evoca grandes pensadores e filósofos para expressar suas ideias com base em ideologias complexas, tem conhecimento musical, da chamada “cultura erudita europeia”, bem como saberes de processos históricos e políticos. Porém, seus posicionamentos, apesar de algumas vezes críticos, seguem um fluxo de ordem social. Ele critica alguns vieses na cidade, sobretudo do comportamento humano e da estrutura física do município, mas em nenhum momento escreve sobre revoltas, problemas, convulsões ou preconceitos sociais.

A partir da identidade discursiva do cronista, considerando os pressupostos de sua formação enquanto indivíduo e demarcando determinadas posições e escolhas ideológicas para a escrita de seus textos, faz-se necessário apresentar a importância das crônicas como fonte de pesquisa histórica e seu papel na compreensão de um determinado imaginário.

O homem que carrega a tinta do asfalto e da poeira sobre os pés tem em sua mochila mais do que livros e ideais, tem lentes que selecionam determinadas cores que destacam alguns contornos e apagam borrões nas margens das calçadas. Identificar o que ele escreveu e como escreveu é essencial para compreender qual Novo Hamburgo Ercílio Rosa percebeu e imortalizou.

Nos capítulos subsequentes, analisar-se-á as crônicas de Ercílio Rosa a partir da metodologia da análise de conteúdo nos preceitos de Laurence Bardin (1977). Identificar-se-á três Unidade de Conteúdo, denominadas Paisagem, Sociabilidade e Identidade, e a partir delas a narrativa será abordada, conforme o próprio cronista trata dos assuntos. O método selecionado ajudará a compor uma descrição sobre o todo produzido e não apenas a percepção do micro em uma escala linear de acontecimentos. Assim, poder-se-á compor uma narrativa sobre o imaginário urbano de Novo Hamburgo entre 1945 e 1949 através das crônicas publicadas no jornal “O 5 de Abril”.

4 A CIDADE ENTRE O FÍSICO E O IMAGINÁRIO

A vida cotidiana atual é imersa na cidade. Pode-se isolar dentro dela, fugir, viajar ou negar suas possibilidades. Porém o alcance social da cidade ou o que conduz a história estará em cada esquina, em cada beco, em cada estrutura, elemento imaginário ou discurso dos indivíduos que ali estão atuando socialmente.

A cidade é o grande palco da modernidade, o meio urbano é o que sustenta a tessitura de atuação do indivíduo. Inúmeros autores tomaram a cidade e suas transformações, sobretudo o crescimento demográfico, as alterações do ambiente e a tecnificação do mundo, como pontos de estudo. O panorama urbano entre os séculos XIX e XX demonstrava a rápida alteração do modo de vida, do pensamento e da adequação aos tempos modernos. Nesse contexto destacam-se trabalhos de consagrados pensadores como Walter Benjamin⁴⁷, Georg Simmel⁴⁸, Max Weber⁴⁹, Charles Baudelaire⁵⁰, Le Corbusier⁵¹, Franklin Baumer⁵², etc.

Muitos dos escritos produzidos, por esses e outros autores, demonstram que a cidade moderna, em ascensão ou desenvolvimento, transforma-se em uma entidade viva. Ela se sobressai a seus criadores, tem vida própria, é física e imaginária ao mesmo tempo, é o palco que a tudo revela ou esconde. Porém, a urbe só adquire esse aspecto vivo se tiver atores a percorrer seu palco. Assim, não há que se dizer que ela é cria da humanidade, mas sim parte dela.

Narrar os acontecimentos da cidade, demonstrar esse organismo vivo, torna-se uma das funções do trabalho do cronista, pois “as ruas são sempre um cenário novo, onde as tonalidade nunca se confundem” (ROSA, 2009, p. 39)⁵³.

Nesse sentido, Ezra Park (1979) escreve que a cidade não é uma construção artificial ou um mecanismo, ela se transforma em um processo vital da vida, um organismo vivo produzido e transformado pela natureza, sobretudo pela natureza humana.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.

⁴⁸ SIMMEL, Georg. **Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal**. São Paulo: Ática, 1983.

⁴⁹ WEBER, Max. Conceitos e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

⁵⁰ BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. O pintor da vida moderna. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

⁵¹ LE CORBUSIER. **Planejamento urbano**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

⁵² BAUMER, Franklin Le Van. **O pensamento europeu moderno**. V. 2. Lisboa: Edições 70, 1977.

⁵³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 12 de setembro de 1947, repetida em 22 de outubro de 1965.

“Você já viu como a nossa cidade se transforma constantemente? Não? Então olhe. Saia pelas ruas, sua ladeiras. Cheire os momentos que passam, e admire. É preciso olhar para ver...” (ROSA, 2009, p. 75)⁵⁴. Enquanto a cidade cresce os cidadãos se modificam, é um processo constante onde um influencia diretamente o outro, o meio interfere no agente e o agente interfere no meio. É uma dialética que constantemente recria a cidade e seus sentidos de modo físico (estruturas) e imaginário (percepções).

Novo Hamburgo é criada de seus cidadãos, mas tem vida própria. A cidade configura-se num eterno devir. Assim como a lógica do tempo presente, ela está em constante transformação para atingir um determinado futuro, reconstruindo seu passado de acordo com as aspirações de possíveis contextos e mudanças no presente.

A cidade é o grande palco de atuação dos indivíduos. Ela existe no imaginário social⁵⁵, porém atua nas memórias individuais de seus cidadãos. A cidade é o lugar em que as possibilidades individuais, as atuações coletivas e as interações culturais se manifestam. Assim, a cidade não pode ser vista apenas como estruturas físicas, ela é um organismo etéreo que se molda, solidifica, anula, constrói e, sobretudo, proporciona a atuação das relações humanas em um palco mutável, balizado pelas construções coletivas da urbe.

Parar dentro da cidade e olhar para o que ali acontece é perceber o pulsar das esquinas, é sentir a respiração das vias e saber que, apesar de uma construção, a urbe é viva e manifesta a vida em seu cotidiano.

E como é proveitoso, como enriquece a experiência de cada um, postar-se nas esquinas e sentir o cheiro dos acontecimentos pequeninos, mas que envolvem em suas agitações os problemas de todos os dias.

A exata noção dos sofrimentos das cousas, das angústias e das alegrias dos seres humanos, é um privilégio daqueles que se postam nos ângulos e dos

⁵⁴ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 20 de agosto de 1948, repetida em 4 de março de 1966

⁵⁵ De acordo com Murilo de Carvalho (1987, p. 11) o imaginário social “é constituído e se expressa por ideologias e utopias...[e]...por símbolos, alegorias, rituais, mitos” em que “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro”. Outros autores e obras que definem e analisam a formação de imaginários sociais e do próprio conceito de imaginário são:

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010;
BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Leach, Edmund et al. **Antropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985;

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1998;
SILVA, Juremir Machado da. O imaginário é uma realidade. Entrevista com Michel Maffesoli [20 mar. 2001]. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

que procuram compreender o jogo das substâncias e das aparências (ROSA, 2009, p. 25)⁵⁶.

Essa percepção de Ercílio se dá por um real percebido, um momento vivido por ele, porém a realidade da cidade que é apreendida pelo cronista é uma imagem condicionada por suas vivências.

O 'real' da natureza não pode ser captado fora de um quadro conceitual, de princípios de organização do dado sensível, e estes nunca são – mesmo em nossa sociedade – simplesmente equivalentes, sem excessos, sem faltas, ao quadro de categorias construído pelos lógicos (aliás eternamente retocado). Quanto ao "real" do mundo humano, não é somente enquanto objeto possível de conhecimento, é d maneira imanente, no seu ser em si e para si, que ele é categorizado pela estruturação social e imaginário que este significa; relações entre indivíduos e grupos, comportamento, motivações, não são somente incompreensíveis para nós, são impossíveis em si mesmos fora deste imaginário (CASTORIADIS, 2010, p. 193).

Nesse contexto, as crônicas manifestam as potencialidades da vida na cidade, evocando a manifestação do real e a interiorização do imaginário. Quando se menciona imaginário, trata-se da concepção de elementos, que segundo Juremir Machado da Silva (2006), estão conjuntamente organizados em um sentimento de pertença a alguma coisa ou lugar.

Cornelius Castoriadis (2010) infere que o imaginário não é uma imagem de. Mas sim uma criação indeterminada em níveis sociais, históricos e psíquicos de figuras/formas/imagens/situações que remetem a "alguma coisa", e nessa relação de criação de entendimentos entre o percebido e o manifestado resulta, o que denomina-se de "realidade" e "racionalidade".

Por conseguinte, a cidade, o imaginário e os cidadãos partilham "uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera uma ideia de mundo, uma visão das coisas na encruzilhada do racional e irracional" (SILVA, 2006, p. 14). Dessa forma, a cidade imaginária é o conjunto de elementos individuais dentro do senso da coletividade.

Tais percepções e ideias sobre a urbe ser uma cidade tanto física quanto imaginária, em constante construção pelas coletivas individualidades, encontram-se no trabalho de Maria Stella Bresciani (1997). A autora escreve que a concepção de cidade é constituída de ideias-imagens que são representações e não reflexos da sociedade. Segundo ela as representações manifestam-se por elementos recolhidos da memória. Logo, direcionar a visão de alguém para determinado elemento é narrar uma realidade ou cristalizar uma memória.

⁵⁶ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 5 de abril de 1945, repetida em 25 de novembro de 1949.

Em Novo Hamburgo o progresso narrado não é somente reflexo do cotidiano, mas sim uma representação baseada em elementos que evocam tradições e percepções de um passado digno de honra para o discurso da própria cidade. Ercílio contextualiza a situação de crescimento econômico hamburguense referindo-se ao dia do colono e cita, não somente italianos e alemães, mas inúmeras etnias que sofreram e lutaram pelo engrandecimento do povo.

É o 'dia do colono', instituído em 1924, graças ao então presidente do Estado, Borges de Medeiros, uma reverência aos pioneiros da colonização de nosso Estado, dos quais se destacam os imigrantes italianos e alemães. É um dia de gala para os descendentes desses colonizadores estóicos, que hoje formam a vanguarda da evolução gaúcha.

Olhando para o passado, compreenderemos que é a essas duas estirpes de colonizadores, que devemos as principais expansões econômicas e culturais de nosso

Estado. Mas não foram só eles. Houve cooperação dos ilhéus, e dos infelizes escravos africanos, que tinham por menagem as grotescas senzalas daqueles tempos feudais... (ROSA, 2009, p. 72)⁵⁷.

Com essa visão, Ercílio ratifica que a união de todas as etnias é que forma a Novo Hamburgo presente para ele, o discurso de uma igualdade local é reforçado, pois ao citar o papel histórico de portugueses e africanos, novamente ele está presentificando que os hamburguenses são um povo que mantém o foco no trabalho e no progresso da própria cidade.

Logo, tais elementos atuam sobre comportamentos individuais e coletivos, e funda uma realidade própria de imaginários sociais. Portanto, a cidade transcende sua materialidade, seu sentido e seu ideal são recriados constantemente pelos indivíduos que permeiam suas estruturas materiais. Ercílio trata da representação do cotidiano e, ao unir as crônicas com a análise teórica é possível identificar que sua noção de mundo não apresenta um simples direcionamento, mas sim inúmeros alinhamentos políticos, sociais e econômicos, presentes em Novo Hamburgo.

A urbe depende daqueles que permeiam suas estruturas físicas e propagam suas vivências, caso contrário seria apenas um palco vazio. Todavia, a cidade não exibiu sempre as mesmas funções e configurações, nesse sentido é importante compreender como a cidade moderna (a partir do século XIX) se desenvolveu para que se possa analisar o contexto de Novo Hamburgo na década de 1940.

⁵⁷ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 23 de julho de 1948.

4.1 ALGUMAS FUNÇÕES HISTÓRICAS DA CIDADE

A cidade deve ser pensada como real e imaginária. Para compreender esse sistema, precisa-se analisar alguns pontos dos processos de desenvolvimento do ideal das cidades a partir da antiguidade. A função da cidade alterou-se, algumas vezes, ao longo da história para vir a ser uma ideia-força⁵⁸ essencial na modernidade. Para Holanda (1995), ela é algo antinatural, pois quando uma cidade é construída, o espírito e a vontade humana se manifesta e se opõe à natureza. Não pode-se esquecer que mesmo sendo uma antinaturalidade a dominação da natureza ambiental pela cidade é algo da natureza humana.

Construir e dominar um território, através da construção de uma cidade é demarcar a força de determinada sociedade sobre o ambiente natural. A cidade pode ser interpretada como “a última reestruturação a ser alcançada da luta com a natureza, que o homem primitivo teve de levar a cabo em prol de sua existência *corpórea*” (SIMMEL, 2009, p. 3).

Interpreta-se a cidade como um conjunto de forças intelectuais. A cidade é mais do que as estruturas físicas e a dominação do espaço, ela apresenta ideias que convergem para um imaginário, para percepções de mundo e processos culturais específicos. Franklin Baumer (1977) postula que uma ideia jamais deve ser considerada apenas como algo abstrato, só um produto do pensamento humano. Ela também é isso, mas não apenas isso. “Todas as ideias surgem num ambiente particular e são a inspiração de um momento histórico, do modo como um indivíduo ou um grupo enfrenta um conjunto de problemas” (BAUMER, 1977, p. 294).

Nessa perspectiva a cidade contemporânea é traduzida como resposta a partir das grandes questões e desdobramentos da modernidade ao longo dos séculos XIX e XX. A forma com que o conceito de cidade ganha status de essencial a vida humana é uma das ideias que convergem para o entendimento do processo histórico e dos elementos que o compõem. De acordo com Baumer (1977), uma ideia ascende como força motriz de um pensamento ou projeto quando ela apreende o sentido de um processo histórico determinado. “Assim se queremos compreender perfeitamente a ideia, apanhar sua lógica, temos de ver, primeiro, no seu estado original, na altura em que nasceu e floresceu” (BAUMER, 1977, p. 294).

⁵⁸ MORIN, Edgar. **Os problemas do fim do século**. São Paulo: Notícias, 1992.

Na presente pesquisa não se consegue traçar um panorama do surgimento da ideia de cidade ou seu estado original, devido ao fato de que esses processos históricos carecem de documentação acessível, além de que tais discussões estenderiam o trabalho em um sentido diferente daquele proposto. Porém mesmo assim, identifica-se as alterações e o florescimento da concepção da cidade para o status de ideia-força e motivação das grandes civilizações a partir de determinados contextos históricos, pois “toda ideia tem sua dimensão histórica, e esta dimensão não só ajuda a explicar como surgiu, mas o que é” (BAUMER, 1977, p. 294). Com isso, busca-se entender a ideia de cidade ocidental a partir de algumas de suas funções históricas a começar pela antiguidade.

A cidade ocidental (de modelo europeu) sofreu alterações de funções e tamanhos ao longo da história, mas não perdeu a função de dominação do homem sobre a natureza. Todavia, de acordo com Fustel de Coulanges (2003), a cidade antiga apresentava dissonância entre o sentido de urbe e de cidade. Para os povos antigos, a cidade era o local de pertencimento que delimitava a ligação política e religiosa entre as famílias e tribos, enquanto a urbe era o local físico de reuniões dessas famílias, uma espécie de santuário citadino. O autor demonstra que é necessária uma diferenciação de pensamento entre a cidade antiga e a cidade como a conhecemos:

Não devemos fazer das cidades antigas uma ideia similar àquela que nos é dada pelas cidades de nossos dias. Constroem-se algumas casas, e nasce a aldeia; pouco a pouco o número de casas aumenta e temos a urbe; acabamos se for necessário, por cercá-los de fosso ou muralhas. A urbe, entre os antigos, não se formava no decorrer do tempo pelo lento crescimento do número de homens e das construções. Fundava-se a urbe de uma só vez, inteiramente, em um só dia (COULANGES, 2003, p. 145).

A cidade antiga necessitava de um consenso político e religioso para ser fundada, o que se constata ao analisar os escritos antigos. De uma única vez, seu perímetro e as construções principais, utilizadas para abrigar setores de gerenciamento de problemas e controle social, eram erigidos e estabelecidos, encerrando preceitos de igualdade e de domínio social em seu núcleo urbano.

Infere-se que a religião determinada pelo grupo, estabelecia a comunhão necessária para a constituição da urbe, enquanto as relações políticas mantinham os elementos culturais necessários para que houvesse uma ordem hierárquica de poder. Logo, a população condicionava seus ideais em uma cidade, que era mantida devido

às crenças nos mesmos deuses e na aceitação de modelos de poder. Esses aspectos garantiam o funcionamento das cidades antigas.

Segundo Jacques Le Goff (1980), com o decorrer dos tempos, o comércio prosperou, Impérios na Ásia e na Europa surgiram, estruturas burocráticas foram criadas e aperfeiçoadas, como o sistema jurídico e de governo romano. As relações sociais passaram a vivenciar choques culturais mais intensos, devido à hegemonia dos grandes impérios, em determinadas regiões de multiplicidade cultural, como, por exemplo os vastos territórios sob domínios de Persas e Romanos. Alguns fatores, dentre eles os choques culturais, desencadearam a queda do Império Romano dando fim a era da Antiguidade Clássica e iniciando o período conhecido como Idade Média por volta do século V d.C.

Essa mudança de processos históricos e de dominação, alterou a concepção de cidade, de um centro político-social-religioso para um local de proteção e de igualdade religiosa, muito devido a ascensão das doutrinas do cristianismo e do êxodo rural no sul da Europa. As cidades importantes do Império romano foram esvaziadas, muitos migraram para pequenos feudos, em busca de meios de trabalho e sobrevivência.

A cidade, que antes era fundada na igualdade política e religiosa, passara a contar com culturas diferentes, advindas de sociedades dominadas ou de tráfego comercial, dentro de suas estruturas. Isso auxiliou para que, ao longo da transição da Antiguidade Clássica para o período Medieval, a cidade perdesse a centralidade de poder.

A alteração do sentido da cidade fez com que a religião não fosse mais o propósito aglutinador de formação da urbe, mas sim, o sentido de proteção, conjuntamente com o religioso, pois a cidade medieval “era principalmente uma fortaleza, um lugar de refúgio em tempos de guerra” (PARK, 1979, p. 36).

A cidade medieval trazia mais do que proteção, segundo Le Goff (1992), ela servia para proteger, mas as suas muralhas demarcavam dois mundos, a urbe civilizada e os territórios não civilizados. Até meados do século XV as cidades se desenvolveram sob essa concepção. Com a descoberta do Novo Mundo e as rotas comerciais marítimas com a África e com a Índia, o fluxo comercial ampliou os horizontes citadinos e fortaleceu determinados núcleos urbanos, principalmente em regiões portuárias.

Esses núcleos urbanos eram conhecidos como burgos. Os burgos foram um dos responsáveis por gerar e gerir o sentido do individualismo burguês e o sistema ideológico de acúmulo de capital. Este que por sua vez, ao ser pensado, desenvolvido e aplicado indiscriminadamente tornou-se a força motriz do mundo contemporâneo

Carvalho (1991) explica que a cidade medieval, no período do Renascimento, é considerada uma poderosa revolução histórica, responsável por criar e embasar o desenvolvimento do *ethos* da moderna sociedade industrial capitalista. Nos cinturões burgueses de trabalhadores livres, os chamados burgos, é que o individualismo e a mobilidade social surgiram e foram legitimados em oposição ao sistema da hierarquia estamental da cidade antiga servil e escravagista.

Para Sandra Pesavento (2002), outro motivo para a alteração dos contornos e das marcações da cidade moderna em contraposição à medieval, foi o advento do canhão e da pólvora. Essa tecnologia transformou as grandiosas muralhas protetivas em paredes obsoletas; os limites das cidades não eram mais compostos pelos muros e, sim, por sua interconexão de estradas e passeios, como os famosos bulevares parisienses.

Os bulevares, no sentido estrito da palavra, que deriva do “termo alemão *Bollwerck* e tem justamente este sentido: ‘passeio sobre as muralhas’ o que expressa bem a medida do desuso do antigo sistema de fortificações para ceder margem a novos usos” (PESAVENTO, 2002, p. 35).

As cidades passam a crescer com o aumento do fluxo de capital, de investimentos e infraestruturas. Assim, as funções medievais de centros, como Paris, passaram a ter novos usos para além da proteção, como, por exemplo, os mencionados passeios, que primeiramente substituíram as muralhas e, mais tarde, constituíram-se em grandes avenidas, interligando pontos cruciais da cidade e redefinindo o espaço urbano, delegando maior agilidade no fluxo de informações e transportes, características presentes no ideário da modernidade.

Pesavento (2002) utiliza-se dos escritos de Ernest Babelon para contextualizar que o “*boulevard*”, nascido das exigências militares e da insegurança é um reflexo da nova cidade, eles instauram laços com o cidadão ao tecer ambientes conjuntos, alguns são necessidades coletivas, como espaço de tráfego a pé, praças e passeios, enquanto outros são pontos de desenvolvimento da urbe, como esgotos, canais e indústrias. A estes novos moldes urbanos estava prometido um grandioso futuro, porém muitas consequências da necessidade de alterações e planejamentos urbanos

foram invasivas para a população das cidades, como o caso dos despejos para a higienização de Paris durante o mandato de George-Eugène Haussmann entre 1853 e 1870⁵⁹.

O futuro era percebido dentro da concepção do período moderno, onde rápidas alterações nas cidades e no cotidiano ocidental passou a fazer parte de muitos projetos e desejos ao redor do globo.

A promessa de um futuro grandioso é um dos pilares da modernidade, pois, com a alteração dos sistemas urbanos e o aumento considerável da densidade populacional, conforme Marshall Berman (1986), a oferta de trabalho e a concentração de renda fizeram com que a cidade expandisse, sobretudo nos grandes centros, como Londres e Paris, por exemplo.

O conjunto das promessas de futuro com as oportunidades de trabalho industrial, dentro da cidade, fez com que “milhares de pessoas deslocassem-se para o desempenho do ato cotidiano da vida nas grandes cidades, compondo um espetáculo que, na época, incitou ao fascínio e ao terror” (BRESCIANI, 2008, p. 10). Ao fascínio, porque muitos aceitaram os ideais modernos do trabalho, ao terror porque outros se transformaram em mão de obra barata, pessoas que viviam em situações calamitosas nos cinturões periféricos dos núcleos urbanos.

A cidade torna-se relevante para as ciências humanas, pois, conforme Maroneze (2017), é nela que passam, nascem e vivem milhares de cidadãos, incitados pelos múltiplos sentidos da modernidade, indivíduos que tem suas vidas objetivadas nas ruas, no trabalho, nos prédios, nos bares, etc. Todavia, dar voz a essas identidades tem o sentido de pesquisar e analisar os elementos culturais que permeiam os processos urbanos. Logo,

Estudar a história de uma cidade pode parecer algo menor diante das dimensões regionais ou mesmo no âmbito do estado nacional como um todo. Contudo, devemos ponderar que antes do surgimento dos Estados nacionais na Europa foram as cidades que começaram o processo de formação cultural do mundo moderno (MARONEZE, 2017, p. 6).

Reiterando a cidade é real e imaginária, um organismo vivo, um conjunto de ideias que se manifesta através do imaginário social presente nos discursos que perduram além do presente publicado. A perpetuação do presente, através de mídias

⁵⁹ Uma contextualização da importância de Haussman para os processos de reformulação de Paris podem ser encontrados em: GLANCEY, Jonathan. **The man who created Paris**. BBC, Londres, 26 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20160126-how-a-modern-city-was-born>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

impresas, conjuntamente com promessas de futuros grandiosos, potencializaram poderes latentes na humanidade, como a concorrência por trabalho e o sentido de egoísmo do acúmulo capital, “somente possíveis sob a condição da existência de mercados, dinheiro e outros expedientes para facilitar os negócios e o comércio” (PARK, 1979, p. 36).

Considerando todos os aspectos apresentados é possível afirmar que a trajetória das cidades da antiguidade até o início do embrião da modernidade girou em torno da consolidação de um ambiente de convergências, inicialmente políticas e religiosas, mas que passou a ser local de proteção e refúgio, para, então, estabelecer-se como ponto de trocas comerciais, trabalho e inovações técnico-científicas perante enormes contingentes populacionais ou núcleos em expansão.

O encadeamento de alterações do sentido da urbe foi a base para a instauração do crescimento das cidades, a partir das perspectivas industriais. Nessa lógica, Park (1979) infere que a cidade moderna estabeleceu-se na competição industrial e na divisão do trabalho a partir do século XVIII. Ela consolidou esse ideal no século seguinte, com o desenvolvimento das metrópoles, que são o máximo exemplo de organismo moderno, pois é na cidade que a modernidade se fez mais sentida.

A metrópole do século XIX, conforme Simmel (1976), é determinante na modernidade, porque é a sede da economia monetária. Park (1979) postula que esse local moderno é muito mais que um amontoado de individualidades e convivência social, estruturas físicas, instituições burocráticas e dispositivos administrativos. A cidade moderna é a convergência da potencialidade humana manifestada em seu imaginário. A cidade moderna é imaginária e real, porque se faz presente na idealização e na mudança constante das percepções do mundo e dos indivíduos, ameaçando o passado e prometendo o futuro das sociedades.

Nesse contexto de ideias e funções da cidade é que surge Novo Hamburgo, uma cria dos processos históricos europeus, mas com a infância latina. Uma localidade surgida dentro do período histórico contemporâneo, mas baseada nos preceitos, nos projetos, nas promessas, nos imaginários e no conjunto de ideias da Modernidade.

Novo Hamburgo pode ser identificada como uma cidade moderna, pois demonstrava muitos dos aspectos da modernidade urbana apresentados até aqui, como o projeto de futuro, o crescimento estrutural e a ampliação da dominação do território.

De norte a sul e de leste a oeste há uma obra imensa coçando os ímpetus dos novo-hamburguenses que sabem o que querem. Aqui todos trabalham. E quem não trabalha vive dependurado num complexo de inferioridade... Mas não é só dos lugares altos que se concebe a grandeza progressiva de Novo Hamburgo. Caminhando por qualquer recanto da cidade, sempre encontramos algo novo para a satisfação de nossas emoções. Sempre encontramos um sonho novo em perspectiva de realidade, ou uma vontade férrea apalpando um desejo...
Oh! Como a cidade cresce!
Você deve ver os nossos arrabaldes, os nossos vales e as nossa colinas, esticando-se constantemente, alisando os sonhos de seus habitantes...(ROSA, 2009, p. 75)⁶⁰.

Nesse sentido, Oswald Spengler (2013) argumenta que a urbe é o berço da história escrita, pois é neste tipo de cidade que são criados, desenvolvidos, substituídos e documentados os pilares dos controles sociais, representados pelos governos, pela política, pela religião e pelo trabalho.

A cidade e a modernidade em si, com todos os seus processos produtivos, relações sociais e manifestações culturais, ocupam local de destaque em várias correntes teóricas da Nova História. Além disso, tais assuntos também permeiam discussões da chamada Escola de Chicago⁶¹, fortalecendo ainda mais os estudos sobre os processos humanos urbanos, conforme postula Maroneze:

A cidade e a modernidade têm ocupado a atenção dos intelectuais de diversos matizes ao longo do tempo. No século XX, principalmente a partir do final dos anos 60, os trabalhos da 'Escola de Chicago', por exemplo, centraram suas preocupações nas relações entre cidade e cultura, na padronização metropolitana. No âmbito local, um número significativo de pesquisas foram e/ou são desenvolvidas, principalmente a partir da década de 1990, com o intuito de compreender de que maneira as ideias modernas foram interpretadas e incorporadas na sociedade. Da arquitetura à economia, das imagens às sociabilidades, diversos autores buscaram entender o sentido e os efeitos do moderno e seus desdobramentos na história da cidade. O tema da cidade, então, expandiu-se como objeto de pesquisa dentro e fora da Universidade. (MARONEZE, 2007, p.12)

Pensar como as cidades se desenvolveram, dos antigos aglomerados até as modernas metrópoles, a partir de ideais comuns e representaram culturas próprias, memórias e imaginário, é que o presente trabalho pretende analisar o caminho de Novo Hamburgo em seu processo de construção, através de crônicas de Ercílio Rosa.

As crônicas a serem analisadas, foram publicadas no final da década de 1940, na cidade de Novo Hamburgo, no jornal "O 5 de Abril". Neste período temporal,

⁶⁰ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 20 de agosto de 1948, repetida em 4 de março de 1966.

⁶¹ Explicação e contextualização da escola de Chicago a partir de uma conferência transformada em artigo em: BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, out. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008>. Acesso em: 28 dez. 2017.

conforme Edgar Morin (1992), o mundo estava se readequando a novas lógicas produtivas e consolidando os ideais de modernidade, em observância à promessa de futuro indubitável oferecido pelo progresso industrial.

De acordo com esse ideal, Rocha e Eckert (2008) postulam que as sociedades modernas urbano-industriais encerram em sua concepção as motivações sociais de seus habitantes, transformando-se em um ambiente que normatiza os valores éticos e morais dos elementos de liberdade, igualdade e fraternidade, construídos e representados no centro das civilizações ocidentais, bem como nos paradigmas instaurados com os discursos rearranjados da vida, numa sociedade em constante transformação e tráfego de ideias.

Contextualizar o surgimento de novas cidades, em locais como o sul do Brasil, que estavam sob a influência direta de discursos globalizados, é imperativo. Entretanto, tais localidades, não possuíam bagagem histórica ou infraestrutura para se transformarem em metrópoles, embora apresentassem ressonâncias do discurso das grandes cidades.

Novo Hamburgo era uma dessas localidades. Fundou-se como cidade, desenvolveu estruturas físicas e criou um imaginário moderno para fortalecer os aspectos identitários, mas não exibia processos históricos urbanos anteriores ao século XIX. Assim, cada nova empresa ou serviço prestado na cidade, tornava-se digno de referência pública, quase sempre mencionada pelo jornal “O 5 de Abril”, por reforçar a ideia de futuro promissor, mesmo que não houvesse um vasto passado sustentando o presente.

O progresso de Novo Hamburgo é conduzido pelo esforço incansável de suas iniciativas particulares. E essa Companhia de Seguros que foi erguida de um só golpe, é o espelho desse esforço preventivo, que procura consolidar o futuro com os próprios recursos do presente. Idéia carinhosamente guardada no pensamento de cada um, ao ser exteriorizada pela Associação Comercial, foi abraçada febrilmente por todos os que se preocupam com a grandeza da terra, que é a sua própria grandeza (ROSA, 2009, p.88)⁶².

O surgimento de novas cidades concentradas no desenvolvimento de um imaginário focado na promessa de futuro e não na reafirmação de passado, é próprio do período moderno. Uma cidade “dupla” vivida no presente, mas focada na promessa do que irá advir pelo discurso do progresso.

Então, como Novo Hamburgo estava na década de 1940, quais eram as lutas e representações discursivas sociais? Quais elementos mantinham a base do

⁶² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 10 de dezembro de 1948.

imaginário local, em uma cidade formada principalmente por imigrantes e seus descendentes teuto-brasileiros? Esses questionamentos fomentam a apresentação do contexto da cidade e seus processos no momento em que as crônicas de Ercílio Rosa começaram a ser publicadas na cidade.

4.2 CONTEXTO HAMBURGUENSE NA DÉCADA DE 1940

Novo Hamburgo surge a partir da luta de indivíduos pertencentes à elite política local. Desde sua emancipação, a cidade teve o jornal “O 5 de Abril” como representante de concepções da cidade, ele era mantido por alguns dos homens que lideraram o processo emancipatório. Isso demonstra uma interligação entre o discurso publicado e os ideais daqueles que representavam de certa forma, a cidade. Ercílio homenageia esses “homens progressistas” da cidade, na data do aniversário de emancipação.

O dia 5 p.p., marcou mais uma efeméride na existência de nosso município, que nasceu de uma tentativa, de um sonho arrojado, e que cresceu e se tornou realidade, graças ao arrojo progressista de seus filhos, que fizeram desse local aborígene, um centro industrial mundialmente conhecido. Obras nascidas apenas dos esforços coloniais de uma plêiade de homens progressistas, hoje o nosso município se destaca pelo poder evolutivo, apoiado apenas no trabalho rude e na perseverança indômita de seus habitantes (ROSA, 2009, 56)⁶³.

Novo Hamburgo criou, publicou e reafirmou uma constante de discursos que pregavam o trabalho e o progresso urbano. Conforme Schemes (2007), Selbach (2009) e Martins (2011), esses argumentos fomentaram o imaginário local, criando um ciclo inicial representativo das concepções locais no período.

O processo advindo desse ciclo corresponde da data da emancipação, em 1927, até a assinatura dos primeiros contratos de exportação, na segunda metade da década de 1940. Aproximadamente 20 anos, foram necessários à preparação e manutenção do discurso na crença do futuro moderno, e só então, a cidade, efetivamente, começou a crescer e produzir calçados em larga escala.

Nesse contexto a cidade de Novo Hamburgo está inserida em um patamar que mescla o desejo por ser uma grande cidade, conservando paradigmas de uma pequena cidade. De acordo com Simmel (2009), uma grande cidade mantém uma animicidade da vida ligada a um caráter intelectualista, racional, enquanto a pequena

⁶³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 9 de abril de 1948.

cidade é calcada no ânimo das relações pautadas pelo sentimento, há uma conexão entre os indivíduos. Novo Hamburgo almeja e propaga um futuro presente de grandes conquistas estruturais e interpessoais a partir de uma lógica social presentificada por relações pessoais. Há uma mescla entre os discursos identificados por Simmel na grande e na pequena cidade, o que faz com que, nas décadas de 1940 e 1950, ocorram evidentes mudanças na forma de crescimento e alteração na paisagem urbana de Novo Hamburgo.

Os principais elementos fomentadores para a aceleração da mudança, são caracterizados pelas fortes transformações do pós segunda guerra mundial e porque, a partir de 1945, “a produção calçadista foi direcionada para o mercado externo, potencializando enormemente os rumos da região” (SELBACH, 2009, p. 8).

Ercílio traz números do total da produção calçadista em 1948, que totalizam mais de 3 milhões de pares produzidos, tanto para o mercado interno quanto externo.

Novo Hamburgo conta com 25.000 habitantes. Entretanto, cada novohamburgues produziu, em 1948, Cr\$ 10.512,20 e contribuiu só para o governo com Cr\$ 1.698,90!... Somente em calçados, a produção foi de 3.796.404 pares, no valor de Cr\$ 142.116.31,60!

Isto demonstra que os ‘colonos de Novo Hamburgo’ trabalham. E vale a pena trabalhar entre os que trabalham...

A gente sente, em Novo Hamburgo, o estímulo e o entusiasmo britando espontaneamente em cada pedaço de rua, em cada quadra construída com a materialização de um sonho cheirando a suor... Cada edifício em Novo Hamburgo, conserva, numa aresta qualquer, um a esperança de progresso debruando pedacinhos de brasilidade...(ROSA, 2009, p. 132)⁶⁴.

Novo Hamburgo fecha, em 1945, o ciclo produtivo inicial da cidade e consolida algumas bases dos projetos que criaram o município, período em que, na política brasileira, surgiam os preceitos do varguismo. A política nacional estava focada em maiores investimentos no que diz respeito à exportação de seus produtos manufaturados e não apenas na matéria prima. A cidade de Novo Hamburgo desenvolveu os elementos discursivos do trabalhador ordeiro, alinhado com o pensamento autoritário do período Vargas.

Novo Hamburgo, alguns anos antes, em 1929, apresentava elementos que se tornariam comuns no chamado Estado Novo. O então governador da época, futuro presidente, Getúlio Vargas, visitou Novo Hamburgo, para ver de perto a produção do setor coureiro-calçadista local. Durante a sua passagem Vargas realizou um discurso político considerando a percepção ordeira das relações entre operários e patrões.

⁶⁴ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de outubro de 1949.

De acordo com as percepções de Schemes, Maroneze e Kuhn Junior (2017), os direcionamentos e argumentos do discurso consistiam no operário dócil, ordeiro, alegre e disciplinado, que teria sido forjado pelas relações de trabalho individual e progresso coletivo. Todo o processo político brasileiro Varguista teve esses elementos entranhados nos discursos. Dessa forma, Novo Hamburgo mostra-se, em um primeiro momento, como embrião, alinhavado, do sistema nacional moderno, depois como potencialidade desse mesmo sistema.

É notável e digno de admiração, o sentimento de confraternização desse povo que fora do trabalho esquece as convenções hierárquicas e, com raras exceções, empregados e empregadores de todas as categorias, unem-se, íntima e democraticamente, nas mesas de cafés, nos mesmos salões recreativos e nos mesmos esportes, etc.

É assim que, entrelaçados por essa compreensão de uma solidariedade íntima, os novo-hamburguenses solidificam e conservam seu potente esplendor progressista, alimentados por um desejo enorme de conquistar seus ideais (ROSA, 2009, p. 28)⁶⁵.

Importante destacar que, apesar de terem sido produzidos trabalhos científicos sobre a cidade de Novo Hamburgo ao longo de sua história, eles se concentram até a década de 1930 e, posteriormente, ao grande aumento industrial da década de 1960. Há pouco material acadêmico produzido referente à época de 1940, o que deixa mais de uma década da história da cidade sob sombras e silenciamentos. A presente dissertação visa analisar esse período pouco estudado e dar voz ao cronista que foi delegado ao esquecimento dentro das narrativas históricas da cidade.

No estudo, busca-se entender como no período selecionado a cidade foi percebida através das crônicas, escritas por Ercílio Rosa. O cerne da presente dissertação é a questão sobre: *entender como Novo Hamburgo, enquanto palco e tecido social, era percebida e como seus indivíduos eram descritos identitariamente e mais, quais elementos remontam uma paisagem e sociabilidades percebidas e quais demonstram uma concepção de futuro idealizada.*

Retomar-se-á às questões a partir da análise de conteúdo das 100 primeiras crônicas publicadas por Ercílio Rosa na cidade, as quais estão dispostas nos próximos três capítulos.

Nesse recorte temporal, de 1945 a 1949, a população de Novo Hamburgo cresceu, quase o equivalente aos últimos 18 anos anteriores. Conforme dados do IBGE (2010), a cidade possuía a população de 8500 indivíduos no momento da emancipação (1927); já em 1945, o censo demográfico apresentava 19.251

⁶⁵ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 24 de janeiro de 1947.

habitantes, ou seja, um crescimento de quase 11.000 habitantes em 18 anos. Contudo, de 1945 a 1950, ocorre o primeiro *boom* demográfico local. Em cinco anos, a cidade recebe mais de 10.000 novos habitantes e atingiu uma população de 29.447 indivíduos em 1950⁶⁶.

O crescimento demográfico de centros urbanos industriais, a partir de 1940, dá-se, principalmente, conforme Martins (2011), pelos efeitos da Segunda Guerra mundial, que destruiu centros industriais na Europa, e que fez com que alguns países do então chamado “Terceiro Mundo” crescessem. Destes, um dos que mais desenvolveu aspectos econômicos foi o Brasil, porém, não conseguiu desconcentrar a renda, de modo que tem, ainda na atualidade, uma das maiores desigualdades sociais do mundo.

Entre todos os países que se desenvolveram economicamente no pós-guerra, o Brasil ficou atrás somente do Japão, no quesito crescimento econômico. “De alguma forma, isso tudo pode ser creditado ao projeto industrial iniciado em 1930, reforçado nas décadas de 40 e 50 e internacionalizado no período da ditadura civil militar a partir de 1964” (MARTINS, 2011, p. 62).

Arturo Escobar (2005) postula que, após o fim da guerra, o argumento histórico do desenvolvimento, fortaleceu-se nas raízes do processo profundo da modernidade e do capitalismo. Especialistas desenvolveram aparatos institucionais que converteram os discursos e as promessas de futuro, do início do século XX, em uma força social real e efetiva. A economia, a cultura e a política de algumas das nações que apoiaram os países “vencedores” da guerra transformaram-se e consolidaram-se e o Brasil estava entre elas.

Conforme relatório de 2010, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), foi a partir da década de 1930 que o Brasil iniciou a completa afirmação do novo padrão de acumulação em alguns centros urbanos. Por conseguinte, na década de 1940, o Estado brasileiro passou a oferecer condições vantajosas e de retorno financeiro, para que capital estrangeiro fosse investido no país.

⁶⁶ A partir do fim da década de 1940, há um considerável aumento demográfico em Novo Hamburgo, de acordo com o IBGE (2010) a cidade apresentava em 1945 – 19.251 habitantes; em 1950 – 29.447 habitantes; em 1960 – 53.916 habitantes; em 1970 – 85.956 habitantes; em 1980 – 136.494 habitantes; em 1991 – 205.668 habitantes; em 2000 – 23.6193 habitantes; em 2008 – 25.5277 habitantes. Em 2015, de acordo com informações do site do IBGE, Novo Hamburgo apresenta população de 238.940 habitantes. Os dados referentes a população do município, de 1920 até 2015, serão apresentados em forma de tabela no Anexo 2.

O investimento de capital e acordos de exportações da produção calçadista permitiu que Novo Hamburgo desenvolvesse aumento demográfico de cerca de 50% de sua população, em apenas 5 (cinco) anos. Essa alteração populacional, segundo o IBGE (2010), aumentou exponencialmente nas duas décadas seguintes. Assim como 1927 foi o início de um ciclo, 1945 era o próximo passo para a cidade atingir, efetivamente, os resultados de algumas de suas metas fundadoras, constantemente atualizadas e reafirmadas pelas páginas dos jornais e, conseqüentemente, pelas crônicas.

Sentimos necessidades de ampliar nossas fronteiras, empurrados pelo crescimento de nosso progresso. Não podemos subir pelos espaços etéreos, nem penetrar pelo chão adentro, mas podemos expandir-nos pelos terrenos vazios e desprezados deste Brasil grandioso e abandonado (ROSA, 2009, p. 100)⁶⁷.

No início da década de 1950, conforme Selbach (1999) a cidade exibia mais fábricas (403) do que estabelecimentos comerciais (350). Isso mostra de forma clara e direta a importância e a força do setor industrial na cidade de Novo Hamburgo.

A seguir, apresentar-se-á integralmente um texto publicado em janeiro de 1951, onde Ercílio retrata o que era o amanhecer na cidade. Com a crônica (mesmo fora do escopo inicial), procura-se apresentar percepções sobre a cidade, as quais serão analisadas nas categorias de análise dos próximos capítulos. O título da crônica a seguir é “Manhã de dia Útil...”.

Pouco passa das 7 horas. A manhã ainda envolta nas brumas da madrugada, mal foge do orvalho. E o sol, ainda respingando sereno, levanta-se heroicamente nesse começo de dia comum.

E enquanto a aragem dorme, como é costume nos vales, uma densa fumaça cheirando à fábrica envolve toda a cidade...

Recém começou um novo dia na “cidade industrial”. E qualquer observador pode sentir, através das chaminés fumegantes, o ruído heterogêneo das 370 fábricas novo hamburguesas, das 294 manufaturando calçados!...

Manhã de dia útil em Novo Hamburgo. Fulões rodando nos curtumes, couros estirados ao sol nascente e formas de sapatos cobertas de couros modelados...

Pouco passa das 7 horas. E quem não conhece a filosofia talvez barata da gente progressista deste núcleo, jamais poderá conceber que dentro de cada uma dessa 294 fábricas de calçados há centenas de artistas desprezados e humildes, idealizando, criando e modelando verdadeira obras de arte para os pés humanos desse Brasil afora.

Ainda não são 8 horas da manhã. Em cada cidadão cômico de seu dever, há uma seqüência de horas para vencer o dia, e há uma seqüência de dias para vencer a vida; há sonhos já gastos enrolados na ilusão de um dia a mais, e há um dia a mais enrolando sonhos gastos na seqüência de uma ilusão qualquer...

⁶⁷ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 24 de março de 1949.

Começo de dia útil em Novo Hamburgo. Chaminés fumegando dentro do vale, e sensações de admiração esticadas ao longo das compreensões cotidianas que não se repartem...

Pouco a pouco, as horas da manhã vão se desprendendo de si mesmas, impregnando a gente de emoções jamais sentidas, que se destacam das elevações circunstantes de onde se admira toda a evolução progressiva da cidade que, além de suas atividades industriais, ainda se destaca nas competições desportivas e sociais.

A manhã ainda está envolta nas brumas da madrugada passiva, enquanto os sonhos progressistas acordam o vale estirado ao longe de si mesmo, fragmentos de emoções.

Enquanto o vale acaricia as emoções estranhas contidas além de nós mesmos, a cousa continua...

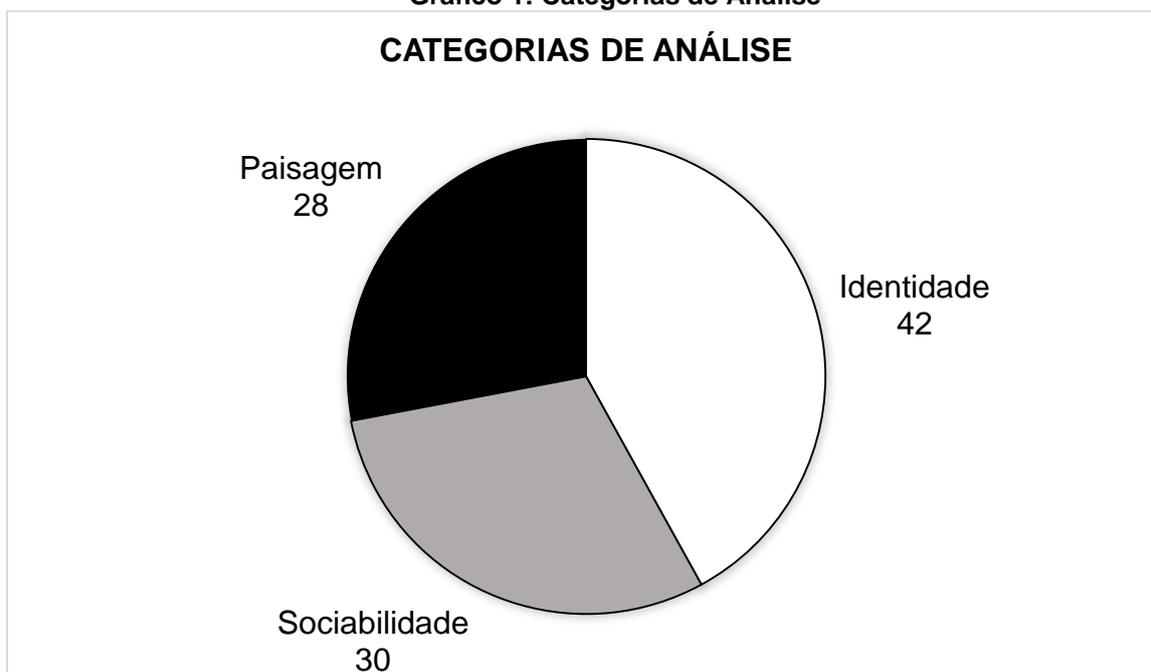
Já são 8 horas passadas...(ROSA, 2009, p. 197)⁶⁸.

Ercílio mostra de forma direta que Novo Hamburgo está intimamente ligada com o desenvolvimento industrial do setor coureiro-calçadista. A cidade vivencia essa realidade cotidianamente. A crônica ainda traz percepções sobre o destaque de hamburguenses em competições desportivas e sociais, como se a essencialidade do trabalho proporcionasse ao cidadão vantagens e comprometimentos em outras áreas.

O estilo de escrita de Ercílio Rosa é apresentado no texto acima transcrito, bem como uma perspectiva da visão que será abordada nos próximos capítulos, em 3 unidades de conteúdo (Gráfico 1) – Paisagem urbana (28 crônicas), Sociabilidade (30 crônicas) e Identidade (42 crônicas). Todas as unidades serão trabalhadas a partir do tensionamento presente nas crônicas e da constatação de um vivido com a idealização de um projeto de futuro, pois as crônicas não são somente relatos. Ercílio utiliza-se de seu papel de destaque no jornal para educar o olhar e a leitura em determinada direção.

⁶⁸ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 19 de janeiro de 1951.

Gráfico 1: Categorias de Análise



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Agrupou-se as 100 crônicas dentro de três macro categorias de análise – Paisagem, Sociabilidade, Identidade – as quais serão trabalhadas de forma independente em cada capítulo subsequente. Dentro das categorias identificou-se unidades de conteúdo:

Paisagem: Foi dividida em 3 Unidades que compõem um panorama geral da visão sobre a cidade: Bairros; Construções e Críticas.

Sociabilidade: Foi dividida em 2 categorias, os espaços de sociabilidade abertos e fechados.

Identidade: Esta última Unidade não recebeu divisões, pois entende-se que a identidade precisa ser analisada no processo como um todo.

Cada categoria representa um capítulo a ser apresentado dentro dos aspectos das manifestações culturais de Novo Hamburgo em conjunto com as traduções dos macro discursos ocidentais voltados para a modernidade, enquanto período e ideia-força.

5 PAISAGEM URBANA HAMBURGUENSE

A cidade de Novo Hamburgo é percebida nas crônicas de Rosa como um local que compõem uma paisagem urbana. Nos textos analisados, todas as percepções conduzem a uma narrativa da urbe como o cenário que emoldura o palco citadino, não há lugar para o natural, há apenas uma paisagem naturalmente humana referenciada em discursos da modernidade. Ercílio narra essa percepção já nas suas primeiras crônicas, quando escreve sobre como a cidade é vista por ele. “Sua pitoresca paisagem aparece-nos encantadoramente exposta na desenvoltura de seu progresso crescente que a evolução de sua indústria e seu comércio impõem à urbanidade” (ROSA, 2009, p. 28)⁶⁹.

Essa concepção fundamenta duas discussões a serem abordadas aqui. A primeira configura-se pela alteração do espaço e seleção dos fatores propagados pela crônica na forma de processo e manifestação cultural, então, é essencial contextualizar a noção do conceito de cultura, para entender como a paisagem da cidade é trasposta para as crônicas. A segunda discussão a ser feita é sobre o contexto de modernidade, clarificar o uso do conceito, demarcar a palavra modernidade como o contexto histórico da humanidade e diferenciá-lo do conjunto de ideias, que de acordo com Baumer (1977), fomentam percepções de mundo a partir de uma tecnificação da produção e investimentos na diminuição do tempo e do espaço. Porém, para expor a ideia de cultura e modernidade, se faz necessário apresentar a paisagem que as crônicas propagavam.

Ercílio, na condição de um narrador da cidade, percebe as paisagens urbanas despontando como espaços fantásticos, os quais, segundo Gilbert Durand (2007), fazem com que os moradores habitem a urbe transformando suas lembranças. Essa relação de constante transformação das imagens imateriais proporciona um acervo de conhecimento da cidade e de suas manifestações culturais. Os elementos que compõem a paisagem percebida são fundamentados a partir da transformação do ambiente em um padrão natural, a partir do imaginário local e da promessa de futuro grandioso, característica da modernidade.

Cada habitante é um dente da engrenagem que move a sua evolução, pois em cada canto, a cada momento, surge espontânea e varonil, um novo

⁶⁹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 24 de janeiro de 1947.

estabelecimento fabril que transforma a paisagem urbanística avançando pressurosamente ao encontro do futuro promissor (ROSA, 2009, p. 28)⁷⁰.

Assim analisadas, as crônicas descrevem a paisagem urbana, nos textos de Ercílio. Holanda (1995) postula que situações como essa são exemplos da dominação da natureza perante a força da humanidade, pois quando se constrói uma cidade, um território é demarcado e a vontade do natural é moldada a partir do construído. A cidade é uma conquista do homem sobre o ambiente. Flávio Silveria (2011) expõem que essa relação forma uma paisagem como consequência de uma relação do homem com a natureza.

Na antropologia há vários conceitos de paisagem, paisagem natural, paisagem cultural, paisagem urbana. Contudo, na análise das crônicas utiliza-se a noção de paisagem nos preceitos de Pierre Sansot (1983) onde é percebida uma paisagem unificada e não com perspectivas excludentes entre a natureza, cultura e humanidade. Quando há a referência a paisagem (ou paisagem urbana), ele está tratando de um fenômeno plural que, antes de tirar o humano de cena, o incluiu como agente ativo dentro das alterações dos processos paisagísticos, criando uma integração entre o sujeito e o meio. Dessa relação surge o conceito de paisagem, pois o ser humano está inserido em uma paisagem natural que ele mesmo acaba modificando e transformando em algo novo no decorrer de um processo cultural. A cidade é algo “natural” da vida humana, é inerente a seu desenvolvimento, sobretudo no período moderno.

Nesta linha, de acordo com Silveira (2011) e Sansot (1983) as paisagens seriam o meio decorrente das interações entre humanos e os ambientes ecológicos (*natureza natural*) que exercem influências sobre e junto aos grupos sensíveis à alteração tanto sistêmica quanto do imaginário. Nesse contexto, as crônicas de Ercílio Rosa dão voz a uma paisagem, não tanto harmoniosa entre homem-natureza, mas num sentido de dominação do indivíduo sobre o natural.

Novo Hamburgo pode ser pequeno em território e, talvez em cultura. Mas é grande em esforço progressista; é grande em democracia; e é um símbolo em trabalho, estampando a evolução nuclear desta gleba que se destaca dia a dia na concepção nacional, através de suas próprias realizações. A cidade cresce assustadoramente, e não estranharemos se qualquer dia nossos municípios estiverem residindo noutro município, apesar de serem novohamburgueses... Os bairros vão se dilatando pelas arestas dos terrenos, namorando os contornos de nossas divisas territoriais... Tudo se multiplica nesta cidade dinâmica[...] (ROSA, 2009, p. 99)⁷¹.

⁷⁰ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 24 de janeiro de 1947.

⁷¹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 18 de março de 1949.

O crescimento da cidade, tanto econômico quanto estrutural e demográfico, é algo que faz parte da relação do conceito de modernidade com a tradução dos processos culturais. Neste ponto, é importante conceituar ambas as perspectivas, porque Novo Hamburgo é considerada uma cidade moderna, não somente por seu território, mas por seus discursos, alterações paisagísticas e construções imaginárias, panorama que é a manifestação de aspectos culturais próprios ao desenvolvimento histórico da cidade.

Entender como a cultura e a modernidade são percebidas torna-se essencial para compreender qual foi a paisagem relatada por Ercílio em suas crônicas, pois no transcorrer do processo identifica-se a maneira como Novo Hamburgo traduziu os macro discursos vigentes no Ocidente, para dentro de sua realidade na década de 1940.

5.1 A CULTURA MOLDANDO A PAISAGEM

As múltiplas aplicações conceituais em trabalhos sobre manifestações culturais, conforme Clifford Geertz (2008), fazem com que o conceito de cultura torne-se grandioso. Sua aplicação na pesquisa sobre o homem pode resolver inúmeros problemas, proporcionando outros tantos. Este conceito é central para as teorias sociais atuais.

Geertz (2008) utiliza trabalhos de Clyde Kluckhohn para abordar 11 possíveis definições do conceito de cultura.

Em cerca de vinte e sete páginas do seu capítulo sobre o conceito, Kluckhohn conseguiu definir a cultura como: (1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história", e voltando-se, talvez em desespero, para as comparações, como um mapa, como uma peneira e como uma matriz (GEERTZ, 2008, p. 4).

Essas definições mostram a abrangência do conceito e suas múltiplas abordagens. Por isso, é necessário que o pesquisador de processos culturais desenvolva análises interdisciplinares, pois a cultura é algo que não pode ser

encarcerado, ela é a totalidade do universo humano. Conforme Geertz (2008), a cultura é o conjunto de amarras em que o ser humano busca viver e dar significado as suas vivências e representações de mundo.

Em síntese, na presente dissertação, o conceito “cultura” parte da concepção de teia e resultado de Geertz (2008), mas também das pesquisas de Marshall Sahlins (2007), onde cultura são elementos sociais e discursivos vigentes na humanidade, relatados através de algum suporte ou vestígio humano. Sahlins (2007, p. 7-8),

Toma como qualidade distintiva do homem não o fato de que ele deve viver num mundo material, circunstância que compartilha com todos os organismos, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única. Por conseguinte, toma-se por qualidade decisiva da cultura – enquanto definidora para todo modo de vida das propriedades que o caracterizam – não o fato de essa cultura poder conformar-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. Por isso, é a cultura que constitui utilidade.

De acordo Sahlins (2007) a cultura não é simplesmente a mediadora da relação humana com o mundo, mas sim a compreensão dos esquemas entre a objetividade e a subjetividade provenientes da relação. Ela molda a paisagem humana, é moldada pela paisagem natural e ainda é o resultado e os significados do processo de interação entre o humano e o meio. O conceito, então é percebido através de um sistema adaptativo entre as comunidades humanas, seus pressupostos biológicos, suas construções discursivas e seus contextos históricos. Pois,

O homem adapta-se ao meio em que se estabelece, sobretudo através das construções culturais criadas para interpretar e materializar o espaço que o cerca, delegando funções e manifestações diversas à sistemas de crença, religiões, economia, política, relações de poder e organização espacial (SAHLINS, 2007, p. 9).

A cultura, conforme Sahlins (1997), configura-se nos sistemas de perguntas e respostas sobre o comportamento humano e sua atuação em determinado espaço. Inclui-se nesse processo o modo de vida comunitário, as tecnologias desenvolvidas, os modos de organização econômica, os padrões comportamentais, a forma de agrupamento e disposição social, a organização política, as práticas religiosas e as sociabilidades, organizadas e manifestadas a partir de determinado sistema simbólico. Logo, “as culturas são ordens de significado entre pessoas e coisas” (SAHLINS, 2007, p. 9).

Esse sistema simbólico é percebido através da linguagem, que proporciona o processo de materialização da cultura. Segundo Sahlins (1997), a cultura manifesta-

se sob significados específicos para cada grupo. Os significados não podem ser determinados apenas por propriedades biológicas ou físicas, mas sim como sistemas simbólicos calcados em discursos, representações e imaginários.

No caso de Novo Hamburgo, os sistemas simbólicos e seus sentidos estão voltados para o progresso urbano-industrial e as relações de trabalho, porém, em alguns momentos, as crônicas rompem esse padrão relatando algum evento que contribui para o contexto geral de engrandecimento da cidade além do trabalho, moldando assim as percepções da paisagem hamburguense.

Na sucessão dos dias que arrastam incondicionais na progressão dos tempos, Novo Hamburgo vai fugindo pouco a pouco de suas condições de aldeia. Em cada setor de atividades, sentimos as transformações das coisas que se projetam ao longo da nossa imaginação.

A cada momento que passa, surge, diante de nós, algo novo nas características da cidade, cravando pontos de exclamações nas emoções da gente.

A União dos Estudantes de Novo Hamburgo, cujo lema é “tudo por Novo Hamburgo”, é uma entidade que, apesar de certas dificuldades, muito tem se empenhado pela evolução intelectual e social entre nós. E essa plêiade de jovens otimistas, luta desesperadamente pelo engrandecimento progressivo de seus princípios para dotar nossa mocidade de incentivos mais profundos, mais espirituais e mais urbanos. E assim, esses moços vão furando preconceitos sem medirem nas conseqüências...

Com o pensamento amarrado no trabalho cotidiano, vamos esquecendo de que não é só trabalhando que se vive. Precisamos dar um empurrão em nossa cultura social, que está ficando atrasada em face de nosso progresso industrial. É principalmente pela conduta social que costumamos medir o grau de adiantamento cultural de um povo (ROSA, 2009, p. 120)⁷².

Os processos e sistemas de linguagem, como a fala, o jornal e a crônica, são os suportes e os veículos que a cultura encontra para materializar-se. Sahlins (2007) complementa que, o indivíduo ao falar ou escrever está acessando toda a sua bagagem cultural, pois o ato de comunicar consiste no estabelecimento de um mundo “cartesiano”, desenvolvido de dentro para fora, baseado no conhecimento e representações individuais de mundo. Na prática, o sujeito é a chave da manifestação cultural, pois são suas concepções individuais, a partir de construções coletivas, que darão significado aos elementos organizados pelo pensamento e exteriorizados pela fala ou escrita. Dessa forma a cultura está presente em construções “virtuais” canalizadas pelas percepções humanas e manifestadas pelos sistemas de linguagem. A presentificação da cultura ajuda a identificar os elementos que serão colocados como a moldura da paisagem relatada pelas interações sociais.

⁷² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 29 de julho de 1949.

A manifestação da cultura pode acontecer por gestos, expressões faciais e pela fala e todas essas ações estão condicionadas a uma forma de linguagem. A cultura está no cotidiano, no passado e no futuro, na comunicação entre indivíduos vivendo sob os mesmos códigos, ou no estranhamento mútuo entre códigos diferentes.

De acordo com Stuart Hall (1997), a linguagem atribui significados a cultura, que só podem ser partilhados pelo acesso comum entre indivíduos de um mesmo sistema de linguagem. Portanto, a cultura obtém significado em um mesmo sistema, mas quando ocorre o choque de linguagens diferentes, pode-se gerar uma nova cultura, híbrida, diferente da expressada por ambos agentes languageiros.

A cultura existe como tessitura social dos seres humanos e pode ser associada ao ato do raciocínio, do desejo de modificação do ambiente, etc. Ela é o processo de escolher aceitar ou negar os elementos imaginários, ou seja, toda a percepção da vida por algum indivíduo. Conforme Charaudeau (2012), a cultura é percebida, interiorizada e propagada, seja de forma consciente ou inconsciente, através da linguagem.

Nessa abordagem, a cultura, na forma sistemática, compreende todas as representações de mundo, ela permeia a totalidade da vida humana. Quando um indivíduo precisa agir ou reagir a qualquer situação, ele aciona suas concepções e organizações culturais, pois busca e seleciona soluções possíveis nas culturas apreendidas em seu meio social. Conforme Roque Laraia (2001), a cultura é como óculos que selecionam as cores que serão destacadas do mundo, levando o indivíduo a criar respostas induzidas culturalmente.

Todas as perguntas e respostas culturais estão condicionadas pela linguagem, porém o significado dessas relações só é possível se o resultado da comunicação proporcionar paisagem “real” moldada culturalmente.

Estabelecido que a cultura é sempre manifestada por alguma forma de linguagem, precisa-se compreender o contexto e os ideais da modernidade, para analisar a concepção da paisagem urbana de Novo Hamburgo.

5.2 A MODERNIDADE GUIANDO O OLHAR SOBRE A PAISAGEM

O conceito de modernidade, como ocorre com o de cultura, é amplo, sendo aplicado a vários fatores e perspectivas. Na presente dissertação, modernidade é percebida como um projeto assumidamente voltado para o futuro. Inicialmente pode

parecer confuso, porém a modernidade e o pensamento moderno, de acordo com Baumer (1977), apresentam determinados ideais que impulsionam os discursos e processos históricos consolidando concepções de mundo, voltadas sobretudo a uma tecnificação, industrialização e romantização⁷³ do espaço geográfico urbano. Tal perspectiva é percebida historicamente a partir do início do século XVII até meados do século XX.

Segundo Anthony Giddens (1991), a modernidade compreende costumes e organizações sociais, como o urbanismo, o industrialismo e o capitalismo, surgidos em centros Europeus, como Londres e Paris a partir do século XVII. O período moderno tem por centro de operações a cidade e o meio urbano, após a chamada Revolução Industrial, levada a cabo, no início do século XIX.

A modernidade não está ligada só a economia, a industrialização e ao capital, ela é um conjunto de forças e ideias que modificaram o mundo e interligaram várias lógicas comerciais e culturais. Todavia o período moderno sendo mais do que apenas o sistema socioeconômico capitalista, ainda tem nele uma síntese de muitos dos argumentos discursivos que movem o mundo, por isso não tem como não mesclar preceitos de história marxista, história cultural, nova história e história das mentalidades para contextualizar e analisar a aplicação do conceito de modernidade.

Com a consolidação da Revolução Industrial na Europa, Velho (1979) explica que ocorre o deslocamento do centro real de poder para a cidade, fazendo com que o modo de vida urbano – mais ainda o metropolitano – tornem-se padrões a serem exportados pelo globo, como sendo os modelos básicos da vida humana urbana. Tais modelos apresentam como base a técnica de maquinário em detrimento do artesanal, além da aceleração do tempo informacional e do espaço geográfico através de meios de comunicação e de transportes cada vez mais rápidos.

Morin (1992) apresenta o desejo por informação rápida, deslocamento de pessoas e trocas de mercadorias baseados na consolidação do uso da máquina, como elemento impulsionador da modernidade enquanto ideia-força manifestada no contexto discursivo urbano e industrial.

⁷³ Devido a escolhas teórico-metodológicas não será discutido a questão do romantismo presente no pensamento moderno, mas indica-se um trecho de obra que explica tal contextualização. BAUMER, Franklin Le Van. **O pensamento europeu moderno**. V. 2. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 23-59.

As bases desses ideais consolidam-se no início do século XIX, mas abarcam a totalidade de sua aplicação na primeira metade do século XX. Essa datação é defendida por inúmeros autores de diferentes correntes teóricas como Benjamin (1975)⁷⁴, Berman (1986)⁷⁵, Giddens (1991)⁷⁶, Morin (1992)⁷⁷, Zygmunt Bauman (2001)⁷⁸ e Eric Hobsbawn (2009)⁷⁹.

Em síntese para eles a modernidade é o período de aceleração da produção, acúmulo de capital, desenvolvimento do Estado, progresso das indústrias, aumento de centros urbanos, aceleração do tempo e das trocas de mercadorias.

Estes foram os mesmos fatores que fomentaram a Segunda Revolução Industrial nos anos 1870, que aumentou a concorrência de mercado no fim dos anos 1890, solidificou o Imperialismo e proporcionou duas grandes guerras mundiais, permeadas por um período de crise e a ascensão de regimes totalitários no século XX. Esses acontecimentos históricos modificaram a forma de perceber o mundo, a partir do Imperialismo e das descobertas científicas comunicacionais e de transporte, como o telégrafo, o rádio e o automóvel. As distâncias e o tempo passaram a serem percebidos de uma forma mais curta e rápida. O cotidiano e a paisagem urbana passaram a ser guiados pela modernidade. Todavia o momento de impacto mais acelerado e de transformações em níveis globais foi o período durante e pós segunda guerra mundial.

O conflito mundial influenciou diretamente aspectos cotidianos de vários locais ao redor do globo, Novo Hamburgo foi um destes. Durante o transcorrer da guerra e dos alinhamentos políticos e bélicos, a situação dos hamburguenses foi delicada, devido a constituição histórica da cidade se dar por imigrante e descendentes teuto brasileiros. Porém no pós guerra, a partir de discursos internos de mais de duas décadas e encaminhamentos políticos nacionais, as empresas hamburguenses tiveram consolidados os primeiros contratos de exportação da sua produção calçadista. Uma noção da totalidade dessa situação é apresentada por Ercílio.

Assim, é evidente que certas mentalidades organizam governos, e nos conduzem sob sua influência, por mais inverosímil que nos pareça. Com essas oscilações de mentalidades, as populações coloniais são, ora

⁷⁴ BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.

⁷⁵ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

⁷⁶ GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

⁷⁷ MORIN, Edgar. **Os problemas do fim do século**. São Paulo: Notícias, 1992.

⁷⁸ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁷⁹ HOBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: História do breve século XX**. São Paulo: Cia das letras, 2009.

homenageadas, louvadas e enaltecidas, ora caluniadas, perseguidas e apedrejadas. Na última guerra, engendrada por políticos ou chefes de estado sem sentimentos de fraternidade, quando os povos foram atirados uns contra os outros sem saberem porque, o nosso país viu-se envolvido na mesma trama, contra os países de origem dos antepassados dos nossos hoje patrícios respeitáveis e trabalhadores, que formam as linhas teuta e itálica da nossa variadíssima formação étnica.

É por demais sabido o que neste período fizeram com estes cidadãos, muitos dos quais ingênuos e pacatos agricultores.

Em vez de lhes darem estradas para o escoamento de seus produtos e escolas para incutir-lhes o espírito nacionalista, invadiram-lhes as propriedades; proibiram-lhes sua língua original e despojaram-lhes os rádios, veículos e armas destinadas à caça, defesa e esporte. Sim! Privaram-lhes um dos esportes mais queridos: o Tiro ao Alvo! Privaram-lhes as tradições herdadas de seus ancestrais, e até de seus mais típicos costumes!

No entanto, eles formam a viga mestra da economia Riograndense! (ROSA, 2009, p. 33)⁸⁰.

Esses acontecimentos transformaram-se em processos históricos e culturais, que demarcaram um período de Novo Hamburgo, forçando a consolidação de um ideal de modernidade dentro do discurso de ordenamento social, desenvolvimento industrial e progresso urbano.

A perspectiva de modernidade pode ser percebida, conforme Hobsbawn (1996) e Morin (1992), como o período de aceleração das mudanças humanas e momento de extremização de relações e choques culturais. Por isso inúmeros pensadores debruçaram-se sobre o contexto da modernidade ao longo do século XIX e XX.

Desde de Marx — tudo que é sólido desmancha no ar — e Weber — a modernidade desencantou o mundo — passando pela Escola de Frankfurt (Adorno, Benjamin, Horkheimer) — que, em pleno nazismo e stalinismo, tentava, ancorada em Weber, conciliar Freud e Marx. Seu atual herdeiro — Habermas — sustenta que a modernidade é um processo ainda incompleto, o que não o impede de afirmar que o trabalho perdeu a centralidade no mundo de hoje, que não é mais explicável pelo paradigma da produção. Grande impacto tiveram as teorias da estruturação, reflexividade e alta modernidade (Anthony Giddens), da sociedade de risco (Ulrich Beck), do capitalismo desorganizado (Claus Offe, Lash & Urry), da acumulação flexível pós-fordista (David Harvey e outros) etc. (VIEIRA, 2002, p. 208).

Muitos desses autores concluíram que a modernidade, enquanto período, possuía uma força própria que arrastava as sociedades e o mundo para um âmbito de rápidas transformações, desenvolvendo e consolidando um projeto de futuro.

No caso de Novo Hamburgo, desde a fundação da localidade no século XIX até sua consolidação no século XX, há perspectivas expostas nas crônicas voltadas para o desejo de transformação e projetando o progresso futuro.

À essa plêiade de humildes teutos devemos a maior parcela do progresso do nosso Estado, pois foram eles os pioneiros que, embrenhando-se nas matas virgens, conseguiram de geração em geração, com sacrifício e persistência,

⁸⁰ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 30 de junho de 1947.

transformar aqueles sertões abruptos em lindas, ricas e progressistas cidades que hoje formam a vanguarda da indústria e do comércio do nosso país (ROSA, 2009, p. 33)⁸¹.

O texto citado, demonstra percepções de um ambiente que proporciona os aspectos levantados por Berman (1986) da promessa de aventura, alegria, crescimento e poder, ideal que é confirmado por Morin (1992), para ele, o período moderno consolida-se, enquanto conjunto de ideias, ao apresentar inúmeros avanços técnicos e científicos. Também ocorre a confirmação de uma racionalidade que chancelava a concepção do progresso irreversível, mas que alterava tradições e trazia novas perspectivas para a vida em sociedade. Todavia, Ercílio também percebe a ameaça às tradições e à certeza da vida, onde tudo pode mudar através do próprio crescimento, modificando além da paisagem urbana, o sentido sociocultural da cidade.

Aproximam-se os dias dos kerbs de Novo Hamburgo. Muita gente ignora o que seja kerb, por isso deram-lhe o apelido de “grandes bailes”, desvirtuando assim uma expressão que simboliza a festa magna de uma tradição genuinamente regional.

[...]

É a evolução dos tempos, assinalando uma época. Hoje gira em torno de nós, a ânsia das transformações. Tudo foge do primitivo para a fúria das inovações. Temos tantos desejos loucos que até esquecemos as tradições que nossos ancestrais nos legaram.

Mas resta-nos os kerbs. Ah! Os kerbs! É um fio que nos conserva com a imaginação presa ao passado. É um sonho retrospectivo que nos devolve aos tempos dos desbravamentos, quando o “kircheih” era o anseio de cada núcleo colonial.

Agora Novo Hamburgo comemora, mais uma vez, a festa mor de seus antepassados. Mas tão distantes, tão evoluídos, tão modernizados, que até a palavra “kerb” teve nova transformação: agora diz-se ‘grandes bailes’ (ROSA, 2009, p. 59)⁸².

Nessa lógica de macro estruturas burocráticas que altera o sentido da cidade e guia a vida moderna, os sentimentos muitas vezes são esquecidos pela história. Por esse contexto a literatura possui grande significação como fonte histórica e, até mesmo, como detentora do imaginário de uma época. É a partir das crônicas que se percebe o geral sendo manifestado no íntimo pessoal, ver como além de proporcionar uma visão da paisagem urbana cotidiana Ercílio aborda a percepção do sentimento, trazendo uma liricidade para o pensamento moderno presente em Novo Hamburgo.

Procuramos a felicidade, mas a felicidade absoluta não pode existir, porque se existisse paralisaria o progresso, pois quem sente-se feliz nada mais deseja. No entanto, vivemos lutando por algo que não sabemos bem o que seja, mas que nos atrai como um imã.

⁸¹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 30 de junho de 1947.

⁸² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 30 de abril de 1948.

A vida encerra almas tão diversas com interesses tão antagônicos. Mas os sonhos, amarrotados ou cuidadosamente dobrados, serão quase sempre os mesmos: elevar-se acima da massa anônima, projetar-se para a orgulhosa superioridade (ROSA, 2009, p. 50)⁸³.

A crônica, às vezes, aborda de forma implícita o contexto e faz com que o leitor atento e, mais ainda, um possível pesquisador, abstraia inúmeros significados além daquele clarificado pelas palavras. Assim, o período moderno exposto pelo crescimento urbano permite ser interpretado pelas crônicas como a luta pelo controle da geração e capital, quanto mais os indivíduos trabalham pela busca de um ideal fetichizado, mais as relações humanas se tornam impessoais e frágeis.

Voltando para a conceituação e contextualização da modernidade além da ampliação do espaço urbano e da alteração de sentidos socioculturais e tradicionais, Octavio Ianni (1993), complementa alguns dos emblemas do pensamento do período moderno ocidental, através dos conceitos de progresso, evolução, ordem, modernização, racionalização e tecnificação. Esses conceitos dão ideia de avanço produtivo, de aumento da interferência sócio-espacial pelo ser humano “civilizado”, além da utilização das máquinas, como algo inerente ao cotidiano. O panorama apresenta tanto o período quanto o conjunto de ideias da modernidade, manifestados no ordenamento dos sistemas culturais propagados.

Na lógica moderna, a tecnologia e a máquina são essenciais no processo humano urbano. Nesse contexto “a máquina não opõe uma raça a outra, mas um mundo novo a um mundo antigo, na unanimidade de todas as raças” (CHOAY, 2002, p. 186). Ercílio exibe essa mesma ideia em alguns textos:

“Novo Hamburgo é uma cidade operária por excelência, e seu povo divide-se em três classes: trabalhadores, trabalhadores e trabalhadores” (ROSA, 2009, p. 28)⁸⁴.

O cronista relata que em Novo Hamburgo há apenas trabalhadores, que o sentido da cidade é esse. O trabalho é o foco, assim a tecnificação da produção a partir de máquinas e operadores proporciona um sentido de igualdade entre os diferentes indivíduos presentes na cidade, não há homens, mulheres, crianças, brancos, negros, teuto, portugueses, brasileiros, há apenas trabalhadores. Em outro momento Ercílio expõem uma divisão diferente para os trabalhadores de Novo Hamburgo.

⁸³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 20 de fevereiro de 1948.

⁸⁴ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 24 de janeiro de 1947.

“Novo Hamburgo se divide em três classes de trabalhadores: os empregadores, os empregados e as máquinas” (ROSA, 2009, p. 79)⁸⁵.

As transcrições acima demarcam novos paradigmas de igualdade e diferenciações, tanto do ser humano como de modelo a ser seguido. A máquina passa a indicar os passos do progresso civilizatório e passa a ser um argumento de coesão social.

A civilização moderna no século XX não era mundial, ela detinha padrões, os quais, segundo Ianni (1993), demonstravam a modernidade sob três aspectos: o modelo europeu (Londres, Paris e Berlim); o modelo americano (New York) de modernidade; e, ainda, a parcela de mundo que deveria ser modernizada.

Durante a primeira metade do século XX os dois primeiros modelos fomentaram intensamente o desenvolvimento e os sistemas citadinos no então chamado terceiro mundo. Paris era o centro mundial e exemplo de espaço moderno desde o projeto Haussmaniano, onde instaurou-se padrões aclamados universalmente “como o verdadeiro modelo do urbanismo moderno. Como tal, logo passou a ser reproduzido em cidades de crescimento emergente, em todas as partes do mundo, de Santiago a Saigon” (BERMAN, 1986, p. 147).

Pesavento (2002, p. 90) complementa essa ideia de cidade modelo para a modernidade, escrevendo que Paris, “foi capaz de viajar no tempo e no espaço, participando das representações sociais construídas sobre a cidade moderna na América Latina”.

Com os modelos de progresso material definido e novos sentidos urbano-industriais para os ordenamento das cidades modernas, Castoriadis (1987) escreve que, as sociedades ocidentais desenvolvidas percebiam as demais sociedades como embriões que deviam ser conduzidos a novas etapas dentro dos ideais da modernidade. Para Berman, por outro viés tais ideais e aspectos modernos são interpretados como:

Explosão demográfica,[...] rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir seu poder;[...]enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante em permanente expansão (BERMAN, 1986, p. 16).

⁸⁵ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 17 de setembro de 1948.

A modernidade é como força vital que arrasta grande parte do mundo na busca de um ideal de progresso, manifesta-se principalmente no ambiente urbano, ou seja, na cidade, seja ela grande ou pequena. Entender como Ercílio compôs a paisagem de Novo Hamburgo sendo guiado pela modernidade e a partir das unidades de conteúdo desenvolvidas é o assunto do próximo tópico.

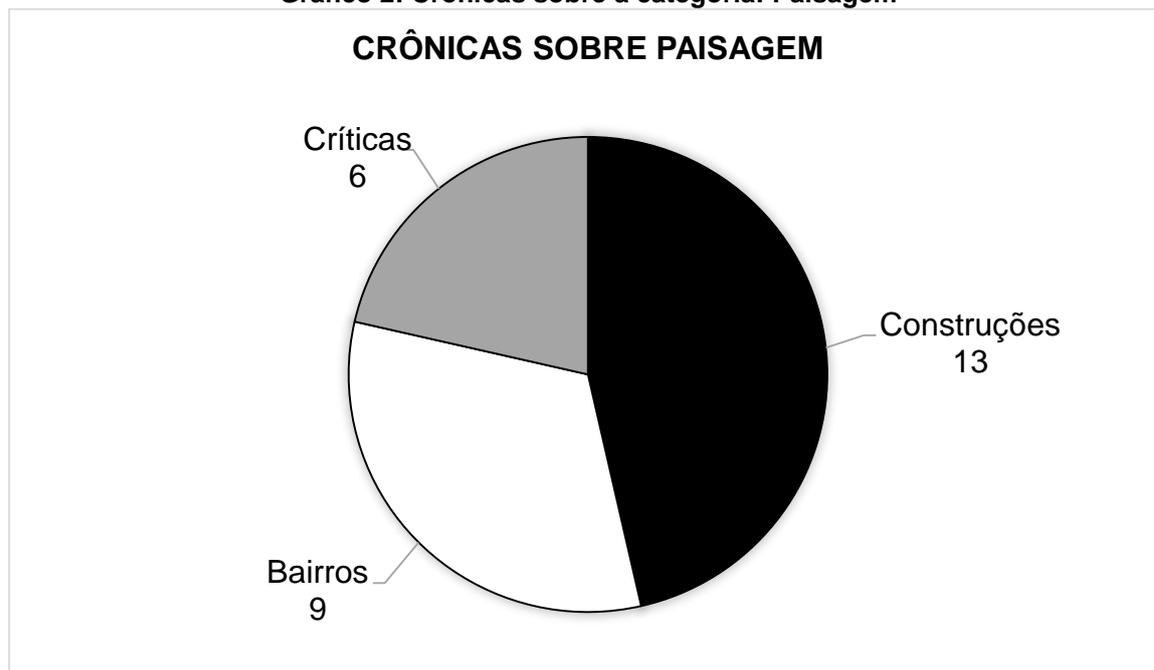
5.3 DESTAQUES DA PAISAGEM HAMBURGUENSE

Ercílio não expôs a totalidade da paisagem de Novo Hamburgo, sua percepção foi moldada pela cultura e guiada pela modernidade apresentando somente os locais que ele via e vivia. Assim, considerando o conceito de cultura, o cronista constatava certos elementos destacando-os, em detrimento de outros que também existiam naquele panorama, mas que para ele não adquiriram significação.

A paisagem, de acordo com Silveira (2011), ao ser rememorada pelo ato narrativo ganha novos significados e tramas ligadas a tessitura social e às lembranças do narrador. Isto faz com que a paisagem esteja condicionada no espaço-tempo e no imaginário discursivo da época em conjunto com suas feições e utilidades contemporâneas.

Dentro desse contexto os principais elementos da paisagem urbana destacados nas crônicas de Ercílio são percebidos através do discurso de modernidade e industrialização de Novo Hamburgo. Identificou-se três unidades de conteúdo sob a análise da paisagem geral através de 28 crônicas divididas em: Bairros (13 crônicas); Construções (9); Críticas (6) (Gráfico 2).

Gráfico 2: Crônicas sobre a categoria: Paisagem



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

As unidades de conteúdo são percebidas no tensionamento entre o vivido e o desejável. Segundo Luís Augusto Fischer (2005), a crônica é um gênero totalmente urbano, que necessita do tráfego de pessoas e coisas, da vida em ebulição dos bairros e sobretudo dos encontros nas esquinas. Logo, o foco por trás de todos os escritos é a tensão entre a cidade percebida e a imaginada, idealizada pelo cronista em seus textos.

Nas unidades de conteúdo identificadas nas crônicas os bairros comentados são três: Hamburgo Velho como o berço da cidade; Rio Branco como o bairro industrial onde a força de trabalho reside; Lomba Grande como o interior. As construções mencionadas são aquelas que trazem aspectos modernizantes para a cidade: Estabelecimento do Aeródromo; Construção da Companhia de Seguros; O grupo de escolas presentes no município. As críticas são entendidas como as crônicas em que Ercílio deseja uma construção ou indica que algo infraestrutural precisa ser feito, como a falta de uma praça em Hamburgo Velho, a falta de um grande clube na cidade e a manutenção e cuidado de ruas ao longo da cidade.

A partir desses três eixos serão trabalhados os principais elementos na paisagem, compondo assim uma perspectiva geral do ambiente vivenciado por Ercílio e destacados por ele. Apesar da paisagem dar conta do todo, excluiu-se os ambientes de sociabilidade e as características de uma identidade urbana, pois estes serão trabalhados em outros capítulos.

5.3.1 Bairros

Há três bairros recorrentemente citados nas crônicas: Hamburgo Velho, Rio Branco e Lomba Grande. Ercílio conduz o olhar por eles identificando uma assinatura básica em cada um. Ele destaca um aspecto, uma especificidade da localidade, compondo uma ideia ampla da cidade e de como ela está distribuída. “Dividindo Novo Hamburgo em fragmentos, observaremos em cada canto algo de interessante e pitoresco para nossos olhos, nossa alma e nossos desejos” (ROSA, 2009, p. 29)⁸⁶.

Hamburgo Velho é o local que originou a cidade, foi a primeira pedra lançada na localidade de Hamburg Berg.

O aspecto tradicional do nosso município, espalha-se nas encostas ondulantes de paisagens poéticas, daquele recanto, onde os habitantes são quase sempre, os mesmos, discutindo os mesmos problemas, respirando o mesmo ar impregnado de iniciativas brotadas da força evolutiva dos criadores das situações progressistas, que renova a satisfação de viver (ROSA, 2009, p. 29)⁸⁷.

De acordo com Selbach (2009), esse bairro é o recanto da tradição colonial e conservadora hamburguesa, algo que não pertence a atualidade do município, mas dignifica certos preceitos da fundação e da manutenção do discurso moderno, as raízes daqueles que ergueram a cidade e fomentaram a economia da região. “Sendo Hamburgo Velho um fragmento é, na verdade, o ancestral de Novo Hamburgo: foi ali naquele ‘Morro dos Hamburguênses’ que nasceu a gloriosa tradição desta cidade trabalhadora que hoje é um marco indelével no progresso do país” (ROSA, 2009, p. 29)⁸⁸.

Porém há um certo silenciamento de aspectos locais, muito pelas imposições feitas pelo governo Vargas durante o período da Segunda Guerra. As raízes germânicas foram suprimidas em algumas de suas características culturais e históricas, pois temia-se a aproximação dos descendentes alemães com a pátria de seus pais. “Em cada ladeira ou jardim [de Hamburgo Velho] há um pedacinho de história que ninguém conta...” (ROSA, 2009, p. 87)⁸⁹.

Este bairro é visto como ponto de distinção no município, as famílias tradicionais moram nele, ali há a ancestralidade histórica da localidade, bem como as grandes mansões e casas luxuosas.

⁸⁶ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de fevereiro de 1947.

⁸⁷ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de fevereiro de 1947.

⁸⁸ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de fevereiro de 1947.

⁸⁹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 3 de dezembro de 1948.

Ruas de ladeiras pitorescas bordejadas de casas luxuosas, que parecem pedacinhos de vida onde o destino depositou um reflexo do céu, um bocado de luz ou uma ilusão de sonhos...

Ali as emoções passam como se fossem aragens, e a gente sente as pequeninas cousas que flutuam na vida desse bairro elegante (ROSA, 2009, p. 29)⁹⁰.

Ercílio afasta de Hamburgo Velho a força do progresso industrial da cidade, ali o espaço é de sentir a poesia, de flunar pelas sensações da vida. Na parte baixa da cidade tudo gira em torno do frenesi da industrialização e do progresso, mas como na parte alta quem vive é a elite política local, automaticamente, muito do acúmulo de dinheiro está ali. Nesse sentido o bairro é percebido como um espaço de calma e de se sentir o sabor da vida nas horas vazias dos dias.

Hamburgo Velho é silencioso. A quietude vive perdida nas ruas. Pedacos de conversa, restos de frases, pululam pelo ar, enquanto um perfume estranho envolve as cousas...

Aqueles colinas da gente, e o vento sopra de um modo diferente acariciando as árvores que balançam graciosamente como uma lembrança épica no coração do sonhador...

Ruas de ladeiras pitorescas bordejadas de casas luxuosas, que parecem pedacinhos de vida onde o destino depositou um reflexo do céu, um bocado de luz ou uma ilusão de sonhos...

Ali as emoções passam como se fossem aragens, e a gente sente as pequeninas cousas que flutuam na vida desse bairro elegante (ROSA, 2009, p. 29)⁹¹.

As palavras que descrevem a localidade são repletas de adjetivos poéticos, como o reflexo do céu ou a lembrança épica de um sonhador. Isso traz a noção de que naquele ponto a cidade acontece em outra velocidade, onde as relações humanas e de uma cultura considerada erudita, se fazem fortemente presente. E é nessa conjuntura das lembranças e da reafirmação dos antepassados que Ercílio percebe o bairro como uma etapa do desenvolvimento da cidade como um todo.

O 'Morro dos Hamburguenses' merece respeitadas reverências porque é o pai da cidade. Ali a gente vê em cada esquina, em cada jardim e em cada barranco, uma reminiscência dos heróicos colonizadores que nos legaram esta conjunção de fábricas, que são fábricas de fábricas...(ROSA, 2009, p. 91)⁹².

A parte alta da cidade é o local que sustenta o passado e, que de uma forma específica, proporciona a visão do futuro, é das ladeiras em frente às Igrejas que “se descortina um panorama vertiginoso da cidade baixa, onde as fábricas vão desenrolando a progressão da cidade...” (ROSA, 2009, p. 91)⁹³.

⁹⁰ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de fevereiro de 1947.

⁹¹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de fevereiro de 1947.

⁹² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 14 de janeiro de 1949.

⁹³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 14 de janeiro de 1949.

Enquanto o passado é elevado, o futuro se descortina nas bases da cadeia do progresso. Hamburgo Velho é relatado como o local de nascimento do município, a base da força e do desejo de progresso constante. Tal ideia é entendida a partir do significado de que sua posição além de ser no morro, faz com que todos que por ali circulem percebam diretamente a progressão da cidade como um todo.

[...] Não é só dos lugares altos que se concebe a grandeza progressiva de Novo Hamburgo. Caminhando por qualquer recanto da cidade, sempre encontramos algo novo para a satisfação de nossas emoções. Sempre encontramos um sonho novo em perspectiva de realidade, ou uma vontade férrea apalmando um desejo...(ROSA, 2009, p. 75)⁹⁴.

O som e a beleza dos jardins é fabricado pelo ruído e o suor das fábricas que se espalham pelos bairros industriais. Localidades que pululam pelos banhados, soterrando bases de um ecossistema para desenvolver novos sistemas humanos. Enquanto o passado foi dominar o alto e estabelecer-se no topo da região, o presente e o futuro estão em todo espaço que pode ser tomado e transformado em propriedade, mesmo que de forma desequilibrada e arriscada.

“A cidade cresce dia a dia, afastando os debruns e furando os espaços nus das orlas, e despejando chalezinhos pelas colinas passivas, transformando as paisagens dos arrabaldes” (ROSA, 2009, p. 75)⁹⁵.

Passiva a natureza não podia revidar prontamente, o homem dominou o espaço para avançar desequilibradamente em sua modernização, efeitos que hoje são sentidos no próprio planejamento urbano da cidade e da qualidade de vida em todo o Vale do Sinos, sendo que o rio dos Sinos, é há vários anos um dos mais poluídos do Brasil⁹⁶.

⁹⁴ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 20 de agosto de 1948, repetida em 4 de março de 1966.

⁹⁵ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 20 de agosto de 1948, repetida em 4 de março de 1966.

⁹⁶ Devido a constituição histórica da cidade se desenvolver através do setor coureiro-calçadista com fábricas e curtumes, o rio e seus afluentes sofreram, ao longo do século XX e XXI, com intenso despejo de resíduos em seus cursos, seja por sobras produtivas ou dejetos humanos sem tratamento. Isso proporcionou que o Sinos fosse transformado em um dos rios mais poluídos do país. Em 2010 a lista contava com 3 rios gaúchos entre os 10 mais do Brasil, o Sinos foi considerado nesse mesmo ano o 4º rio mais poluído do país. Um resumo dos relatórios pode ser encontrado em: ASSOCIAÇÃO Brasileira do Ministério Público do Meio Ambiente. **Os rios mais poluídos do Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://abrampa.jusbrasil.com.br/noticias/2821342/os-rios-mais-poluidos-do-brasil>>. Acesso em: 29 dez. 2017. Atualmente há artigos científicos desenvolvidos pelo grupo Pró-Sinos, que apontam dados que o Rio pode estar em 2º lugar no ranking dos mais poluídos, devido a constituição histórica da região e a forma com que o espaço natural foi influenciado pelas indústrias e pelas cidades. FAGUNDES, Margarete Nunes; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Sinos River Hydrographic Basin: urban occupation, industrialization and environmental memory. **Brazilian Journal of Biology**. (Online), v. 75, p. 3-9, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bjb/v75n4s2/1519-6984-bjb-75-4suppl2-3.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

Ressalta-se que o desejo de modernização e industrialização proporcionaram além do crescimento demográfico, um aumento dos locais habitáveis, mesmo que para isso a fauna e a flora presentes na cidade fossem transformadas ou extintas, o que fez com que todo o processo industrial acabasse com o equilíbrio ambiental local. Tal perspectiva tornou-se fator comum dos processos modernos ao longo do século XX. “Dirigindo-nos para aquele retalho saliente de Novo Hamburgo, que é o bairro Rio Branco, vamos encontra-lo esticado e majestoso, enchendo todos os espaços vazios de suas dimensões” (ROSA, 2009, p. 30)⁹⁷.

Ercílio aborda os vestígios dos bairros industriais através do exemplo do bairro Rio Branco, onde, conforme aumentava o emprego na cidade, mais pessoas iam morar, construindo suas casas sem um planejamento específico, mas com um plano de trabalho futuro. O próprio Jornal O 5 de Abril (1950, p. 1) vai retratar esse aspecto: “Enquanto a cidade vai estendendo seus limites, ficando ruas ainda sem nome e bordadas de moradias, sentimos uma satisfação cultivando nossa megalomania”⁹⁸.

O desejo do trabalho e da caminhada industrial encontra grande significado no cotidiano dos bairros que circundam a área dos morros, aqueles que estão sendo construídos conforme as fábricas crescem e os indivíduos chegam.

‘Deitado eternamente em berço esplêndido...’ diz um verso do nosso hino nacional, mas no bairro Rio Branco todos estão eternamente em pé. Em pé e lutando por uma vida melhor, e pelo progresso deste Brasil incompreensivelmente atrasado.

[...]

Na ardência da ação, esse povo molda com suas mãos calosas os estigmas do progresso passa o estímulo de seu próprio benefício. Quase ninguém pensa na vertigem do tempo que arrasta na sua fúria, os retalhos da nossa serenidade.

Todos vivem mergulhados no sentimento neutralizante da evolução, expulsando os recalques colados na alma. Todos vivem gastando esperanças, dependurados na ilusão de que amanhã será melhor. (ROSA, 2009, p. 30)⁹⁹.

Enquanto em Hamburgo Velho as ruas são silenciosas, no Rio Branco todos estão de pé percorrendo agitando as ruas. A cidade tem suas divisões, enquanto um foi o passado o outro é percebido como motor do futuro.

O desenvolvimento da cidade é vivido não só pela modernização e ampliação do espaço, mas por suas conexões culturais. No início do século XX o progresso acompanhava os trilhos dos trens, mas com a política nacional, a partir da

⁹⁷ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 7 de março de 1947, repetido em 3 de dezembro de 1965.

⁹⁸ Jornal “O 5 de Abril” de 3 de Março de 1950.

⁹⁹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 7 de março de 1947, repetido em 3 de dezembro de 1965.

década de 1940, encaminhando-se para maiores investimentos rodoviários, o bairro Rio Branco possuía um diferencial que é a sua proximidade com a via de escoamento da produção, a BR-116. “Há duas ou três ruas calçadas, e entre elas destacam-se a rua José de Alencar que conduz à estrada federal, por onde escorre o suor do povo hamburguês, representado nos produtos que por ali escoam” (ROSA, 2009, p. 30)¹⁰⁰.

A malha rodoviária foi percebida como o grande passo em direção a consolidação dos ideais da modernidade, pois a ligação homem máquina é potencializada pela simbiose entre o homem e o automóvel.

Le Corbusier (1987), em sua grande obra *L'Urbanisme* (traduzida para o inglês como *The City of Tomorrow* – “A Cidade de Amanhã”) publicada pela primeira vez em 1924, traduz a relação homem-automóvel em toda a sua importância para o desenvolvimento urbano e consolidação da modernidade. Para ele os carros além do imaginário moderno incutido no próprio símbolo, traziam o simples e ingênuo prazer de colocar o homem em meio ao poder e a força de uma nova sociedade, onde alguns confiariam, outros encontrariam a manifestação do poder e outros ainda acreditariam nisso. Nesse contexto, as ruas perderiam o sentido de passeio, e seriam os meios pelo qual a ligação entre homem e automóvel seria consolidada. Berman analisa essa concepção.

O homem moderno de Le Corbusier fará um movimento gigantesco, que tornará desnecessários os movimentos seguintes, um grande salto que será o último. O homem na rua se incorporará ao novo poder tornando-se o homem no carro. A perspectiva do novo homem no carro gerará os paradigmas do planejamento e *design* urbanos do século XX. O novo homem diz Le Corbusier precisará de ‘outro tipo de rua’, que será ‘uma máquina para o tráfego’.[...]Essa rua, como na fábrica moderna, o modelo mais bem equipado é o mais altamente automatizado: nada de pessoas, exceto as que operam as máquinas; nada de pedestres desprotegidos e desmotorizados para retardar o fluxo. ‘Cafés e pontos de recreação deixarão de ser os fungos que sugam a pavimentação de Paris’. Na cidade do futuro, o macadame pertencerá somente ao tráfego. (BERMAN, 1986, p. 161).

Assim como esses pensadores, Ercílio coloca as ruas como preceitos essenciais ao desenvolvimento da cidade. Para ele a rua sempre foi importante pelos aspectos da leitura do cotidiano e da apreensão da vida por suas palavras, ela ganha destaque especial na ligação com a ideia de progresso, pois é por ela que se movimentam a produção e as pessoas, até mesmo suas críticas pela estrutura são direcionadas, muitas vezes, ao estado de conservação e rodagem das vias públicas e particulares.

¹⁰⁰ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 7 de março de 1947, repetido em 3 de dezembro de 1965.

Todos estendem os braços, numa súplica ao “nosso” democrático prefeito, reivindicando soluções para os seus mais urgentes problemas. Na Vila Rosa querem ao menos uma rua transitável; em Hamburgo Velho, evocando velhas amizades, pedem atenções para o mau estado de outra rua; no bairro Rio Branco, também chamam por melhoramentos em trechos de rua...(ROSA, 2009, p. 31)¹⁰¹.

Na análise das crônicas se compreende os vestígios retratados da cidade como pertencentes a teoria de Ianni (1993), onde há três fatores presentes na concepção de modernidade, o modelo europeu, o modelo Nova Iorque e a parte do mundo que precisa ser modernizada.

Ercílio expõem diretamente três bairros em seus textos que podem ser traduzidos como os aspectos modernos da teoria de Ianni:

Hamburgo Velho o local da tradição, da história, das ruas calmas, da “cultura erudita” e da base do progresso, representando por suas raízes os centros europeus e seus modelos de civilização, sobretudo em termos teuto brasileiros;

Rio Branco o espaço do novo, da construção que se amplia, da promessa de futuro, da proximidade com as vias, do trabalho incondicional, do domínio descontrolado do ambiente, o que demonstra aspectos do modelo inicial de Nova York e o desejo de futuro contra a falta de um passado consolidado, sem a importância do planejamento ambiental no presente;

Lomba Grande é o fragmento que merece atenção e ajuda, pois precisa acompanhar o desenvolvimento da cidade como um todo. “Mas há certos lugares que ficam esquecidos ou abandonados. E Lomba Grande, como muitos outros, é um destes” (ROSA, 2009, p. 114)¹⁰². Não há interior em Novo Hamburgo, apenas parcelas territoriais que ainda devem ser exploradas para adentrar na lógica da expansão urbana-industrial. Essa parcela da cidade lembra o elemento de que o que não incorpora ou segue os modelos de modernidade proporciona uma chance de aplicar algum deles, fazendo com que tudo passe por processos de modernização.

A modernidade é vista como ápice do desenvolvimento urbano, no contexto do período estudado. Ercílio não diz que a localidade de Lomba Grande é “atrasada” em relação ao resto da cidade, mas traz elementos de que lá as coisas são mais relegadas. “A vida é como aquela ladeira de Lomba Grande nos dias de chuva: escorregadia e de difícil ascendência... Só os ousados conseguem vencê-la. Mas

¹⁰¹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 23 de maio de 1947.

¹⁰² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 17 de junho de 1949, repetido em 20 de Agosto de 1965.

todos tentam, esforçando-se e lutam com a esperança de atingir seus ideais” (ROSA, 2009, p. 50)¹⁰³.

Para Rosa quem mantém seus desejos e olhos no futuro, sem se deixar levar pelas distrações do presente, conseguirá alcançar a realização de seus planos. Enquanto o núcleo industrial está todo de pé avançando nos processos industriais, a localidade é lembrada de que para vencer na vida há a necessidade de esforçar-se e lutar.

Um marco da realidade percebida por Ercílio é na questão da educação. Por mais que a modernidade esteja ligada ao desenvolvimento industrial e urbano, para ele a educação é essencial à esse processo, inúmeras vezes ele cita a importância das escolas e da alfabetização, isso é uma marca presente no discurso do próprio jornal “O 5 de Abril”, desde sua fundação¹⁰⁴.

Quando o cronista se refere a importância da profissão das professoras para com o destino da comunidade, ele faz uma alusão a política brasileira.

O nosso país é apenas uma fábrica de prosélitos do faccionismo, onde se aprende apenas a aplaudir, aplaudir sempre sem saber-se o que... O resto fica na ignorância, a ponto de elegerem-se representantes públicos semi-analfabetos nas várias câmaras do país.
E no meu pensamento fica dependurada uma expressão que não digo: nunca tantos aprenderam tão pouco, para que tantos gozassem tanto...(ROSA, 2009, p. 116)¹⁰⁵.

A educação é uma das bases para o desenvolvimento, enquanto a tecnificação da produção é o almejado pelo período. Ercílio traz um tensionamento com o desenvolvimento humano, uma preocupação com o entendimento dos processos através da escolarização de todos.

Nesse sentido, quando o cronista se refere a estrutura e desenvolvimento da localidade de Lomba Grande há dois destaques, um é a condição das vias de tráfego e o outro do descaso com a escola local.

¹⁰³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 20 de fevereiro de 1948

¹⁰⁴ Desde 2013 desenvolvo pesquisas e trabalhos que dão conta do processo de formação do jornal “O 5 de Abril” e sua importância como guardião do discurso de Novo Hamburgo, aqui indico dois trabalhos que auxiliam na compreensão desse processo.

KUHN, Emerson Ranieri Santos. Modernidade, trabalho e progresso em Novo Hamburgo: as representações do jornal “O 5 de Abril” no seu primeiro ano de publicação. (Monografia) Novo Hamburgo: Feevale, 2015. 102 p.

KUHN, Emerson Ranieri Santos; GONCALVES, Thaísa Antunes. Quem nós somos: o jornal “O 5 de Abril” como formador de identidade na emancipação de Novo Hamburgo. In: I Congresso Internacional de História da UFSM, 2016, Santa Maria. **Anais do Congresso Internacional de História da UFSM**. Santa Maria: UFSM. p. 957-970, 2016.

¹⁰⁵ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 1º de julho de 1949.

Há ali um grupo escolar à beira de uma rua qualquer, esperando mestres que nunca aparecem, apesar de haver um delegado de ensino na região.
 Ruas! As ruas sempre foram o abrigo dos abandonados. E é das ruas que nos vem o descaso pelas cousas nossas.
 Como outros lugares do interior, Lomba Grande precisa de uma atenção especial para seu Grupo Escolar, para evitar as chacotas “patrióticas” de muitos cidadãos oportunistas...
 Ruas! A vida da gente é quase sempre comentada nos cantos das ruas. Mas há ruas que não tem cantos nem esquinas: são caminhos de roça alimentando as emoções das ruas simétricas das cidades.
 Ruas! Há ruas que se perdem numa ladeira qualquer, escorregando na pretensão de seus desejos... É por isso que a gente sempre reclama contra a precariedade de certas ruas...
 Crianças de Lomba Grande acariciando uma esperança de algo de português.
 Ruas escorregadias descendo, descendo... Tudo pode acontecer quando as ruas não tem direção...(ROSA, 2009, p. 114)¹⁰⁶.

Além da atenção com a escola e o ensino do “português”, fica claro a intenção pela dominação do espaço, pois as ruas precisam levar a algo, se elas não tiverem sentido, a modernidade não pode chegar e se desenvolver.

Enquanto a elite política local domina a parte alta da cidade, vivendo no silêncio e no estabelecimento das tradições, os operários estão construindo seus espaços ao bel prazer de suas condições e dos ruídos do progresso, e a comunidade afastada está recebendo atenção para o seu desenvolvimento e estabelecimento de estruturas básicas como escolas e, até mesmo, da introdução de novas prestações de serviço.

Essas estruturas tem vieses modernos e estão sendo estabelecidas no núcleo urbano, pois quanto mais a cidade cresce, mais a urbe oferece. O cronista apreende tudo isso com seus passos nas ruas, suas paradas nas esquinas e seus olhos pelas movimentações dos prédios novos.

5.3.2 Construções

Para além dos bairros e suas percepções, Ercílio traduz a paisagem da cidade com estruturas físicas, denominadas aqui de Construções. Elas representam uma unidade de conteúdo de mesmo nome e são percebidas como o elemento físico que compõem a paisagem urbana, porém, tais estruturas poderiam ser qualquer indício relatado. Para categorizar de forma relevante a unidade, considera-se o termo construções, de acordo com Jean Chesneaux (1996), como equipamento da urbe, que

¹⁰⁶ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 17 de junho de 1949, repetido em 20 de Agosto de 1965.

pode ter por finalidade dinamizar a cidade e propiciar pontos de identificação para todos, transformando a cidade.

Nessas características se destacam três estruturas físicas, o aeroclube, a companhia de seguros e as escolas. Não se fala das fábricas, pois elas não são nomeadas e sim tratadas como um plural, porque as fábricas são a condição do trabalho e do progresso urbano. Tampouco se aborda os bairros, pois eles já foram analisados. Com isso, o aparelho urbano que compõe a paisagem fica baseado no tripé de uma estrutura física de prazer, uma de funcionalidade e uma de essencialidade.

O Aeroclube proporciona a chance de voar, de dominar o espaço aéreo, de ter uma visão da cidade além dela mesma.

Subir! Subir, sempre! Dominar os espaços vazios, eis a preocupação máxima da humanidade!... E aqueles rapazes só sentem prazer ao ouvir o ruído monótono do 'teco-teco' rasgando o céu de Novo Hamburgo. E lá de cima devem sentir a ilusão da superioridade. O sol deve ser mais brilhante e as nuvens mais poéticas; o céu deve ser mais adequado e a vida mais instável...(ROSA, 2009, p. 53)¹⁰⁷.

Além da poesia própria do sentimento de voar e da técnica envolvida no processo, ter um local específico com aviões traz uma simbologia de poder para a cidade. Poder voar numa das maiores criações modernas é algo para poucos, mesmo que não haja uso comercial destes aviões, a simples manutenção e posse dos objetos transforma o espaço em um significativo ponto de referência e destaque da cidade.

Ercílio tinha receio de altura, preferia andar pelas esquinas escolhendo seus caminhos, controlando cada um de seus passos e as visões de suas andanças.

Quiseram que eu voasse. Eu não quis. Sinto vertigens nas alturas. Prefiro 'viver no ar'... Prefiro ser o que sou, enquanto meus pensamentos voam pelo espaço livre do sonho...
É melhor, muito melhor, a luta brutal e rasteira aqui na terra firme...(ROSA, 2009, p. 53)¹⁰⁸.

Todavia, devido ao estabelecimento da estrutura do complexo do aeroclube, Ercílio retorna ao espaço, convidado novamente por seus amigos pilotos. Nessa segunda vez ele aceita voar, para descobrir novas visões de sua cidade.

[...] Sempre tive receio das alturas. Nunca desejei ter o destino de Ícaro...
Mas o Erich é deveras um amigo: garantiu-me de que por cima a gente vive melhor. E é isso mesmo. Convenci-me disto quando o Egon manobrou o 'teco-teco' por sobre a cidade, com a perícia de quem está acostumado a andar por cima...
[...]

¹⁰⁷ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 12 de março de 1948.

¹⁰⁸ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 12 de março de 1948.

Voar! Sentir as sensações das alturas; sentir as sensações de superioridade, eis as aspirações de muita gente que vive rastejando pelo chão firme de nossos dias. É que esquecem o destino de Ícaro...
 Voei. Senti a emoção de encontrar-me no espaço vazio, entre a terra e o céu, fitando a humanidade e as cousas encostadas no chão, esperando algo que não sabem o que seja...(ROSA, 2009, p. 81)¹⁰⁹.

Dominar todos os espaços a partir do uso de máquinas é inerente ao período moderno. Enquanto Novo Hamburgo era apenas uma cidade com mais de 20 mil habitantes, o dinheiro que lá circulava já proporcionava a instauração de um aeroclube de uso particular e recreativo. Isso dá uma noção de elementos da paisagem urbana, de que ocorriam novidades na cidade, que nem sempre eram funcionais para o desenvolvimento da urbe, mas demarcavam força consolidando discursos e trazendo exemplos do fruto do trabalho e do progresso industrial.

O aumento dos núcleos urbanos em arrabaldes, relatados pelas crônicas, dão a ideia de uma cidade percebida e publicada de acordo com elementos que visam o progresso dos capitais. Devido a isso, partilha-se das concepções de Doreen Massey (2012), as quais defendem que o espaço urbano é constituído a partir de interações entre os cidadãos e as estruturas físicas que a cidade fornece.

Desde a imensidão do global, até o intimamente pequeno (...) o espaço urbano é a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade (...) na qual distintas trajetórias coexistem (...) estando sempre em construção (...) sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado (MASSEY, 2012, p. 29).

Nessa constante mudança, própria do desenvolvimento moderno, a cidade apresenta algumas estruturas de serviço que embasam e suportam o aumento da demanda produtiva a partir dos contratos de exportação, que, de acordo com Selbach, (2009) começaram a ser oficializados e produzidos a partir de 1945.

A demanda das empresas e do fluxo de cidadãos, em constante aumento, cria oportunidades para a instauração de novos empreendimentos, como o caso de uma seguradora, importante para os novos prédios e mesmo para a produção que entrava em longas rotas, do produtor ao vendedor e ao consumidor.

O progresso de Novo Hamburgo é conduzido pelo esforço incansável de suas iniciativas particulares. E essa Companhia de Seguros que foi erguida de um só golpe, é o espelho desse esforço preventivo, que procura consolidar o futuro com os próprios recursos do presente. Idéia carinhosamente guardada no pensamento de cada um, ao ser exteriorizada pela Associação Comercial, foi abraçada febrilmente por todos os que se preocupam com a grandeza da terra, que é a sua própria grandeza (ROSA, 2009, p. 88)¹¹⁰.

¹⁰⁹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 1º de outubro de 1948.

¹¹⁰ Crônica publicada no jornal "O 5 de Abril" em 10 de dezembro de 1948.

Os empreendimentos por estarem ligados a concepção de modernidade e trabalho, apresentam tanto estruturas físicas de prestação de serviços quanto de instauração de aparato tecnológico, como o aeroclube construído. Por conseguinte, aqui o cronista faz ode à iniciativa privada que estabelece novas empresas e oportunidades na cidade. Apesar de uma ligação muito grande do jornal com a política pública local, sempre houve uma proximidade e um louvor às iniciativas privadas que visassem o benefício da urbe e sua estrutura como um todo.

As construções que se destacam na paisagem além de ser funcionais para o aparelho urbano e servirem de ponto de referência e reconhecimento na cidade, precisam compor argumentos do discurso moderno industrial. Tanto o aeroclube como a Companhia de Seguros cumprem essa função, um por ser um investimento e um símbolo, o outro por apresentar novos serviços dentro da expansão de Novo Hamburgo. Todavia, há um terceiro elemento que compreende e fundamenta toda a argumentação do jornal e sobretudo das crônicas, que é o aparelho educacional da cidade.

Ercílio por três vezes escreve sobre as professoras e a importância de seu trabalho, porém dá especial atenção, inúmeras vezes, ao conjunto de escolas que Novo Hamburgo expõe como estruturas essenciais à paisagem e ao desenvolvimento da cidade. Para ele a educação escolar é essencial ao processo de progresso da cidade e das pessoas.

Apesar de em nosso país formarem-se centenas de professoras anualmente, ainda somos, as estatísticas o provam, um povo analfabeto.

Mas na luta idealista de reduzir as cifras desse fenômeno, são incontáveis os esforços dos que possuem recursos materiais ou espirituais, ou ambos conjuntos, que direta ou indiretamente, contribuem para a extinção dessas ignorância estigmatizada que, ao longo de nós mesmos, assinalam nossa nacionalidade...

Novo Hamburgo, territorialmente, é um pinga qualquer no mapa geográfico desse país imenso...

Mas nas estatísticas, oh! as estatísticas...(ROSA, 2009, p. 184)¹¹¹.

Em números produtivos Novo Hamburgo é gigante, a cidade teve seu território ampliado desde sua fundação, mas continua como um município razoavelmente pequeno em território. Porém, sua produção industrial, e até mesmo sua rede educacional, são de grande expressão na região.

Em cada pedacinho de chão deste município pequenino, há um recorde dançando nas dúvidas dos que não crêem nas possibilidades locais. E, enquanto os funcionários do Ministério da Educação se dependuram em suas posições, Novo Hamburgo nos limites de seus 263 km², se dilata

¹¹¹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 20 de outubro de 1950.

orgulhosamente no plano educacional: 20 escolas municipais com uma matrícula real de 1000 alunos! 4 ginásios: Escola Normal Santa Catarina, Ginásio Municipal São Jacó, Fundação Evangélica e Curso Noturno Alberto Severo (art.91), e mais 14 escolas entre grupos escolares estaduais e particulares.

38 fontes de saber distribuídos dentro de uma área de 263 km², estão aí alimentando as ânsias espirituais dos que desejam se postarem além de si mesmos...

Na alma inocente de um filho de operário, como no espírito desdobrado do herdeiro de um patrão há, sempre, um desejo de ventura ou um sonho imaginário, desafiando a bondade dos que sabem educar...(ROSA, 2009, 184)¹¹².

As escolas padronizam os alunos, mesmo que um seja o filho de patrão e o outro do empregado, ambos estão dentro do âmbito escolar. Os números trazidos são expressivos e a concepção da importância do ensino permeia as colunas do jornal desde sua fundação em 1927. A elite política local fomenta o ensino, para que mais pessoas na cidade dela tenham acesso.

Há uma tendência de que quanto mais ensinos mais críticas são as pessoas, todavia em Novo Hamburgo, pelas crônicas de Ercílio, a criticidade fica delegada aos âmbitos de melhorias para a cidade, numa espécie de individualismo sistêmico.

Essa concepção é amparada por Carvalho (1991), para ele núcleos europeus como a Alemanha e a Inglaterra, tiveram vieses diferentes de colonização, onde lógicas culturais individualistas promulgavam um progresso industrial e urbano muito mais acelerado que os moldes de colonização ibérica, que eram apenas exploratórios. O sentido de individualismo proporcionado pela educação e o que Ercílio constata, criam ambientes de busca por realizações e sonhos para si e, conseqüentemente, para a comunidade como um todo.

E enquanto a gente pensa que sabe, os que ainda não sabem nada caminham ao longo das 38 escolas de Novo Hamburgo...

E as 38 escolas do município naturalmente procuram criar e estender pela vida afora, um pouquinho de sonho amarrotado...

Enquanto a realidade estica os meus sentimentos, através de um sonho, meus sonhos escorregam através das linhas medidas dessa coluna...

E os altos funcionários do Ministério talvez pensem que a pedagogia nacional seja apenas um debrum ornando situações materiais...

Mas no chão novo-hamburgue, o ensino é um fato...(ROSA, 2009, p. 184)¹¹³.

As crônicas de Ercílio Rosa demonstravam uma cidade percebida e publicada, como no caso da criação da empresa de seguros e do aumento populacional e estrutural dos núcleos urbanos de moradia, conjuntamente com o acesso à educação. Outro aspecto exposto por ele é que tais textos transpareciam uma cidade que deveria

¹¹² Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 20 de outubro de 1950.

¹¹³ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 20 de outubro de 1950.

vir a ser, ou seja, as crônicas cobravam mudanças na realidade cotidiana, exigindo novos investimentos estruturais, para que a cidade publicada continuasse seguindo os argumentos criados.

As cidades modernas tendem a expandir seu espaço urbano conforme característica de outras grandes cidades ocidentais, ou seja, pega-se o modelo de grandes centros e traduz-se para a realidade própria de cada lugar. Leva-se em conta o pensamento de reprodução de capital, projetando a realidade e produzindo um espaço conforme a imagem percebida e a semelhança idealizada.

Nesse sentido, a terceira categoria de análise se faz essencial para entender as discussões entre a Novo Hamburgo percebida por Ercílio Rosa e a Novo Hamburgo idealizada futuramente pelo cronista. Todavia, é de suma importância identificar os aspectos que eram essenciais à cidade e sua modelação conforme o progresso industrial era sentido. Levando em conta as críticas feitas pelo cronista, se percebe o tensionamento entre o vivenciado e o desejado. As críticas nas crônicas são essenciais para o entendimento do que a cidade buscava melhorar conforme surgiam novas perspectivas na época.

5.3.3 Críticas

As crônicas não retratavam só os benefícios estruturais, elas cobravam maiores investimentos em determinados elementos, tanto da iniciativa pública, como da privada, para a consolidação de ideais e ideias como o próprio aeroclube.

Ah! Como é deslumbrante a visão de Novo Hamburgo, visto lá do alto! A cidade parece um tapete estranho, bordado por mãos misteriosas: as praças dão-nos a sensação de arabescos traçados na superfície de um sonho... A ruas parecem desenhos de colegiais feitos a lápis num caderno qualquer...[...] O sr. Carlos Armando precisa tomar injeções de “aéroclubite” para interessar-se pelo nosso Aero Clube, e olhar carinhosamente para a estrada que conduz ao mesmo, que está intransitável. As injeções de “aeroclubite” não doem muito, pelo contrário, oferecem-nos um espetáculo deslumbrante de Novo Hamburgo: a grandeza da cidade, vista das regiões eternas (ROSA, 2009, p. 81)¹¹⁴.

A cidade é percebida como fonte da grandeza local, ela representa o todo, enquanto o indivíduo a representa. O cuidado com as vias de tráfego são constantes nas crônicas, para Ercílio as estradas tem uma função especial, pois além de serem o habitat de sua vivência, elas são os caminhos que levam o progresso industrial para

¹¹⁴ Crônica publicada no jornal “O 5 de Abril” em 1º de outubro de 1948.

todas as direções. Seja para escoar a produção ou levar ao ponto de alçar voos imaginários ou concretos. “As ruas são sempre um cenário novo, onde as tonalidades nunca se confundem” (ROSA, 2009, p. 39)¹¹⁵.

Ercílio percebia a vida urbana nas ruas, ele evoca memórias e imagens do cotidiano para compor a paisagem da cidade, ao fazer esse processo, de acordo com Rocha e Eckert (2010), ele estaria se reinventando e narrando situações-eventos que compõem o imaginário de seu dia a dia. Toda a sua percepção abarca situações que potencialmente eram vividas ou instigavam mudanças para que se tornassem um momento vivenciado.

Isso faz com que toda a paisagem fosse interpretada tanto pelo que estava presencialmente na cidade quanto com o que pudesse ser providenciado para que o discurso vigente continuasse sendo percebido como a realidade local. Por isso nem mesmo o destacado bairro de Hamburgo Velho era perfeito, pois nem todas as vias estavam em condições satisfatórias:

Em Hamburgo Velho destaca-se a policromia de seus jardins particulares. Não há residência, luxuosa ou simples, que não exponha aos nossos olhos maravilhados, um belo jardim cheirando à poesia. Há, porém, ali uma exceção, um contraste flagrante que perturba a harmonia daquele conjunto: é o aspecto daquela avenida que conduz ao cemitério que, esburacada, enrugada e coberta de heras parece uma parca desafiando vidas também, no limiar do outro mundo...(ROSA, 2009, p. 29)¹¹⁶.

Em meio as residências poéticas e tradicionais da cidade encontra-se uma avenida que expõem precariedade. A localização dela demarca certo descaso com o olhar para o passado, pois leva ao cemitério, algo que serve para demarcar tradições e memórias. Todavia, em nenhuma crônica há críticas sobre ruas do centro industrial, Ercílio apenas se preocupa com as condições de vias auxiliares, como as que levam ao aeródromo ou ao cemitério.

Na contramão das críticas sobre a condição das vias, Ercílio lembra que a cidade está em desenvolvimento e isso faz com que a atenção às estradas e à serviços básicos da vida humana moderna encontrem ressonância no cotidiano urbano. “Novo Hamburgo, a cidade do calçado, agora está se calçando com artigo fino: as ruas estão sendo revestidas com paralelepípedos, com uma entre-sola de encanamento hidráulico” (ROSA, 2009, p. 118)¹¹⁷.

¹¹⁵ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 12 de setembro de 1947, repetida em 22 de outubro de 1965

¹¹⁶ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 21 de fevereiro de 1947

¹¹⁷ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 15 de julho de 1949

Além das críticas sobre a condição das ruas, que compõem a paisagem urbana de Novo Hamburgo, há um elemento que se destaca nas crônicas por propiciar o entendimento da visão de cidade por Ercílio Rosa.

As vias de tráfego são essenciais ao projeto moderno e ao cotidiano vivido, porém, o período moderno não exige apenas olhos para o desenvolvimento industrial, há espaço para lazer condicionado. Isso acontece desde o sistema de trabalho de Henry Ford, com suas 8 horas de trabalho, 8 de descanso e 8 de lazer e consumo.

Os aparelhos estruturais da cidade precisam suprir esse esquema, então Ercílio percebe que há uma demanda para tal processo. Ele direciona a opinião de seus leitores para uma discussão sobre Hamburgo Velho.

Mas quem bisbilhotar a intimidade daquele bairro perfumado, logo sentirá que ali falta uma cousa. E entre essas cousas uma Praça. Existe ali uma placa com o nome de praça, mas...

O local mais belo de Hamburgo Velho é o largo fronteiro à Igreja Católica
[...]

Ali é o lugar ideal para uma praça! Ali deveria existir uma belíssima praça para o encanto de uma população progressista, que sonha com algo mais do que trabalhar e descer as pracinhas gostosas do centro...

[...]

Se aquele largo fosse uma praça, a gente se portaria ali e, contemplando o vale, rememoraríamos todos os bens estendidos pela cidade afora dependurados nas encostas, ou escorregando pelas ladeiras abaixo... (ROSA, 2009, p. 91)¹¹⁸.

A paisagem não é feita apenas com o que está exposto, mas também com o que está em falta. Enquanto a cidade vivencia os processos modernizantes do progresso industrial, o olhar do cronista também está percebendo se há algum elemento faltando entre o vivido e o idealizado.

Hamburgo Velho é o bairro tradicional de Novo Hamburgo, o ancestral da cidade. Por já estar estabelecido e com estruturas próprias, ligadas a um passado colonial, muitas vezes ele era percebido por Ercílio como o local que precisava de elementos modernizadores para acompanhar os processos que compunham o restante da paisagem urbana local. Como é o caso da praça, a qual serviria duplamente para compor um espaço de lazer e de contemplação de todo o processo que descortinava as encostas do morro, onde a industrialização e a densidade demográfica estavam aumentando significativamente. Um local onde a elite política local pudesse sentar e presenciar a consolidação de seu discurso, podendo perceber de forma concreta os investimentos e o crescimento da urbe.

¹¹⁸ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 14 de janeiro de 1949.

A paisagem urbana está em constante alteração, entender qual é o panorama geral dela nas crônicas auxilia na compreensão das próximas categorias de análise. É a partir de determinada paisagem que as manifestações culturais são consolidadas e tanto a sociabilidade quanto a identidade local podem ser vistas, vivenciadas, relatadas e idealizadas.

6 SOCIABILIDADE EM NOVO HAMBURGO

A paisagem de Novo Hamburgo demonstra o sentido da cidade percebida por Ercílio Rosa, porém, algo dentro da urbe é destacado para além da paisagem. Um elemento inerente à vida em sociedade, que demonstra a manifestação de processos culturais essenciais ao cotidiano hamburguense. Essa perspectiva é o que Simmel (1983) chama de sociabilidade.

O conceito de sociabilidade, de acordo com Simmel (1983), está ligado à interação de indivíduos dentro de uma sociedade. “Essa interação sempre surge com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos” (SIMMEL, 1983, p. 165). O elemento que guia a base da sociabilidade em Novo Hamburgo, é percebido como o projeto de modernidade, presente no imaginário local e apresentado pelas crônicas como o olhar para o futuro.

Essa inquietação pelo futuro, que sempre apalpou os desejos da humanidade, destaca-se na história desde os tempos mais remotos.

As sibilas extasiadas formavam cortejo de adoradores desejosos de conhecer o futuro, e as sacerdotisas de Apolo surpreendiam as massas, pronunciando os oráculos de Delfos.

E até hoje, todos nós nos preocupamos com o futuro, sempre lutando com o presente... Todo o trabalho e toda a luta desenvolvem-se com a atenção fixa no futuro; todos constituem suas reservas, que representam o sacrifício do presente em defesa dos imprevistos do futuro (ROSA, 2009, p. 88)¹¹⁹.

O projeto de futuro é uma forma de agrupar os ideais da cidade, conseqüentemente, de fomentar o sentido do contato humano. Assim como a paisagem é relatada pelas alterações espaciais e geográficas, os espaços de sociabilidade vão embasar as perspectivas vivenciadas pela urbe. Ercílio escreve sobre os espaços que ele frequenta e percebe as interações sociais entre os cidadãos, pois a cada flanada de seus pés e mente, muitos são os locais que ele vivencia a sociabilização dos macro discursos dentro dos micro ambientes.

A interação entre indivíduos é essencial para a vida em sociedade, logo sociabilidade é interpretado como a forma com que se manifestam as interações sociais humanas. “Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (SIMMEL, 1983, p. 166). Esses interesses formam a base das sociedades humanas, por isso a importância destacada e apreendida das crônicas de

¹¹⁹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 10 de dezembro de 1948.

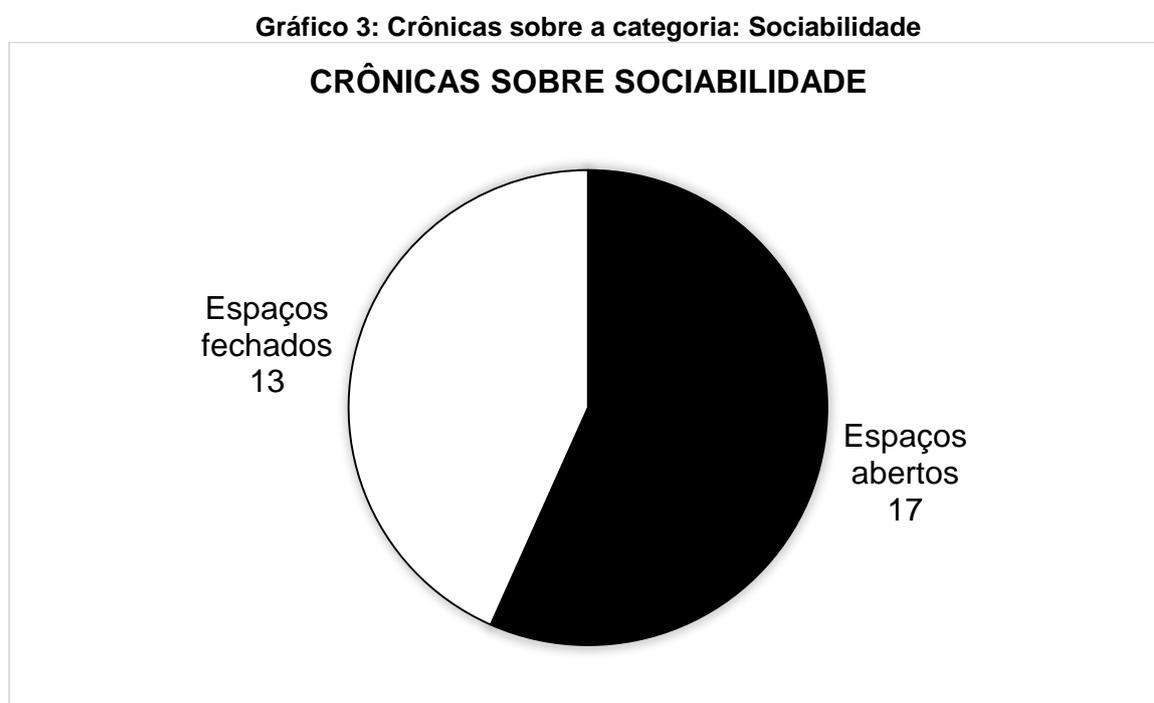
Ercílio. Saber quais eram os locais mais visíveis de sociabilidade dentro da lógica da cidade, auxiliam na compreensão de como era Novo Hamburgo para o cronista.

De acordo com Simmel (1983) a forma resultante das interações sociais ganha vida própria, superando os modelos básicos de discursos e passando a existir por si mesmas, esse fenômeno é o que concebe a sociabilidade.

Não há uma forma que possa qualificar, quantificar ou apresentar a sociabilidade hamburguesa da década de 1940, mas as crônicas, ao serem analisadas, conseguem demonstrar em quais espaços ocorriam interações humanas na cidade.

Ao analisar o contexto da urbe, se pensa a cidade como um tabuleiro em que o hamburguense pode se mover sob determinadas regras e direções, mas com alguma liberdade de rotina, onde algumas casas representam âmbitos de sociabilidade relatados pela pena do cronista.

Identificou-se 30 crônicas nessa categoria, formando duas unidades de conteúdo, denominadas de Espaços Abertos (13) e Espaços Fechados (17) (Gráfico 3).



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Denominam-se as unidades de conteúdo de Espaços Abertos e Fechados, a partir de concepções apreendidas de Maroneze (1994) e de Simmel (1983). Interpreta-

se os âmbitos de sociabilidade, relatados por Ercílio, como espaços abertos e fechados. Ambos são espaços públicos, porém condicionados a interações de determinados grupos (fechados) ou de toda a sociedade (abertos)¹²⁰.

Espaços abertos são as praças, os grandes bailes e festas locais, bem como as comemorações religiosas. Já os locais fechados são percebidos como os clubes e as sociedades presentes na cidade.

A vida urbana é permeada por dois âmbitos: o privado e o público. Para Richard Sennet (1988) o privado é tudo aquilo que acontece nos locais que são próprios do cidadão, como sua casa e suas propriedades, ou seja, aqueles lugares onde o indivíduo é o dono. O âmbito público detém os locais de interação entre os sujeitos, onde não há apenas um dono específico, mas lugares de todos ou de grupos selecionados.

Em locais públicos ocorre a interação cultural de diversos indivíduos, onde eles demonstram quem são, como se comportam, o que acham importante, o que é inerente a cidade ou ao grupo ali representado. Para Simmel (1983), os locais em que ocorrem as interações sociais podem ser chamados de espaços de sociabilidade, e são neles que o indivíduo se despe de muitas concepções no intuito de apenas interagir.

Nas interações despreocupadas é que, muitas vezes, o ser humano enfrenta embates que vão consolidar ou modificar suas percepções para com a vida, pois o homem é um ser complexo e dinâmico, que está em constante modificação através das relações sociais que permeiam sua vida, basta olhar para perceber a dinâmica social.

Olhando a gente sempre vê... E nas horas espetaculares quando a gente anda pelas ruas, que se destacam nos vãos das calçadas ou nas dobras furtivas das esquinas, as sensações estranhas da vida comum de todas as horas: segredos comerciais ou confabulações futebolísticas; demagogias políticas ou declarações de amor... Tudo pode acontecer nos vãos escuros das ruas...

Os espaços vazios da vida sempre estão cheios de algo que a gente imagina. Assim são as ruas, as praças e os cantos furtivos das esquinas. Sempre há alguma sensação desconhecida que se infiltra na alma da gente, para a satisfação de uma ansiedade (ROSA, 2009, p, 83)¹²¹.

¹²⁰ Os espaços abertos são traduzidos como locais de interação social que não pertençam a apenas um grupo determinado de indivíduos. Nesse ponto não pensa-se que todas as pessoas indiscriminadamente frequentavam tais locais, porém não encontrou-se nenhuma regra específica que segregasse a população nesses pontos. Todavia não se pode esquecer de aparelhos de repressão que não são citados ou estão implícitos em determinados ambientes da cidade, as crônicas não dão conta disso, mas nem tudo que não é escrito não existe.

¹²¹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 22 de outubro de 1948.

Essa concepção vai ao encontro dos escritos de Simmel (1983), que explicam a sociabilidade como um acontecimento público da vida. Uma interação entre indivíduos de um mesmo grupo que buscam o prazer do contato e das interações, mais do que propriamente a resposta para questões cotidianas ou a resolução de problemas. Esses espaços podem ser apenas para a interação de grupos específicos, como os clubes, ou serem de toda uma comunidade, como as praças.

Seguindo essa ideia, Maroneze (1994) complementa que, os espaços de sociabilidade são ligados ao lazer, ao prazer da vida e não aos compromissos com o trabalho. São os momentos em que o sujeito reforça ou altera algumas de suas concepções de vida, são os encontros em que a vida “real”, tensiona com o imaginário social.

Quando a tarde foge para as antípodas, perseguida pela noite refrescante, a população converge para a praça 14 de Julho, buscando um desabafo qualquer.

Ali na praça e na avenida há de tudo: sonhos que não se realizam; ânsias de amor correspondido; ilusões desfeitas; esperas impacientes; sorrisos amargos e desejos de libertação. Uns correm atrás de uma esperança, outros fogem dos desenganos.

Nas noites de domingo a avenida nos apresenta os momentos mais íntimos da cidade. A quietude dos arrabaldes põe em relevo o murmúrio que envolve a avenida, onde a mocinha alegre sorri prazerosamente, conquistando a simpatia dos austeros casais que se deliciam com a aragem que sopra suavemente na praça... Sensações diversas surgem ali, como pequeninas cousas que flutuam na vida desta cidade trabalhadora e cheia de simplicidade, cuja finalidade é vencer pela vontade objetiva (ROSA, 2009, p. 51)¹²².

A Praça 14 de Julho forma em Novo Hamburgo um dos espaços “abertos” de sociabilidade. Ali variados grupos interagem, com o intuito de vencer na vida por seu próprio esforço ou demonstrar o resultado de seus esforços.

Charles Monteiro (1992) analisa os fenômenos de sociabilidade a partir do espaço público delimitado. Demonstra que nas praças ocorre a modernização dos hábitos e dos discursos sociais, pois são nas praças centrais, das cidades, que ocorrem os mais sensíveis jogos de sociabilidade.

Os espaços de sociabilidade são variados, podem apresentar uma sociedade, uma esquina ou mesmo uma praça. As sociabilidades acontecem em locais de interação pública, assim, as festas e comemorações tradicionais da cidade podem ser consideradas como espaços interação.

¹²² Crônica publicada no jornal “O 5 de Abril” em 27 de fevereiro de 1948.

Concluindo, Maroneze (1994) escreve que, os espaços de sociabilidade são representados por espaços “abertos” como ruas, praças e mercados, mas também podem se manifestar em âmbitos “fechados” como cafés, padarias, bares e clubes.

Especificamente, quais espaços de sociabilidade estavam sempre à disposição de determinados indivíduos ao longo de sua rotina fora das funções do trabalho? Quais locais havia em Novo Hamburgo que proporcionassem a interação social de seus habitantes? O que a cidade disponibilizava como ponto de encontro aberto ou fechado, que são tomados como relevantes pelas crônicas? Analisar-se-á aqui aquelas crônicas que demonstram a percepção sobre locais de sociabilidade em Novo Hamburgo.

6.1 ESPAÇOS ABERTOS

Sobre o espaço de sociabilidade aberto as crônicas demonstram interações entre os indivíduos em ocasiões e comemorações que movimentavam a vida pública da cidade. Encontrou-se 17 referências a esses espaços nas crônicas, seja pelos grandes bailes e festejos populares que a cidade apresentava, seja por comemorações festivas (Carnaval)¹²³, encontros religiosos (São João) ou locais de interação como a praça e o show de talentos.

Simmel (1983) afirma que, a sociabilidade demonstra o indivíduo no íntimo de suas convicções e impulsos, quando coloca em negociação suas perspectivas sociais e discursivas. Isso proporciona um embate entre o que cristalizar dos argumentos externos e o que pode ser alterado para demonstrar outros processos, ou o que é concebido como certo e errado, dentro da lógica local.

Essa concepção sugere uma espécie de jogo social, onde o indivíduo defende suas posições, demonstrando que as interações humanas são construções da própria realidade social. Logo, os espaços festivos, inscrevem vários horizontes distorcidos e abrangentes no jogo da sociabilidade. A cidade proporciona, tradicionalmente, algumas festas como os bailes de Carnaval, Ercílio percebe isso através das possibilidades de acontecimentos fora do cotidiano fabril.

¹²³ O Carnaval em si é uma comemoração religiosa por natureza, onde marca o fim do período da Quaresma, porém ele é interpretado aqui como uma celebração festiva para além da religião. Algo que foi apropriado pelo cotidiano brasileiro, retirando o caráter religioso da efeméride e apresentando apenas o cunho festivo e social.

No carnaval esquecemos os preconceitos e confundimo-nos com as multidões heterogêneas, satisfazendo nossos instintos ou expandindo irreverências. São três dias libertos em que muita gente transforma sua personalidade. [...]Uns pondo máscaras, outros tirando máscaras. Mas há também os que passam o carnaval como são realmente o ano inteiro: palhaços, pierrots, arlequins, colombinas ou simples espectadores... (ROSA, 2009, p. 48)¹²⁴.

Os bailes de Carnaval em Novo Hamburgo eram uma forte tradição da cidade assim como os Kerbs (grandes bailes). Eles consolidam espaços de esquecimento da rotina, são pausas no discurso cotidiano do trabalho, libertam alguns preceitos, mantêm outros, mas, sobretudo colocam em discussão pontos a serem percebidos por aqueles que são “espectadores”.

Esses eventos marcados pela sociabilização de cidadãos ampliam argumentos a serem lembrados e discutidos ao longo das esquinas cotidianas. O olhar do cronista apreende estes fatores e os coloca na fugacidade do texto, demarcando um espaço e um evento que vão além de sua predisposição inicial.

Hoje olhamos as cinzas esparramadas e concluímos que o carnaval é uma ilusão necessária, porque a vida para ser gozada deve ser absorvida por sentimentos vários que os preconceitos nos obrigam a guardar. Entretanto, encontramos sempre por aí, muita gente fantasiada ou mascarada, escondendo suas verdadeiras intenções (ROSA, 2009, p. 49)¹²⁵.

Porém, como postula Simmel (1983), os espaços de sociabilidade estão dentro de um jogo individual com consequências sociais, eles por natureza provocam tensões e mudanças. Assim, em uma cidade que está consolidando seus argumentos de duas décadas, no anseio pelo projeto de futuro, progresso e crescimento econômico, ocorrem mudanças do que era fixo/tradicional para novas tradições. As interações sociais mudam conforme a cidade cresce.

São João!... Trazes a noite maior do ano, mas em compensação presenteia-nos com o dia menor... E nesse dia tão pequeno comporta tantas recordações, tantas saudades de algo infantil que guardamos dobradinho numa ruga qualquer de nossa alma.

As fogueiras já não existem, e não se vê mais os balões coloridos subirem aos céus, levando uma prece simbólica à São João. As noites joaninas chegam e passam como outra qualquer, e o aspecto tradicional de nosso povo vai minguando com a progressão dos tempos que tudo transforma (ROSA, 2009, p. 67)¹²⁶.

As crônicas percebem, nos espaços de sociabilidade, uma tendência a modificar algumas tradições. “Agora Novo Hamburgo comemora, mais uma vez, a festa mor de seus antepassados. Mas tão distantes, tão evoluídos, tão modernizados,

¹²⁴ Crônica publicada no jornal “O 5 de Abril” em 6 de fevereiro de 1948.

¹²⁵ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 13 de fevereiro de 1948.

¹²⁶ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 25 de junho de 1948.

que até a palavra “kerb” teve nova transformação: agora diz-se ‘grandes bailes’ (ROSA, 2009, p. 59)¹²⁷.

Nesse aspecto a crônica demonstra o espaço de tensionamento social entre os cidadãos, como no Carnaval, onde a cidade abre espaços para a socialização dos indivíduos, dentro do jogo de reafirmar um discurso e consolidar paradigmas gerais. Demonstra-se que outros espaços tradicionais entram em conflito e se modificam através das mesmas discussões, pois o crescimento da cidade e a consolidação do discurso do progresso trazem tensões entre a cidade percebida e a cidade publicada. O imaginário social cria novas explicações para a quebra dessas tradições, sem perder a ligação com os espaços de sociabilidade, que originaram os argumentos sobre a importância das festas e das tradições.

Nesse sentido, Michel Maffesoli (2005) escreve que, a sociabilidade é um aspecto fundamental do viver junto em sociedade, cria redes de interação, nas quais variados grupos territorializam a cidade moderna. Constrói-se uma espécie de segurança nessa cidade que avança e ameaça tudo o que o sujeito tem de sólido, os espaços de sociabilidade são importantes porque eles produzem uma ordem “comum” coletiva. Mesmo que a crônica mostre as mudanças, a própria cidade e seus grupos rearranjam os espaços de sociabilidade para que continue havendo interações e trocas dentro desses espaços de fuga diária, pois durante o horário de serviço não era incentivado a busca por sociabilidades, além das interações dentro do âmbito fabril.

Os espaços de sociabilidade surgem das interações humanas, não há restrição a esse ou aquele local. Por isso as crônicas destacam pontos de interação fora da curva diária, momentos em que a cidade converge para isso. Novo Hamburgo, com sua lógica voltada para o trabalho no setor coureiro-calçadista, exhibe uma rotina definida para muitos indivíduos sobre seu cotidiano semanal. O domingo é o ponto de escape, momento onde a sociabilização do sujeito é aceita pela lógica industrial.

O domingo é o oásis na jornada semanal. Nos domingos sempre os dias amanhecem mais tarde... A gente afrouxa as preocupações e espreguiça-se na dormência sutil das horas folgazãs e vão se dissolvendo na ampulheta do tempo.

Domingo é o dia da gente sacudir a poeira da alma ou escovar as ilusões para a jornada fatal das semanas, num entretenimento qualquer. É o dia da gente esquecer os acontecimentos complicados da vida com um passeio vago pelas ruas. E é delicioso o contato das ruas, depois de haver sentido a agitação das oficinas ou dos escritórios (ROSA, 2009, p. 39)¹²⁸.

¹²⁷ Crônica publicada no jornal “O 5 de Abril” em 30 de abril de 1948.

¹²⁸ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 12 de setembro de 1947, repetida em 22 de outubro de 1965.

É no espaço do domingo que Ercílio destaca os pontos de interação social marcadamente abertos na cidade. Durante a semana o trabalho é o foco, enquanto no domingo a interação é necessária, por isso contatos sociais ao longo da semana são silenciados, encorajando o indivíduo a explorar a cidade em crescimento no dia de folga.

No domingo opera-se uma certa transformação no conjunto dos sentimentos, enquanto revigoramos nossas forças para a corrida do destino, esquecendo a vertigem dos tempos que levam nas rodas de sua engrenagem os retalhos de nossa ventura...

Nos domingos a Praça 14 de Julho é uma válvula de escape para nossas atribulações. Ali a gente esquece uma desilusão afagando uma esperança, e, na hora do footing, sentimos uma aragem cheirosa deixada pelas jovens que perambulam pela avenida, onde uma multidão heterogênea move-se despreocupadamente, confundindo-se o vestido elegante e luxuoso da granfina com o terno surrado do operário humilde.

É o gozo do ócio sufocando a canseira semanal.

Os domingos também tem o futebol.

Ah! O futebol!... Um retângulo cercado, e uma multidão assistindo a 22 homens correndo atrás de uma bola, eis a sensação mais excitante dos domingos ensolarados...

Mas nem todos têm a alma suficientemente iluminada para viverem os momentos sublimes dos domingos preguiçosos. Há gente que vive dentro de si mesmo, sem compreender as belezas da vida nos cenários domingueiros. São seres postados à beira da realidade pela rudeza de suas convicções egoístas (ROSA, 2009, p. 39)¹²⁹.

Quem não vive o domingo é condenado, assim como aquele que não trabalha na cidade. As crônicas cumprem o que Candido (1992) postulava, pois elas trazem muito do que a cidade vivia e que, às vezes, é deixado de lado pela Literatura e pela História.

O Futebol é tratado como algo básico na cidade, responsável não só por interações sociais, mas como elemento essencial ao final de semana¹³⁰. Ercílio não fala diretamente do esporte nas crônicas, para ele o esporte é como algo banal, simbiótico a cidade, tanto que não há uma única crônica específica ao conjunto de

¹²⁹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 12 de setembro de 1947, repetida em 22 de outubro de 1965

¹³⁰ Há importantes trabalhos desenvolvidos por professores da Universidade Feevale no que condiz a pesquisas sobre a importância do futebol e do associativismo em torno do esporte, ao longo da história da cidade. Dois exemplos são:

PRODANOV, Cleber Cristiano; MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. Primeiro tempo: futebol, sociabilidade e as tensões da modernidade em Novo Hamburgo. **Recorde**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2015. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/viewFile/2716/2274>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Associativismo Negro no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2017.

temas que envolva o esporte. Mesmo assim, ele é percebido como um dos elementos do arcabouço das sociabilidades presentes em Novo Hamburgo.

Olhando a gente sempre vê... E nas horas espetaculares quando a gente anda pelas ruas, que se destacam nos vãos das calçadas ou nas dobras furtivas das esquinas, as sensações estranhas da vida comum de todas as horas: segredos comerciais ou confabulações futebolísticas; demagogias políticas ou declarações de amor... Tudo pode acontecer nos vãos escuros das ruas... (ROSA, 2009, p. 83)¹³¹.

O final de semana era percebido como o espaço do vazio a ser preenchido, com isso determinados locais, como a praça principal da cidade, eram destacados por sua capacidade de interações entre os hamburguenses. Tais espaços eram locais sem o domínio específico de um determinado grupo. Nesse panorama, Ercílio destaca outro ponto de convergência para as horas vazias de domingo, o Programa de Talentos¹³² proporcionado pela rádio local.

O grande consolo que resta a gente, são as despreocupações das horas vazias dos domingos. É nas horas despreocupadas dos domingos, que a gente procura um desvio qualquer para aliviar as pressões que a semana sempre calça no pensamento da gente.

A ZYN3 criou mais um desvio para os nossos cansaços semanais. Trata-se do programa 'Em busca de talentos', irradiado diretamente da Sociedade Ginástica nas manhãs domingueiras, arrastando uma multidão de 'Talentos em busca de oportunidades' e uma multidão ainda maior de espectadores em busca de enchimento para as horas vazias...

Ali a alma da gente se dilata, porque o ambiente é uma fábrica de emoções diferentes que alargam os espaços que encerram nossas alegrias oportunas. [...]

'Em busca de talentos' da Rádio Progresso, é uma oportunidade para os que têm talento, e para aqueles que, embora não o tendo, procuram alisar as rugas que a semana lhes afixou na alma... (ROSA, 2009, p. 77)¹³³.

No programa muitas pessoas podiam tentar a sorte ao demonstrar um provável talento artístico para a cidade toda. Podiam deixar de ser um simples empregado semanal para ascender a uma nomeação de si mesmo. Incentivava-se a lógica de vencer sobre seu próprio esforço, porém quando estavam nessa interação, os rumos de ser alguém ou apenas mais um, passavam a depender só da condição de sua apresentação. Uma considerável parcela da sociedade, de acordo com Ercílio Rosa, parava para ver, ouvir, sentir e estar presente nesses momentos.

¹³¹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 22 de outubro de 1948.

¹³² Variações desses formato de programas são extremamente populares em nossa contemporaneidade, tendo inúmeros programas de talentos sendo desenvolvidos e transmitidos em vários países, vide The Voice, America Got Talent, The X Factor, até mesmo nas décadas de 1970 e 1980, com os famosos Programas do Chacrinha e do Raul Gil.

¹³³ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 3 de setembro de 1948.

No programa de talentos, além da oportunidade de destaque perante os presentes, algo mais incentivava os cidadãos a convergirem para aquele local de interação social. Havia um concurso que ocorria em todos os dias do evento.

É interessante observar-se a conduta dos espectadores: uns se comprazem, aliás demonstrando uma péssima educação, em provocar algazarras com assobios, gritos desusados, etc.; outros, principalmente as senhoritas, em se preocupar com comentários sobre os presentes, etc.; poucos são os que realmente atendem à apresentação dos que vão em busca de oportunidades... Estes, com ou sem talento, enrolam-se nas agonias de seu nervosismo: uns não chegam ao término de seu teste; outros agarram-se ao microfone como que pedindo clemência para a amortização de suas confusas esperanças...

Mas o que dá o realce entre a platéia do programa 'Em busca de talentos', é a eleição da 'mais simpática' e do 'gostosão' presente. No último domingo quase fui eleito o 'gostosão' do dia...

Oh! fui obrigado a esconder-me atrás de um balaustre daqueles para não prejudicar o programa...(ROSA, 2009, p. 77)¹³⁴.

O domingo era influenciado pelo descanso e pelo preenchimento das sociabilidades em locais abertos. A cidade era o palco de atuação de todos nesse dia, mas durante a semana a lógica de trabalho delimitava as interações sociais, delegando-as a espaços mais restritos à sociabilização na cidade em expansão. Os locais de interação mais comuns pertenciam a grupos dentro da cidade o que os transforma em espaços fechados, estes que serão analisados no próximo tópico.

6.2 ESPAÇOS FECHADOS

Ercílio publicou 13 crônicas referindo-se a determinados locais, que representam espaços de sociabilidade fechados e que são frequentados por grupos específicos. Os espaços fechados pertencem a grupos definidos previamente, como os praticantes de um esporte ou moradores de determinado bairro ou região.

Um exemplo dessa situação delimitadora pode ser interpretada no quadro de sócios do clube de rinhas. "Novo Hamburgo, que sempre abrigou aficionados de rinha de galos, conta atualmente com um organizado clube de rinhedeiros: o Clube Galístico de Novo Hamburgo, que já possui sede própria para o supremo gozo de seus associados" (ROSA, 2009, p. 80)¹³⁵. Apenas sócios podem ter acesso ao que o clube oferece.

¹³⁴ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 3 de setembro de 1948.

¹³⁵ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 24 de setembro de 1948.

Esses espaços de sociabilidade fechados contrapõem-se e complementam os abertos. Segundo Simmel (1983), os dois âmbitos, geram o sentido do cotidiano, o intenso jogo entre indivíduos e grupos, que demarcam a construção das manifestações culturais.

Por isso as sociedades de bolão, os rinhadeiras e os clubes de tiro, detêm importância, pois enquanto o Carnaval é uma festa de todos, onde há a libertação do cotidiano, esses locais próprios representam como determinados grupos percebiam-se em Novo Hamburgo.

Nesses espaços, o cronista analisa como os cidadãos se comportam ou como deveriam se comportar, fazendo da vida deles um espelho nas crônicas, onde as interações sociais são percebidas e direcionadas para uma outra forma. Enquanto o comportamento de alguns é repreendido, outros cidadãos são idealizados, percebe-se a noção de certo e errado para os elementos de poder vigente, através da forma com que os locais de sociabilidade compreendem os indivíduos que ali são referenciados. Nesses âmbitos, alguns cidadãos podiam interagir durante a semana, diferentemente da lógica dos espaços abertos, onde isso se delegava ao domingo. Durante a semana, a sociabilização não poderia ocorrer ao longo da jornada de trabalho, logo, sobra o turno noturno para desenvolvê-la.

Dizem que nossa cidade não tem vida noturna. Mas tem. E tem porque o bolão, um esporte essencialmente noturno, atrai para as nossas sociedades uma enorme multidão de aficionados. E é no bolão que muitos de nossos concidadãos espremem as preocupações diárias que lhes grudaram na alma. É no ruído monótono da bola deslizando na plancha, que a gente costura os rasgões do subconsciente que o pensamento dilatou... (ROSA, 2009, p. 76)¹³⁶.

O bolão¹³⁷ era um jogo praticado normalmente pela elite, pois as canchas ficavam localizadas nas sociedades de maior destaque. Nelas só entravam sócios ou convidados, o que a transformava em um espaço restrito de circulação.

Para ter acesso aos clubes era necessário ser convidado ou participar das sociedades, mesmo com essa condição excludente, o número de participantes não era pequeno, já que o bolão era uma das principais interações sociais que marcavam o cotidiano semanal. Algo semelhante aconteceu com os cinemas nas décadas de

¹³⁶ Crônica publicada no jornal "O 5 de Abril" em 27 de agosto de 1948.

¹³⁷ Bolão é um jogo de origem europeia, sobretudo germânica e francesa, semelhante ao Boliche, com três diferenças básicas: 1) a bola a ser lançada possui dois furos ao invés de três, para encaixar os dedos; 2) a pista que a bola percorre como trajeto não possui canaletas, mas sim um trilho estreito, pelo qual a bola deve percorrer para atingir os pinos no fim da pista, se o projétil sair desta plancha a jogada é invalidada; 3) O boliche conta com 10 pinos, o bolão com 9.

1960 e 1970, onde a população convergia durante as noites para sociabilizar e descobrir novas perspectivas de mundo¹³⁸. Os clubes eram percebidos como um local de prazer, de descontração, o esporte era a desculpa para a interação social.

Ah! O bolão! É no bolão que a maioria dos novo-hamburgueses esfregam suas horas ociosas, esquecendo as maldades da vida. Há um prazer imenso em enfiar os dedos nos buracos da bola e... achar o caminhozinho que derruba nove paus. A cancha de bolão é uma fábrica de esquecimentos. É ali que, jogando ou olhando os outros jogarem, a gente amarrota as preocupações cotidianas que se acumulam em nosso outro eu (ROSA, 2009, p.76)¹³⁹.

Os clubes de Bolão demonstram um espaço de sociabilidade público fechado, onde os cidadãos interagem vivendo suas noites, bebendo um chope, esquecendo os problemas diários e tendo um espaço de lazer entre seus iguais.

Os outros espaços fechados destacados por Ercílio, são o rinhadeiro e o clube de tiro, estes, por sua vez, são frequentados mais contundentemente aos sábados e feriados.

A rinha dos galos é um esporte indiano e muito antigo. Escavações feitas em Haewan (Índia) provam pelos murais encontrados, que esse esporte era praticado ali muito antes do século V a.C., constituindo, talvez, festa nacional. Os filipinos até hoje, conservam como tradição essas brigas de galos, pelas quais têm ardorosa predileção (ROSA, 2009, p. 80)¹⁴⁰.

Complementado o que Ercílio constatou, o antropólogo Clifford Geertz, em seu livro “A interpretação das culturas”, faz uma longa análise sobre as manifestações culturais presentes nas interações sociais em rinhas de galo de Bali. Os espaços relatados por Ercílio são demarcados por gênero, pois ele é homem e está condicionado a determinados processos sociais e históricos de seu tempo, contudo de todos os locais relatados, o que apresenta maior domínio masculino são as rinhas de galo. Ali apenas homens encontram seu divertimento, mulheres nem os acompanham, é um espaço próprio, único, que vai além de sua aparência e disposição.

¹³⁸ O cinema tornou-se ponto certo na rotina do hamburguense, a cidade chegou a contar com 4 salas de cinema nas décadas de 1960 e 1970, esse panorama foi considerado um ponto de sociabilidade importante na noite Hamburguesa durante quase três décadas. Dois trabalhos sintetizam a importância dos cinemas na região nessa época.

MASIERO, Cláudia Gisele; SILVA, Cristina Ennes da; PUHL, Paula Regina. Há sessenta anos a programação dos cinemas e a construção das identidades em Novo Hamburgo. **Revista Conhecimento online**. Novo Hamburgo, v. 1, p. 1-15, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.feevale.br/site/files/documentos/pdf/58668.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

SILVA, Cristina Ennes da; STROHER, Carlos E. Salas de cinema: espaços de lazer e sociabilidade em São Leopoldo. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 18, p. 624-636, 2014.

¹³⁹ Crônica Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 27 de agosto de 1948.

¹⁴⁰ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 24 de setembro de 1948.

Ora, direis, rinha de galos... Mas as rinhas de galos têm as suas atrações. O cenário tem certa afinidade com o Coliseu, da antiga Roma: há a 'Arena' – um círculo de mais ou menos dois metros de diâmetro - onde os galos lutam desesperadamente, enquanto das arquibancadas a platéia, uma massa heterogênea, se diverte em apostar nesse ou naquele galo... A 'arena' entre os galistas é chamada "tambor" ao pé da qual o juiz da rinha se instala magistralmente com uma campainha em punho à espera dos 'encostes'. Depois do último 'encoste', a rinha oferece o espetáculo máximo da torcida. É o princípio do fim... E os galos vão lutando por instinto até a exaustão, para o prazer da assistência (Oh! os homens!) ... (ROSA, 2009, p. 80)¹⁴¹.

O prazer de esquecer a vida em detrimento do agora, colocar suas esperanças em algo além de si mesmo, desprender-se do que está fora, ficando ligado apenas ao que está à frente. Nesse sentido,

Há sempre um 'galo' na consciência de quem perde uma rinha... Mas, apesar disso, o rinhedeiro é um cabide onde a gente dependura as aflições semanais, enquanto se apalpa as emoções cotidianas nos momentos culminantes da rinha. Gosto de galos de rinha. Principalmente com arroz...(ROSA, 2009, p. 80)¹⁴².

Ercílio apresenta o clube, não julga o esporte, pois suas críticas são voltadas diretamente para a estrutura da cidade e para a atuação política dos envolvidos com os rumos do município. Porém, ao final da crônica ele transparece um entendimento do sentido de se usar o animal. Comer é algo básico na vida, é um elemento cultural essencial à manutenção da humanidade, conquanto desperdiçar a oportunidade disso, nem sempre é inteligente. Um argumento crítico não direto dentro da crônica, uma forma de expressão camuflada dentro da organização das palavras.

O clube de bolão era um esporte elitista, a rinha de galos um local estritamente masculino, mas o terceiro elemento dessa unidade de conteúdo é mais delicado, não por sua funcionalidade, mas por sua aplicação e restrição, o clube de tiro.

Os clubes de tiro são referenciados como local de sociabilidade e de prática esportiva desde os primórdios da colonização em Novo Hamburgo. Porém até um ano antes de Ercílio começar a publicar (1945), os clubes de tiro haviam sido proibidos, sob os argumentos de um nacionalismo exacerbado e de encadeamentos da segunda guerra mundial. Muitos dos habitantes da região ainda mantinham laços com a Alemanha, o que não deve ser esquecido. Alguns desses indivíduos moravam em regiões agrárias e eram considerados colonos, porém até mesmo os descendentes teuto que moravam na cidade, sentiram a repressão.

Na última guerra, engendrada por políticos ou chefes de estado sem sentimentos de fraternidade, quando os povos foram atirados uns contra os

¹⁴¹ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 24 de setembro de 1948.

¹⁴² Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 24 de setembro de 1948.

outros sem saberem porque, o nosso país viu-se envolvido na mesma trama, contra os países de origem dos antepassados dos nossos hoje patrícios respeitáveis e trabalhadores, que formam as linhas teuta e itálica da nossa variadíssima formação étnica.

É por demais sabido o que neste período fizeram com estes cidadãos, muitos dos quais ingênuos e pacatos agricultores.

Em vez de lhes darem estradas para o escoamento de seus produtos e escolas para inculcir-lhes o espírito nacionalista, invadiram-lhes as propriedades; proibiram-lhes sua língua original e despojaram-lhes os rádios, veículos e armas destinadas à caça, defesa e esporte. Sim! Privaram-lhes um dos esportes mais queridos: o Tiro ao Alvo! Privaram-lhes as tradições herdadas de seus ancestrais, e até de seus mais típicos costumes! (ROSA, 2009, p. 33)¹⁴³.

Por esse contexto, os clubes de tiro, há pouco reativados, eram uma pauta delicada para ser tratada. Ainda assim, Ercílio dedica uma crônica inteira para demonstrar a pacificidade e os benefícios do esporte. Levar-se-á em conta que além dos argumentos utilizados pelo cronista, o espaço do clube de tiro domina um dos âmbitos de sociabilidade fechados da cidade.

Ercílio conta como foi conduzido ao local do antigo esporte e da nova modalidade. “O Luiz, um cavalheiro distinto, teve a gentileza de conduzir-me através das retas comuns das ruas, àquelas paragens bucólicas onde se pratica o mais novo esporte novo-hamburguense: o tiro ao prato (ROSA, 2009, p. 78)¹⁴⁴.

O ato de tiro ao alvo era tradicional em Novo Hamburgo, porém um local específico e mecanizado para a prática do esporte era novidade.

O tiro ao prato é simplesmente um esporte complicado... Pois o prato, um disco de asfalto muito leve e quebradiço, simboliza uma perdiz acossada pelo cachorro que levanta vôo. O cachorro neste caso é a máquina que arremessa o disco...

Não se sabe ao certo a origem deste esporte, mas é antiquíssimo. Introduzido há pouco em nosso meio por uma plêiade de entusiastas, todos caçadores, de mérito, já conta com um elevado número de aficionados.

É interessante observar-se a prática desta caçada sintética: o ‘caçador’ colocasse de arma em punho, doze ou quinze metros do ‘cachorro’ e manda /largar a ‘perdiz’. Se acerta ou não, há sempre os comentários dos circunstantes... (Ah! Os caçadores têm cada história!...) (ROSA, 2009, p. 78)¹⁴⁵.

Tanto as rinhas de galo quanto o tiro ao prato são considerados esportes, mas ambos são explicados passo a passo nas crônicas. Isso demonstra que havia muitas pessoas que desconheciam as modalidades, seja por sua restrita clientela de praticantes, seja por pertencerem a específicas parcelas da população.

¹⁴³ Publicada no jornal Gazeta de Novo Hamburgo em 30 de junho de 1947.

¹⁴⁴ Crônica publicada no jornal “O 5 de Abril” em 10 de setembro de 1948.

¹⁴⁵ Crônica publicada no jornal “O 5 de Abril” em 10 de setembro de 1948.

Há outras duas semelhanças entre as rinhas e os tiros em ambas as crônicas escritas por Ercílio, uma é referência à comida, outra é a característica inerente à sociabilidade.

Gostei deste esporte. É por isso que eu digo que se não fosse o medo de errar, já teria acertado... Mas o prato é um alvo muito esquivo e eu só estou acostumado a acertá-lo nas horas das refeições...
Tiro ao prato. Sensações das atitudes alheias, que penetram na alma da gente, ferindo emoções que ainda não sentimos...
Em cada cartucho deflagrado se desfaz mais um sonho ilusório que a gente apalpou...
Tiro ao prato, sinônimo de cinegética ou 'ersatz' de caçada, sempre entretém as ilusões grudadas na alma dos caçadores...(ROSA, 2009, p. 78)¹⁴⁶.

Ercílio brinca com o galo no prato e com o prato na refeição. Ele também demonstra como ambos os espaços tem seu papel na hora de deixar de lado a rotina e as preocupações da vida.

Os espaços de sociabilidade são os momentos de fuga, de respiro dos sujeitos, perante suas rotinas diárias. Os espaços tanto aberto quanto fechados simbolizam as interações sociais fora das obrigações trabalhistas. Tanto nas festas comunitárias quanto nos clubes esportivos a regra é aproveitar o momento.

As festas, encontros de talentos, passeios na praça, jogos de futebol, são os locais de sociabilidade abertos. Eles estão condicionados a datas comemorativas e, sobretudo aos domingos, pois a rotina trabalhista não pode ter distrações. Já os clubes e associações, enquanto espaços fechados de sociabilidade são restritos a determinados grupos de associados ou convidados e alguns desses espaços funcionavam ativamente durante a semana, após o trabalho.

Ercílio destaca pontos de interação social que são essenciais para a compreensão do panorama urbano de Novo Hamburgo na década de 1940. Há um tensionamento entre as tradições e os aspectos de aceleração do projeto moderno, como a alteração de sentidos dos grandes bailes e das festas religiosas. Encontram-se também, aspectos de mecanização de alguns esportes, como o do tiro ao prato e sua máquina lançadora de discos.

A cidade sente o projeto moderno ser calcado no presente, os espaços de sociabilidade compõe a paisagem geral da urbe como um processo de manifestação da identidade local.

A cidade está em crescimento, com um projeto de futuro estabelecido em preceitos modernos e industriais; tem seus espaços de interação que existem fora do

¹⁴⁶ Crônica publicada no jornal "O 5 de Abril" em 10 de setembro de 1948.

cotidiano fabril; apresenta tensões e reconstruções de sentido entre o tradicional e o moderno; porém: Que elementos as crônicas trazem para a constatação de uma identidade própria de Novo Hamburgo?

Até o presente ponto apresentou-se o contexto formador da cidade, como ela foi vista e publicada por Ercílio e quais locais ele destacou nas interações sociais urbanas. Agora, o próximo capítulo, trata da identidade da cidade, quais os elementos essenciais a interpretação de Novo Hamburgo nos anos 1940, vivenciados e publicados por Ercílio Rosa.

7 A IDENTIDADE PRESENTE NAS CRÔNICAS: TRABALHO, ORDEM E A DÚVIDA DA CERTEZA

O percurso histórico de cada cidade molda traços identitários. Há nas cidades elementos discursivos que determinam uma identidade padrão, modelos de forma de ser, agir e pensar o presente e o futuro.

Ercílio traça uma visão física da cidade em cerca de 58 crônicas, porém em 42 ele relata algo para além do palpável. Identificou-se nas publicações uma espécie de *ethos* local, onde, além do visível, o cronista percebe forças que movem as peças dentro do tabuleiro, aquilo que fortalece o argumento do projeto moderno. A vitalidade da cidade.

As 42 crônicas identificadas na categoria denominada de identidade, não foram divididas em unidades de conteúdo, pois se entendeu que elas compreendem uma forma de perceber a cidade além de divisões.

Até o presente momento foram apresentadas macro noções do mundo e micro traduções consolidadas em Novo Hamburgo, porém, agora o foco é a percepção exclusiva do cronista. Entende-se que nesse ponto é necessário abordar de forma diferenciada as crônicas, por sua complexidade de interação e apresentação de um espírito identitário local.

Interpreta-se a localidade a partir do que Velho (2008) chamou de projeto social presente em sociedades complexas, pois Novo Hamburgo, apesar de não ser uma metrópole, flerta com os discursos característicos de grandes cidades modernas ocidentais. Nesse sentido caracterizar a identidade da cidade é analisar um *projeto social* da urbe, pois nas crônicas o sentido de individualismo de forma a exaltar o ego não é incentivado, mas sim a noção do todo. O trabalho individual é o meio da realização do progresso coletivo¹⁴⁷.

Ercílio além de demonstrar qual era a identidade básica da cidade, tratava de idealizações do cidadão atuante em Novo Hamburgo. Há um tensionamento claro nesse ponto, pois mesmo tendo o projeto de futuro calcado em preceitos modernos, o cronista mostra perspectivas não tão benéficas, socialmente, do rumo da cidade, como na crônica em que relata o encontro com uma criança abandonada:

¹⁴⁷ Essa noção de desenvolvimento urbano pode ser encontrada/traduzida como o que Max Weber chamou de ética protestante, algo inicialmente germânico. WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Mas a vida é assim mesmo. É igual. Nós é que somos diferentes. Vivemos sempre nos esticando e encolhendo como elástico de suspensório... Procuramos o que não podemos achar e, quase sempre, achamos o que não procuramos...

“Sete Meis” é uma criança que foi largada à margem e ficou rolando pela vida, magoando sua consciência infantil nas asperezas do cotidiano, à mercê de um destino inexorável.

“Sete Meis” é um apelido que lhe deram. Ele é um menino de onze ou doze anos que fui encontrar na Escola Vocacional de Hamburgo Velho, amparado por mãos que se esforçarão para indicar-lhe o caminho da perfeição.

É um menino simpático e esperto, muito conhecido em Porto Alegre por suas travessuras.

Perguntamo-lhe si gostava do ambiente da escola.

- Gosto, mas não é muito - respondeu - a gente tem muita obrigação. Lá a cousa era ruim, mas eu vendia bilhetes e ia me defendendo!

[...]

É assim o “Sete Meis”!

Agora ele está em bom caminho. Amanhã será um homem concio de si mesmo, ou será um juguete nas fúrias das tragédias humanas.

Muitos “Sete Meis” existem aí por esse mundo afora, vítimas dos acontecimentos da vida, sujeitos às fatalidades impostas pelos destino, crescendo envoltos nas poeiras das ruas, tarjando suas almas na estupidez anônima da humanidade (ROSA, 2009, p. 37)¹⁴⁸.

A ideia de identidade local passa pela compreensão de tensionamentos e ajustes do projeto moderno para com a realidade. Isso demonstra que não apenas os pontos positivos eram apresentados pelo cronista e pelo jornal.

As mídias são uma das responsáveis pela manutenção de discursos, elas envolvem diretamente uma percepção selecionada de mundo que conta com reafirmações, direcionamentos e argumentos críticos dos rumos da cidade.

As crônicas analisadas na presente Unidade de Conteúdo abordam o que seria essencial ao povo, quase como se determinados elementos fossem orgânicos à cidade. Tais concepções denotam quais fatores culturais eram percebidos e apontados como elementos fundamentais da identidade de Novo Hamburgo.

Conforme Kathryn Woodward (2000), a publicação de argumentos que denotem aspectos próprios de determinado local, são fatores inerentes ao processo cultural que municia a criação e manutenção de elementos, individuais e coletivos, baseados num sistema simbólico fornecedor de possíveis soluções às respostas cotidianas e ações sociais dos indivíduos.

As crônicas apresentam um padrão nas relações da cidade, identificando elementos que compunham um arcabouço identitário hamburguense. Aufere-se que Novo Hamburgo é desse ou daquele jeito, de uma forma tão natural, que tais afirmações cristalizam-se como uma realidade histórica. As análises propostas nesta

¹⁴⁸ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 29 de agosto de 1947.

dissertação não seguem apenas a historicidade do que já se sabe, mas buscam entender de que forma Novo Hamburgo foi percebida e vivenciada entre 1945 e 1949, através das crônicas.

O argumento mais contundente do panorama identitário hamburguense, publicado nas crônicas, gira em torno da predisposição ao trabalho como elemento central da vida.

Novo Hamburgo é uma cidade operária por excelência, e seu povo divide-se em três classes: trabalhadores, trabalhadores e trabalhadores. É por isso que sua vida passa cotidianamente em volta no ruído monótono das máquinas que forjam seu trabalho e esticam a cidade em todas as direções (ROSA, 2009, p. 25)¹⁴⁹.

Esse contexto dá-se mormente pela condição formativa da cidade a partir de preceitos urbanos germânicos e da aplicação do projeto moderno, idealizado desde a emancipação da cidade. Tal conjunto de fatores são uma das bases do imaginário social que forma a identidade hamburguense.

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de 'bom comportamento', designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do 'chefe', o 'bom súbdito', o 'guerreiro corajoso', etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma 'ordem' em que cada elemento encontra o seu 'lugar', a sua identidade e a sua razão de ser (BACZKO, 1985, p. 309).

Novo Hamburgo proporcionava emprego, logo todos os cidadãos deviam ser parte do processo produtivo e de "bom comportamento", pois deveriam encaixar-se nos grupos que o sistema de trabalho proporcionava. "Novo Hamburgo se divide em três classes de trabalhadores: os empregadores, os empregados e as máquinas. O resto pertence à uma classe indefinida, quase nula no ambiente..." (ROSA, 2009, p. 79)¹⁵⁰.

O elemento do trabalho como vital a cidade:

Tem a ver não tanto com as questões 'quem nós somos' ou 'de onde nós viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2000 p. 109).

A representação da cidade, através das crônicas, proporciona argumentos que fomentam o imaginário coletivo, criando e solidificando elementos sobre o que era o padrão comportamental no cotidiano citadino, não focado dentro dos aspectos

¹⁴⁹ Crônica publicada no jornal "O 5 de Abril" em 24 de janeiro de 1947.

¹⁵⁰ Crônica Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 17 de setembro de 1948.

identitários individuais do cidadão, mas dos elementos sociais que fundamentariam as identidades coletivas.

A identidade hamburguense é publicada em um processo diferente do padrão formador pesquisado por Woodward (2000) e Hall (2000). Ercílio não demonstra a afirmação do passado ou a marcação de diferenças entre cidades, como o próprio “O 5 de Abril” tinha feito no momento da emancipação demarcando uma identidade hamburguense em contraposição a São Leopoldo.

Nas crônicas, Novo Hamburgo é interpretada como suficiente, seu cotidiano não traz diferenças, mas sim elementos de igualdade pertencentes ao projeto de futuro. Então, a identidade local não é baseada na marcação de diferenças e sim na conjectura dos elementos pertencentes ao projeto urbano moderno voltado para o trabalho industrial.

Ninguém vive sem trabalhar. E ninguém trabalha sem viver. Tudo é relativo na vida. É preciso as concordâncias das cousas para o bem recíproco. É preciso trabalhar para que o trabalho nos dê descanso... Essa história de trabalhar menos para ganhar mais, é asneira e pura demagogia, pois não é possível que o sibaritismo traga progresso a alguém.
É preciso trabalhar para o bem de nosso próprio progresso.
É preciso deixar de lado essa demagogia classista que se dependura às portas dos estabelecimentos, e convocar nossos sentimentos para a progressão de nossa própria independência econômica.
Nada foi, é ou será feito sem o trabalho. O trabalho é uma santa virtude...(ROSA, 2009, p. 94)¹⁵¹.

Não se fala dos outros (indivíduos ou cidades), mas sim do trabalho como fonte para todo o futuro. Sabidamente até 1945 a região de colonização e formação teuto-brasileira foi reprimida, alguns de seus costumes, tradições e manifestações culturais, foram proibidos. Por esse motivo, a abordagem das crônicas é focada no futuro a partir do ideal de trabalho, uma das possíveis soluções para mostrar que o hamburguense tinha seu valor definido por ele mesmo e não por suas ligações com esse ou aquele passado.

A identidade, em Novo Hamburgo, se fundamenta pela demarcação do que é a cidade e seus cidadãos, não por preceitos do passado. Toda essa conjuntura faz com que o discurso sobre o projeto de futuro seja ainda mais influenciador no contexto da localidade.

O trabalho e o progresso são expostos como elementos essenciais à concepção da cidade de Novo Hamburgo, o que se comprova desde a luta pela

¹⁵¹ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 4 de fevereiro de 1949.

emancipação municipal, no início do século XX, quando o trabalho individual e o progresso coletivo foram defendidos pelo principal jornal local. Por consequência, é o mesmo veículo em que as crônicas estudadas foram publicadas e nele se encontra uma continuidade de discursos e a solidificação de elementos urbanos. O imaginário local é um espelho da realidade cotidiana, se a cidade tem emprego e cresce, os argumentos terão embasamento para se tornarem efetivos e, o próprio cotidiano, encontrará aporte no imaginário publicado e comentado.

Os elementos essenciais e sua maneira de encarar o dia-a-dia formam a identidade local. De acordo com Hall (2006), essa relação preenche o espaço discursivo entre o “interior” e o “exterior”, entre o mundo pessoal e o âmbito público. A cidade percebida pelo cronista e, ao mesmo tempo selecionada e idealizada, cria elementos que municiam percepções da realidade e deixam rastros do que seriam as manifestações culturais da época.

Ercílio está dentro da lógica que ele reafirma, percebendo o crescimento da indústria consoante às políticas nacionais de incentivo à produção. Assim as crônicas trazem sutilmente, para a análise, os elementos de um macro discurso reverberados na micro escala cotidiana. “Novo Hamburgo é, por princípio, uma cidade de trabalhadores que lutam pelo seu bem e, conseqüentemente, pelo bem geral de todos, dadas as conseqüências do produto de seu trabalho, que se espalha pelo Brasil afora” (ROSA, 2009, p. 95)¹⁵².

Na concepção de um *ethos* interpretam-se as crônicas, como a identidade selecionada da cidade, o que, conforme Hall (2006) poderia fazer com que os cidadãos internalizassem determinados significados e valores, tornando-os parte de si mesmos. Ao estabilizar percepções e elementos discursivos básicos e costurar o indivíduo à cidade em que habita, transforma-se tanto os sujeitos quanto as possibilidades culturais em que seu cotidiano se baseia o que torna cidade e cidadão reciprocamente unificados em determinados ideais e argumentos publicados como o real percebido e vivenciado.

Algo que fundamenta a noção de interligação do cidadão com a cidade através da formação de uma identidade apreendida nas crônicas é o fato de que o cronista reitera, algumas vezes, a rotina diária do trabalhador, base do desenvolvimento e da situação da cidade.

¹⁵² Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 11 de fevereiro de 1949.

Recém começou um novo dia na “cidade industrial”. E qualquer observador pode sentir, através das chaminés fumegantes, o ruído heterogêneo das 370 fábricas novo hamburguesas, das 294 manufaturando calçados!...(ROSA, 2009, p. 197)¹⁵³.

Outro momento característico da lógica do trabalho presente em Novo Hamburgo é o intervalo entre os turnos.

Entre os anseios de nossa luta cotidiana, há um suspiro que se destaca na labuta diária de cada um: a “hora da largada”. É a hora em que termina um período de trabalho. E nesta hora as ruas da cidade enchem-se de criaturas heterogêneas, satisfeitas por terem cumprido o seu destino: trabalhar.

Às 11:30 horas a cidade despeja por todos os recantos de seus espaços, uma multidão de operários, comerciários e patrões, que deslizam pelas ruas quietas, com a pressa de quem tem fome... Homens, mulheres e pequenas adoráveis de todas as condições sociais, correm apressadas para os seus lares, escravizadas pela ditadura da fome, espalhando pela rua o eco de seus desejos, de suas ambições sonhadas e de seus desesperos. São os sonhos e os fracassos confessados um a um entre a coletividade. Uns pretendem atravessar a vida com os dedos na cava do colete.

Outros não conseguem um colete para atravessar a vida...

É a hora do almoço. Depois... Oh! Depois novo turno, novo esforço e novos desejos, até o fim da tarde... Então, novamente a “largada”...

Mas então os passos se tornam mais demorados e as fisionomias mais despreocupadas, pois há tempo sobrando... Há a noite toda para sonhar com as esperanças do outro dia...(ROSA, 2009, p. 66)¹⁵⁴.

O trabalho é o elemento básico da identidade hamburguesa, seja pelo projeto moderno incorporado à cidade, seja pela valorização de uma qualidade do povo. Ele está presente em várias crônicas demarcando sua importância para os discursos locais. Esse elemento cultural é essencial à compreensão de Novo Hamburgo, pois esteve presente desde a fundação da cidade até a consolidação de maior produtora de calçados do mundo.

A rotina industrial, o trabalho como essencial à vida e ao progresso da cidade, são representações que compreendem um processo cultural formador de Novo Hamburgo. Com isso, elementos identitários individuais e coletivos manifestados nas crônicas são determinados. Elas são um sistema simbólico que fornece possíveis respostas ao que Woodward (2000) chamou de questões essenciais à manutenção da vida. “Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares através dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17).

Um dos encantos da vida novo-hamburguesa é o entusiasmo delirante e contagioso que se apodera da população nas horas vazias que separam os turnos de trabalho: sempre há um entretenimento qualquer, engomando as rugas das preocupações que sulcam os destinos dos que trabalham para

¹⁵³ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 19 de janeiro de 1951.

¹⁵⁴ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 18 de junho de 1948.

vencer; sempre há uma distração qualquer, enrolando os espaços vagos entre as horas do trabalho. A vida é assim: entre o trabalho e o trabalho, um sonho. E entre um sonho e outro sonho, trabalho... Em cada pedaço de vida, há um fragmento de esperança, embrulhando uma fantasia... Todos nós temos desejo de vencer. Todos nós sonhamos com uma vitória qualquer que a esperança finca no coração da gente. Por isso eu me detenho olhando as ruas e as esquinas, procurando adivinhar os sentimentos esparsos que, nas horas vazias, enchem as ruas e as esquinas, fabricando esperanças dúbias...(ROSA, 2009, p. 123)¹⁵⁵.

As crônicas relatam elementos identitários para além da base do trabalho, há também uma preocupação com a diversão na cidade, como isso pode ser controlado e fazer parte da identidade local. Porém, no mesmo panorama dos espaços de sociabilidade, o normal e aceito era buscar o divertimento nos finais de semana ou nas festas, como o Carnaval, que sempre foi presente na história de Novo Hamburgo.

Nos fragmentos da vida atribulada de nossa cidade, resta-nos o fim de semana para a contemplação do que se passou, ou para o que há de vir... E o sábado à tarde é o último espaço vazio da semana, que a gente ocupa com alguns sonhos esparsos...

No sábado ao findar-se o dia, findam-se também as afobações, as idéias fixas e os sentimentos brutais da semana, que por acaso fixou-se no subconsciente de alguém.

No sábado ao cair da tarde, os institutos de beleza ficam abarrotados de mulheres, belas ou não, que desejam tornarem-se mais belas... Os barbeiros também fazem sua fezinha: cosméticos também tem seu destino na aprimoração da faceirice masculina...

Os bares (Ah! Os bares) ficam repletos de senhores enfáticos que vêm nos sábados à tarde tomar seu chope em holocausto a semana que findou... E as vitrines das lojas parecem expressões de mulheres carinhosas acenando num gesto convidativo...

Assim são os sábados à tarde. Monótonos ou agitados, sempre influem na formação da nova semana que se iniciará com o domingo esperado.

É no crepúsculo dourado dos sábados ensolarados que a gente para. É o limite final de uma fase da vida, iniciando outra. É a transição. Depois... Depois vem outra semana, outro sábado, outra fase...(ROSA, 2009, p. 55)¹⁵⁶.

Transparece nas crônicas uma agitação controlada, um preceito de ordem e caos ordenado no âmbito das vivências, como se a cidade exibisse elementos fundamentais baseados apenas na ordem e no progresso. Nesse sentido, o comportamento no Carnaval seria um dos pontos fora da curva, um momento de libertação, isso daria a entender um dos motivos dessa festa genuinamente brasileira ser assumida como parte essencial do calendário hamburguense, para além de relações com afrodescendentes ou preceitos religiosos.

‘Nós bebemos vinte chopes, quebramos trinta copos e fomos farrear...’

O carnaval é o espanador do espírito; é o esparadrapo da vida; é um remendo colocado nas vertigens cotidianas...

No carnaval esquecemos os preconceitos e confundimo-nos com as multidões heterogêneas, satisfazendo nossos instintos ou expandindo

¹⁵⁵ Crônica Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 19 de agosto de 1949.

¹⁵⁶ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 2 de abril de 1948.

irreverências. São três dias libertos em que muita gente transforma sua personalidade.

[...]

O carnaval é um sinal luminoso no tráfego da vida. Marca um ponto facultativo, onde todos ficam à vontade gozando o vazio da existência (ROSA, 2009, p. 48)¹⁵⁷.

Beber, quebrar e farrear, em Novo Hamburgo não pode, mas no Carnaval pode. Outro traço identitário presente nas crônicas é o clima de ordem na cidade. Ele só é quebrado no Carnaval, pois este é um farol luminoso no marasmo cotidiano, é uma porta aberta para a manifestação da alma, um ponto de liberdade.

A ausência de distúrbios ou reivindicações está presente nas crônicas, há três citações de descontentamento da paz social nas 100 publicações analisadas. Uma é a relatada acima, da perspectiva do Carnaval, as outras duas são: a condenação da preguiça, pois todos na cidade precisavam trabalhar; e a ausência de trabalhadores na inauguração do hospital dos operários.

Com a movimentação sindical que se vê ao longo da história do país até a década de 1940, podia-se esperar uma atuação mais presente destes órgãos dentro de Novo Hamburgo.

A ordem legal não deixava espaço para contestações e os movimentos reivindicatórios praticamente não ocorreram, ou, pelo menos, não foram registrados pela historiografia, pois apenas uma greve de operários aparece nos jornais (SCHEMES; MARONEZE; KUHN JUNIOR, p. 64).

Aqui se sabe que os sindicatos coureiro-calçadistas existiam e manifestavam-se na cidade, porém eles não são citados nas crônicas, são vistos até mesmo como um nada pelo discurso do jornal.

Já a questão da preguiça é explicitada diretamente ligada à condição de ter direito de viver em Novo Hamburgo.

Novo Hamburgo é, por princípio, uma cidade de trabalhadores que lutam pelo seu bem e, conseqüentemente, pelo bem geral de todos, dadas as conseqüências do produto de seu trabalho, que se espalha pelo Brasil afora. Mas nas ruas sempre se encontra preguiçosos esfregando as arestas das esquinas, gastando os bancos das praça ou esfolando a mesas dos cafés, escorados no trabalho dos que vivem encafuados nas oficinas e escritórios, lutando pelo pão de cada dia e pela independência econômica, conquistando uma das mais belas páginas da vida.

'Quem não trabalha não tem direito à vida' - disse um célebre pensador – mas os preguiçosos vagueiam por aí, gozando a faculdade de não fazer nada.

Li não sei onde que 'os vadios são uma necessidade, porque a ociosidade é um estado que dá excepcional valor ao trabalho...' mas não concordo com essa sentença. Não concordo porque considero a preguiça um mal que se estende pelo país afora, corroendo as mentalidades e desvirtuando as intenções dos que se esforçam para trabalhar.

¹⁵⁷ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 6 de fevereiro de 1948.

Em plena época das necessidades em que vivemos, quando se procura estimular a produção nacional, vemos centenas de preguiçosos sabotarem, por meios diversos, os esforços dos que se dedicam estoicamente ao trabalho produtivo.

Precisamos acabar com a preguiça, porque senão a preguiça acaba com muitos...(ROSA, 2009, p. 95)¹⁵⁸.

Ercílio condena os que não contribuem ao trabalho, aqueles que gastam os bancos das praças. Esses indivíduos não têm direito à vida e não fazem parte do projeto de futuro pertencente a cidade. Vale lembrar o caso da criança conhecida como “Sete meis”, que foi levada a viver no centro educacional, pois estava nas ruas, essa ação tem grande impacto na lógica do trabalho, pois se vive para fazer a cidade progredir e aqueles que não têm preparo para trabalhar devem receber condições de seguir com o projeto local.

Algumas generalidades históricas não são sustentadas pelas crônicas, ocorre uma quebra de paradigmas a partir do vivido pelo cronista, como o fato de que a cidade, para manter sua promessa de futuro através do trabalho, precisaria apenas de mão de obra. Ercílio deixa claro que há um grande aparato educacional na urbe, com isso é interessante analisar que mesmo focando em habilidades industriais, há uma preocupação com o desenvolvimento humano.

Com a mecanização da produção, é necessário uma compreensão até mesmo de manuais para a manutenção e operação correta do maquinário. A alfabetização é, portanto, importante para o desenvolvimento do trabalho.

De acordo com Foucault (1987), o próprio sistema educacional é uma forma de vigiar e controlar os indivíduos. Nessa lógica, incentivar o desenvolvimento escolar é uma das formas de incutir determinados pensamentos e formas de ver o mundo no indivíduo. A escola é uma ferramenta importante na propagação da identidade local, pois além de alfabetizar ela direciona visões de mundo.

A constatação do que era certo e errado em Novo Hamburgo, a partir da identidade, tem um elemento essencial: a manutenção de uma ordem social sem interferência no âmbito trabalhista.

Um episódio de destaque dessa concepção é quando se inaugura um hospital voltado para os operários, mas que eles, ao não comparecerem, são vistos pelo cronista como ingratos, pois foram subvertidos por determinados “elementos” que não

¹⁵⁸ Publicada no jornal “O 5 de Abril” em 11 de fevereiro de 1949.

se importam com a coletividade. Essa crônica¹⁵⁹ é trazida quase em sua integralidade devido a importância para a compreensão do elemento identitário da calma e estabilidade social.

Obra nascida da iniciativa abnegada, generosidade e elevados sentimentos de solidariedade de uma plêiade de beneméritos novo-hamburgueses, que sempre procuraram suavizar os sofrimentos do próximo, aos quais a cidade inteira deve imorredoura gratidão. Erguida com o apoio moral e material das classes empregadoras e do Governo, que não mediram sacrifícios para colaborar na realização desta obra que é um monumento simbolizando o abraço fraternal de uma classe social à seus semelhantes.

Mas os operários, a quem mais benefícios trará o Hospital, não souberam receber esse amplexo de fraternidade tratados com tanto carinho no coração dos homens.

Não souberam ou não quiseram demonstrar os princípios de gratidão e decepcionaram os presentes ao ato inaugural, pela sua ausência aonde deveriam acorrer todos em massa, para coesos aplaudirem a solenidade.

Não foi só o Rev. Pe. Rauc, um incansável lutador pela harmonia social, que exclamou estupefato: “Onde estão os operários?” Pois nos lábios de todos os presentes se dependurava a mesma interrogação: “Onde estão os operários?”

Mas os operários agora estão seguindo certos elementos que, introduzindo-se no seio da classe trabalhadora, procuram impedir a aproximação das classes, e, com palavras demagógicas reivindicam direitos imaginários, que jamais poderão ser concretizados.

E nas fisionomias antes calmas e tranqüilas dos nossos trabalhadores, estampasse hoje o estigma da revolta, da desconfiança e da incredulidade.

Foram esses elementos que incutiram no espírito dos operários a idéia de que este Hospital não seria para operários, embora não tenham contribuído nem com um centavo, nem com um gesto de incentivo para a sua construção.

Mas o hospital ergue-se majestoso na colina, com sua porta aberta para receber indistintamente quem dele necessitar, desafiando as atitudes hostis. Foi inaugurado no dia de todos os Santos, com a presença da imagem de Cristo, que há de protegê-lo.

Será sempre uma porta aberta para suavizar e sanar as dores da coletividade.

Porta aberta mesmo àqueles que hoje procuram incompatibilizá-lo.

Porta aberta às futuras mães que necessitam de conforto e tranqüilidade à sua mais santa missão na terra.

Porta aberta à todos, sem distinções, para mitigar seus momentos cruciantes.

Porta aberta!...(ROSA, 2009, p. 42)¹⁶⁰.

Greves não existem e em muitos momentos a cidade é totalmente harmônica nas crônicas, as únicas críticas são sobre problemas de infraestrutura que prejudicam o progresso industrial, como a condição de algumas ruas.

Porém, apesar do silenciamento dos movimentos trabalhistas e mesmo da presença de outros grupos sociais que não sejam teuto-brasileiros na cidade, o

¹⁵⁹ A crônica em questão não foi publicada no Jornal “O 5 de Abril”, mas em outro periódico que circulava na cidade, o Gazeta de Novo Hamburgo. Porém foi escrita por Ercílio Rosa no período estudado, além disso sua importância e peso argumentativo foram decisivos no processo de inclusão das análises. Sentiu-se necessário apresentar essa percepção da cidade, para que se entenda o fator da ordem social como elemento formador da identidade hamburguesa.

¹⁶⁰ Publicada no jornal Gazeta de Novo Hamburgo em 6 de novembro de 1947.

momento de crítica à ordem social é de extrema importância, porque demonstra que havia sim esses movimentos em Novo Hamburgo, todavia, eles não pertenciam ao circuito principal de elementos formadores do discurso e da identidade¹⁶¹. Eles eram uma realidade alternativa que não pertenciam à percepção da “realidade” condicionada do cronista.

Dentro desse panorama há algo que se destaca no tensionamento do percebido e do idealizado. A questão da formação e reafirmação de identidades se dá por percepções que convergem para um caminho discursivo intrínseco à realidade local. Mas Ercílio faz mais do que relatar o crescimento da cidade, mais do que informar o progresso e a promessa de futuro, ele, além de demonstrar elementos identitários básicos da cidade, agride o discurso da modernidade em aspectos das relações humanas. Ercílio se importa, muitas vezes, com a qualidade das interações humanas que estão sendo modificadas rapidamente pelo processo que ele identifica como benéfico à cidade.

Ercílio demonstra encruzilhadas em sua própria visão, na condição de um admirador da cidade, de alguém que dá voz ao cotidiano. Reafirmando elementos antigos, acaba percebendo que nem tudo nesse presente é de fato maravilhoso.

Existem criaturas que passam ante nós como sombras dúbias das cousas insignificantes, às quais não prestamos a mínima importância. São criaturas que, às vezes, não vivem: deixam-se levar pelo turbilhão da vida...

Esses pequeninos vendedores de jornais são assim. Ninguém vê a dolorosa e humilde necessidade que atirou essas crianças nas poeiras das ruas; ninguém vê a alegre expressão de suas fisionomias esqueléticas quando, após venderem o último jornal, sacodem os escassos níqueis para o pão cotidiano. Nós nunca olhamos para o guri que nos traz o jornal. Nós pensamos apenas, nas notícias, sensacionais ou não, que o jornal nos trará. Mas esse pequenino ente que não conhece as belezas da infância, que nem sabe como é que se entra numa escola e que nunca viu um papai noel, também faz parte do mecanismo do jornal, também é um colaborador infatigável que nas manhãs frias de inverno ou nas tardes suadas de verão, palmilham as ruas cotidianamente, distribuindo laudas cheias de letras.

O vendedor de jornais é o mensageiro anônimo das sensações diárias que ansiosamente esperamos. É, portanto, uma utilidade dentro das arestas da vida.

Entretanto, ele é uma criatura que passa ante nós como sombras: só vemos seus contornos. Mas se olharmos bem para essas pequeninas formas humanas, veremos que têm alma como nós, têm desejos como nós e aspiram, como nós, algo além da imaginação.

O pequenino vendedor de jornais é uma criatura que traz incrustada na alma, a poeira de muitas ruas. Arrastam-se entre os corredores do destino, amarrotando sonhos nunca sonhados...

¹⁶¹ Reitera-se a importância conjectural da obra sobre o Associativismo Negro na cidade de Novo Hamburgo, de autoria da Dr^a Magna Lima Magalhães.

Jornaleiro. Ele vive sua infância, espalhado pelas ruas apregoando jornais. Sua escola é uma esquina qualquer onde a dura realidade ensina a viver (ROSA, 2009, p. 112)¹⁶².

A modernidade não traz apenas benefícios, muitas de suas promessas vem com ameaças, essa situação é o que Berman (1986) e Morin (1992) vão chamar de conjunto de aventuras presente na consolidação das ideias modernas. Ercílio percebe o fato e o retrata em seus textos. Essa concepção se torna mais um dos elementos presentes na identidade hamburguense, pois tanto o descaso com o outro quanto a importância de destaque para essas situações entram como aspectos vividos na cidade.

Mas a vida é cheia de acontecimentos. E em cada acontecimento há um complexo desafiando nossa imaginação... É por isso que os preconceitos nos arrastam para um ponto qualquer, sem permitir que meditemos sobre as conseqüências advindas.

É por isso talvez que eu me posto na curva de um sonho, alheio aos reveses da vida, embevecido nas curvas estonteantes da fumaça de meu cigarro, que vai se extinguindo pouco a pouco como a vida de um idealista... E nessa fumaça que sobe não sei para onde, eu deposito uma mensagem à Deus pedindo solidariedade entre os homens incompreensíveis deste mundo confuso (ROSA, 2009, p. 68)¹⁶³.

As relações presentes na cidade superam a paisagem urbana. Enquanto existe um aparato estrutural que promete o futuro há também relações que ameaçam o bom convívio futuro. As estruturas que interferem diretamente no ambiente, de forma predatória, também são nocivas ao progresso, pois com o projeto de futuro voltado para um caminho a frente se esquece do presente. Isso proporciona a modificação nociva do espaço, interferindo nas condições da fauna e da flora. Novo Hamburgo cresceu sim, mas alguns dos problemas advindos desse processo são sentidos até hoje, como a poluição do rio dos Sinos, um dos mais poluídos do país¹⁶⁴.

Há claramente um ambiente que também traz argumentos que fragilizam a força da identidade de Novo Hamburgo. A cidade é forte, apresenta progresso, mas as crônicas conseguem demonstrar algo além disso. Ercílio não é apenas um propagador de discursos pré-determinados, ele é o porta voz de algo além das estruturas, as crônicas são uma das vozes do que foi vivido e deixado no tempo.

Nunca sabemos como será o amanhã. Por isso trazemos grudadas em nossas ansiedades, uma lembrança ou uma saudade qualquer das emoções

¹⁶² Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 3 de junho de 1949, repetida em 14 de janeiro de 1966.

¹⁶³ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 30 de junho de 1948.

¹⁶⁴ ASSOCIAÇÃO Brasileira do Ministério Público do Meio Ambiente. **Os rios mais poluídos do Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://abrampa.jusbrasil.com.br/noticias/2821342/os-rios-mais-poluidos-do-brasil>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

passadas, amortecendo o caminho desconhecido que fatalmente iremos trilhar.

[...]

A gente sempre pensa que é alguma coisa além do que realmente é, mas quando os tempos vão passando, vemos que a realidade encerra capítulos de esforços e lutas, sacudindo nossos pensamentos e acordando nosso subconsciente.

Sou um sujeitinho comum, dependurado na esperança de algo que eu não sei bem o que seja...

A esperança é um sonho furado, ou um futuro cheio de sonhos... (ROSA, 2009, p. 84)¹⁶⁵.

Há dúvida, há incerteza, há o desejo pelo futuro e o medo do presente, esses elementos são intrínsecos à constituição e reafirmação da identidade hamburguense. Isso fragiliza a concepção de uma cidade completamente segura de seus rumos, porém fortalece a concepção histórica da cidade, pois é nos embates, nas dúvidas, nas interações, nas lutas que a história é feita e é também aí que o ser humano encontra barreiras a traspor e modificar, seja para o bem ou para o mal das relações sociais.

Ercílio sintetiza a concepção das forças modernas agindo na cidade, moldando sua identidade, através da figura do carteiro. Ele é alguém que cumpre seu trabalho, mas que não tem o contato direto com o resultado de sua função, ele é um produto datado da modernidade, um sujeito que liga pontos, que traz notícias, mas que não é a estrutura em si, muito menos o responsável por gerar alegria ou descontentamento com o que carrega na bolsa. Ele é impessoal, não tem nome, apenas função, isso é algo comum nas crônicas de Ercílio, não há muitos personagens, apenas existe cidade e o que acontece nela, por isso tais elementos são traduzidos como fatores que compõem a identidade de Novo Hamburgo.

O carteiro, essa criatura simples e apressada que anda pelas ruas, é uma interrogação que paira na alma de quem espera uma notícia qualquer. Pois é ele o intérprete anônimo das ansiedades comuns daqueles que depositam nas cartas as emoções de seus momentos. O carteiro é uma incógnita na esperança da gente; é uma surpresa qualquer, embutida na missiva singela que ele conduz por acaso em sua sacola, para a satisfação de nossas expectativas.

O carteiro não sabe distinguir as categorias sociais, nem as rivalidade políticas.

Na mão do carteiro todos nós somos iguais: o nome da mais humilde criatura se confunde com o do mais presunçoso ricoço regional!...

[...]

É nas mãos desses dois abnegados carteiros que o correio põe as cartas que nem sempre esperamos... Nas mãos do carteiro há sempre uma surpresa dependuradas; há sempre uma resposta de carta que nunca escrevemos...

O carteiro é uma esperança fardada que se aproxima de nós com ares de quem distribui emoções escritas...

¹⁶⁵ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 29 de outubro de 1948.

O carteiro é enigmático. Às vezes ele nos traz mensagens de festas, alegrias e satisfações; outras vezes nos traz tristonhas notícias de desespero, lutos e soluções inconsoláveis...

Ninguém dá importância ao carteiro. Apenas espera-o como um funcionário humilde que carrega algo que almejamos... Mas ele encerra algo mais profundo, mais filosófico do que a simples entrega de correspondência: ele mistura os sentimentos de quem escreveu, com a sensação mística de quem leu uma missiva...

Entretanto, o carteiro prossegue em sua faina cotidiana, impassível e indiferente às emoções que ele provoca naqueles que o esperam ansiosamente (ROSA, 2009, p. 82)¹⁶⁶.

Essa impessoalidade resume a percepção da identidade de Novo Hamburgo, há uma função sendo cumprida por alguém sem nome, para o bem geral de todos. Existem fatores da fragilização do ser e da consolidação do ato de trabalho que representa a identidade hamburguense.

De forma geral a identidade hamburguense advinda da análise das crônicas de Ercílio Rosa apresenta-se em um tripé: Trabalho, ordem e tensão.

O *trabalho* é o elemento básico, ele é o que sustenta toda a argumentação do projeto de futuro presente na cidade. Toda a concepção de modernidade do discurso de Novo Hamburgo é calcada na ideologia do trabalho como resposta à vida, ele é o sentido básico e orgânico da cidade.

Tudo que nada agrega ao sentido do trabalho é condenado, a preguiça é um mal social, extremamente combatido. A intensa atividade industrial é glorificada como motor da cidade e isso faz com que qualquer atitude de diminuição ou boicote ao trabalho seja odiada. O único momento permitido de distração em novo Hamburgo é a frequência e assistência ao futebol, aos clubes e as festas locais, que ocorriam, sobretudo nas tardes vazias do sábado e do domingo.

De forma geral, durante a semana, um preceito identitário era o centro da força hamburguense, toda a energia local devia estar centrada no trabalho individual para o bem coletivo ou o bem de todos, a partir do desempenho de cada um. Esse argumento ajudava na manutenção da ordem e da calma social pelo bom desenvolvimento do projeto de futuro.

A fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais acreditem na superioridade do facto social sobre o facto individual, que se dotem de uma 'consciência coletiva', isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento da existência da coletividade (BACZKO, 1985, p. 306).

¹⁶⁶ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 8 de outubro de 1948.

A *ordem* social provém do contentamento com o trabalho e com as estruturas físicas e sociais presente em Novo Hamburgo. As possíveis reivindicações ou questionamentos da ordem local são ignoradas ou retalhadas pela opinião formal do jornal.

Manter a coesão popular e a calma são elementos elogiados por Ercílio, porém havia um período no ano em que a baderna e a liberdade de expressão não eram veementemente represadas, isso acontecia durante o Carnaval.

A festa popular brasileira sempre teve um importante papel de manifestação cultural em Novo Hamburgo, seja por seu peso histórico, seja por sua funcionalidade social e religiosa ou por sua liberação dos “sisudos” dias de trabalho. O carnaval e os grandes bailes (kerb) eram os momentos preciosos na rotina anual, onde o hamburguense libertava-se de pesos na consciência e na alma para poder viver de forma leve e despreocupada alguns sonhos e desejos.

Passado o período determinado dos kerbs e do Carnaval, o que restava na cidade era o engrandecimento de uma identidade que buscava incentivar a ordem e o bem estar comum.

Tanto o trabalho como a ordem social eram elementos que compunham um discurso identitário de benefícios do projeto moderno, não levando em conta o impacto humano ou ambiental do processo de industrialização e modernização da cidade. Porém, Ercílio traz uma perspectiva a mais para dividir e sustentar os preceitos identitários de Novo Hamburgo: a tensão entre a promessa de futuro e o medo dele, no que condiz a alteração das relações humanas. Há uma preocupação com o próximo, com as chances de cada indivíduo dentro da urbe, ao mesmo tempo que é perceptível uma concorrência pela manutenção do trabalho individual.

A identidade de Novo Hamburgo se baseia no trabalho, na ordem social e nas alterações das relações humanas. Essa última parte do tripé, não é um elemento delimitado como as outras duas, mas sim uma condição pertencente do *ethos*, é uma compreensão da condição que a cidade passa, como no caso do carteiro. É se importar com o outro, mesmo sabendo que o outro, muitas vezes, é invisível ao discurso maior.

Esse é o diferencial das crônicas, pois elas, além de demonstrarem percepções já conhecidas, abordam o desconhecido e trazem um novo aspecto para a compreensão da identidade da cidade. Todavia, as crônicas transcendem à reafirmação de preceitos históricos, elas trazem respostas do cotidiano

hamburguense e de como Novo Hamburgo foi interpretada por Ercílio Rosa entre os anos de 1945 e 1949.

Dizem os filósofos que o tempo não existe. O tempo é apenas uma idéia de limitação que a humanidade inventou, para satisfazer as emoções dos que pretendem contar as etapas da vida.

Finda-se amanhã o ano de 1949, o ano que teve o prejuízo de uma hora.. Mas em compensação, 1950 é o meio do século. Deste século de deslumbramentos e de emoções maravilhosas de progressos, que nossas gerações tem vivido inventando tantas cousas, mas que ainda não soube inventar a cura da miséria...

Mais um ano que agoniza. Mais outro ano que nasce vitorioso na seqüência dos dias contados... Mais algumas ilusões morrendo asfixiadas no estertor de 1949, e mais esperanças renascendo na aurora de 1950...

Salve a metade do século! (ROSA, 2009, p. 144)¹⁶⁷.

Novo Hamburgo foi a cidade industrial, do trabalho, do carnaval, do samba, da bandinha, das sociedades, dos talentos, mas, também, a cidade da dúvida, dos modelos distintos de modernidade, do projeto moderno e, sobretudo, da certeza e da dúvida humana perante a promessa de futuro.

¹⁶⁷ Publicada no jornal "O 5 de Abril" em 30 de dezembro de 1949.

8 CONCLUSÃO

*Para além do concreto?
Sonhar
Depois da fôrma?
Realizar.*

*O medo e a aventura?
Perceber
Nas esquinas e desejos?
Escrever*

*Os caminhos de uma cidade?
Industriar
Os cidadãos?
Ordenar
E das dúvidas? Responder?
Não, não... Imaginar.
(Desenvolvido pelo próprio autor, 2018).*

A crônica é capaz de trazer perspectivas de realidades e imaginários de uma época, que outros gêneros literários e mesmo discursos midiáticos, deixam passar. Ercílio Rosa representa em suas primeiras 100 crônicas publicadas no jornal “O 5 de Abril”, uma Novo Hamburgo em franca modificação, percebendo consequências do projeto moderno que promete tanto um futuro grandioso quanto um sentido de vida urbana.

A cidade foi percebida em três categorias: Paisagem; Sociabilidade; Identidade. Ercílio visa educar o olhar daqueles que tem contato com seus textos, ele escreve sobre uma Novo Hamburgo entre o tensionamento da constatação cotidiana e a idealização do futuro. Todas as categorias e unidades de assunto tem um ponto de convergência do discurso, o trabalho individual e o progresso coletivo. Reafirma-se constantemente que o trabalho individual e a ordem social fará com que todos aproveitem os frutos do futuro.

A *Paisagem* hamburguense foi identificada em três bases: bairros; construções; críticas.

Ercílio relatou três bairros distintos nas crônicas, eles representam etapas diferentes do projeto moderno (Ianni, 1993). Hamburgo Velho é traduzido como o modelo europeu de modernidade, por sua crença no trabalho, no individualismo e na tradição; Rio Branco é o novo, o modelo moderno nova iorquino, com a industrialização, dominação do espaço e ampliação da cidade sobre ela mesma; Já

Lomba Grande é o que se considera como o local ser ajudado, a parcela local que precisa ser colocada dentro do projeto moderno.

Hamburgo Velho é o núcleo da cidade alta, onde desenvolveu-se os primeiros assentamentos no século XIX. Ali ficaram muitas das famílias teuto brasileiras que tornaram-se tradicionais na cidade, um local de status social e político, um ambiente que flutua para além da aceleração do tempo, um reduto da “erudição individual”, um mirante sobre o tapete de fábricas aos pés do morro.

Rio Branco é o local que transformava-se cotidianamente, o bairro industrial, onde todos sempre estavam trabalhando, seja para desejos de outros ou para sonhos próprios. Sua localização é nos banhados a beira da BR-116, ali ocorre a dominação total do espaço sem planejamento ou conservação, apenas o desejo humano de progressão, soterra-se o natural e cria-se o naturalmente humano. Esse bairro representa a força local, o motor da cidade, os pés descalços que calçam o mundo.

Lomba Grande é um território que foi anexado a Novo Hamburgo, anos depois da emancipação em 1927, ele é um bairro extenso territorialmente, afastado do centro, que apresenta traços de interior rural, por isso é publicado por Ercílio como um local que precisa ser olhado e ajudado, para que então possa ascender aos princípios industriais e modernos presentes no íntimo da cidade.

Esses três bairros são a tradução de distintas percepções dos pensamentos modernos, eles representam três etapas da modernidade dentro de uma única cidade, a complexidade dos discursos globais manifestados em ambientes reduzidos. O cotidiano descrito nas crônicas trata Novo Hamburgo como o personagem principal da paisagem, assim os bairros são seus membros e todos precisam fluir de forma coordenada para que a cidade continue avançando nos rumos de seu projeto de futuro.

Para além dos bairros o cronista relata *Construções* como estruturas físicas que se destacam na paisagem da cidade, como pontos de referência e funcionalidade. Ercílio demonstra que o aeroclube é o local para se ver o progresso além das ruas, admirar das alturas o que os pensamentos plantam em Novo Hamburgo.

Com o aumento populacional e produtivo alguns serviços foram estabelecidos na cidade para gerar maiores garantias da produção, da geração de capital e da qualidade de vida como um todo. Isso é o caso da instalação da Companhia de Seguros e do Hospital dos operários, quanto maior o fluxo de capital, mais garantias de manutenção e segurança precisam ser tomadas, pois a ideia de possuir dinheiro

potencializa certos impulsos nos seres humanos. As descobertas técnico científicas também auxiliam na manutenção da vida, a criação de hospitais ajuda nas condições de trabalho, operários saudáveis podem produzir mais.

Além da saúde corporal, Ercílio aponta que havia todo um cuidado com a saúde mental a partir da educação, pois dentro das muitas instituições de ensino de Novo Hamburgo, uma maior parcela da população poderia ser vigiada e educada em determinados caminhos condizentes com as lógicas urbanas do trabalho individual para o progresso coletivo.

Essas estruturas junto com os bairros exprimem os principais elementos da paisagem urbana expostos por Ercílio Rosa em suas crônicas sobre a cidade no período entre 1945 e 1949.

No mesmo caminho do cuidado para com o corpo e mente, o cronista exhibe críticas a paisagem da cidade, não algo depreciativo mas sim em forma de alerta e condicionamento do olhar. Ercílio infere sobre ruas ou locais que estão em falta, por exemplo sobre os buracos encontrados em vias da parte alta da cidade e dos bairros industriais, bem como a falta de uma praça que em Hamburgo Velho, naquele largo que proporciona a visão de todo o progresso do tapete de fábricas no entorno do morro.

Na lógica dos bairros, na função das estruturas físicas e na direção do olhar sobre a falta é que a paisagem hamburguesa foi exposta por Ercílio. É no panorama do conjunto de ideias e da promessa de futuro que a cidade tem sua paisagem delimitada. Dentro desse contexto foram expostos os locais de sociabilidade, eles também compunham a paisagem, mas sua funcionalidade é diretamente envolvida com os atores sociais, os quais influenciam e são influenciados pela identidade da cidade.

Sociabilidade foi apresentada como os locais de interação abertos ou fechados que Ercílio destacava na cidade. Nesses locais ocorriam encontros para além dos compromissos diários, eram pontos de uma rotina fora da rotina, âmbitos de pausa na lógica do trabalho, quando os hamburgueses relaxavam, praticavam esportes, estavam em público, interagiam exteriorizando suas percepções de mundo e internalizando novas visões.

Os espaços abertos de sociabilidade não possuíam regras ou normas oficiais sobre o controle de acesso a todos os cidadãos, eram locais ou acontecimentos públicos que todos poderiam ter acesso. Claro que em todas as sociedades há

questões discriminatórias que não são oficiais, mas sim reflexos culturais, todavia os espaços abertos em Novo Hamburgo podiam exibir isso, mas essa lógica não é transposta nas crônicas.

Todos os grupos sociais podiam frequentar as praças da cidade, os campos de futebol, os grandes bailes, os shows de talento, as festas de São João e o Carnaval, pois era um momento de descontração da labuta diária. Contudo Ercílio descrevia que esses locais deveriam ser procurados e utilizados apenas nos finais de semana para não atrapalhar a vocação industrial da cidade.

Os trabalhadores, que deveriam ser todos os hamburguenses, tinham o direito e o incentivo de sociabilizarem, desde que nas horas vazias dos finais de semana, até mesmo as horas depois do trabalho diário não deviam ser esgotadas pelos operários.

As noites da semana eram delegadas a sociabilidade em espaços fechados, os quais restringiam a entrada de pessoas não pertencentes ao grupo ou aos interesses ali vivenciados. Esse contexto se dá através dos clubes de aviação, bolão ou tiro, as sociedades dos bairros e até mesmo a associação dos rinhadeiros.

Havia vida noturna em Novo Hamburgo devido aos encontros dos clubes de bolão. Um esporte tipicamente teuto brasileiro que reunia uma parcela social com condições de frequentar os ambientes das sociedades responsáveis por manter os locais de jogos. Então esses espaços eram restringidos a sócios ou convidados, estes âmbitos não propiciavam tantos embates ou choques, mas sim consolidavam e reforçavam ideais, pois os frequentadores estavam alinhados com preceitos e especificidades próprias do convívio.

De acordo com os textos de Ercílio, Novo Hamburgo exibia uma interação de sujeitos fora das fábricas, fora da rotina, fora do trabalho. Delegando as horas vazias das noites à aqueles com condições de participar dos clubes, já nos finais de semana e comemorações populares poderia acontecer a participação de todos os cidadãos da cidade interessados em esquecer seus problemas ou depositar uma esperança para além de suas próprias forças.

Os espaços de sociabilidade estão inseridos na paisagem urbana hamburguesa, eles também pertencem as estruturas, pois são locais físicos na cidade. Todavia a última categoria de análise denominada de *Identidade* não é material, ela não é palpável, mas pode se manifestar e moldar a realidade.

Novo Hamburgo foi tratada nas crônicas como o personagem central, era o palco e as peças do jogo, Ercílio apenas o observador das ações, o narrador de uma

realidade. Por isso a cidade é publicada como se tivesse uma identidade própria, um conjunto de elementos essenciais para a vida no ambiente urbano.

A identidade hamburguesa é calcada em um tripé de forças que coadunam o discurso local, ressignificando o passado, justificando o presente e prometendo um futuro. Nas crônicas a cidade tem seu sentido baseado no trabalho individual, no progresso coletivo e no ambiente em transformação. Se todos os cidadãos seguissem esses preceitos identitários, o projeto de modernidade seria consolidado em seu ápice, o que ocorreu de certa forma nas décadas de 1979 e 1980, até a crise do calçado na década de 1990.

A Novo Hamburgo representada por Ercílio Rosa em suas 100 primeiras crônicas publicadas no jornal "O 5 de Abril" entre 1945 e 1949, é uma cidade que segue um conjunto de ideias pertencentes ao projeto moderno com foco no desenvolvimento urbano-industrial, baseando os elementos identitários locais na concepção do trabalho individual para o progresso coletivo.

Não há distinções de crença, raça ou gênero, existe apenas a classe do hamburguense como força motriz de trabalho e ordem social. Exatamente nessa igualdade literária é que abrem-se novas portas de pesquisa, pois apresentar choques culturais e movimentos de resistência para além da calma social propagada, pode auxiliar na compreensão de aspectos históricos até então silenciados ou desconhecidos nas narrativas sobre a cidade. Outras perspectivas que a presente dissertação encontrou ao longo da trajetória da pesquisa e que não foram abordadas aqui, devido a escolhas teórico-metodológicas, são as percepções e simbologias religiosas relatadas pelo cronista a partir da atmosfera urbana durante a Páscoa, o Natal e o dia de Finados.

A Novo Hamburgo de Ercílio está condicionada a percepção cultural de mundo que ele tinha e que o presente pesquisado tem, outras inúmeras perguntas podem ser inferidas e aplicadas aos textos, partindo de diferentes pontos de vista e formações culturais. Pois na visão do jornal e no constado pelo cronista há uma representação de homogeneidade social, porém sabe-se que em locais fechados de sociabilidade ocorriam segmentações, ali apenas indivíduos pertencentes ao grupo social ou a condição política poderiam acessar os ambientes. Isso fica claro nos clubes de bolão, que estavam alocados nas sociedades elitistas da cidade, naqueles locais ocorriam estratificações sociais, por exemplo com negros, que ao longo da história da cidade

organizavam seus próprios espaços de sociabilidade, porém estes são silenciados nas vozes das crônicas.

A cidade durante entre 1945 e 1949 intensificou o discurso da promessa de futuro moldada pelo projeto moderno, apresentar e entender manifestações desse processo ajudam a analisar de forma mais abrangente o percurso histórico de Novo Hamburgo e a importância das representações para o entendimento cultural da cidade como essencial a vida humana contemporânea. Além de que tal contexto faz parte de um projeto pessoal que busca compreender processos históricos globais através de manifestações e traduções da cidade de Novo Hamburgo em três etapas: 1) Formatação da cidade e da base discursiva do jornal “O 5 de Abril” (TCC, 2015); 2) Contexto e representação da cidade no início do aumento demográfico e da intensificação do investimento na exportação da produção através de crônicas (Dissertação, 2018); 3) Quebra dos discursos e das promessas modernas com a crise do calçado e as conexões da falta de perspectiva futura com o aumento da violência urbana no fim do século na visão dos jornais contemporâneos (Tese, em aberto).

Essas perspectivas representam manifestações culturais e processos históricos onde as palavras escritas são construções imaginárias imortalizadas na materialidade do papel.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de; et al (coord.) **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/borges_de_medeiros>. Acesso em: 26 dez. 2017.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción social de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1993.
- ASSOCIAÇÃO Brasileira do Ministério Público do Meio Ambiente. **Os rios mais poluídos do Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://abrampa.jusbrasil.com.br/noticias/2821342/os-rios-mais-poluidos-do-brasil>>. Acesso em: 29 dez. 2017
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Leach, Edmund et al. **Antropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.
- BARBOSA, Marialva. O Cruzeiro: revista síntese de uma época da história da imprensa brasileira. **Revista do PPG em Comunicação da Universidade Fluminense**. Rio de Janeiro, n. 7, s.p. 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70 edições, 1977.
- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. O pintor da vida moderna. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMER, Franklin Le Van. **O pensamento europeu moderno**. V. 2. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BECKER, Howard. A escola de Chicago. **Mana**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, out. 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. IN: SOUZA, Célia Ferraz; PESAVENTO, Sandra J. **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora Ufrgs, 1997.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação casa Rui Barbosa, 1992.

CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1988.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010,

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva: o fundamento da competência comunicacional**. 2009. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHESNEAUX, Jean. 1996. **Modernidade-mundo**. Petrópolis/Rio de Janeiro, Editora Vozes.

CHOAY, Françoise. **Urbanismo: utopias e realidade – uma antologia**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COSTA, Achyles Barcelos da. PASSOS, Maria Cristina (orgs.). **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DURAND, Gilbert. L'anthropologie et les structures du complexe. In: **Sociétés**. n. 98. Bélgica/ França: De Boeck Université, 2007. p. 7-13.

ELMIR, Cláudio. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas do seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS**. Porto Alegre, n. 13, p.19-29, 1995.

ESCOBAR, Arturo. El "postdesarrollo" como concepto y practica social. In: MATO, Daniel. (coord.) **Políticas de economia, ambiente y sociedad em tiempos de globalizacion**. Caracas, Facultad de Ciências Econômicas y Sociales, Universidade Central de Venezuela. 2005. p. 17-31.

ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Revista Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 26-40, 1998.

FAGUNDES, Margarete Nunes; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Sinos River Hydrographic Basin: urban occupation, industrialization and environmental memory. **Brazilian Journal of Biology**. (Online), v. 75, p. 3-9, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bjb/v75n4s2/1519-6984-bjb-75-4suppl2-3.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2017.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. O Jornal do Comercio: o público e o privado refletidos na vida cultural do Rio de Janeiro. In: Colóquio de História e Imprensa. **Anais...** São Paulo, p. 27-32, 1998.

FILHO, Evaristo de Moraes. **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. (Grandes cientistas sociais; 34).

FISCHER, Luís Augusto. **Crônica, a cara da cidade**. Zero Hora, Porto Alegre, p. 2, 26 mar. 2005. Segundo Caderno - Cultura.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERTZ, Rene E. A história da imigração no Rio Grande do Sul: experiências de pesquisa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. v. 140, p. 93-112, 2005.

GERTZ, René E. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERRY & THE PEACEMAKERS. **You'll never walk alone**. Liverpool, 1963 (2:48 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OV5_LQArLa0>. Acesso em: 05 jan. 2018.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GLANCEY, Jonathan. **The man who created Paris**. BBC, Londres, 26 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/culture/story/20160126-how-a-modern-city-was-born>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 -133.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London/ Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: História do breve século XX**. São Paulo: Cia das letras, 2009.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.

IANNI, Octavio. **A sociedade Global**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Base de dados**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

INSTITUTO de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Base de dados**. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

JENKINS, Kieth. **A história repensada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

JORNAL O 5 DE ABRIL. Novo Hamburgo. 1927-1950, diversos números.

KESKE, Humberto Ivan. Título oculto derruba Ministro da Justiça. Zero Hora versus Correio do Povo na persuasão do leitor nosso de cada dia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 16, p. 148-160, 2001.

KUHN, Emerson Ranieri Santos. **Modernidade, trabalho e progresso em Novo Hamburgo: as representações do jornal “O 5 de Abril” no seu primeiro ano de publicação**. [Monografia] Novo Hamburgo: Feevale, 2015. 102 p.

KUHN, Emerson Ranieri Santos; GONÇALVES, Thaísa Antunes. Quem nós somos: o jornal “O 5 de Abril” como formador de identidade na emancipação de Novo Hamburgo. In: I Congresso Internacional de História da UFSM, 2016, Santa Maria.

Anais do Congresso Internacional de História da UFSM. Santa Maria: UFSM. 2016. p. 957-970.

LARAIA, Roque. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE CORBUSIER. **Planejamento urbano.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LE CORBUSIER. **The city of tomorrow and its planning.** 8. ed. New York: Dover Publications Inc, 1987.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média.** Lisboa: Estampa, 1980.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LUCA, Tania Regina de. **Indústria e trabalho na História do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da conjunção:** ensaios sobre comunicação, corpo e sociabilidade Sulina, Porto Alegre, 2005.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Associativismo Negro no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Trajetos Editorial, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura.** São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Espaços de Sociabilidade e Memória:** fragmentos da vida pública porto-alegrense entre os anos 1890-1930. [Dissertação] Porto Alegre: PUCRS, 1994.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários:** a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas. [Tese] Porto Alegre: PUCRS, 2007. 258 p.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger (Org.). **Histórias de Novo Hamburgo:** 90 anos. Novo Hamburgo: Feevale, 2017.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger; SILVA, Cristina Ennes da; PRODANOV, Cleber Cristiano Prodanov. A cidade de Ercílio Rosa: crônica e imaginário de Novo Hamburgo na década de 1940. In: MARONEZE, Luiz Antonio Gloger (Org.). **Histórias de Novo Hamburgo:** 90 anos. Novo Hamburgo: Feevale, 2017, p. 83-104.

MARTINS, Rodrigo Perla. **A produção calçadista em Novo Hamburgo e no Vale do Rio dos Sinos na industrialização brasileira:** exportação, inserção comercial e política externa: 1969-1979. [Tese] Porto Alegre: PUCRS, 2011. 198 p.

MASIERO, Cláudia Gisele; SILVA, Cristina Ennes da; PUHL, Paula Regina. Há sessenta anos a programação dos cinemas e a construção das identidades em Novo Hamburgo. **Revista Conhecimento online**. Novo Hamburgo, v. 1, p. 1-15, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.feevale.br/site/files/documentos/pdf/58668.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

MASSAGLI, Sergio Roberto. Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. **Terra roxa e outras terras – Revista de estudos literários**. Londrina, v. 12, p. 55-65, jun. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol12/TRvol12f.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2017.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**. Rio de Janeiro, Bertrand, 2012.

MONTEIRO, Charles. **A inscrição da modernidade no espaço urbano de Porto Alegre**. [Dissertação] Porto Alegre: PUCRS, 1992. 175 p.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 7-32, 1999.

MORIN, Edgar. **Os problemas do fim do século**. São Paulo: Notícias, 1992.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 7, p. 29-37, jul. 1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6184/3677>>. Acesso em: 31 dez. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PETRY, Leopoldo. **O município de Novo Hamburgo**. [Monografia] Porto Alegre: Edições A Nação, 1944.

POE, Edgar Allan. **Os melhores contos de Edgar Allan Poe**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. Primeiro tempo: futebol, sociabilidade e as tensões da modernidade em Novo Hamburgo. **Recorde**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/viewFile/2716/2274>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. PUHL, Paula Regina. KERBER, Alessandro. O caso do jornal “O cinco de abril” em Novo Hamburgo. In: V Congresso Nacional de História da Mídia. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2007. 14 p.

PUHL, Paula Regina. SILVA, Cristina Ennes da. O que vai pelos cinemas: a crítica cinematográfica e a construção das identidades. **Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 41-54, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. Cidade como sede de sentidos. **Iluminuras**. v. 9, n. 20. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9296>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografia da duração. **Revista Rua**. Campinas, v. 1, n. 16, p. 121-146, jun. 2010.

SAHLINS, Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção. **MANA**. Rio de Janeiro. v. 3, n. 1, abr. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002>. Acesso em: 09 jun. 2017.

SANSOT, Pierre. **Variations paysagères**. Paris: Klincksieck, 1983.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901 - 1935)**. [Tese] Porto Alegre: PUCRS, 2006. 445 p.

SCHEMES, Claudia; MENDES, Catiúscia Cabreira; MAGALHÃES, Magna Lima. A mulher hamburguesa nos anos 1920 e 1930 e o jornal “O 5 de Abril”: representações construídas. In: MARONEZE, Luiz Antonio Gloger (Org.). **Histórias de Novo Hamburgo: 90 anos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2017, p. 29-52.

SCHEMES, Claudia; MARONEZE, Luiz Antonio Gloger; KUHN JUNIOR, Norberto. Imaginário e relações de trabalho no jornal “O 5 de Abril”: o discurso da cidade industrial harmônica dos anos 1920 e 1930. In: MARONEZE, Luiz Antonio Gloger (Org.). **Histórias de Novo Hamburgo: 90 anos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2017, p. 53-82.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Cumplicidade e traição: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa**. São Luiz: EDUFMA, 2009.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Novo Hamburgo 1927-1997: os espaços de sociabilidade na gangorra da modernidade**. [Dissertação] Porto Alegre: UFRGS, 1999. 370 p.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Pegadas urbanas: Novo Hamburgo como palco do flâneur**. Cachoeira do Sul: Ed. do Autor, 2006.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. SP: Cia das Letras, 1988.

SILVA, Cristina Ennes da; STROHER, Carlos E. Salas de cinema: espaços de lazer e sociabilidade em São Leopoldo. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 18, p. 624-636, 2014.

SILVA, Juremir Machado da. O imaginário é uma realidade. Entrevista com Michel Maffesoli [20 mar. 2001]. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/285/217>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Trajetórias pessoais e as paisagens do possível: percurso, memória e narração. **Illuminuras**. Porto Alegre, v. 12, n. 29, p. 35-66, jul./dez. 2011.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, Georg. **As Grandes Cidades e a Vida do Espírito**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal**. São Paulo: Ática, 1983.

SOCIÉTÉ DE PUBLICITÉ SUDAMERICAINE MONTE DOMEQ & CIA. **O Rio Grande do Sul Colonial**. Paris/Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1918.

SPENGLER, Oswald. **A decadência do Ocidente**: esboço de uma morfologia da história universal. 4. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma sociologia da sociedade contemporânea. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VIEIRA, Liszt. Teoria social e modernidade. Resenha. **Revista Política e Sociedade**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 207-212, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/4940/4298>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. Conceitos e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WEBER, Roswithia. Animosidades entre Novo Hamburgo e São Leopoldo no pré-emancipação. In: MARONEZE, Luiz Antonio Gloger (Org.). **Histórias de Novo Hamburgo: 90 anos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2017, p. 15-28.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1 – RELAÇÃO DE LIVROS DA BIBLIOTECA PARTICULAR DE ERCÍLIO
ROSA

RELAÇÃO DE LIVROS BIBLIOTECA PARTICULAR DE ERCÍLIO ROSA

Essa lista de livros foi desenvolvida pelo Dr. Jeferson Selbach ao longo de sua pesquisa sobre Ercílio Rosa e a própria cidade de Novo Hamburgo. Ela está publicada no Livro: **Cumplicidade e traição**: a Novo Hamburgo dos anos 40 e 50 na pena do cronista Ercílio Rosa. São Luiz: EDUFMA, 2009.

ABALOS, Jorge W. Shunko

ABOUT, Edmond. O rei das montanhas

ALARCÓN, Pedro A. de. A pródiga

ALARCÓN, Pedro A. de. O Capitão Veneno & O chapéu de três bicos

ALARCÓN, Pedro A. de. O Escândalo

ALARCÓN, Pedro A. de. O menino de bola

ALCOTT, Luísa M. 4 irmãs

ALEGRIA, Ciro. A serpente de ouro

ALENCAR, José de. A pata da gazela & A viuvinha

ALENCAR, José de. A pena de ouro

ALENCAR, José de. Cinco minutos & O garatuja

ALENCAR, José de. Encarnação & Diva

ALENCAR, José de. O ermitão da glória

ALENCAR, José de. O sertanejo I

ALENCAR, José de. O sertanejo II

ALENCAR, José de. Sonhos d'ouro I

ALENCAR, José de. Sonhos d'ouro II

ALENCAR, José de. Ubirajara & Iracema

AMARAL, Breno Ferraz do. O patriarca da independência

AMICIS, Edmundo de. Marrocos

ANDRADE, Garibaldi de. O homem e a solidão

ANDRIEV, Leonid. Judas Iscariotes

ARCHIER, Marques. África sem luz

ASSIS, Machado. Contos Fluminenses I

ASSIS, Machado. Contos Fluminenses II

ASSIS, Machado. Contos Fluminenses III

ASSIS, Machado. A cartomante

ASSIS, Machado. A mão e a luva
ASSIS, Machado. Casa velha
ASSIS, Machado. Dom Casmurro
ASSIS, Machado. Esaú e Jacó I
ASSIS, Machado. Esaú e Jacó II
ASSIS, Machado. História sem data I
ASSIS, Machado. História sem data II
ASSIS, Machado. Histórias da meia-noite
ASSIS, Machado. Histórias românticas I
ASSIS, Machado. Histórias românticas II
ASSIS, Machado. Memorial de Ayres
ASSIS, Machado. O Alienista
ASSIS, Machado. O calija
ASSIS, Machado. O enfermeiro
ASSIS, Machado. O medalhão
ASSIS, Machado. Ressurreição
AURELI, Willy. Bugres no rio das mortes
AURELI, Willy. Esplendor selvagem
AURELI, Willy. O rei da solidão
AURELI, Willy. Sumaúma
AZEVEDO, Aluizio. Filomena Borges
AZEVEDO, Aluizio. Uma lágrima de mulher
AZEVEDO, Vicente de. O noivo da morte
AZEVEDO, Vicente de. O poeta da liberdade
BAILLIE, Jaime. O país das montanhas
BALZAC, Honoré. A mulher de trinta anos
BALZAC, Honoré. A última encarnação de Vautrin
BALZAC, Honoré. O coronel Chabert
BALZAC, Honoré. Pai Goriat
BARRET, A W. O lótus perdido
BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaías Caminha I
BARRETO, Lima. Recordações do escrivão Isaías Caminha II
BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma I
BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma II

BECKER, Theodoro Von. Okvala é o meu destino
BENNET, Arnold. À sombra do trono
BERGERAC, Cyriano de. Viagem aos impérios do sol e da lua
BITTENCOURT, Fernando. A ilha dos piratas
BONTÁ, Wanda. Talvez, o amor
BOTTO, Antônio. Regresso (novelas inéditas)
BRAGA, Luiz Armando. O planeta perdido
BRASIL, Assis. A vida não é real
BRASIL, Assis. O livro de Judas
BRASILEIRO, Francisco. O escolhido & Jurupari
BRONTÉ, Charlotte. O professor
BRONTÊ, Emily. O morro dos ventos uivantes I
BRONTÊ, Emily. O morro dos ventos uivantes II
BURLAND, Harris. O disco de ouro
BUSSAMÁRA, Nayme. Romance em Istambul
BÜTRE, Edi. O bandoleiro galante
CALOPINE, N. A máscara
CARNEIRO, Caio Porfírio. Uma luz no sertão
CARNEIRO, Cecílio. A filha das águas
CARTA CLARA, Água corrente
CAVALERO, Fernán. A emboscada
CERVANTES, Miguel. A prisioneira
CHAMISSO, A Von. O homem que vendeu a sombra
CHATRIAN, Ereckmann. Doutor Mateus
CHRISTIANSEN, Sigurd. Dois vivos e um morto
CONTOS ÁRABES, As mil e uma noites I
CONTOS ÁRABES, As mil e uma noites II
CONTOS ÁRABES, As mil e uma noites V
CONTOS ÁRABES, As viagens de Marco Pólo
COOPER, J. Fenimore, O último dos moicanos I
COOPER, J. Fenimore, O último dos moicanos II
CORDES, Nelly. O rei dos cangaceiros
COSTER, Charles. A lenda de Wenspiegel
COUCO, Ribeiro. Cabocla

COUCO, Ribeiro. Prima Belinha
CUNHA, Ayres Camara. Além do Mato Grosso
CUNHA, Ayres Camara. Nas selvas de Xingu
D'ARCOS, Joaquim Paços. Amores e viagens de Pedro Manuel
D'AZEGLIO, Massimo. A feiticeira
DANTAS, Paulo. Muralhas cinzentas
DANTAS, Paulo. O capitão Jagunço
DANTAS, Paulo. O filho do Mississipi
DANTAS, Paulo. Purgatório
DANTAS, Paulo. Sertão do Boi Santo
DAUDET, Alphonse. Port-tarascon
DAUDET, Alphonse. Tartarin nos Alpes
DEFOE, Daniel. Vida e aventuras de Robinson Crusóé I
DEFOE, Daniel. Vida e aventuras de Robinson Crusóé II
DICKENS, Charles. Casa de hóspedes
DICKENS, Charles. Oliver Twist I
DICKENS, Charles. Oliver Twist II
DICKENS, Charles. Tempos difíceis
DICKENS, Charles. Uma aventura de natal & Os setes viandantes pobres
DICKENS, Charles. Vento noturno
DOSTOIEVSKI, Fédor. Noites Brancas & Está morta & O grande Inquisidor
DOYLE, A Conan. Os fugitivos
DUMAS, Alexandre. A loura Huberta
DUMAS, Alexandre. A mão do finado
DUMAS, Alexandre. A princesa Várvara
DUMAS, Alexandre. Kassina, a tártara
DUMAS, Alexandre. O colar de veludo
DUMAS, Alexandre. O homem de Guadalupe
DUMAS, Alexandre. O quarto vermelho
DUMAS, Alexandre. Um ano em Florença
ELLIOT, George. O tesouro de Silas Marner
FAYETTE, M. de La. A princesa de Cleves
FERRANTE, Miguel Jeronymo. Seringal
FERREIRA, Barros. A herança

FERREIRA, Barros. A rainha do meio-dia
FERREIRA, Barros. Cinzas das esperança
FERREIRA, Barros. O romance da madeira-marmoré
FERREIRA, Barros. O viajante Ulisses
FERREIRA, Barros. Os lobos
FERREIRA, Barros. Verdades e mistérios da Amazônia
FERREIRA, Zuzú. O encontros
FEUILLET, Octave. História de um coração
FEUILLET, Octave. Romance de um jovem pobre
FILHO, Adonias, Léguas da promessa
FLAUBERT, Gustave. São Julião, o hospitaleiro
FLETCHER, J.S. O inimigo na Somera
FLETCHER, J.S. O três anéis
FLEXA, M. de Arco. Zacarias Amém
FORMAN, J.M. Os rubis
FRANÇA, Ana. A intrusa
FRANCE, Anatole. O anel de ametista
FRANCE, Anatole. O manequim de vime
FREEMAN, Austin. O homem sem rosto
FREITAS, Agenor de Oliveira. A mina dos martírios
FREITAS, Agenor de Oliveira. Ouro e paixão nos rios Amazônicos
FUTRELLE, Jacques. A máquina pensante
GARCIA, Yayá. O livro de Judas
GARCIA-GUILLÉN, Maria. Frente 313
GAUTIER, Theophile. A paixão de Militona
GERMANO, Maria Isabel. Um nome na areia
GIANNINI, Guglicemo. O anjo negro
GOLOMA, Luís. A simplória
GORKI, Máximo. Infância
GORKI, Máximo. Varenka Olessova
HAGGARD, Rider. As minas do rei Salomão
HAMSEN, Knut. Fome
HAMSEN, Knut. Pan
HAMSEN, Knut. Um vagabundo toca em surdina

HART, Martin. A chaminé
HARTZENBUCH, J.E. A rainha sem nome
HAWTHORNE, Nathaniel. A casa das sete torres
HAWTHORNE, Nathaniel. A letra escarlate
HUGO, Victor. Nossa Senhora de Paris I
HUGO, Victor. Nossa Senhora de Paris II
HUGO, Victor. Os homens do Mar
HUGO, Victor. Os miseráveis
HUME, H. A. Tenaz
IRVING, Washington. O cavaleiro sem cabeça
ISAACS, Jorge. Maria
JAMES, Henry. A volta do parafuso
JIANU, Nicolas. O caminho do céu
JOHNSON, Owen. O sexagésimo primeiro segundo
JONNY, Dencan. O testamento
KAFKA, Franz. A muralha da China
KANADI, Tom. Uma bruxa no mar da Irlanda
KOJAL FILHO. Eneida, a Formiga
LESAGE, René. Aventuras de Gil Blás
LINCOLN, Sumer. A cicatriz
LONDON, Jack. A filha das neves
LONDON, Jack. As vozes da floresta
LONDON, Jack. O vento do norte
LUZ E SILVA, Benedicto. Um corpo na chuva
MAGALHÃES JUNIOR, R. O capitão dos Andes
MAISTRE, Xavier de. Viagem á roda do meu quarto
MALKUS, Alida. A potranca cor de ouro pálido
MARIMÉE, Prosper. A serpente
MARIMÉE, Prosper. A Vênus de Bronze
MARIMÉE, Prosper. Colomba & A dama de espadas
MARTINS, Ibiapava. Trilhos de prata
MATSUMOTO, Suicho. Dois pontos e uma reta
MÉDON, H. A cilada
MELVILLE, Herman. Mares do sul

MELVILLE, Herman. Moby Dick I
MELVILLE, Herman. Moby Dick II
MONTEIRO, Jeronymo. O ouro de Manoa
MUSSET, Alfred de. O segredo
MUSSET, Alfred de. Os dois amores
NAMORA, Fernando. Cidade solitária
NASCIMENTO, Heloísa Assumpção. Haragano
NASCIMENTO, Heloísa Assumpção. O manuscrito
OPPENHEIM, E. P. A torre
OPPENHEIN, O. O gato escarlate
OPPENHEIN, P.E. O espião
ORCIUOLI, Henrique A. O mundo de Olavo Bilac
PASSARINHO, Jarbas G. Terra Encharcada
PEDROSA, Milton. Fantasma de Orós
PEIXOTO, Afrânio. Bugrinha
PEIXOTO, Afrânio. Maria Bonita
PEREGRINO JÚNIOR,. Pussunga (Episódios e Paisagens da Amazônia)
PEREGRINO JÚNIOR,. Sombra e Luz na Amazônia
PICCHIA, Menotti Del. O crime daquela noite
PIRES, Herculano. Barrabás (O Enjeitado)
POE, Edgar Allan. Thingum Bob
POMPÉIA, Raul. As jóias da coroa
POMPÉIA, Raul. Uma tragédia no Amazonas
POUSADA, Antônio. Vida, paixão e morte de Eça de Queiroz
PRATA, Ranulpho Dentro da vida
QUEIRÓZ, Eça de. A perfeição
QUEIRÓZ, Eça de. O mandarim
QUEIRÓZ, Eça de. O suave milagre
RABELAIS, F. O gigante Gargântua
RAGOGNETTI, Vicente. A província
RAMOUS, Osvaldo. Gaivotas no telhado
RAMOUS, Osvaldo. Serenata ao passado
RAVÉLO, Marques. Oscarina
RESS, Artur J. O poço

RIBEIRO NETO, Oliveira. O romance de Maria Clara
RIBEIRO, Eurico Branco. Água da esperança
RIOS, Francisco Isquierdo. Chove em Iquitos
RODENBACH, Georges. Bruges, a morta
RODRIGUES, Urbano Tavares. A masmorra
ROMES, Tom, A casa amarela
ROTH, Joseph. O romance de um pobre professor
SÁNCHEZ-SÁEZ, Bráulio. Dor e glória de Cervantes
SAND, George. A pequena Fadette
SAND, George. Almas inquietas
SAND, George. Ela e Ele
SCAVONE, Rubens Teixeira. O diálogo dos mundos
SCAVONE, Rubens Teixeira. O homem que viu o disco-voador
SCHLESINGER, Hugo. A música e o amor na vida de Chopin
SCHMIDT, Afonso. A datilógrafa
SCHMIDT, Afonso. A primeira viagem
SCHMIDT, Afonso. A sombra de Júlio Franck
SCHMIDT, Afonso. Aventuras de Indalício
SCHMIDT, Afonso. Bom tempo
SCHMIDT, Afonso. Dedo nos lábios
SCHMIDT, Afonso. Menino Felipe
SCHMIDT, Afonso. Mirita e o ladrão
SCHMIDT, Afonso. Mistérios de São Paulo
SCHMIDT, Afonso. O assalto
SCHMIDT, Afonso. O canudo
SCHMIDT, Afonso. O enigma de João Ramalho
SCHMIDT, Afonso. O passadiço
SCHMIDT, Afonso. O retrato de Valentina
SCHMIDT, Afonso. O romance de Paulo Ciró
SCHMIDT, Afonso. O tesouro de Cananéia
SCHMIDT, Afonso. Os boêmios
SCHMIDT, Afonso. São Paulo de meus amores
SCHMIDT, Afonso. Tempo das águas
SCHMIDT, Afonso. Zangalá & Reino do Céu

SCHMIDT, Cristofer. Genoveva de Brabante
SCOTT, Walter. A última torre
SCOTT, Walter. Ivanhoé I
SCOTT, Walter. Ivanhoé II
SCOTT, Walter. O talismã
SETÚBAL, Paulo. As maluquices do Imperador
SHAKESPEARE, William. O mercado de Veneza
SHAKESPEARE, William. Os dois cavaleiros de Verona
SIENKIEWITZ, H. A 3a mulher
SIENKIEWITZ, H. Em vão
SIENKIEWITZ, H. Liliana
SIENKIEWITZ, H. Marísia
SIMÕES, Vieira. A cidade dos confins
SOUZA, Cláudio de. Terra do fogo
SOUZA, Cláudio de. Viagem a região do Pólo Norte
STANCO, Zaharia. Um pedaço de terra
STENDHAL, . Dom Blás
STENO, Flávia. Apaixonadamente
STEVENSON, Robert L. A armadilha
STEVENSON, Robert L. A estátua de mármore
STEVENSON, Robert L. A praia selvagem
STEVENSON, Robert L. As duas rosas
STEVENSON, Robert L. O médico e o monstro
STEVENSON, Robert L. O nairo fantasma
STEVENSON, Robert L. O príncipe errante
STEVENSON, Robert L. O seqüestro
STOUR, Harriet B. A cabana do Pai Tomás
SURJT, Jonathan. As viagens de Gulliver
SYLVEIRA, Osvaldo da. Bartira
TÁVORA, Franklin. O sacrifício
TCHECKOFF, Anton. Uma vida
TERRAIL, P. du. O homem do realejo
TERRAIL, P. du. O pajem de Luiz XIV
TINZATE, Jean. A insídia

TOLSTOI, Leon. O diabo branco
TOLSTOI, Leon. Senhor e servo
TURGUENIEV, Ivan. Assía
TURGUENIEV, Ivan. O duelo
TURGUENIEV, Ivan. O gigante Karlof
TURGUENIEV, Ivan. O passaporte
TURGUENIEV, Ivan. Rudine
TURGUENIEV, Ivan. Sinaida
TWIN, Mark. As aventuras de Huckleberry Finn I
TWIN, Mark. As aventuras de Huckleberry Finn II
TWIN, Mark. As aventuras de Tom Sawyer
UCHÔA, Fernando Jorge. Lavador da noite
VAZ, Léo. O misterioso caso de Ritinha
VEIGA, Vinícius da. Lucas Ventania
VERNE, Júlio. 80 graus, latitude norte
VERNE, Júlio. A ilha desconhecida
VERNE, Júlio. O império dos quatro mares
VERNE, Júlio. Viagem à lua
VERNE, Júlio. Viagens ao centro da África
VERPOOL, V. O labirinto
VOGUÉ, E.M. de. A ilha da aurora
WALLACE, E. O homem que comprou Londres
WALPOLE, Horace. O castelo de Otranto
WAREVEL, G. O fantasma
WELES, C. A quiromante
WILDE, Oscar. O jovem rei
WILDE, Oscar. De profundis
WILDE, Oscar. Um marido ideal & Salomé
WORDEN, Eryt. A moça de luto
YAMASHIRO, José. Árvores irmãs
ZOLA, Emile. O idílio
ZOLA, Emile. O simplório
ZOLA, Emile. O sonho

ANEXO 2 – PROGRESSÃO DEMOGRÁFICA DE NOVO HAMBURGO

PROGRESSÃO DEMOGRÁFICA DE NOVO HAMBURGO

A partir de dados presentes no site e em relatórios publicados pelo IBGE, construiu-se uma tabela sobre a progressão demográfica de Novo Hamburgo entre 1927 e 2017. Alguns dados não foram encontrados, pois o IBGE passa a fazer o controle de informações mais específicas em Novo Hamburgo apenas em 1939, levando alguns anos para estabelecer o resultado de suas pesquisas, além de que dados recentes ainda não foram disponibilizados abertamente.

PROGRESSÃO DEMOGRÁFICA DE NOVO HAMBURGO – 1920-2017			
Anos	População Urbana	População Rural	População Total
1927	-	-	8520
1945	13670	5581	19251
1950	20670	8777	29447
1960	45344	8572	53916
1970	81811	5145	85956
1980	133206	3288	136494
1991	201502	4116	205668
2000	231989	4204	236193
2008	252352	2952	255277
2017	-	-	238940

Fonte: Desenvolvido pelo autor com base nos relatórios disponibilizados pelo IBGE, 2017.